UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JÚLIA DE CASTRO MARTINS FERREIRA NOGUEIRA

A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO GAY DE MINAS

Entre Narrativas, Sujeitos e Pautas Políticas - Memória dos debates públicos na cidade de Juiz De Fora (MG)

NITERÓI

2025

JÚLIA DE CASTRO MARTINS FERREIRA NOGUEIRA

A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO GAY DE MINAS

Entre Narrativas, Sujeitos e Pautas Políticas - Memória dos debates públicos na cidade de Juiz De Fora (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora:

Profª Drª Juniele Rabêlo de Almeida

Niterói

2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N778c Nogueira, Júlia de Castro Martins Ferreira
A construção do Movimento Gay de Minas: Entre narrativas, sujeitos e pautas políticas - memória dos debates públicos na cidade de Juiz de Fora (MG) / Júlia de Castro Martins Ferreira Nogueira. - 2025.
188 f.

Orientador: Juniele Rabêlo de Almeida.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2025.

1. História. 2. Memória social. 3. História oral. 4. Produção intelectual. I. Almeida, Juniele Rabêlo de, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

JÚLIA DE CASTRO MARTINS FERREIRA NOGUEIRA

A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO GAY DE MINAS

Entre Narrativas, Sujeitos e Pautas Políticas - Memória dos debates públicos na cidade de Juiz De Fora (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 10 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juniele Rabêlo de Almeida – Orientadora

Prof. Dr. Anderson Ferrari (UFJF)

Prof. Dr. Paulo Cruz Terra (UFF)

Niterói

2025

Dedico essa dissertação à minha companheira, Cecília, à meus pais, Letícia e Mário e ao meu irmão, João Vítor

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não seria possível sem o apoio da minha família. Agradeço à minha mãe e meu pai, Letícia e Mário, por terem me oferecido o suporte necessário durante toda minha trajetória acadêmica e ao meu irmão, João, pelo apoio incondicional desde sempre. À Cecília, obrigada pelo companheirismo, por sempre acolher meus medos e ansiedades e por ter ficado ao meu lado durante todo o processo de realização dessa pesquisa. Obrigada a vocês por acreditarem em mim.

Agradeço a todos e todas os/as colegas do Grupo de estudo e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED), as reuniões do grupo foram fundamentais para minha formação, assim como para a elaboração dessa pesquisa. Um agradecimento especial ao professor Roney cuja orientação me inseriu nesse excelente grupo. Agradeço também às amigas Luana e Emanuelle que me acompanham desde a graduação e que me prestaram apoio inestimável em todo o percurso até aqui.

À minha orientadora Juniele Rabêlo agradeço pela confiança no meu trabalho, pelos conselhos e pelo apoio nesse processo. Agradeço também aos demais professores e professoras da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Juiz de Fora que contribuíram para minha formação acadêmica e elaboração dessa pesquisa.

Faço um agradecimento especial aos entrevistados, Oswaldo Braga e Anderson Ferrari, cujos relatos foram fundamentais para essa dissertação. Obrigada por me acolherem em suas residências e compartilharem comigo suas memórias. A este último, assim como ao professor Paulo Terra, também agradeço por aceitarem participar da banca e pelas importantes contribuições a essa pesquisa.

Agradeço também à bibliotecária Marília, assim como a todas as pessoas envolvidas na Biblioteca Municipal Murilo Mendes que me deram auxílio para este trabalho.

Por fim, agradeço a Universidade Federal Fluminense, a CAPES pelo financiamento dessa pesquisa e a todas e todos que, em alguma medida, contribuíram com esse trabalho.

RESUMO

Essa pesquisa se propõe a analisar os processos por meio dos quais o Movimento Gay de Minas (MGM) se organizou em Juiz de Fora (MG), as relações que o grupo estabeleceu com a cidade e suas articulações com o movimento LGBT nacional, focando em especial no seu período inicial de atuação entre 1998 e 2001. Para isso, serão utilizadas notícias e reportagens da imprensa local e regional com especial foco no jornal Tribuna de Minas, entrevistas com sujeitos que integraram o grupo e/ou participaram de suas atividades e documentos de arquivos pessoais de integrantes e ex-integrantes do MGM. As fontes serão analisadas a partir da ótica da história oral, assim como do entendimento da história como construção do presente, que se dá a partir de disputas de diferentes narrativas. A partir desse material, objetiva-se investigar as condições de emergência do grupo e suas principais pautas e demandas políticas e estratégias empregadas para reivindicá-las, assim como a relação que ele estabelece com a cidade por meio de ações, disputas e narrativas.

Palavras-chave: Homossexualidades. MGM. Juiz de Fora. Memória. Narrativa.

ABSTRACT

This research aims to analyze the processes through which the Mina's Gay Movement (MGM) organized itself in Juiz de Fora (MG), the relationships that the group established with the city and its articulations with the national LGBT movement. For this, news and reports from the local and regional press will be used with a special focus on the newspaper Tribuna de Minas, interviews with individuals who were part of the group and/or participated in its activities and documents from personal archives of members and former members of MGM. Based on this material, the objective is to investigate the group's emergency conditions and its main political agendas and demands and the strategies used to claim them, as well as the relationship it establishes with the city through actions, disputes, and narratives.

Keywords: Homosexuality. MGM. Juiz de Fora. Memory. Narratives.

SUMÁRIO

Introdução 10
A pesquisa: bibliografia, metodologia e teoria 22
As fontes 28
História do Movimento LGBT brasileiro 34
Apresentação dos capítulos 45
1. O Movimento Gay de Minas 46
1.1 *Rainbow Fest* 48
1.2 A ONG Movimento Gay de Minas 58
2. As ações do Movimento Gay de Minas 93
2.1. A Lei Rosa 101
2.2.1 A Lei Rosa e a repercussão no jornal Tribuna de Minas 113
2.2 *Rainbow Fest* 125
2.3 HIV/AIDS 131
2.4 A criação de redes de militância 137
3. Juiz de Fora e o Movimento Gay de Minas 141
3.1. A mídia e o MGM 152
3.1.1 As temáticas trabalhadas pelo Tribuna de Minas 154
3.1.2 O movimento das notícias 166
Conclusões 174
Fontes e referências bibliográficas 182

Introdução

Ao pesquisar informações sobre Juiz de Fora (MG) utilizando um buscador como o *Google*, é possível encontrar dados demográficos, geográficos e meteorológicos do município. Também somos informados a respeito dos principais pontos turísticos da região e expostos a alguns dos elementos que são frequentemente mobilizados na narrativa histórica hegemônica sobre o lugar. Localizado na região da Zona da Mata mineira, no sudeste do estado de Minas Gerais, Juiz de Fora é um município de pouco mais de 540 mil habitantes[1], o que confere a ele a 4ª posição no ranking das maiores cidades do estado. Ao longo de seus 174 anos de existência administrativa, a cidade se desenvolveu significativamente e se tornou uma referência regional.

O território que, a princípio, era ocupado por grupos indígenas Coroados, Coropós e Puris (Soares, 2009), foi alcançado pelos colonizadores somente no século XVIII, por meio da construção do Caminho Novo, em 1707, estrada que conectava a região que hoje é Ouro Preto ao Rio de Janeiro[2]. A partir da segunda metade do século XIX, Juiz de Fora se tornou o principal polo de produção, transporte e financiamento do café para a cidade do Rio de Janeiro. Por essa razão, nesse mesmo período, o município também se tornou um importante entreposto comercial de pessoas escravizadas (Machado, 1999).

A criação da Companhia União e Indústria, em 1852, também foi fundamental para o desenvolvimento de Juiz de Fora. Na ocasião, o Comendador Mariano Procópio Ferreira Lage recebeu a concessão para "[...] incorporar uma companhia, construir, administrar e explorar uma estrada de rodagem que ligasse as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro; ou seja, integrando a região política e economicamente mais importante do então Império brasileiro." (Almeida, 2002). Tal empreendimento resultou na construção da Estrada União e Indústria (que ligava Petrópolis a Juiz de Fora) e na formação de uma colônia alemã na cidade, originada a partir da contratação de pouco mais de 1160 trabalhadores de origem germânica para obras da Companhia (Barros, 2008).

Assim, Juiz de Fora, chamada por alguns de "Manchester Mineira" em referência ao seu parque industrial, se tornou, ainda no século XIX, um importante centro urbano da região da Zona da Mata mineira. A cidade possui uma história escrita e creditada que referência suas fábricas, o desenvolvimento industrial, a imigração alemã e o legado de figuras como Mariano

---

[1]Dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE no censo realizado em 2022. Mais informações podem ser consultadas em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/panorama. Acesso em 22 de jul. de 2024.

[2] No censo elaborado pelo IBGE em 2022, cerca de 514 juiz-foranos se autodeclararam indígenas.

Procópio e seu filho, Alfredo Ferreira Lage. A isso se resume o passado do município de acordo com as informações disponíveis no site oficial da Prefeitura de Juiz de Fora[3], ancoradas em uma historiografia produzida em âmbito universitário.

Nas últimas décadas, algumas pesquisas têm se dedicado a complexificar as narrativas históricas sobre o passado de Juiz de Fora a partir de investigações que se dedicam a novos eventos ou sujeitos que também fizeram parte do desenvolvimento da cidade (Ferreira, 2018; Almeida, 2019). Ainda assim, pouco ou quase nada é dito sobre um determinado passado que, embora seja mais recente, é extremamente significativo para a construção da identidade juizforana, mas parece ser lembrado apenas quando se trata das métricas e da arrecadação anual do turismo na cidade.

No dia 18 de agosto de 2001, o jornal Tribuna de Minas publicou uma notícia intitulada "É luxo só..."[4]. Ela informa sobre os 25 anos do Miss Brasil Gay, concurso de transformismo[5] que ocorre na cidade desde a década de 1970. Consistia, em sua origem de uma "[...] brincadeira, parodiando o concurso Miss Brasil para mulheres." (Kelmer, 2016, p.128). Todos os anos, em agosto, dezenas de participantes e pessoas que desejam ver o concurso vêm a cidade. Segundo a pesquisadora:

> O mentor e criador do concurso disse que, a partir dos anos de 1980 e 1981, o Miss Brasil Gay ganhou notoriedade em nível nacional, contando com a participação de pessoas importantes de Juiz de Fora. Ele afirma que o termo 'transformista" nasce com estes eventos, o que acaba por diferenciar transformista de travesti (Kelmer, 2016, p.131).

O Miss Brasil Gay foi criado em 1977 para arrecadar fundos para a escola de samba Juventude Imperial que passava por uma crise financeira (Kelmer, 2016). O evento foi descrito pela pesquisadora Andrea Kelmer (2016), que dedicou sua investigação doutoral ao tema, como "[...] uma das expressões mais vivas do universo homossexual em nosso país" (Kelmer, 2016, p.9). Em 2007, o evento foi declarado patrimônio imaterial[6] de Juiz de Fora, fazendo jus ao seu reconhecimento como uma das festividades mais tradicionais da cidade.

Mesmo sendo uma cidade conservadora, durante o evento a cidade se transformava

---

[3] Disponível em: https://pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php. Acesso em 20 de jun. 2024.
[4] É luxo só....**Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 19 de ago. 2001. Caderno B, p.1.
[5] Transformismo é um termo utilizado para denotar homens que se vestem com roupas femininas, tentando feminilizar o corpo. Não é sinônimo de travesti, que é uma pessoa de gênero feminino.
[6] Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/patrimonio/arquivos/bens_imateriais_040417.pdf. Acesso em 20 de jun. 2024.

em um espaço pelo qual pessoas LGBT[7], especialmente homens gays, podiam circular com relativa liberdade e desafiar algumas regras estabelecidas pela heteronormatividade e pelas normas de gênero (Kelmer, 2016). Para a pesquisadora:

> O Miss Brasil Gay de Juiz de Fora não seria capaz, sozinho, de romper com a cultura homofóbica da cidade. O tripé crime, doença e pecado não foram superados. Contudo, o concurso lançou luzes para que homossexuais de Juiz de Fora se mobilizassem contra a homofobia, e criassem uma agenda política séria, responsável, que avançando muito ou pouco, destrancou as portas e avançou com os pés prontos a trilhar um caminho longo, difícil e imensamente empolgante, visto que fala de vida, de liberdade, de sonho. (Kelmer, 2016, p.7)

No trecho acima, Kelmer menciona uma mobilização contra a homofobia, possibilitada, dentro da análise da autora, pelo Miss Brasil Gay. Esta mobilização seria a organização do *Rainbow Fest*, evento que passa a preceder o Miss Brasil Gay e, posteriormente a fundação do Movimento Gay de Minas (MGM). Nas palavras de Anderson Ferrari (2024), que frequentou e pesquisou o grupo no seu início:

> [...] o Miss Brasil Gay era um período festivo, é um período festivo as pessoas tão querendo festa, close, montação, né? A eleição da Miss brasil Gay né. E a cidade lotava. [...] A gente tá aqui no calçadão, mas amanhã se a gente descer o calçadão de mão dada a gente apanha!

A fala de Anderson indica que, em sua percepção, havia um movimento durante o concurso que não ocorria no resto do ano. Embora fosse possível que pessoas LGBT ocupassem o calçadão[8] durante os poucos dias em que a festa do Miss Brasil Gay ocorria, o restante do ano era marcado pela homofobia, o que impedia que pessoas LGBT locais demonstrassem de forma livre seus afetos, como o andar de mãos dadas.

O concurso projetou certa fama sobre a cidade, movimentou o turismo local e atraiu visitantes de diversas partes do país. Com duas décadas de existência, o Miss Brasil Gay já se encontrava consolidado no cenário LGBT nacional. Observando a mobilização em torno do evento, dois ativistas locais, Oswaldo Braga e Marco Trajano teriam, segundo Ferrari (2024), pensado "a aids tá matando geral e a gente tá aqui numa festa? [...] Tem uma porção de questão que a gente tem que discutir, a gente tem que falar de saúde, a gente tem que falar de política

---

[7] A sigla LGBT foi escolhida para ser utilizada no corpo do texto por melhor representar o cenário do movimento na época pesquisada.

[8] Nome popular da Rua Halfeld, rua do centro onde apenas carros autorizados podem passar, cercada de galerias e centros comerciais. Está sempre lotada, sendo necessário passar por ela para chegar em boa parte das áreas centrais.

[...]". É quando "Oswaldo e o Marquinho, numa iniciativa pessoal, começaram a pontuar isso, no calçadão, no Miss Brasil Gay. Todo ano. Então era uma coisa, acontecia esse ano, acontecia só no outro ano" (Ferrari, 2024).

Essa ação política ganhou o nome de *Rainbow Fest* e se tornou outro evento que, atualmente, já soma mais de duas décadas de história e, ano após ano, busca celebrar a cultura, os saberes e a existência de homossexuais, travestis e transexuais. Ao se tornar parte do calendário da cidade e se integrar ao Miss Brasil Gay, o *Rainbow Fest* permitiu que pessoas LGBT "tomassem a cidade" por uma semana inteira e não somente alguns dias. Além disso, foi a partir desse evento que foi fundado o Movimento Gay de Minas (MGM) – o mais importante e longevo grupo de ativismo homossexual da cidade.

Esses eventos, assim como a atuação e as conquistas do MGM são constantemente lembrados e mobilizados pela imprensa quando é desejado apresentar Juiz de Fora como um lugar de vanguarda em relação aos direitos LGBT ou incentivar políticas de turismo. Dentre essas conquistas, podemos citar o projeto de lei que se tornou popularmente conhecido como Lei Rosa, as festas e a cena cultural LGBT[9]. No entanto, cabe notar que isso não se reflete na historiografia e na memória oficial do município.

Desse modo, a cidade que se apresenta como Manchester Mineira e valoriza em sua história a imigração italiana, alemã e o passado imperial, é facilmente reconhecível e descrita por aquilo que décadas de grupos organizados LGBT construíram cultural, política e socialmente. É o passado arco-íris que movimenta a cidade e que atraí milhares de turistas todos os anos. Uma iniciativa espontânea, descrita como uma brincadeira visando arrecadar fundos para uma escola de samba e que ocorre em plena ditadura militar, é parte de processos diversificados que resultam na construção de uma outra identidade possível para Juiz de Fora de formas que ainda serão mais bem trabalhadas ao longo desse trabalho.

Por outro lado, no dia 16 de outubro de 2017, o G1 Zona da Mata publicou uma notícia intitulada "Conselheiro tutelar aciona Ministério Público após fala de *drag queen* em vídeo institucional da UFJF"[10]. Trata-se de um relato sobre uma disputa política iniciada no dia 11 de outubro, quando a Universidade Federal de Juiz de Fora postou o vídeo "Na Hora do Lanche |

---

[9] A sigla LGBT foi escolhida para ser utilizada no corpo do texto por melhor representar o cenário do movimento na época pesquisada.

[10] Conselheiro Tutelar aciona Ministério Público após fala de Drag Queen em vídeo institucional da UFJF. *G1 Zona da Mata*, [s/p], 16 de out. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/conselheiro-tutelar-aciona-ministerio-publico-apos-fala-de-drag-queen-em-video-institucional-da-ufjf.ghtml. Acesso em 27 de mar. 2024.

Dia das Crianças”[11] no seu canal no *Youtube*. No episódio em questão, a drag queen Femmenino, apresentadora da série, visita o Colégio de Aplicação João XXIII, uma unidade acadêmica da UFJF, para fazer um episódio especial de dia das crianças. Ela interage com os alunos do ensino básico ao longo do vídeo e, em um dado momento, afirma não existe algo como brinquedo de menina ou de menino.

Três dias depois, após esse trecho ser divulgado pelo então deputado federal Jair Bolsonaro, o vídeo repercutiu nacionalmente e inflamou grupos conservadores. Em Juiz de Fora, as pessoas e instituições envolvidas no projeto foram atacadas, especialmente a *drag queen*, a escola e a UFJF. Como é possível perceber na manchete citada acima, um conselheiro tutelar moveu ação no Ministério Público e a Câmara dos Vereadores aprovou uma moção de repúdio ao colégio. O grande motivo de indignação, mais do que o trecho do vídeo que foi divulgado, parecia ser a presença da *drag queen* na escola que foi considerada inapropriada.

Essa situação não foi isolada na cidade de Juiz de Fora[12], nem é parte de um momento único no tempo. O Miss Brasil Gay, o *Rainbow Fest* e o Movimento Gay de Minas desde que foram criados, também enfrentou protestos de evangélicos e religiosos conservadores. Em alguns casos, isso se converteu em represálias, críticas e, por vezes, atos de violência, como o apedrejamento da primeira sede do MGM.

É essa porção da cidade, influente e composta por vozes variadas (Igrejas, grupos de advogados conservadores, entre outros) que é atendida por esse foco institucional que as políticas de memória, patrimônio e história da cidade estabelecem. De um lado há a narrativa da “Manchester Mineira” constantemente evocada e legitimada como parte integrante da identidade da cidade de Juiz de Fora. De outro, encontramos uma Juiz de Fora pulsante, descrita como “vitrine gay do Brasil” [13] (Tribuna de Minas, 2000, p.2), mas que costuma ser instrumentalizada com mais intensidade quando isso traz retorno positivo para cidade, em contextos específicos.

Essa disputa narrativa também se reflete no modo como determinados segmentos se relacionam com os espaços públicos da cidade. Oswaldo Braga, um dos fundadores do MGM, faz um relato acerca do modo como a mudança da sede do grupo de um bairro considerado

---

[11] Projeto de extensão da UFJF que buscava divulgar as ações da universidade por meio de uma série de vídeos curtos que eram filmados e postados no canal da UFJF do *youtube*.

[12] Sobre a ofensiva conservadora ver: Junqueira, R. D. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, V. 18, N. 43, 2018. p. 449-502.

[13] Para juiz-forano exposição da cidade com festa gay traz benefícios: no levantamento feito pelo Departamento de Telemarketing só uma pequena parcela encara positivamente. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p. 2. 19 ago. 2000.

familiar para o Centro da cidade resultou em uma diminuição da violência contra esse espaço:

> Quando nós viemos pra cá nós viemos pro Centro da cidade. Então é muito pouco vizinho, família, então aqui é o comércio, é o povo que sempre olhou pra nós, do movimento gay de Juiz de Fora, com olhares de dinheiro, de cifrão. Toda vez que a gente conseguia ser respeitado aqui era porque a gente enchia hotel, era porque a gente trazia dinheiro pra cidade... Aliás é uma característica nossa, LGBT. Porque se você pensar bem, a travesti que vai pra Europa, bota peito, e volta com dinheiro, passa a ser respeitada pela família. Tudo tá em volta... Às vezes as pessoas acusam muito as travestis de serem muito ligadas a coisas materiais, muito fúteis, gostam de cabelão, vestido, não sei o que. Mas tudo que elas conquistaram na vida delas foi com dinheiro. Tudo. O peito que ela tem, o cabelo que ela tem, o respeito da família que ela tem. Tudo que elas têm, elas conquistaram com dinheiro. Nós gays podemos extrapolar isso um pouquinho, lésbicas também, porque nós também, a nossa cidade nos respeita porque a gente enche o hotel. Um prestador de serviço muitas vezes presta serviço pra gente, mas não quer contar pra ninguém, sabe? Então... a nossa relação com a cidade tá muito focada no dinheiro. Muito do respeito que nós temos vem daí. Agora, conservadores de querer... ter medo do filho ver dois homens se beijando, esse tipo de coisa, Juiz de Fora é igual qualquer outra cidade de Minas. Muito conservadora, sabe? Nos toleram. Vão ter que nos engolir, sabe? Sabe aquele tipo de coisa? Acho que mudou, acho que mudou. Claro, depois de 30 anos batendo na mesma tecla, e colocando dinheiro na cidade todo ano e tal, acaba que houve sim uma mudança. Mas... é... no começo, aquele cartaz ali [aponta] foi feito por uma gráfica de graça pra nós, nós oferecemos "a gente coloca o nome da sua gráfica no rodapé"[14], "não, não põe não, pelo amor de deus. Eu vou fazer procês, mas não precisa por não" (Braga, 2024).

Na percepção de Oswaldo, há uma tolerância ao grupo e suas ações que advém do dinheiro movimentado por eles e pelo Miss Brasil Gay na cidade. Essa associação mercadológica da aceitação de pessoas LGBT é um fenômeno observado também por Facchini e França (2009), que afirmam que, a partir da década de 90, a busca por visibilidade feita pelo Movimento LGBT se alinha à diversificação do mercado GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Este momento, que é quando o MGM surge, se caracteriza, entre outras coisas, por essa abertura do mercado para o "orgulho gay".

Em outras palavras, para o ativista, a presença do Movimento Gay de Minas no Centro e sua existência, em geral, seriam mais tolerados em razão do retorno financeiro que suas atividades ofereciam para a economia local. Isso é visto não somente na relação que o mercado, de forma abstrata, estabelece com o grupo, mas também nas relações individuais de homossexuais, travestis e transexuais com suas famílias. Dessa forma, segundo Oswaldo, o respeito está condicionado ao dinheiro, a tolerância vista em Juiz de Fora está condicionada ao dinheiro. Este incômodo manifestado por Oswaldo também se estende a publicidade que é feita

---

[14] O uso de aspas dentro das citações foi escolhido para ressaltar momentos em que o entrevistado parafraseia outra pessoa ou a si mesmo do passado. É algo que é mais facilmente percebido ao ouvir a entrevista (uma vez que muitas vezes é acompanhado de uma alteração na voz para sinalizar ser a fala de outra pessoa ou de outro momento) e, portanto, escolhemos sinalizar esses momentos com as aspas.

sobre Juiz de Fora. Segundo ele, quando desejam movimentar o turismo e gerar mais recursos financeiros para a cidade, os eventos e ações LGBT locais são lembrados. Em outros contextos, nem tanto:

> Esse negócio de contar a história de Juiz de Fora e esquecer do movimento LGBT é covardia. Outro dia, Marcelo do Carmo, nosso Secretário de Turismo foi participar de um evento onde tava o Freixo, que é o presidente da Embraer. Aí a pedido dele lá, do Marcelo, da equipe dele, o Freixo gravou um depoimento falando de Juiz de Fora. "Ah, que Juiz de Fora...". Ficou procurando o que dizer. "Ah, tem museu que é maravilhoso e tem..." e não achava o que dizer, arrumou lá uns três ou quatro coisas de turismo de Juiz de Fora e não falou do turismo LGBT. Aí eu mandei uma mensagem nesse mesmo post pro Marcelo: "Poxa, o cara presidente da Embraer, conhece Juiz de Fora, sabe... O cara é da esquerda, sabe o trabalho que nós fazemos e não citou o turismo LGBT como ponto forte da cidade?" Aí Marcelo veio me pedir desculpa, mas que o estande que eles tinham lá na tal feira tinha uma parte LGBT, depois fez um monte de post mostrando bandeira de arco íris, bandana isso, nanana, um monte de coisa (Braga, 2024).

Existiria hesitação ao associar Juiz de Fora e LGBT em certos espaços, em certas circunstâncias – enquanto em outros momentos essa hesitação desaparece. Em outra fala do Oswaldo é possível pensar essa relação dúbia:

> [...] Porque esse ano a gente conseguiu ser reconhecido como evento... ser colocado no calendário oficial da cidade. Uma briga de 20 anos, quando nós tentamos pela primeira vez entrar no Calendário Oficial da Cidade foi a 20 anos atras, os evangélicos não deixaram, foi uma confusão danada e, atualmente conseguimos. (Braga, 2024)

Nesse trecho, ele comenta sobre a tentativa de colocar o *Rainbow Fest* e o Miss Brasil Gay dentro do Calendário oficial de Juiz de Fora, algo que o MGM e os organizadores do concurso buscam a já duas décadas, mas que foi impedido diversas vezes por articulações mais conservadoras na Câmara Municipal, especialmente a partir de grupos organizados de evangélicos. Apesar dos ganhos financeiros que a cidade consegue todos os anos, nem sempre os eventos superam certas resistências de outros grupos locais.

Esse viés do retorno financeiro para a cidade é algo que foi percebido nessa pesquisa a partir das narrativas do jornal. No Tribuna de Minas, periódico regional, existe uma maior aceitação e divulgação dos eventos LGBT da cidade a partir do momento que seu público se expande, com grande foco nos atrativos financeiros que eles possibilitam. Discutiremos melhor essa relação no capítulo 3.

Nesta perspectiva, a relevância do MGM ao movimentar o turismo e o comércio local limita as possibilidades dos conservadores no que diz respeito as tentativas de extinguir o grupo ou impedir suas atividades. Ciente disso, Oswaldo afirma "Vão ter que nos engolir" (Braga,

2024). Mas ainda assim os conservadores são até certo ponto aplacados pela memória oficial da cidade, pelo controle de certos pontos da narrativa sobre Juiz de Fora. O movimento gay organizado na cidade continua a pressionar, e grupos conservadores pressionam em resposta: é uma constante disputa de ações, poder, política e narrativas sobre a cidade.

Embora o ativista faça essa relação a partir do dinheiro, que aparece também em outras fontes, é possível perceber que existe também um investimento nessa visão da cidade como local de certa vanguarda dos direitos LGBT, em especial por parte da imprensa, que vai além do retorno financeiro. Procura-se criar a narrativa de uma cidade inovadora, politicamente ativa no que diz respeito às pessoas LGBT. Juiz de Fora se torna um centro de progresso, onde ocorrem discussões importantes com ativistas de todo o Brasil. Nessa disputa de narrativas sobre a cidade, a porção LGBT que a constitui tem como aliada, até certo ponto, a mídia local.

Trata-se, portanto, de uma contradição, de uma disputa entre duas narrativas conflitantes, com atores diversos se colocando em ambos os lados, dentre tantas outras possíveis sobre Juiz de Fora. Foi essa a razão que motivou a escolha do Movimento Gay de Minas como um objeto de pesquisa. Juiz de Fora é simultaneamente uma cidade de tradição católica conservadora no interior de Minas Gerais, que eleva seu passado imperial e sua herança da industrialização e da colonização alemã. É também lar do MGM, Miss Brasil Gay e *Rainbow Fest*, local que instituiu a Lei Rosa, dentre diversos outros marcos que se acumulam ao longo dos anos.

Dessa forma, essa pesquisa se inicia com diversas questões, brevemente abordadas nas páginas anteriores, mas que necessitam de análises mais profundas. Por exemplo, como pode ser possível que esta cidade tenha se tornado conhecida como um lugar de vanguarda dos direitos LGBT no Brasil? Qual foi o papel do Movimento Gay de Minas nesse processo? E por que o reconhecimento da importância da luta pelos direitos LGBT e a relevância cultural de eventos destinados a esse público são, na maior parte do tempo, mediados pela ótica do turismo e da economia? Como se origina esse impasse entre tantas forças que tentam dar seu próprio rumo à cidade?

As respostas a essas questões demandam uma investigação que não pode ser limitada ao tempo e aos recursos disponíveis durante uma pesquisa de mestrado. Em razão disso, essa dissertação tem como centralidade o Movimento Gay de Minas e, mais especificamente, o contexto de formação do grupo, as formas de atuação na cidade e suas principais conquistas: o *Rainbow Fest* e a aprovação da Lei Rosa. Interessa também verificar as relações que o grupo estabeleceu com outros coletivos e instituições locais e regionais, com o poder público e com a imprensa. A partir disso, espera-se que seja possível avaliar em que medida todos esses aspectos

impactaram a perspectiva de Juiz de Fora sobre si mesma.

Formalizado como Organização Não-Governamental (ONG) em 2000, o Movimento Gay de Minas é parte do mosaico do movimento homossexual e LGBT brasileiro. Ao falar de seus objetivos e ideias que motivaram suas ações, percebe-se, desde seu princípio, a ambição de promover a cidadania e os direitos de homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. Assim, um de seus principais campos de atuação foi a prevenção ao HIV/Aids, que na época era uma das grandes questões que assombravam o público homossexual masculino e mulheres transexuais e travestis. Além de realizar outras ações educativas e buscar criar e manter políticas públicas de proteção à cidadania LGBT em Juiz de Fora (FERRARI, 2005).

Ao descrever os princípios do grupo, Oswaldo Braga (2024) afirma:

> O MGM sempre funcionou baseado no tripé da assistência das vítimas de homofobia. Nós entendíamos que a nossa luta é muito para combater a homofobia em várias vertentes, na área da saúde, diminuindo nossas vulnerabilidades, na área da segurança, garantindo ao pessoal uma assistência, né? E na área da cultura abrindo espaço para nossa galera se manifestar e aí assim a gente ia. Esse tripé era garantir a assistência social, garantir a assistência jurídica e garantir a assistência psicológica. (Braga, 2024)

Dessa forma, Oswaldo nos oferece uma visualização do que organizava esse aspecto prático do funcionamento do grupo: havia a preocupação com a saúde, com a assistência social e com a cultura. É possível perceber essas linhas em diversas das ações empregadas pelo MGM desde o seu início e ao longo de seu percurso. O tripé não era, no entanto, um fim em si mesmo na atuação da ONG. Uma preocupação maior se colocava como transversal ao tripé e às questões que o MGM trabalhou ao longo dos anos nos seus eventos, campanhas, entre outras ações. Para pensar nela é interessante observar o seguinte trecho da entrevista:

> [...] era muito raro você encontrar um gay ou uma lésbica que se dispusesse a ir dar queixa na delegacia contra um pai ou um irmão. Porque aí é pai, não vou botar meu pai numa dessa...irmão... e tal. Quando era... quando os agressores eram da família era muito raro. As vezes eles chegavam aqui putos “vou levar meu pai na delegacia! Filho da puta! Me bateu” não sei o que não sei o que... quando chegava na hora: “vamos para a delegacia então?” “Ah Oswaldo quero mexer com isso não”, aí era no dia seguinte a dor já tinha acabado... Isso é uma característica da homofobia. O MGM sempre atuou assim em criar mecanismos de defesa para a comunidade LGBT. Por quê? Porque se você tem mecanismos de defesa... Você normalmente sofre violência dentro da sua casa, e dentro da sua casa eu não entro! A polícia não entra. Então as coisas acontecem lá. Então a ideia era fortalecer a identidade, a aceitação, a autoestima desses meninos de forma que quando se anunciasse alguma violência homofóbica dentro de casa eles soubessem como reagir e como fazer valer os seus direitos e tal. (Braga, 2024)

Nesse trecho o ativista ressalta que não é uma possibilidade, na maioria dos casos, que

se deixe a homofobia familiar, casos de agressão por parte de pessoas próximas, ser um caso de polícia. Dessa forma, faz-se a opção enquanto ativista, por uma rota que ele descreve como "fortalecer a identidade, a aceitação, a autoestima" das pessoas LGBT. Esse pensamento encontra eco no primeiro trecho citado, quando ele afirma que "a nossa luta é para combater a homofobia em várias vertentes". De forma prática, as ações diversas do MGM se enquadravam no tripé, na luta por cidadania. Indo além disso, havia uma preocupação maior: a identidade homossexual, LGBT. Como trabalhar de forma que, sem poder envolver a polícia ou, muitas vezes, não chegando o poder do Estado nas vítimas (como ocorria muitas vezes com o HIV/Aids que se espalhava sem grande intervenção entre pessoas LGBT), pessoas LGBT deixassem de ser alvos, deixassem de ser infectadas por uma doença perigosa, deixassem de ser deixados à margem?

Nesse sentido, o objetivo do MGM se ampliava para além dos parâmetros estabelecidos no tripé. Suas ações na *Rainbow Fest*, suas organizações de Paradas LGBT, seu incitar de debates públicos polêmicos e profundamente desconfortáveis para uma cidade onde os homossexuais viviam sobre aquele incomodo descrito por Ferrari (2024), em outros dias que não do Miss Brasil Gay, dar as mãos na rua levaria a uma situação de agressão física, demonstram uma política que visava alterar as relações na cidade, não apenas remedia-las. É uma proposição de um novo modelo de organização da cidade, da nação (especialmente quando se associa as ações do MGM com outros grupos com os quais estabeleceu relações), que não é único ao MGM enquanto grupo, sendo parte de um movimento nacional de se organizava com cada vez mais força, mas que o MGM assumiu e deu seu próprio aspecto.

É em meio à essas ações alinhadas a uma ação nacional que o Movimento Gay de Minas segue a tendência nacional à institucionalização visando a captação de recursos que o governo disponibilizava para o combate ao HIV/Aids (Facchini, 2018). Oswaldo Braga relata que, após começar a organizar a *Rainbow Fest*, ele e Marco Trajano foram à Parada do Orgulho de São Paulo, onde entraram em contato com a coordenação do evento. Segundo ele:

> [...] o pessoal da parada de São Paulo passou a ter contato com o pessoal do Ministério da Saúde do Programa da Aids de lá. Então quando foi uma determinada época, eu fiz contato com eles e eles me passaram o nome de uma menina que era quem fazia os projetos deles, da Associação da Parada. Fiquei muito amigo, o presidente era o Beto de Jesus, fiquei muito amigo deles. E essa menina... fizemos um contato com ela. "Ou você não faz um projeto para nós não? Para gente ver se a gente consegue uma grana para fazer o *Rainbow Fest* lá com o Ministério e tal?" "Ah, só se vocês virarem uma ONG. Se vocês não forem ONG não tem jeito." Aí nós criamos rapidinho, juntamos uma galera, montamos uma diretoria e criamos o MGM. E aí ela fez o projeto para nós e aí nós conseguimos dinheiro do Ministério da Saúde para fazer o *Rainbow Fest*. Ai o *Rainbow Fest* ganhou proporção. Porque quem fazia com zero, qualquer mil reais era uma fortuna (risos). Ai nós... E outra coisa que isso nos empoderava. Quando a

> prefeitura começava a criar caso "Ah não vai poder" "Não preciso do seu dinheiro, não preciso docês, deixa que nós temos aqui nossa captação e a gente faz." E assim foi. O primeiro Centro de Convivência do MGM foi projeto financiado pela Aids, depois teve financiamento dos Direitos Humanos, depois teve financiamento da Cultura. A gente, durante uma época, foi bem ativo nesse... nessa captação. (Braga, 2024)

A partir de colaboração com outros grupos o MGM vai se moldando. É interessante perceber também como o financiamento de cunho federal permite que as ações dele escapem à conflitos políticos da cidade, na medida em que libera a ONG de precisar do apoio financeiro do município, como pode-se perceber na citação acima quando Braga afirma que "quando a prefeitura começava a criar caso" eles podiam responder que "Não preciso do seu dinheiro". É uma estratégia de ação, considerando o contexto turbulento da cidade, possibilitada pela conexão e redes criadas entre os diversos grupos daquele momento. Outra questão que se ressalta nessa formalização do MGM é a necessidade percebida por pessoas externas de um ampliamento da ação do *Rainbow Fest* para algo que ocorresse de forma anual:

> [...] [o *Rainbow Fest*] acontecia esse ano, acontecia só no outro ano. E também começou a incomodar eles, e eles também foram incentivados a... bom não dá para fazer só anual, pontual. Isso é um trabalho que tem que ser feito todo o ano. [...] E aí as pessoas que vinham para o MGM, que vinham participar pro *Rainbow Fest*, o MGM não existia ainda, convidados para o *Rainbow Fest* começaram a incentivar o Oswaldo e o Marquinho. "Vocês têm que montar um grupo, vocês têm que montar um grupo, tem que ser uma ação anual, tem que ser uma ação anual..." então eles resolveram montar. Então tem um cenário nacional propicio, e tem também o cenário local que é essa necessidade de construir aqui em Juiz de Fora algo que ia pra além do Miss Brasil Gay. (Ferrari, 2024).

Percebe-se então que, a partir da organização do *Rainbow Fest*, Oswaldo Braga e Marco Trajano passam a integrar essa rede nacional LGBT que vinha crescendo nos últimos anos, empregando estratégias similares visando alcançar seus próprios objetivos. O Movimento Gay de Minas caminha, portanto, com suas diretrizes pensadas entre si, somadas à articulação nacional que se movimentava naquele momento.

Nesse sentido, também em sintonia com a agenda nacional promovida por outros coletivos LGBT em diferentes partes do país, o MGM se articulou para garantir a aprovação da Lei Rosa[15] em Juiz de Fora. Essa movimentação, que se repetiu em outros municípios por meio da atuação de outros grupos de ativismo, pode ser compreendida como parte de uma reação iniciada após a proposta de criminalização da discriminação motivada por orientação sexual ser

[15] Popularmente conhecida pelo apelido de Lei Rosa, foi uma lei aprovada em maio de 2000 que tipificava a discriminação contra pessoas LGBT como crime, prevendo multas e punições para quem a infringisse.

vetada da Constituição de 1988. Ao alcançar essa conquista, o Movimento Gay de Minas inseriu Juiz de Fora no mapa das cidades e estados que vinham aprovando tais leis e medidas.

A Lei Rosa transformou fundamentalmente o tratamento dado pela mídia ao MGM, que veio a se formalizar oficialmente alguns meses após a aprovação da lei. Apesar de organizar o *Rainbow Fest* desde 1998, é a partir de 2000 que o festival ganha destaque nas páginas do Tribuna de Minas, inclusive se sobrepondo ao já tradicional Miss Brasil Gay. O modo como a Tribuna de Minas se refere a Juiz de Fora também se altera e, cada vez mais, a cidade passa a ser citada como um exemplo a ser seguido em termos de defesa dos direitos LGBT ou, de forma mais direta, como a "Capital do Orgulho Gay" (Tribuna de Minas, 2001, p.5).

Parte da comoção em torno da Lei Rosa ocorreu por uma particularidade: ela não apenas criminaliza a discriminação, mas explicita o direito ao afeto de pessoas LGBT em locais públicos, além de prever a criação de um Centro de Referência LGBT em Juiz de Fora (Nogueira, 2022). Essa percepção da cidade enquanto um espaço tolerante a pessoas LGBT, muito em razão da presença e da atuação do MGM, parece estar presente entre a comunidade homossexual local, como afirmam Dutra e Maia (2010, s/p) a partir de pesquisa realizada com jovens LGBT durante o *Rainbow Fest*:

> [...] a cidade é considerada mais tolerante com relação às práticas homoafetivas. Isto se deve em parte pelos eventos que acontecem no município, como a semana da Rainbow, e a dispositivos legais como a Lei 9.791, conhecida como "Lei Rosa" e, além disso, a forte atuação da ONG Movimento Gay de Minas Gerais com sede na cidade. (Dutra; Maia, 2010, s/p)

Além do que já foi citado, o grupo realizava reuniões regulares de discussão e acolhimento para pessoas LGBT e foi responsável pela organização de Paradas LGBT que ocorreram na cidade em diversos dos anos. O Movimento Gay de Minas atuava, portanto, em busca por visibilidade e operava ações em diversas áreas, desde a prevenção ao HIV/Aids e a educação sobre o tema até a inserção de pessoas LGBT no mercado de trabalho. Isso é algo que se reflete nas diversas programações do *Rainbow Fest*, costumeiramente havendo não apenas um esforço de expor criações culturais LGBT, mas tendo muitas vezes rodas de conversa e mesas de debates sobre diversos assuntos. O grupo parece ter se preocupado desde o princípio com a luta pela cidadania plena LGBT, atuando em diversas frentes para tal fim.

Nesse trabalho, portanto, procura-se entender e estudar o Movimento Gay Minas, as narrativas que o atravessaram, as memórias das atuações do grupo e suas relações com atores diversos da cidade. A partir disso, considera-se possível melhor compreender as interrelações desse movimento social com outros grupos nacionais e locais, suas disputas e condições para

emergir e se manter em ativo na cidade de Juiz de Fora, assim como as aproximações e distanciamentos realizadas com outros grupos e sujeitos da cidade.

A pesquisa: bibliografia, metodologia e teoria

Nesta seção abordaremos a forma como foi realizada a pesquisa aqui apresentada, assim como a teoria mobilizada dentro das metodologias de trabalho escolhidas. Falaremos brevemente acerca do levantamento bibliográfico realizado, em especial focando nos trabalhos relacionados diretamente ao tema. Trabalhos pesquisados mais transversalmente serão abordados em outro tópico ainda na introdução.

A pesquisa foi realizada em três etapas: primeiro houve uma busca bibliográfica por outros trabalhos acerca do Movimento Gay de Minas e, posteriormente, grupos de ativismo LGBT em geral. A seguir, fez-se pesquisa com a imprensa juizforana, especificamente o jornal Tribuna de Minas, em um recorte temporal de 1998 a 2001. Por fim, foram realizadas duas entrevistas de história oral: uma delas com o fundador e presidente do MGM, Oswaldo Braga, a outra com Anderson Ferrari, ex-integrante e pesquisador do grupo.

O levantamento bibliográfico sobre o tema revelou que os estudos sobre o Movimento Gay de Minas são escassos. Procurando no banco de teses e dissertações da CAPES, percebe-se que há apenas trabalhos de áreas que não a História. Esse é o caso da tese de doutorado em educação de Anderson Ferrari (2005) intitulada "'Quem Sou Eu? Que Lugar Ocupo?' Grupos Gays, Educação e a Construção do Sujeito Homossexual". Nela o autor estuda o MGM, o Grupo Gay da Bahia e o CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor), com o objetivo de "verificar como os grupos estão contribuindo para fortalecer a articulação entre discursos, saberes e poder na constituição dos membros como homossexuais [...]" (Ferrari, 2005, p.5).

Além desse, apenas outros dois trabalhos citam o Movimento Gay de Minas. Um deles, de José Freitas (2010), leva o título "No quadro: o tema diversidade sexual na escola, com foco na homossexualidade" e é da área da educação. Ele analisa uma ação feita pelo MGM em escolas. O outro, já previamente citado, é o de Andrea Kelmer (2016) intitulado "A organização homossexual em Juiz de Fora: estudo sobre a trajetória do concurso Miss Brasil Gay em Juiz de Fora de 1977 até a formação do MGM em 2000". Este é da área de política social, possuindo com foco principal o Miss Brasil Gay, embora toque em assuntos relacionados ao MGM em alguns momentos, considerando que é em sua criação que seu recorte temporal termina.

Os poucos trabalhos produzidos acerca desse grupo em atuação há mais de 20 anos

são reflexo da relação que a cidade de Juiz de Fora faz estabelece com o seu passado, como dito anteriormente. Existe produção acadêmica relevante produzida sobre a história da cidade, parte dela citada no início dessa introdução. Esses trabalhos, no entanto, assim como os incentivos culturais da cidade e sua política de patrimônio se atentam a outra parte de seu passado.

Em parte, há o conservadorismo da cidade, que leva cada ganho de espaço do movimento a ser muito protestado. Por outro lado, existe uma questão própria da produção de conhecimento em história, que por muito tempo não contemplou a temática das sexualidades e gênero dissidentes. Isto ocorria por uma escolha política que é inerente ao trabalho do historiador, que é a seleção dos objetos e narrativas a serem estudadas historicamente (Veras; Pedro, 2014), uma "resistência para levar a sério pesquisas sobre a homossexualidade que não aquelas de uma época distante." (GREEN, 2012, p. 66). Esta questão da História gera uma tendência reconhecida por outros pesquisadores que fizeram levantamento sobre os estudos acerca de questões LGBT: o predomínio de outras áreas (especialmente a antropologia e a sociologia) na maioria dos trabalhos com temática LGBT (Green, 2012).

Não é apenas por questão de seleção temática, no entanto, que até recentemente existiam poucas pesquisas sendo produzidas acerca de sexualidades e gêneros dissidentes e em especial acerca do movimento LGBT brasileiro. Segundo Green (2018):

> Um dos maiores desafios no esforço de reconstrução de sua história inicial [do movimento LGBT] é o acesso às fontes. Muitos dos ativistas pioneiros da primeira onda do movimento morreram de AIDS e, em alguns casos, suas famílias simplesmente jogaram fora os seus arquivos. [...] Outros importantes detentores de extensas coleções privadas sobre a homossexualidade no Brasil e sobre a história do movimento retêm esses documentos em suas residências ou nas sedes de suas organizações, permitindo acesso seletivo a esses materiais, com base na afinidade com a pessoa que faz o pedido. (GREEN, 2018, p.252)

Não havendo políticas oficiais de armazenamento, recolhimento e acesso a esses documentos, os acervos dos grupos permanecem com eles, sem acesso público óbvio e muitas vezes sem organização ou armazenamento corretos, algo que os deixa sujeitos a perdas diversas. É o caso do acervo do Movimento Gay de Minas, que se encontra em posse de Oswaldo Braga, em sua residência, que também é sede do grupo. Além de possíveis perdas, existe o perigo do acesso seletivo mencionado acima: embora o ativista não impeça o acesso daqueles que desejam consultar o acervo, isso cria um obstáculo entre o desejo de pesquisar e o acesso de fato. Depende da disponibilidade de Oswaldo, afora envolver um trabalho de escavação na medida em que o acervo não se encontra completamente organizado ou catalogado. Para que o arquivo

faça sentido é necessária a presença e auxílio de seu dono. Em razão disso e dos limites de tempo de um mestrado, não foi possível sua utilizar o acervo de forma extensiva.

A isso se soma a possibilidade do medo e/ou vergonha daqueles que participam de movimentos LGBT ou das pessoas ao seu redor. Muitos se recusam a participar de entrevistas, ceder documentos pessoais, entre outros. Ao longo do trabalho isso foi observado na imprensa, que por vezes possuía fontes anônimas de pessoas vinculadas ao MGM que não desejavam ser identificadas. Isto faz com que se torne ainda mais difícil encontrar pessoas que estejam dispostas a colaborar com a construção da pesquisa.

Nesse sentido, os trabalhos que estão sendo realizadas sobre temáticas LGBT, em especial no que concerne ao movimento social, vêm escolhendo trabalhar com a História Oral por considerar que ela oferece estratégias para contornar a escassez de fontes. É o caso deste trabalho, que tem as entrevistas como um de seus principais alicerces. Entende-se, portanto, as entrevistas e a história oral como uma forma essencial de fazer pesquisa no que se refere ao movimento LGBT por permitir criar fontes a partir dos próprios membros e sua memória viva.

Portanto, nesse cenário, o recurso da oralidade possui um enorme potencial. Um de seus principais méritos é a introdução do pesquisador na construção da fonte (Alberti, 2013). A produção de depoimento a partir do viés teórico-metodológico da história oral auxilia na medida em que a "[...] contribuição da história oral é sempre maior naquelas áreas pouco estudadas da vida social em que predominam zonas de obscuridade [...]" (Alberti, 2013, p.22).

Considerando a entrevista como uma prática social (Oliveira, 2018), é possível a partir delas estabelecer vínculos com o entrevistado. Acessar os arquivos pessoais desse indivíduo se torna então algo menos invasivo, mais participativo, especialmente se ocorre durante ou como complemento à entrevista. Assim, a pesquisa se torna uma ação conjunta, pelo menos no início, já que o entrevistado e detentor do arquivo tem a oportunidade de mostrar o sentido que dá àquilo que foi guardado. Embora o acervo do MGM não tenha sido amplamente pesquisado para fins dessa dissertação, foi possível ter um breve contato com ele durante a entrevista com Oswaldo Braga. Por meio disso, foi possível considerá-lo um caminho para ampliar as possibilidades das investigações decorrentes dessa primeira etapa da pesquisa sobre o MGM que será apresentada nessa dissertação.

Além disso, um dos grandes benefícios da História Oral se encontra no fato de que ela "[...] privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu" (Alberti, 2013, p.31). Dessa forma, as experiências narradas pelos entrevistados expressam:

> [...] dimensões subjetivas dos integrantes dos movimentos sociais, bem como as

> oportunidades políticas para as ações coletivas e dimensões estratégicas para a legitimação de diferentes sistemas de valores sociopolíticos dentro de cada grupo. (Almeida, 2018, p.8).

Essa subjetividade é especialmente relevante ao estudar o movimento LGBT politicamente organizado. Desde o SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual, primeiro grupo a integrar o então Movimento Homossexual Brasileiro, o afeto e as relações amorosas são relevantes e se apresentam como elementos importantes para a constituição da coletividade. MacRae (2018), que pesquisou o Somos em sua tese de doutorado, reforça diversas vezes como os relacionamentos eram parte estrutural de seu funcionamento.

Assim sendo, a subjetividade e a dimensão das afetividades não poderiam ser ignoradas no estudo do Movimento Gay de Minas. Ao descrever o MGM, Oswaldo Braga afirma que:

> O MGM, ele é uma realização de um sonho de casal. Não é um sonho só meu. É um sonho meu e do Marquinho. É um sonho do casal Oswaldo e Marquinho. O que ele significa para mim? A realização de um sonho. [...] Nossos grandes atritos, nossos maiores atritos foram por causa de *Rainbow Fest* e de Parada. Mas chegava no último dia a gente já tinha feito as pazes, qualquer casal é assim. Era muito custoso. Era muito gostoso escutar meu marido na hora que ele subia no trio elétrico e fala, ele arrasava. A gente, por causa da lei rosa, a gente se beijava na abertura da parada e do *Rainbow Fest*... então tem milhares de fotos da gente se beijando. Ele faz muita falta. [...] tem hora que algumas coisas pegam a gente de surpresa e aí é desse jeito. Senti falta, mesmo. Não sei se vou dar conta de segurar esse sonho sozinho durante muito tempo, sabe? [...] (Braga, 2024)

No decorrer da pesquisa a definição do grupo como um sonho de casal se justificou em diversos momentos. Trata-se não somente da emoção de Oswaldo ao lembrar de seu marido, que faleceu em 2021 vítima da pandemia de Covid-19, mas também de pontos essenciais que definem o grupo, como: seus ideais, sua administração, as atividades realizadas e as pautas discutidas (como a Lei Rosa, citada no trecho acima). O status de casal dos cofundadores do MGM é de conhecimento público, mas a partir do recurso da entrevista é possível encontrar elementos importantes no processo de construção e manutenção do grupo que, por outros meios, não poderiam ser acessados.

Uma vez que o testemunho é também produzido no presente, torna necessário refletir sobre ele para além de sua construção a partir da entrevista do historiador, considerando a memória construída pela pessoa entrevistada. Nesse sentido, para Danièle Voldamn (2014) “nada permite retirar da testemunha a posição que ela adquiriu pelo simples fato de ter aceitado responder às perguntas que lhe faziam. Presume-se, portanto, que ela seja sincera no que diz,

residindo todo o problema no tipo de sinceridade". (Voldamn, 2014, p.38) Segundo a autora, muitos fatores interferem no testemunho, desde status social à fatores psicológicos, mas isto não o torna "falso" e nem torna a testemunha "mentirosa".

Nesse sentido, ao trabalhar com trechos das entrevistas realizadas que talvez contenham informações inverídicas ou passíveis de contestação, compreende-se que a elaboração, no presente, de um passado do qual nos distanciamos por de duas décadas, pode resultar na confusão entre eventos similares, entre outros. A contraposição entre entrevistas, notícias e outras fontes não objetiva negar o testemunho coletado, apenas colocá-lo em perspectiva e permitir a reflexão sobre esse processo de construção da memória.

Segundo Alessandro Portelli (2014) sempre lidamos com multiplicidades de memórias fragmentadas, todas ideológicas e culturalmente mediadas. Portanto, na história oral trabalhamos com narrativas sobre o passado que se constroem no presente: ganham sentido a partir de palavras e significados que hoje lhe atribuem a testemunha e são guiadas pelas perguntas e direcionamentos do historiador. A narrativa construída pela memória existiria para garantir a continuidade do tempo (Rousso, 2014).

Acerca da construção dessa narrativa da memória, para Rousso (2014), toda memória é coletiva, no sentido de ser uma reconstrução psíquica e intelectual advinda de uma representação seletiva do passado que pertence a um indivíduo dentro de um contexto familiar, social e nacional. Pensando em memórias de grupos organizados, como é o caso do Movimento Gay de Minas, ao longo dos anos estes costumam desenvolver uma memória própria com coerência e estruturas rígidas (Voldamn, 2014). Entre as características dessas memórias, muitas vezes se vê a minimização de choques, tensões e conflitos internos, a diminuição ou engrandecimento de oponentes para justificar afastamentos, exclusões e rompimentos, entre outras formas de se estruturar uma narrativa que identifique o grupo. (Voldamn, 2014).

Além da história oral, foi realizada uma pesquisa na imprensa local, mais precisamente no jornal regional Tribuna de Minas. Tal escolha está ancorada na perspectiva de que a imprensa e, especialmente, a imprensa periódica foi e continua sendo parte importante da história. Ela pode desempenhar o papel de testemunha e servir como meio de registro de acontecimentos, mas também e, principalmente, tornar-se parte ativa deles (Leite, 2015). Sendo ela uma força social ativa, possui historicidade, sendo necessário sempre que seja articulada ao campo de lutas sociais no interior do qual se constitui e atua (Vieira, 2013).

A imprensa, portanto, é uma fonte, um monumento, construída propositalmente por pessoas dentro de circunstâncias históricas especificas, o que faz do seu estudo a busca por

compreender a ação desses agentes históricos que a organizaram, entendendo-a como uma forma importante de atuação em seu tempo (Pereira; Seffner, 2008). É importante ainda considerar que ela não tem apenas uma opinião: sua ação delimita espaços, mobiliza opiniões e articula projetos sociais (Vieira, 2013).

Essa característica da imprensa torna-a uma fonte com ainda mais força e potencial do que se apenas fosse usada como uma forma de "acessar a história diretamente". É uma característica da fonte histórica, em geral, que seja sempre necessário interpretá-la e analisá-la em contexto, não havendo uma interpretação história intrinsicamente correta já pronta em si mesma (Jenkins, 2017). Assim, ao realizar a análise das notícias encontradas e selecionadas da Tribuna de Minas, busca-se fazê-lo não apenas para "averiguar os fatos" relativos ao Movimento Gay de Minas, mas entender como diferentes narrativas acerca do grupo são construídas na imprensa, quais relações o MGM estabelece com a cidade, entre outros. Cabe notar que nada disso é estático, pelo contrário: depende dos interesses tanto do grupo quanto do jornal diante do contexto mais geral da cidade de Juiz de Fora e do Brasil.

Dessa forma, foi feito o uso da Tribuna de Minas para propósitos de organizar linhas do tempo referentes ao Movimento Gay de Minas e a Lei Rosa, fazer o levantamento das temáticas abordadas em diferentes edições do *Rainbow Fest*, entre outros. Também buscamos identificar e compreender os enquadramentos realizados pelo jornal sobre a existência e as atividades desenvolvidas pelo grupo na cidade, assim como as repercussões disso para a população local e regional.

A observação decorrente da análise de expressões utilizadas, da identificação de padrões nas seleções acerca dos acontecimentos noticiados e a crescente frequência com a qual o Movimento Gay de Minas passou a ser acionado como figura de autoridade no que se refere a questões LGBT demonstram que foi estabelecida uma relação entre o grupo e a cidade e que a "visão" da imprensa pode produzir impactos na cidade. Nessa relação atravessada por momentos de enfrentamentos e disputas ocorre o processo de formulação de saberes, formas de nomear e produzir verdades (Favacho, 2010), motivo pelo qual a Tribuna de Minas foi selecionada.

A entrevista e a imprensa passam a ser consideras fontes históricas a partir da "Nova História" que emergiu após a revolução historiográfica promovida a partir da terceira geração dos Annales, da renovação marxista e dos estudos de Michel Foucault (Leite, 2015). Nessa "Nova História" se assume a posição da própria História como discurso, como algo que é produzido por alguém que tem enquadramentos, ideologias e que produz assim uma história que nunca é inteiramente neutra (Jenkins, 2017). Este é ainda um terceiro motivo que justifica

a presença mais frequente de temáticas LGBT em tempos atuais na pesquisa histórica do que no passado.

Fontes que antes eram descartadas por serem consideradas tendenciosas, falsas ou mentirosas – como era o caso da imprensa de acordo com Leite (2015) e Vieira (2013) e das entrevistas – passam a ser utilizadas no meio acadêmico. Toda fonte, vista como monumento, necessita de interpretação e leitura. Nenhuma delas possui interpretação histórica intrinsicamente correta (Jenkins, 2017). Dessa forma a utilização das notícias presentes na Tribuna de Minas e das entrevistas realizadas será feita de forma crítica. Elas não são lidas como a "verdade" dos fatos, mas como versões que surgem do presente onde são produzidas, com intenções e objetivos.

A partir do que foi exposto, cabe pontuar que a historiografia vem observando um crescimento importante de trabalhos que contemplam a temática LGBT em suas mais diversas especificidades, algo que ocorre justamente por ser um momento em que grupos e coletivos formados por homossexuais, travestis e transexuais passam a se apropriar e a questionar qual passado está sendo produzido sobre esse segmento (Green, 2012).

Esse trabalho possibilita lançar luz numa dimensão local sobre as homossexualidades que não estão nas capitais. Investigar o percurso e as narrativas acerca do MGM se insere, portanto, nessa busca pela compreensão e análise histórica do movimento brasileiro LGBT, se somando a outros trabalhos que, mais recentemente, intentam compreender a história e as sociabilidades que envolvem grupos e sujeitos LGBT no interior do país.

As fontes

Neste tópico apresentaremos mais detalhadamente as fontes trabalhadas, nomeadamente o jornal Tribuna de Minas e as duas entrevistas realizadas, uma com Oswaldo Braga e outra com Anderson Ferrari. Condições de acesso e seleção serão também abordados. Elas serão apresentadas na ordem em que foram trabalhadas durante os processos de pesquisa.

Primeiramente, foi feito uma pesquisa no jornal Tribuna de Minas. Este foi fundado em 1981 e abarca notícias de Juiz de Fora e região. Sua publicação é diária, com versão impressa e, atualmente, também digital. Conta com acervo online de suas edições antigas em seu site, cujo acesso ocorre mediante assinatura do periódico. Além disso, ao final de cada ano, o jornal doa para a Biblioteca Municipal Murilo Mendes todas as edições publicadas naquele ano. Cada mês é encadernado em um caderno, o que totaliza 12 cadernos para cada ano. Essa coleção se encontra disponível para consulta na Biblioteca, onde foram acessadas as edições e notícias

utilizadas. Para fins desse trabalho, foram consultadas todas as 12 encadernações dos anos de 1998, 1999, 2000 e 2001 na Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

A seleção de documentos a serem pesquisados, aqueles que chegam ao presente dizem de escolhas do historiador e são resultados de disputas de poder. A própria Tribuna de Minas, o periódico a ser trabalhado, é fonte possível por ter ela própria se dedicado, por muitos anos a enviar encadernações com todos os jornais publicados durante o ano à Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Assim, a existência de um vasto arquivo desse jornal, se comparado a outros ausentes, diz de uma seleção e ação da editora que viu em seu jornal algo que deveria ser preservado. A escolha por esse jornal para a presente pesquisa diz dele ser um periódico histórico da cidade, de grande alcance e relevância política.

Notícias que se enquadravam em temáticas relacionadas às pessoas LGBT em geral, ao MGM, ao Miss Brasil Gay, às questões de direitos LGBT, de educação sexual ou de HIV/Aids foram fotografadas, organizadas e classificadas em um banco de dados a partir de métricas definidas no decorrer desta pesquisa, que serão mais bem discutidas no capítulo 3. Cabe ressaltar que, no período analisado, grande parte das notícias referentes aos temas selecionados não trazem sua autoria. Apenas reportagens maiores vêm acompanhadas de seu autor ou autora, o que com frequência não era o caso para as notícias utilizadas. Dessa forma, na ocasião que um jornalista ou repórter é creditado no jornal é seu nome quem acompanha a citação, do contrário é Tribuna de Minas.

Em seguida, entrevistou-se Anderson Ferrari. Realizada em sua casa no dia 16 de abril de 2024, a entrevista teve duração de 56 minutos e 51 segundos. Foi gravada e transcrita para essa dissertação.

Atualmente Anderson é professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Estudou o Movimento Gay de Minas junto a outros dois grupos de ativismo homossexual para sua tese em educação (previamente citada). O foco de seu trabalho era a construção da subjetividade do homossexual masculino a partir de grupos de ativismo gay. Nesse sentido, ele foi integrante do grupo, além de pesquisador, participando e auxiliando nas organizações de suas ações como ativista. Anderson se identifica como homem gay, branco e cisgênero[16].

O professor possuí uma trajetória ampla de pesquisa voltada para os estudos da homossexualidade em relação com a educação, algo que surge de seus próprios incômodos enquanto alguém que cresceu gay na escola e, eventualmente, se tornou professor:

---

[16] Pessoa cuja identidade de gênero é a mesma que lhe foi atribuída ao nascer, antônimo de transgênero. Pode ser referida também como “cis”.

> Dando aula eu comecei a perceber que na minha sala de aula acontecia um processo de classificação das homossexualidades muito semelhante ao que eu vivi na minha adolescência. Eu comecei a perceber que existia processo de discriminação, chacota com os meninos gays, em algum momento na vida deles alguém classificava esses meninos como gays... e era muito semelhante àquilo que eu havia vivido. Então aquilo começou a me incomodar. Já tinha uma distância de dez anos da minha adolescência até minha presença como professor na sala de aula e as coisas eram muito semelhantes. E eu também não sabia lidar. Eu na minha adolescência quando sofria discriminação por ser gay na escola eu também culpava o professor. Eu ficava me perguntando, "porque o professor não faz nada se ele está vendo o que está acontecendo?". E nisso eu comecei a ler muita literatura sobre livro didático, e um ponto sobre essa literatura começou a me chamar a atenção, que era a insistência dos autores em mostrarem, em denunciarem como o livro didático reforça alguns estereótipos. Sobretudo do negro, da mulher e do índio. Então eu comecei a ter contato com a literatura chamando atenção para isso: como os estereótipos são construídos por diferentes mecanismos, e na sala de aula vendo essa questão das homossexualidades. (Ferrari, 2024)

Segundo Ferrari, estas reflexões, somadas à pesquisa para o trabalho de conclusão de curso de bacharelado em história, onde pesquisava livros didáticos (citados no trecho acima) auxiliou que ele desenvolvesse uma visão acadêmica para o tema. Ele passou a investigar essa questão, esta relação entre homossexualidade e educação, realizando diversas especializações. Iniciou um mestrado na cidade de Juiz de Fora procurando entender como professores lidavam com homossexualidade na escola. Enquanto desenvolvia sua pesquisa de doutorado, foi aprovado em um concurso para professor de História no Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora. É nesse momento, de desenvolvimento do seu mestrado e mudança definitiva para a cidade, que ele entra em contato com o MGM, ou melhor, com Oswaldo Braga e Marco Trajano, ao buscar espaços para dialogar sobre sua pesquisa:

> Eu conheci o MGM em 99, na segunda *Rainbow Fest*, eu vi o cartaz do *Rainbow Fest* e fui. Aconteceu na câmara dos vereadores e eu fui ver uma palestra. Ai depois da palestra, no debate, eu participei do debate e falei que tava fazendo uma pesquisa em educação aqui, trabalhando com homossexualidades e escola, que era uma coisa muito nova no campo da educação, não tinha nada escrito sobre isso e eu percebi que teve um interesse. No final da minha participação, não sei se o Oswaldo ou o Marquinho, me procuraram interessado na pesquisa bababa. No outro ano eu já tava morando aqui... eu já tava morando aqui e eles me convidaram para fazer uma fala no *Rainbow Fest*. Porque o MGM não existia ainda, o MGM foi posterior ao *Rainbow Fest*, essa é uma questão muito interessante, porque normalmente os grupos surgem e depois eles organizam evento. O MGM foi o inverso. O Marquinho e o Oswaldo começaram a organizar o *Rainbow Fest* sempre na semana do Miss Brasil Gay, interessados nessa discussão política da homossexualidade, né, nos vários campos. E depois com o incentivo das pessoas que vinham aqui, as pessoas eram convidadas, vinham e falavam vocês têm que criar um grupo, vocês têm que criar um grupo, eles criaram um grupo... o MGM em 2000. Se não me engano o MGM é de 2000, né? Aí foi criado o MGM a partir disso. Então eu falei no evento e o MGM foi criado e eu comecei a me interessar pelas atividades do MGM também, as reuniões e tal. E comecei a perceber que o MGM era muito convidado para ir à escola no período do *Rainbow Fest* no período do Miss Brasil. E comecei a ficar interessado nisso, assim, como é

> que... quando os grupos são chamados nas escolas, o que eles falam? (Ferrari, 2024)

Anderson, portanto, se conecta aos fundadores do grupo antes do MGM ser formalizado. Segundo ele, parece ter sido recrutado para começar a tomar parte no grupo, pelo interesse na discussão que desenvolvia. Por sua vez, ele mesmo desenvolve um interesse crescente no grupo, tanto por meio das ações que podia realizar (como ir às escolas e falar nos eventos) quanto do ponto de vista da relação que estudava em sua pesquisa, de educação e homossexualidade. Focalizava, no entanto, outro sujeito que não os professores: o movimento social e seu diálogo na escola.

É a partir disso que surge sua tese, desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Embora tenha iniciado com outro projeto, a partir de diálogos com seu orientador e com outros pesquisadores ele conta que chegou às seguintes indagações:

> [...] o que de educativo o movimento gay produz? E quando o movimento gay vai para escola, o que o movimento gay fala? O que o homossexual ele leva para a escola, discursivamente? E eu também tava interessado em ver o impacto do HIV nesse discurso. Que homossexual existia antes do HIV que homossexual existia depois do HIV. (Ferrari, 2024)

Nesse sentido, Anderson seleciona 4 grupos como objeto de pesquisa de sua tese, dos quais 3 permanecem em seu trabalho final: o Grupo Gay de Minas (GGB), que permitia a ele "ver o impacto" do HIV/Aids enquanto único grupo que ele estudou que já existia antes e depois da epidemia; o CORSA - Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor, de São Paulo e o Movimento Gay de Minas (MGM) onde ele conta que "[...] comecei a militar no MGM, comecei a frequentar as reuniões, [...] quando a escola era chamada, muitas vezes o Oswaldo e o Marquinho não podia e eu ia na escola construir essa questão da homossexualidade" (Ferrari, 2024).

Dessa forma, Anderson está uma posição única enquanto ex-integrante e, simultaneamente, pesquisador do Movimento Gay de Minas. Segundo Ferrari, ele se afastou do grupo devido a alterações no formato das reuniões, que passam a ter um formato mais parecido com o de uma "aula" ou uma "palestra" do que com o de uma conversa, como era originalmente. Sua participação mais ativa se circunscreve mais a esse período de criação e início do funcionamento do grupo, dos anos iniciais até um pouco depois da mudança da primeira sede. Abordaremos em mais detalhes essas transformações que o levaram a se afastar do grupo no capítulo 1.

Quando perguntado do impacto pessoal da participação no grupo para ele, Anderson

responde:

> Eu percebo que o grupo foi muito importante para mim e eu percebo que foi muito importante para as pessoas de forma geral né. Primeiro porque eu sentia a necessidade disso né. De levar para outros espaços o que eu estava estudando. O MGM me possibilitou isso. Levar pro espaço do MGM, cheguei a fazer várias falas no MGM a partir das minhas discussões... pro espaço do *Rainbow Fest*, eu comecei a organizar o seminário que abria o *Rainbow Fest* que era homossexualidades e as escolas, comecei a levar para as escolas... e muito com o apoio do MGM, o MGM sempre me apoio muito né. Então assim, quando a gente organizava o seminário Homossexualidades e a escola tudo que eu pedia o MGM me dava, então assim " preciso de uma passagem do sul..." sem problema. Então eu tive muito apoio. Então foi um espaço onde eu pude desenvolver muito essa função do saber que é de socializar o saber, levar o saber para além da universidade, perceber que o MGM era um espaço educativo importante. muito do público que ia pro MGM não passava pela universidade, a universidade tem uma certa cerimônia, uma certa áurea que impede as pessoas de chegarem nela né. Quando eu falava na universidade eu percebia que era um público dos estudantes, não era o público que tava na rua. O MGM não, o MGM possibilitou falar com o público que era mais da rua. Ao mesmo tempo que eu fui falando, eu fui me fortalecendo na minha homossexualidade, até para sair do armário[17], em casa, sair do armário na escola mesmo... Fui me fortalecendo no MGM. Pelas histórias de vida. Tinha uma coisa muito legal no MGM que era isso: as pessoas contavam suas histórias de vida e a gente ia se fortalecendo na história do outro, coletivamente. Então o MGM foi um espaço muito importante para minha constituição, de fato. (Ferrari, 2024)

Percebe-se uma grande importância atribuída ao MGM na formação de Anderson. O grupo lhe oferece espaços de diálogo, de comunicação cientifica, ao mesmo tempo que lhe permite essa formação pessoal, esse vir a ser uma pessoa mais fortalecida em sua homossexualidade, como ele mesmo coloca.

Enquanto historiador de formação, professor e pesquisador da educação, Anderson participou do MGM, agiu dentro dele e ajudou em sua construção ao mesmo tempo que o analisava, entendendo as formas pelas quais ele e os outros grupos que estudava constroem a ideia da homossexualidade e a identidade de seus participantes. Considerando esse como um dos objetivos do grupo, a memória que ele compartilha nos permite ir além das experiências que viveu para entender também como era ser um pesquisador naquele grupo. Além disso, sua experiência enquanto alguém que se forma comunicador, professor e homossexual a partir do grupo são essenciais para observar a dimensão da subjetividade que cerca a o MGM.

Por fim, a segunda entrevista foi realizada com Oswaldo Braga, presidente e cofundador do Movimento Gay de Minas. O grupo foi idealizado por ele e seu marido, Marcos Trajano, após dois anos de coordenação do *Rainbow Fest*. Ambos dividiram a liderança e

---

[17] Estar no armário é uma expressão que denota quando uma pessoa LGBT não se coloca publicamente e/ou para pessoas próximas enquanto tal, embora se identifique dentro da sigla e por vezes viva essa realidade em alguns momentos, como por exemplo no caso citado Oswaldo Braga já estava em um relacionamento sério com outro homem, apenas não assumido para familiares ou colegas de trabalho – daí estar no armário.

coordenação das ações do MGM até o falecimento de Trajano em 2021. Figura essencial para a memória do MGM, Oswaldo é o guardião dos arquivos do grupo e mora hoje no pavimento acima de onde a sede funcionou por décadas.

A entrevista foi realizada em sua casa no dia 14 de julho de 2024 e resultou em um total de 3 horas de gravação, cuja transição foi utilização nessa dissertação. A perspectiva apresentada por Oswaldo enquanto o membro de mais longa data do grupo, seu criador e idealizador é essencial para a pesquisa. A partir dele é possível pensar no MGM como mais que apenas suas ações, mas também como um projeto fruto da relação de amor entre Oswaldo e Marcos, assim como uma visão desse casal para o futuro, para a cidade de Juiz de Fora. Uma forma de entender e tentar transformar o mundo em que viviam. Essa perspectiva será mais bem trabalhada ao longo do capítulo 1, mas já foi um pouco comentada anteriormente ao abordamos a perspectiva da história oral.

Oswaldo Braga se identifica como um homem gay, cis e branco nascido em Belo Horizonte, onde viveu até começar a organizar o *Rainbow Fest* com Trajano em Juiz de Fora. Segundo ele, ele

> [...] Sabia que era gay desde criança pelos meus desejos mais secretos e tal, mas achava que dava conta de não ser. Não quero ser, não vou ser. E até os 30 anos de idade fiz o tipo "não sou gay" [...] me casei, tenho dois filhos, que hoje são adultos, um ta com 41 anos o outro ta com 38, são casados, não são gays, tenho netos." (Braga, 2024)

Esse cenário de negação de sua sexualidade muda a partir de sua relação com Marco Trajano:

> Nós ficamos casados 30 anos. Eu conheci ele em Belo Horizonte e desde o dia que eu conheci a gente já... é... foi ele que me tirou do armário né. Me ensinou como era a vida fora do armário. Porque durante muito tempo, no começo da nossa relação eu continuei no armário. Os primeiros, os dois primeiros *Rainbow Fest* eu não dava entrevista. Eu não podia aparecer. E quem dava a entrevista, quem falava as coisas tudo era o Marquinho. E eu ficava na organização dos bastidores. (Braga, 2024)

Na altura em que começaram a organizar o *Rainbow Fest,* Oswaldo e Marco já estavam juntos há anos de forma relativamente secreta. Oswaldo, além de ser pai, possuía também uma carreira desenvolvida em torno de relações públicas, jornalismo e marketing. Formado em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerai, ele chegou a ter uma agência de propaganda, escreveu colunas para jornal (inclusive colunas acerca de homossexualidade depois que passou a viver fora do armário), trabalhou em diversos veículos

de comunicação como a TV Alterosa e a rádio Guarani, entre outros. Ter essa carreira consolidada ajudou quando ele saiu do armário no âmbito das ações de ativismo: como já tinha sua vida adulta organizada, já era conhecido, as pessoas não o teriam descreditado, com poucas exceções. Ele ressalta, no entanto, que em um âmbito pessoal viu portas se fecharem a partir do momento em que se apresentou como homem gay. Acerca de como lidou com as consequências de sair do armário, Braga afirma que:

> Mas tinha o Marquinho, que me ajudava, que me apoiava... E tinha esse nosso sonho, também, de fazer alguma coisa. Se você pensar ele é até um pouco egoísta, porque nós achávamos que o nosso amor merecia ser tratado com o respeito, com dignidade, por que não? O Marquinho, um cara inteligente, bonito, legal, trabalhador... todos os conceitos que pode ter num homem. Eu também. Mas eu tinha que estar apresentando o Marquinho como meu amigo, meu melhor amigo... ah não. Não fazia sentido. Isso na cabeça da gente não fazia. E aí falamos nós temos que mudar. E eu como profissional de relação públicas eu falava com o Marquinho "olha o movimento gay... nós construímos muito mal a nossa imagem. O conceito que a população em geral tem da gente é muito mal trabalhado. As pessoas têm um conceito ruim da gente. Nós temos que destruir esse conceito ruim e botar no lugar um conceito positivo. Como nós podemos fazer isso? Ué de repente levando a coisa a sério. Fazendo debates, mostrando os valores que nós temos, as coisas que nós produzimos, os artistas que nós temos, sabe? Revertendo essa visão de que nós somos ruins." E aí isso era uma coisa que a gente conversava, toda vez que que viajava no carro, era o assunto, que que nós podemos fazer e tal. Até que veio a ideia do *Rainbow Fest*. Vamos fazer um festival, vamos mostrar a cultura nossa e vamos trazer gente pro debate. Vamos botar na mídia, vamos fazer um... Aí começamos. Foi assim. (pausa e risos) (Braga, 2024)

As memórias e sentimentos de Oswaldo e Marco não são apenas parte da história do MGM, são constitutivas desta. É algo que podemos perceber na sua fala, na de Anderson e mesmo nas entrevistas de jornal, embora nestas últimas isto apareça de forma menos evidente. É impossível desvincular a vida e jornada de Braga da existência do MGM, já que diversos momentos pessoais (como o momento em que decide sair do armário para sua família) se relacionam intimamente ao seu ativismo, ao grupo e, simultaneamente, a momentos de muita importância para a constituição do MGM. Dessa forma, esses dois entrevistados se complementam e adicionam profundidade a questões essenciais para essa pesquisa.

História do Movimento LGBT brasileiro

Nessa seção será realizada uma discussão bibliográfica breve acerca da história do movimento LGBT brasileiro, procurando refletir como ele tem sido analisado e estudado até o presente momento. Pensando os grupos organizados como parte fundamental da trajetória desse movimento e considerando o foco desse trabalho, uma ênfase maior é colocada sobre essa questão a partir das pesquisas que foram abarcadas. Objetiva-se ao mesmo tempo situar essa

produção em um escopo mais amplo de produções que enfocam o movimento LGBT brasileiro e situar o contexto mais geral nacional em que o Movimento Gay de Minas (MGM) vêm a ser formado e no qual acaba por florescer.

O interesse pelo estudo das temáticas das homossexualidades, travestilidades e homofobia vêm crescendo desde a primeira década do século XXI, especialmente na área da educação (Green, 2012). Na história, no entanto, o tema das homossexualidades é ainda marginal e pouco explorado (Veras, Pedro, 2014). Com a presença dessa temática no Relatório final da Comissão Nacional da Verdade a produção histórica se amplia sendo ainda bem menor que em outras áreas (Pereira, 2020). A invisibilidade se justificaria nas escolhas políticas que se implicam dentro do fazer historiográfico: a partir da eleição de certos temas, deixa-se outros de lado, assim como sujeitos e histórias (Veras, Pedro, 2014).

Em 2018 foi lançado um livro em comemoração ao que seriam os 40 anos do movimento LGBT brasileiro, marcando sua data de início como 1978[18]. Apesar de ser uma marcação contestada[19], é utilizada amplamente na literatura do tema. O motivo dessa escolha se deve à primeira reunião do grupo *Somos*: Grupo de Afirmação Homossexual, em maio desse ano, considerado o coletivo pioneiro para a articulação do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) (Green, et al, 2018).

Apesar do ano de 1968 ser considerado como o momento de eclosão do movimento homossexual no resto do mundo, a ditadura teria, segundo Green (2018), retardado os efeitos no Brasil, criando obstáculos concretos à organização de pessoas LGBT. A partir do golpe de 1964, o comportamento e a sexualidade se tornaram objeto de repressão do Estado, virando tema pertinente à segurança nacional para os militares (Green, et al, 2018).

O grupo *Somos* foi formado aproveitando-se de um momento de transição política, intensificado no final da década de 1970 e início da de 1980. Movimentos sociais e organizações da sociedade civil eclodiam na cena pública, desempenhando um importante papel na mudança de regime político. Além disso, boates, bares e outros espaços de sociabilidade entre homossexuais masculinos, lésbicas e pessoas trans cresciam convivendo com a repressão do Estado, como parte do inchaço dos grandes centros urbanos e aumento das camadas médias do período pós milagre econômico (Green, et al, 2018).

Nesse contexto de ambiguidade da regulação exercida pela ditadura aos costumes e à

---

[18] GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

[19] Sobre isso ver: COLAÇO, R. C. Mitos, categorias e cristais: Revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. *SciELO Preprints*, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4540. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4540. Acesso em: 9 dez. 2022.

moral que o grupo Somos e o jornal *Lampião da Esquina*[20] foram criados. Houve, antes disso, iniciativas de associativismo, de ação política e mesmo de meios de comunicação por pessoas LGBT (Green, et al, 2018). É na existência dessas outras formas de ativismo que precederam o *Somos* e o *Lampião* que incorre a crítica feita à escolha desta data para o que seria o "início" do movimento LGBT brasileiro.

Colaço (2022) escreve sobre essa visão do movimento homossexual brasileiro baseada em um "evento fundador" que está cristalizada na historiografia brasileira a partir dos que seriam os "autores clássicos". Sendo muitos destes autores ativistas que fizeram parte do *Somos*, a autora afirma que eles "se descuidaram tanto do aspecto processual quanto do distanciamento desejável" (Colaço, 2022, p.3). Ainda de acordo com a pesquisadora, muitos desses autores não explicitam a noção trabalhada por eles de movimento social, sendo "possível inferir que partem todos do pressuposto de apenas considerar as ações vitoriosas" (Colaço, 2022, p.5). Dessa forma, Colaço critica a atribuição ao grupo *Somos* e ao jornal *Lampião da Esquina* desse caráter fundador, afirmando que "ora são reconhecidas algumas das ações políticas dos atores da geração anterior ao Somos/SP e ao Lampião da Esquina, ora são desqualificadas ou minimizadas;" (Colaço, 2022, p.8). A autora demarca o princípio desse "mito fundacional" no trabalho de Peter Fry (1983) "O que é a homossexualidade?", tendo, a partir daí, se perpetuado em outros trabalhos.

No texto de apresentação do livro *História do Movimento LGBT no Brasil*, no entanto, seus organizadores (Green, et al, 2018) apontam que

> [...] nem toda forma de ação política é um movimento social em sentido técnico. Tomando como referência o vasto campo da sociologia política, pode-se afirmar que movimento social consiste em um tipo específico de ação política coletiva, datada historicamente e com características próprias de repertório, mobilização de recursos e estrutura de oportunidades, [...] independentemente da definição escolhida e sem invisibilizar as iniciativas anteriores, o importante é destacar que, nessa acepção sociológica e com acento mais institucional, o ano de 2018 marca quatro décadas de luta coletiva e organizada do movimento social LGBT brasileiro. (Green, et al, 2018, p. 11)

Dessa forma, reconhece-se a existência dessas outras iniciativas que precederam ao *Somos*, mantendo, no entanto, a demarcação do grupo como início do que é assim nomeado movimento social LGBT brasileiro.

MacRae (2018a) pesquisou o grupo *Somos* para sua tese em antropologia, publicada

---

[20] Jornal considerado o primeiro a pautar questões LGBT politicamente em âmbito nacional. Teve ampla distribuição e motivou a formação de diversos grupos em diversos estados. Parte de seu corpo editorial fez parte da fundação do grupo SOMOS.

posteriormente em livro sob o nome *A construção da Igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da 'abertura'*. Ele aponta que o grupo tinha como uma de suas características uma visão de denúncia a respeito de tudo que era identificado como relação de poder, fosse entre pais e filhos, dentro de relações amorosas, entre professores e estudantes, entre outros, com o prazer do indivíduo se opondo ao que era entendido como "autoritarismo". Era uma lógica que levava a um sentimento anti-hierárquico forte.

A organização do *Somos* e o entendimento entre seus integrantes de que o pessoal era político tinha inspiração no movimento feminista. O grupo se relacionava com o movimento feminista e com o movimento negro que ressurgiam nesse momento de abertura, chegando a participar de atos em conjunto com ativistas e grupos desses dois movimentos.

Havia muita desconfiança acerca da esquerda tradicional, vista como machista e avessa às demandas homossexuais. Era um sentimento que derivava tanto de um certo senso comum sobre a política tradicional, quanto de experiências de algumas de suas lideranças com grupos de militância da esquerda (MacRae, 2018a).

Segundo James Green (2018), fundador e participante do grupo, o Somos não possuía boas condições financeiras, algo decorrente de seus integrantes serem, em sua maioria, de classe média baixa. Dessa forma as reuniões ocorriam de forma rotativa até conseguirem uma sede, em 1980. Acerca de seu funcionamento, James Green escreve:

> Adotamos métodos que circulavam nos movimentos sociais internacionais que emergiram neste período, especialmente entre grupos feministas, de gays e lésbicas, havia pequenos grupos de conscientização que partiam da experiência individual para refletir sobre a dimensão socialmente compartilhada do preconceito. (Green, 2018, p.71).

O grupo acabou se desfazendo após uma série de conflitos e cisões ocasionadas, para o autor MacRae (2018a), pela ideia de uma identidade fixa homossexual que permitiria a todos no grupo estarem em um nível de igualdade. Essa ideia teria sido danosa, no entendimento do pesquisador, por não permitir espaço para negociações e convivência entre diferentes formas de ver e agir politicamente. Além disso, havia uma desconfiança entre alguns de seus ativistas em relação às organizações de esquerda, o que fez com que vários debates e disputas tivessem lugar entre os vários integrantes, como aqueles que tinham uma dupla militância, integrando grupos da esquerda e os demais, e entre as lésbicas e os gays, entre outras.

A partir desses diversos conflitos houve a formação de um grupo independente chamado Grupo de Ação Lésbico-feminista (GALF). Grande parte das lésbicas integrantes do grupo deixaram o *Somos* para participar do GALF, não sendo permitida a dupla militância

(MacRae, 2018a). Na mesma época, dentro do grupo *Somos,* aconteceu um "racha" vários de seus fundadores deixaram de fazer parte dele em protesto às decisões que estavam sendo tomadas (MacRae, 2018a).

A respeito do saldo do *Somos*, MacRae (2018b) afirma que "Apesar das dificuldades, o propósito de repensar a identidade homossexual e combater o preconceito em todos os seus aspectos, tornando a homossexualidade mais visível para a população em geral foi bem-sucedida." (MacRae, 2018b, p.51). Uma das conquistas que o autor atribui ao grupo é a campanha vitoriosa para que o Conselho Federal de Medicina tornasse sem efeito o código que classificava a homossexualidade como "Desvio e Transtorno Mental" na Classificação Internacional de Doenças, campanha lançada na época pelo Grupo Gay da Bahia (GGB). Além disso também lutou pela alteração no código de ética dos jornalistas de forma a proibir práticas de perseguição ou de discriminação (MacRae, 2018b). A articulação em torno do código de ética de jornalistas foi responsável pela criação de um novo grupo chamado Triângulo Rosa, em 1985 (Câmara, 2018).

Por fim, MacRae (2018b) ressalta que o *Somos* e outros grupos militantes daquela época foram eficazes em construir uma rede de amizades que, mesmo quando a militância arrefeceu, sobreviveu. Essas redes e a nova identidade homossexual livre de culpa se colocam para MacRae (2018b) como essenciais para a administração humanitária democrática da crise sanitária que foi a epidemia de HIV/Aids.

Marisa Fernandes (2018), que participou do *Somos* e foi uma das lésbicas a integrar a formação do Grupo de Ação Lésbico-Feminista, escreve que o GALF atuou por 10 anos de forma contínua após ter se separado do *Somos*, tendo encerrado suas operações em 1989. Durante sua existência publicaram um jornal chamado *Chanacomchana,* direcionado ao público lésbico, foram parte da coordenação do II e do III Congresso da Mulher Paulista em 1980 e 1981, entre outras participações em eventos e debates feministas. Segundo Fernandes (2018):

> O movimento de lésbicas feministas no Brasil já existia há 17 anos e suas pautas não encontravam apoio real junto aos movimentos feminista e homossexual. Para elas era urgente a criação de um espaço próprio, autônomo, de abrangência nacional, para repensar suas individualidades e aperfeiçoar os posicionamentos políticos e as estratégias de combate ao patriarcado, à heterossexualidade compulsória, ao racismo e à lesbofobia." (Fernandes, 2018, p. 105).

A autora ressalta que diversos dos problemas encontrados naquele momento pelas militantes lésbicas se manteve nas décadas seguintes de ativismo. Como resposta a essa questão

surge, em 1996, o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), no Rio de Janeiro. Em 2014, no VIII SENALE, seu nome foi alterado para SENALESBI, de forma a incluir mulheres bissexuais e foi deliberado na plenária final que mulheres trans e travestis poderiam participar do evento.

Nesse mesmo período em que o *Somos* e o GALF surgiram e jornais como *O Lampião da Esquina* e *Chanacomchana* passaram a circular, viu-se a criação de diversos outros grupos de ativismo homossexual. Seria, para a pesquisadora Regina Facchini (2009), o início do movimento homossexual brasileiro (MHB). Com fortes inclinações antiautoritárias, se concentrou mais no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, onde a maior parte dos grupos naquele momento surgiram (Facchini, 2009). Desde o Grupo de Atuação e Afirmação Gay (GAAG), fundado em 1979 em Duque de Caxias e mais voltado ao ativismo lésbico (Rodrigues, 2018) até o já citado Grupo Gay da Bahia (GGB), criado em 1980, considerado o mais antigo com funcionamento ininterrupto, estando atualmente ainda em atividade (Mott, 2018).

O final dos anos 70 e o decorrer da década de 80 foram marcados não apenas por esse princípio do MHB, com uma efervescência de grupos, mas também pela primeira fase do movimento LGBT. É um processo que Facchini (2018) chama de "centramento", onde ocorre a produção de um sujeito político estável para o movimento. A princípio uma das principais pautas foi a disputa entre o entendimento de que se "é" homossexual ou se "está" homossexual, que resultou na apropriação da categoria de "orientação sexual". A ferramenta do "se assumir" foi escolhida como instrumento de ação política.

No decorrer da década de 80, nessa primeira fase, a autora considera que houve uma redução na quantidade de grupos em razão da associação entre a HIV/Aids e os homossexuais. A atuação do movimento nesse momento se voltou mais aos direitos civis e ao combate à discriminação e violência. Também houve a diminuição da resistência à institucionalização presente na fase anterior (Facchini, 2009). O eixo se tornou Rio de Janeiro – Nordeste, com o crescimento de influência de ativistas sociais pragmáticos, focados não mais nas mudanças sociais amplas e sim em uma atuação dirigida para os direitos homossexuais, como pode ser observado na atuação do GGB e do Triângulo Rosa (Facchini, 2018). O autor Rodrigo Cruz (2018) tem um entendimento diferente desse momento:

> O argumento é de que o período que sucede o pico de mobilizações do movimento homossexual entre 1978 e 1980, não foi marcado por um declínio dos níveis de mobilização do movimento, mas por uma mudança de foco, em direção à política institucional. (Cruz, 2018, p. 257).

Nesse sentido, o autor aponta as candidaturas de homossexuais assumidos e outras

com agendas que traziam questões de direitos homossexuais que ocorreram nas eleições de 1982 como uma marca dessa mudança de direção. Quase todas as candidaturas vinham dos quadros do Partido dos Trabalhadores (PT), primeiro partido a incluir expressamente no seu programa eleitoral os direitos homossexuais (Cruz, 2018). O pesquisador afirma que

> Essa nova página do longo processo de transição foi fundamental para a consolidação de um novo perfil de ativismo homossexual no Brasil: interessado na conquista de direitos, mais pragmático e menos refratário às instituições políticos. (Cruz, 2018, p.257).

Sobre a inclusão da pauta homossexual nos partidos, a Convergência Socialista[21] foi a primeira a incluir comissões gays e lésbicas na sua estrutura. O Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) criaram setoriais voltadas aos homossexuais na década de 90 e a partir de 2006 outros partidos seguiram esse caminho (Câmara, 2018). A pesquisadora Cristina Câmara (2018) atribui esse movimento dos demais partidos de aderir às setoriais como consequência de uma maior institucionalização da causa LGBT que ocorreu na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A autora avalia que "A proximidade e a influência do MHB no âmbito de atuação dos partidos políticos contribuíram para levar sua causa adiante e para construir canais de acesso aos parlamentos." (Câmara, 2018, p. 198).

Foi a partir dessa atuação que o Triângulo Rosa, apoiado por outros grupos do MHB, pôde operar na Assembleia Nacional Constituinte (ANC) buscando a inclusão da defesa contra a discriminação por orientação sexual na Constituição Federal de 1888 (Câmara, 2018). Nesse processo de democratização do Estado brasileiro, vê-se um fortalecimento dos movimentos feministas, assim como de outros atores e sujeitos políticos, com um aprofundamento da participação do movimento social na formulação, implementação e controle de políticas públicas. É o início das "medidas afirmativas" para redução de desigualdades de gênero, combate ao racismo, entre outros. Dessa forma, o que se observa a partir de meados de 1990 são processos de multiplicação de sujeitos políticos nos movimentos e políticas públicas (Facchini, 2009). Essa é a segunda fase do movimento para Facchini, marcada pela emergência da sigla LGBT em substituição à MHB (Facchini, 2018).

A segunda fase se caracteriza por um grande crescimento de grupos e organizações decorrente, entre outros motivos, da resposta coletiva à epidemia de HIV/Aids. Ocorre uma

---

[21] Sobre o assunto ver: DE FARIA, Marcos Moutta. A experiência do movimento Convergência Socialista. *Cadernos AEL*, 2005.

diversificação dos formatos tomados pelas iniciativas ativistas, como grupos comunitários, associações e organizações formais (como as setoriais de partidos políticos já citadas), grupos religiosos e grupos de ativismo e pesquisa dentro de universidades. É um momento de crescimento e diversificação do movimento LGBT, com maior visibilidade através do debate público, das paradas de orgulho e da incorporação do tema pela mídia (Facchini, 2009).

O processo de institucionalização desses grupos se relaciona à expectativa de apoio financeiro e do Estado para suas atividades. Isso exige uma delimitação clara de sujeitos e demandas. Como resposta, identidades foram delimitadas, com o acirramento dos processos de disputa por visibilidade no interior de um movimento com sujeito político cada vez mais complexo (Facchini, 2018). A partir da redemocratização, os partidos políticos se transformaram em canais que possibilitavam tornar visíveis as demandas do movimento e articulá-las politicamente. As já citadas setoriais LGBT no PT e no PSTU demonstram uma construção da legitimidade das temáticas LGBT nos partidos de maneira mais intensificada, resultando no que seriam demonstrações expressivas de reconhecimento nos anos 2000 (Facchini, 2009).

Dessa forma, Facchini (2009) fala de uma segunda fase marcada pela atuação do movimento homossexual em torno de gerar visibilidade a uma identidade positiva. Escreve também de uma postura crescente entre o público consumidor de afirmar seus direitos de consumo como caminho à conquista da cidadania (Facchini, 2009), em meio à já citada resposta coletiva à epidemia de HIV/Aids.

É nesse momento que o Movimento Gay de Minas surge, refletindo diversas dessas preocupações principais do movimento nacional. Um grande foco na epidemia de HIV/Aids, que era uma grande preocupação no momento, a busca pela institucionalização de forma a ser capaz de captar recursos, a procura por visibilidade e por formar uma identidade positiva. Ele surge se aliando a outros grupos que fornecem informações sobre os meios e caminhos que ajudariam o MGM a se organizar melhor. Segundo Ferrari (2024):

> [...] e o GGB se sentia um pouco a madrinha de todos os grupos. E o GGB tinha isso, uma das formas de ação do GGB era ensinar aos outros grupos surgindo como é que se constituiu um grupo. Então o Mott veio aqui dar assistência ao Oswaldo e ao Marquinhos, então assistência do GGB eu sei que teve. Não sei se teve de outros grupos... acho que o Arco Iris também... do Claudio Nascimento do Rio organizava, acho que o arco íris fez muito... ajudou muito. O Diversidade do Tony Reis também se não me engano também contribuiu bastante. O arco íris e o GGB eu sei que teve uma influência grande na constituição do MGM. (Ferrari, 2024)

É algo que se percebe desde o início do movimento LGBT: os diversos grupos se

comunicam, ora em disputa ora em auxílio, formando uma malha diversificada onde um influencia o outro. O MGM não escapa dessa movimentação mesmo estando no interior de Minas Gerais.

Com a institucionalização das entidades, estas se viram em uma posição de maior proximidade em relação à gestores e técnicas governamentais (Facchini, 2009). Como consequência, há uma aproximação da linguagem ativista e a linguagem política do Estado. Os ativistas se tornam aptos ao diálogo com o Estado, mas se afastam da "base". Facchini (2009) cita como exemplo disso que entre participantes das paradas LGBT o vocabulário é muito diferente daquele usado por ativistas, existindo também pouco conhecimento de tentativas e operações em âmbito governamental (Facchini, 2009). Segundo a autora:

> A emergência da bissexualidade como uma identidade política [...] indica de modo evidente a inviabilidade de reivindicar atenção, nesse contexto, para a fluidez do desejo por meio da ideia de estar por oposição ao ser. A pergunta 'quem são vocês?' produzida no contexto da participação sócio estatal, só permite o 'sou' como possibilidade de resposta. (Facchini, 2018, p. 320).

A autora Fernandes (2018) também identifica essa alteração nas pautas do movimento, motivadas pela institucionalização. Sobre isso ela escreve, focando o movimento lésbico em especial:

> [...] o tempo transformou a linguagem, as 'bandeiras' e as práticas do movimento de lésbicas no Brasil, que passou a focar prioritariamente na luta por conquista de direitos, que são necessários para a proteção da cidadania, mas que isoladamente não serão capazes de transformar a homolesbotransfobia da sociedade (Fernandes, 2018, p.119).

Ainda segundo Facchini a terceira fase se iniciou nos anos 2000, sendo mais visível de 2010 em diante, com a ofensiva conservadora pressionando o poder Executivo. Em artigo de 2009, Facchini (2009) diz de um crescimento percebido por ela no movimento LGBT envolvendo avanços na forma de programas governamentais e debates públicos, mas também desafios. Esse crescimento e esses desafios dizem justamente do que ela veio a denominar a terceira fase, marcada pela intensificação da aliança entre setores conservadores legislativos. No período pós-impeachment vê-se a destruição de estruturas governamentais de combate à homofobia, ao mesmo tempo que se massificam as críticas às institucionalizações dos movimentos sociais, associada à desvalorização de formas institucionais de organização e atuação e valorização da horizontalidade (Facchini, 2018).

O MGM sofre o impacto dessas políticas com suas ações e projetos diminuindo

drasticamente. Em anos recentes, o grupo que já possuiu atendimento psicológico, jurídico, distribuição de materiais educativos, estagiários em imprensa, ponto de cultura com oficinas de drag e dança, retornou a uma ação mais pontual de organização do *Rainbow Fest* uma vez ao ano. A extensão do evento diminuiu, indo de uma semana de programações para apenas 3 ou 4 dias. A pandemia de Covid-19 teve efeito importante nisso, em especial com o falecimento de Marco Trajano, cofundador e organizador do grupo, mas esse declínio das atividades pode ser observado desde antes, tanto através do rastreamento de suas atividades quanto na fala de Oswaldo (2024):

> [...] começamos a ter problema no segundo governo da Dilma. No primeiro a gente já sentiu uma redução. No segundo foi total e depois de lá para cá, o Temer nem mexeu, Bolsonaro... zero né. Então, por quê? Porque a Dilma precisou fazer acordo com os evangélicos para se reeleger e teve que abrir as penas de uma série de coisas, principalmente na questão do Movimento LGBT. O Kit gay, na época, a proibição de circulação do material que tinha sido preparado. A Dilma deu umas declarações muito desagradáveis, lembra? E aí... quando chegou a época do Bolsonaro, aí não foi zerado não. Aí foi regredido. Aí o programa de Aids foi esfacelado, os direitos humanos não podiam nem tocar no assunto de LGBT, os documentos nos tiravam das listas das minorias na cara dura. Foi um fracasso. E nós ficamos quietinhos, porque nós também não tínhamos nada para fazer. Não tínhamos nada para fazer. Ai quando volta o Lula, agora, aí a gente começa a perceber a retomada com força, sabe? Mas aí também nós já temos a Érica Hilton, [...] nós já temos uma galera inteligente posicionada. Durante muito tempo os representantes que nós tínhamos na política eram meio caricatos. Quando a gente conseguia eleger alguém era uma coisa meio caricata. Ou porque ele era engraçado, ou porque ele era burro demais, ou porque tinha um apelido engraçado. As vezes até conseguia eleger essas pessoas, quando elegia... era um problema porque a pessoa não tinha base, não tinha preparação, sabe? Nos últimos tempos não. Nós tamo tendo representantes de peso que falam, que pensam, e acabou essa história da caricatura. (Braga, 2024)

Na fala do ativista é possível perceber sua frustração com a forma como políticos conservadores, especialmente integrantes da bancada evangélica, passaram a ter cada vez mais controle das políticas que eram aprovadas e regulamentadas. Demonstra também frustração com a representação política do movimento LGBT prévia a esse momento. A questão nacional é ressaltada por Oswaldo, na medida em que o MGM e suas ações em muito dependiam do financiamento federal. Isso se deve a dificuldade de conseguir todo o financiamento necessário às suas ações apenas na cidade. São as consequências da segunda fase, em que a institucionalização do movimento é aliada à essa busca pelo financiamento público federal: é dele que acaba dependendo diversas ações exercidas pelos grupos.

Em relação à diminuição do MGM, não se pode, no entanto, trazer apenas esse contexto nacional. Anderson Ferrari (2024) traz algumas outras questões que acabam por interferir nas possibilidades de ação:

> [...] toda ação do MGM, quando o MGM teve um boom, quando o MGM tinha muitas ações, todas elas eram resultado de edital. Dinheiro público. E dinheiro público você tem que prestar conta. E o MGM tinha um problema de desorganização da documentação. Muita desorganização. E aí muitas vezes não conseguia prestar contas daquilo que foi feito. E aí como não conseguia prestar conta daquilo que foi feito deixou de captar recurso. Porque nos próximos editais não podiam captar recurso porque estavam em vermelho, estavam em débito das contas anteriores. Então isso foi diminuindo a ação do MGM, isso foi diminuindo drasticamente. Também foi diminuindo em função dos governos. Os governos pararam de lançar editais. Na medida em que o HIV se estabilizou, embora hoje tenha aumentado né, na medida em que o governo também começou a investir na PREP em outro tipo de ação o Governo foi se desinteressando dessa associação com os grupos e os editais foram minguando, foram minguando, minguando, minguando... até que no governo Dilma eles praticamente acabaram, no governo Temer eles acabaram e no governo Bolsonaro eles não só acabaram como eles foram atacados, né. Então isso tudo fez com que o MGM... morresse, assim. Aí teve a pandemia que dificultou, teve a morte do Marquinho, que dificultou ainda mais... então isso tudo foi um cenário que ajudou a fazer o MGM perder força e deixar de ser o que ele já foi. (Ferrari, 2024)

A prestação de contas ter sido uma dificuldade do MGM nos traz a reflexão sobre como esses grupos em geral eram fundados a partir de ideais de objetivos políticos. Oswaldo Braga narra como, para conseguir ser atendido pelos editais para que pudesse fazer a ação na cidade, ele pede ajuda a conhecidos para fundar a ONG. Segundo ele, muitas das pessoas integrantes da diretoria eram na verdade nomes “emprestados”: a ação mesmo ficava a cargo de Trajano e ele. A ONG era organizada e guiada pela ação de duas pessoas, ajudadas por outros voluntários e, aquilo que eram capazes ou não de fazer ficava a cargo de suas competências individuais. Erros como este revelam essa estrutura até certo ponto precária e que em muito dependia de poucas pessoas que estavam dispostas a se doarem por uma causa.

Outro aspecto importante dessa questão que se apresenta na fala de Anderson é a morte de Marco Trajano, já citada previamente, ocorrida durante a pandemia de Covid-19 em 2021. Cofundador do grupo, ele e seu marido, Oswaldo Braga, eram juntos aqueles que coordenavam e mantinham em funcionamento o MGM. Com o falecimento de parte do casal, o funcionamento se torna mais complicado, pesando sob uma pessoa que está ainda em fase de luto após a perda de seu companheiro de décadas.

Desde os grupos informais que marcaram o início do movimento homossexual brasileiro, até as institucionalizações de associações e ONGs que ocorreram nas décadas seguintes, o movimento LGBT brasileiro se apresenta como um importante ator na luta por um país mais democrático. Sua configuração foi desde o início de um emaranhado de teias, com conjuntos heterogêneos de atores (Facchini, 2018), cada um com seus objetivos e crenças. No entanto, após mais de 40 anos de seu surgimento no espaço público e político brasileiro, pode-

se dizer que:

> [...] o movimento LGBTI, tem sido, mais do que meramente representante das múltiplas vozes e demandas que se incluem direta ou indiretamente no acrônimo pelo que se faz social e politicamente conhecido, tem sido também aquele que conta as mortes e agressões, que reconhece os corpos e zela pelo enterro digno daqueles (as) que não contavam com famílias de origem ou de aliança que pudessem fazê-lo, que alerta sobre os riscos e que faz com que seus mortos tenham voz e conjuguem verbos. Mais ainda é o lugar de acolhida das inquietações, dos receios e das dores e de construção da esperança e de projetos de vida possível de um conjunto muito diverso de sujeitos. (Facchini, 2018, p. 313).

Apresentação dos capítulos

O primeiro capítulo tem como objetivo abordar a formação e estruturação do Movimento Gay de Minas. Nesse sentido, aborda-se as inspirações e ideais que ajudaram a moldar a ONG da forma que foi criada, suas formas principais de funcionamento, a centralização de sua administração e a divisão entre como ele funcionava na primeira e na segunda sede. Fala-se também do *Rainbow Fest*, entendido como algo que é parte do mesmo movimento.

O capítulo 2 tem como temática as ações do Movimento Gay de Minas. Trabalharemos aquilo que era oferecido na sede, as formas como as ações foram de adequando à necessidade do público que frequentava o grupo. A Lei Rosa será discutida em seção específica, pensando sua idealização, articulação e aprovação, passando pelo acompanhamento midiático que foi feito com ela localmente.

Por fim, o capítulo 3 tem como foco a cidade de Juiz de Fora em relação com o grupo. Pretende-se expandir a análise sobre como é que o MGM abre espaço para si dentro da cidade e quais as reações que obteve. Os tópicos abordados incluem a representação do Movimento Gay Minas no imaginário da cidade, a relação do grupo com pessoas LGBT que não participavam dele, as relações do grupo com outras entidades como a mídia, o poder executivo e legislativo.

1. O Movimento Gay de Minas

Este capítulo visa tratar da inspiração, fundação e início de atuação do Movimento Gay de Minas. Nesse sentido, ele se dividirá em duas seções. Na primeira, intitulada "*Rainbow Fest*", aborda-se o que motivou Oswaldo Braga e Marco Trajano a aturem como ativistas LGBT e a forma como isto resultou no *Rainbow Fest* e, a seguir, no Movimento Gay de Minas. Objetiva-se trazer à tona as questões transversais que informaram as diversas decisões de formato, ação e política que tanto o evento quanto o grupo possuíram ao longo dos anos. Na segunda sessão, intitulada "A ONG Movimento Gay de Minas", o objetivo é discutir a fundação da ONG em si, seus princípios e a centralização de sua administração em torno do casal. Nesse sentido, escreve-se amplamente sobre suas reuniões e, em especial, sobre as duas sedes que o MGM teve, que marcam dois momentos diferentes do início de sua atuação.

É importante retomar a introdução ressaltando que parte do período contemplado nessa investigação compreende o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso na presidência do Brasil. No seu governo, marcado por uma reforma do Estado, com um pacote austero de privatizações de órgãos estatais e redução de investimentos públicos, ocorre a diminuição do tamanho do Estado e delegação das responsabilidades sociais ao mercado e à sociedade civil (Feitosa, 2018).

Assim, os movimentos sociais começam a se transformar em Organizações Não-Governamentais (ONG) que "metamorfosearíam seu caráter crítico e reivindicatório em instituições parceiras, técnicas e complementares ao Estado" (Feitosa, 2018, p. 440). É um "reflorescimento" do movimento LGBT, na medida em que, apesar de construído por meio de ONGs, trouxe novos atores e atrizes sociais e desempenhavam posturas características dos movimentos sociais de pressionar o Estado e lutar por direitos (FEITOSA, 2018).

A redemocratização e a década de 1990 são indicadas como o momento de emergência do movimento LGBT, não mais apenas homossexual, justamente por essa necessidade de sujeitos políticos específicos no diálogo com o Estado. A institucionalização começa nesse momento em razão do interesse na prevenção ao HIV/Aids (Facchini, 2018). Segundo o pesquisador Cleyton Feitosa (2018), que faz uma divisão diferente da de Facchini, esse cenário imediatamente anterior ao recorte temporal dessa pesquisa refere-se à "segunda onda" do movimento LGBT no Brasil, indo de 1984 a 1992. Para ele:

> [...] nesse paradoxo, caracterizado pelo esfriamento de um ativismo pautado pela temática homossexual e pela redemocratização brasileira, é que se gestam as primeiras experiencias de participação social LGBT que culminarão nas primeiras políticas

governamentais voltadas para o combate à epidemia de Aids (Feitosa, 2018, p. 439).

Dessa forma, a busca por dar respostas à epidemia de HIV/Aids levou a uma maior interação com o Estado, algo que culminou em sua maior institucionalização durante a "terceira onda", entre 1992 e 2005 (Feitosa, 2018). Mas não apenas a HIV/Aids é apontada pela literatura como fator de importância nessa relação com o Estado. Desde a reabertura política, ao longo da década de 1980, Rodrigo Cruz (2018) percebe um desafio para os movimentos sociais organizados em canalizar suas demandas em direção à arena eleitoral, numa passagem das ruas às instituições. Ele concorda com Facchini (2018) que o perfil que se estabelece nessa redemocratização é o de um movimento "interessado na conquista de direitos, mais pragmático e menos refratário às instituições políticas" (Cruz, 2018, p. 257). Para o autor, essa virada para uma política mais institucional se daria a partir já de 1980.

Entre as ações do movimento naquele momento há a luta pela proibição expressa da discriminação por orientação sexual na Constituição Brasileira, encabeçada em especial pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) e pelo Triângulo Rosa, que colocou a categoria de "homofobia" como central em todos os debates de discriminação às pessoas LGBT daquele momento (Câmara, 2018). Outra ação foi a luta vitoriosa pela despatologização, feita em 1981 pelo GGB. Uma última atividade importante para o contexto foi realizada em 1984, quando ocorreu uma mobilização para que, em 1986, no XXI Congresso Nacional de Jornalistas, fosse incluído no Código de Ética do Jornalista a proibição de discriminação por orientação sexual. A partir dessa articulação foi criado o Triângulo Rosa em 1985.

Por mais que haja certa divergência acerca do momento em que o Movimento LGBT começa a interagir de forma mais frequente e consistente com o Estado, pode-se perceber um consenso de todos os autores (Facchini, 2018; Cruz, 2018; Feitosa, 2018) a respeito de como, em 1998, quando temos o primeiro *Rainbow Fest* em Juiz de Fora, o cenário que se tem é de uma grande institucionalização.

Com a maior proximidade do Estado e o foco no combate à HIV/Aids, as linguagens que possibilitassem o diálogo com instâncias estatais são adensadas, tornando certas identidades como a bissexualidade mais estabelecidas pois "a pergunta 'quem são vocês?' produzida no contexto da participação sócio estatal, só permite o 'sou' como possibilidade de resposta" (Facchini, 2018, p. 320). No entanto, as ações de combate à violência contra pessoas LGBT ainda são operacionalizadas a partir da categoria homofobia, como afirmado anteriormente, não havendo naquele momento uma categoria que nominalmente abarcasse todas as letras da sigla em ascensão.

1.1 *Rainbow Fest*

Não é possível falar sobre o começo do Movimento Gay de Minas e sua fundação sem antes abordar o início do *Rainbow Fest*. Isso se deve ao fato de que a organização do grupo ocorre a partir do evento. É uma característica da história do MGM que chama atenção, sendo para Ferrari (2024), por exemplo, algo diferenciador do grupo:

> [quando Anderson conheceu os ativistas] o MGM não existia ainda, o MGM foi posterior ao *Rainbow Fest*, essa é uma questão muito interessante, porque normalmente os grupos surgem e depois eles organizam evento. O MGM foi o inverso. O Marquinho e o Oswaldo começaram a organizar o *Rainbow Fest* sempre na semana do Miss Brasil Gay, interessados nessa discussão política da homossexualidade, né, nos vários campos. E depois com o incentivo das pessoas que vinham aqui, as pessoas eram convidadas, vinham e falavam vocês tem que criar um grupo, vocês tem que criar um grupo, eles criaram um grupo... o MGM em 2000.

Não é necessariamente algo único ao grupo, uma vez que existem diversas organizações LGBT de ativismo que foram criadas e continuam a existir em torno da organização de um evento, como é o caso da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT-SP). No entanto, existe sim uma diferença entre o APOLGBT – SP e o MGM, como destacado por Anderson. Para entrever melhor essa questão, iremos ao longo da sessão analisar as motivações e objetivos que levaram Oswaldo Braga e Marco Trajano a realizar o *Rainbow Fest*:

> [...] tinha esse nosso sonho, também, de fazer alguma coisa. Se você pensar ele é até um pouco egoísta, porque nós achávamos que o nosso amor merecia ser tratado com o respeito, com dignidade, por que não? O Marquinho, um cara inteligente, bonito, legal, trabalhador... tudo que... os conceitos que pode ter num homem. Eu também. Mas eu tinha que estar apresentando o Marquinho como meu amigo, meu melhor amigo... ah não. Não fazia sentido. Isso na cabeça da gente não fazia. E aí falamos nós temos que mudar. E eu como profissional de relação públicas eu falava com o Marquinho "olha o movimento gay... nós construímos muito mal a nossa imagem. O conceito que a população em geral tem da gente é muito mal trabalhado. As pessoas têm um conceito ruim da gente. Nós temos que destruir esse conceito ruim e botar no lugar um conceito positivo. Como nós podemos fazer isso? Ué de repente levando a coisa a sério. Fazendo debates, mostrando os valores que nós temos, as coisas que nós produzimos, os artistas que nós temos, sabe? Revertendo essa visão de que nós somos ruins." E aí isso era uma coisa que a gente conversava, toda vez que viajava no carro, era o assunto, que que nós podemos fazer e tal. Até que veio a ideia do *Rainbow Fest*. Vamos fazer um festival, vamos mostrar a cultura nossa e vamos trazer gente pro debate. Vamos botar na mídia, vamos fazer um... Aí começamos. Foi assim. (Braga, 2024)

No trecho destacado, percebe-se que é um incômodo pessoal que surge da vida a dois entre Marco Trajano e Oswaldo Braga que os leva ao *Rainbow Fest*. É uma questão que lhes

afeta diretamente na medida em que ambos não se sentiam confortáveis para publicizar a relação. Além disso, a forma como as pessoas em geral vêem o movimento gay é também parte dessa questão. Nas palavras dele: “as pessoas têm um conceito ruim da gente” (Braga, 2024). Assim, para o ativista, o *Rainbow Fest* é algo que surge a partir de diversas deliberações, algo que eles conversavam “toda vez que viajava no carro” (Braga, 2024), um incômodo ao mesmo tempo relacionado a uma situação particular aos dois – que ele classifica como “até um pouco egoísta” e a uma questão maior, mais ampla sobre a forma como a sociedade interage com o movimento gay.

Perguntado sobre o porquê do formato do *Rainbow Fest*, Oswaldo complementa:

> Foi inspirada no que eles faziam lá na Inglaterra. Eu voltei de Londres em 98. Voltei em janeiro, nós fizemos o *Rainbow Fest*, o primeiro, em agosto. Muito do que eu vi lá em Londres... eu fiquei dois anos em Londres - a primeira parada gay que eu fui na minha vida foi la em Londres, muito emocionante você ver aquele monte de gente igual a você, feliz de estar ali, sem medo, sabe? Eu quando fui para Londres levei o meu armário, então la que eu fiquei livre dele e quando cheguei aqui ainda tinha muito vestígio de armário ainda, né? Eu participei da organização da Parada Gay de Londres, eu vi como que as ONGs de lá trabalhavam, sabe? Como que eles se harmonizam, como que eles se organizavam. E a quantidade de eventos que tinha paralelo à parada deles. Dentre os quais muitos festivais, né? Todo mundo se mobilizava, você entrava em um bar na época da Parada Gay tinha lá uma exposição de quadros de um artista gay. Você ia numa festa, era o balé gay de não sei o que... Então a cultura era muito porta de visibilidade para eles. Aí eu falei nós temos que adotar isso, nós temos que fazer isso. Nós já tínhamos uma ideia do que fazer, aí eu tive essa experiência lá em Londres. (Braga, 2024)

Quando Oswaldo vai para Londres, onde fica por dois anos para estudar inglês (Braga, 2024), ele já estava se relacionando romanticamente com Marco Trajano e, segundo ele, ambos já estavam procurando uma forma de dar vazão àqueles desejos de mobilização e de atuação sobre os quais sempre conversavam. No mesmo ano em que retorna, como pode ser percebido no trecho acima, eles decidem colocar o plano em prática e realizam o primeiro *Rainbow Fest* em 1998.

É importante observar no trecho o quanto o ativista ressalta a multiplicidade de eventos que cercavam a parada gay na cidade, assim como a atuação conjunta das diversas organizações em prol dessa movimentação.

Em Juiz de Fora não ocorria a celebração da parada gay ou LGBT. No entanto, havia um evento que, similarmente, possibilitava que pessoas LGBT, em especial homossexuais

masculinos tivessem a experiência de "ver aquele monte de gente igual a você, feliz de estar ali, sem medo" (Braga, 2024): o Miss Brasil Gay. Como já foi observado anteriormente nesse trabalho, o concurso de transformistas era um momento em que drag queens desfilavam pela cidade montadas, diversos homossexuais de diversos locais do Brasil vinham a Juiz de Fora, os jornais eram tomados por manchetes relacionadas à cultura drag, que é uma subcultura gay. Era um momento em que era possível ser abertamente uma pessoa LGBT sem tanto medo ou reticências (Kelmer, 2016), como ressalta Ferrari (2024):

> [...] o Miss Brasil Gay era um período festivo, é um período festivo as pessoas tão querendo festa, close, montação, né? A eleição da Miss brasil Gay né. E a cidade lotava. [...] A gente tá aqui no calçadão, mas amanhã se a gente descer o calçadão de mão dada a gente apanha! (Ferrari, 2024)

É coerente então, partindo de um princípio similar ao da parada londrina, que o evento que fosse ser organizado pelo casal ocorresse junto ao Miss Brasil Gay, como oportunidade de acrescentar outros significados e ganhos à essa festividade. O Miss Brasil Gay, mais do que uma parada LGBT, é algo que se encaixa com a forma de pensar de Oswaldo, na medida em que a cultura produzida e consumida por pessoas LGBT se coloca como um dos pontos que ele busca salientar:

> Eu acho que nós temos que ter garantidos nossos direitos culturais. Eu tenho lutado muito por isso. Porque você vira e fala assim "A arte que vocês fazem" – eu já escutei isso – "é uma arte importada. Ela chama Drag Queen" ou seja um nome em inglês, né? E eu defendo que a arte que nós fazemos é uma arte brasileira. É cultura brasileira. Nós demos uma outra interpretação para esse Drag Queen, entendeu? Hoje em dia o que se faz é... você vê o seguinte: não existe outro grupo no mundo que use o travestismo ou transformismo como manifestação cultural. Só o movimento LGBT. Quase só os gays. Que tem nisso uma manifestação cultural. A dublagem foi abandonada. Quando eu era menino tinha uns caras que faziam dublagem na televisão, era impressionante como que eles articulavam juntinho, sincronia e tal. Depois ninguém mais faz isso. Nós continuamos com a dublagem como uma forma de nos manifestar. Então isso: a Drag caricata, aquela que se transforma e fica igualzinho uma mulher igual nós temos no Miss Brasil, isso é nosso. Isso é parte da nossa cultura. E tem que ser entendido como parte da cultura brasileira. Então nossos direitos culturais, tanto de consumidor de cultura quanto de produtor de cultura teriam que ser garantidos. Tem que ser garantidos. (Braga, 2024)

Realizar um evento que multiplicasse as possibilidades e acontecimentos que cercavam o Miss Brasil era também uma forma de adicionar a ele importância, de reconhecer seu papel na cidade e no país. Embora não seja apenas o concurso que inspire o *Rainbow Fest*, segundo a fala de Oswaldo, ele é algo que se enquadra dentro das motivações em torno de produzir o *Rainbow Fest*: o desejo por mostrar aquilo que é produzido por pessoas LGBT, a

cultura que se faz a partir dessa comunidade e pautar as vulnerabilidades que afligem seus integrantes. Dessa forma, o Miss Brasil Gay é escolhido também como essa demonstração de respeito àquilo que representa frente aos ideais de Trajano e Braga.

O turismo que vinha à cidade naquele momento garantia um certo nível de público para as ações. Portanto, ao considerarmos esse público adicional e o clima já mais convidativo às questões relacionadas ao universo homossexual, é possível pensar na escolha pelo momento anterior ao Miss Brasil Gay como estratégica, especialmente para um evento novo que e com pouco financiamento. Em notícia intitulada "Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes"[22] publicada no dia 12 de agosto de 1998, no Caderno 2, a Tribuna de Minas conta sobre o evento:

> Ele [Marco Trajano] reconhece que o Miss Gay contribuiu muito para a boa aceitação do homossexual na cidade. "O Rainbow só existe por causa do concurso, mas o que queremos é discutir também nossos problemas." Para Marco Trajano, a participação dos artistas gays, que vêm assistir ao concurso, deve ser pequena nos debates, á que esse é o primeiro Rainbow Fest, mas a esperança é que a integração seja maior a partir da próxima edição do evento, em 99. (Tribuna de Minas, 1998, p.1)

Neste trecho é possível perceber essa relação com o concurso sendo estabelecida desde a primeira entrevista com a Tribuna de Minas, sem deixar, no entanto, de ressaltar o que há de diferente no *Rainbow Fest*, o que ele agrega ao Miss Brasil Gay: a discussão dos "nossos problemas". Embora a perspectiva de participação não seja alta para o primeiro evento, já é afirmado que existe a esperança de uma maior integração entre o público dos dois no ano seguinte, indicando essa estratégia de aproveitamento.

É importante apontar que esta notícia, a primeira a falar do *Rainbow Fest* naquele ano, saí dia em uma quarta feira, informando nela mesma que os debates já vinham ocorrendo desde segunda-feira. Junto a ela vêm a programação prevista para os próximos dias, informações de horário e local. Não ter ocorrido nem sequer uma nota antes do evento começar, em um jornal como o Tribuna de Minas que, entre outras coisas, faz justamente este trabalho de copilar eventos da cidade para divulgá-los, denota um começo mais a margem do evento.

Além de estratégica, esta escolha pela semana anterior ao Miss Brasil Gay é algo que condiz com as motivações de Oswaldo e Marco, segundo o ativista. Retomando os trechos anteriores, é importante frisar que Oswaldo menciona que o que eles pensavam como possibilidade de combate à visão negativa de pessoas gays na sociedade seria mostrar "os

---

[22] Rainbow Fest: Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 ago. 1998. Caderno 2, p. 1.

valores que nós temos, as coisas que nós produzimos, os artistas que nós temos" (Braga, 2024). Ele ressaltar os eventos múltiplos organizados por diferentes ONGs, bares e associações que cercam a parada de Londres não é coincidência: é um exemplo prático de como, em outro lugar no mundo, pessoas LGBT estavam levando para um público diverso sua arte – "[...] você entrava em um bar na época da Parada Gay tinha lá uma exposição de quadros de um artista gay. Você ia numa festa, era o balé gay de não sei o que..." (Braga, 2024) – sua cultura, sua forma de viver, criando visibilidade positiva para si mesmos.

Similarmente, pelo que podemos ver na notícia previamente citada, o *Rainbow Fest* de 1998 contou com debates todos os dias da semana na Câmara Municipal sobre temas como União Civil entre pessoas do mesmo sexo, integração de pessoas gays no mercado de trabalho, violência contra homossexuais, entre outros. Todos os eventos contando com pessoas de profissões variadas, como policiais, advogados entre outros para discutir os temas. Além disso, ocorreu também uma "exposição de artistas consagrados como Dnar Rocha, Janice Lopes e Petrilho" (Tribuna de Minas, 1998, p.1) em um shopping do Centro, assim como uma mostra de filmes. Trazem na notícia a seguinte fala de Trajano acerca dessa exposição de artistas: "A ideia foi promover um congraçamento entre artistas gays e não-gays, mostrando que o homossexual está aí, produzindo, consumindo e trabalhando normalmente" (Tribuna de Minas, 1998, p.1).

Existe, portanto, um foco cultural nesse primeiro evento que se assemelha ao observado pelo ativista em Londres. Podemos considerar que a parada de Londres é tomada como um exemplo para como eles poderiam atuar em cima de seus incômodos já citados e seus desejos, mas ela não é a única à qual podemos atribuir o formato do *Rainbow Fest* daquele ano. Outras três questões são essenciais no formato do primeiro Rainbow Fest e dos eventos subsequentes. Essas três questões, que serão melhor abordadas a seguir são: o foco no HIV/Aids como uma das grandes pautas do evento; a escolha por atuar em Juiz de Fora (e não em uma capital como Belo Horizonte) e a preocupação com elaboração de dados científicos e pesquisas científicas.

Primeiro, o esforço de acrescentar outra dimensão ao Miss Brasil Gay trazendo aquilo que afligia a comunidade nacionalmente: o HIV/Aids. Nas palavras de Oswaldo

> A nossa turma tava morrendo. E onde que nós podíamos atuar? No preservativo, na prevenção, que nós não éramos médicos, nem enfermeiros, nem nada. O que a gente podia fazer era na prevenção. (Braga, 2024).

A pauta do HIV/Aids, embora não tenha sido mencionada nos trechos anteriores, é

uma constante no que se refere ao MGM. Nas reportagens, entrevistas para meios de comunicação e entrevistas desse trabalho, a preocupação com essa questão é um cerne fundamental. Na própria programação deste primeiro *Rainbow Fest* é uma preocupação que se anuncia, com o debate de sexta feira sendo um seminário onde participariam médicos e infectologistas para abordar a "[...] prevenção da Aids e as relações dos HIV positivos dentro da sociedade." (Tribuna de Minas, 1998, p.1).

É uma preocupação de cunho nacional daquele momento, mas que também se relaciona com a experiência profissional de Trajano, que trabalhava naquele momento no como coordenador administrativo do Centro de Orientação e Apoio Sorológico (Coas) da prefeitura de Juiz de Fora, órgão que lidava com a epidemia na cidade. Nesse sentido eles conseguem apoio desse departamento para este primeiro evento e, em eventos posteriores, conseguem apoios de diversos editais locais, regionais e nacionais que focalizavam o HIV/Aids:

> Era daquelas barraquinhas da Funalfa de ferro, instalada ali... não era nem lá no Central, era aqui em cima quase na Rio Branco. Tinham umas lojas que estavam para alugar, elas estavam fechadas. Então nós colocamos a barraca na frente dessas lojas. E a Funalfa emprestou para gente duas caixinhas de som para gente colocar ali, num palanquezinho dessa altura. A gente fez o palanquezinho, botamos a barraquinha do lado, preparamos uma pesquisa. O pessoal do departamento de Aids nos ajudou aplicando a pesquisa. Qual pesquisa? "De onde você vem? Quantos dias pretende ficar na cidade? Que que você usa para prevenção?" Umas perguntas. Então desde o primeiro *Rainbow Fest* nós geramos dados, de pesquisa que a gente fazia, do nosso jeito. Chegava no ano seguinte e falava "50% da população não usa preservativo" enfim. A gente tinha dados. Ai isso facilitou. (Braga, 2024)

Quando Oswaldo fala do tripé de atuação do grupo, a epidemia de HIV/Aids é parte essencial da saúde, junto com o atendimento psicológico, mas muitas vezes tomando procedência. É relevante pensar que o ativista foi, por meio do MGM, representar Minas Gerais na Comissão Nacional de Aids, ali atuando por 5 anos: a epidemia que ocorria no Brasil naquele momento era, portanto, algo que também moldava o formato do evento, sempre tendo seu próprio espaço e múltiplas ações durante o *Rainbow Fest* focando nela.

Já existiam na cidade outras iniciativas diversas que focavam o HIV/Aids, mas nenhuma que pensasse especificamente pessoas LGBT. Isto é importante por algo que o próprio Oswaldo aponta na fala a seguir:

> [...] a camisinha tinha que chegar em lugares que eram moralmente incomodo para os governos. Ir pro cinema de pegação para distribuir camisinhas enfermeira do SUS não deve fazer isso. Quem é que vai fazer isso? Quem? A Sociedade Civil organizada. O Movimento Gay. Então distribuir camisinha no parque de pegação, onde a gente sabe que os gays vão para lá e ficam fazendo sexo atrás da moita... o Ministério não... Primeiro que ele teria que admitir que aquela contravenção acontecia. E segundo que

> ele não ia fazer isso e não ia lá. Então abastecia a gente de preservativo, dava pra gente uma grana pra gente produzir material, a gente produzia material com a linguagem que a gente achava que devia. Se tinha que falar peru a gente falava peru. Se tinha que falar buceta a gente falava buceta. Não ficava fazendo hora, sabe? Desvirtuando. Era a linguagem que a nossa turma sabia, entender. Fizemos muito material com... você diria que era pornográfico, mas era o que a gente queria fazer chegar, entendeu? Nas ilustrações, nas orientações. Fizemos muito isso e o Ministério não criava caso. (Braga, 2024)

Atingir certos públicos vulneráveis exige um conhecimento sobre suas formas de ação, aquilo que os atinge e como dialogar com eles. O foco em uma fala/escrita mais científica, certas burocracias envolvidas na distribuição de camisinhas e uma relutância em ir até as pessoas que precisavam dos trabalhos e campanhas de prevenção diminuíam a eficácia de ações governamentais. Quando Oswaldo e Marco se propõem a realizar ações junto ao público que eles conhecem eles são capazes e atingir um número maior de pessoas. O vocabulário utilizado, a disposição para ir até onde eles sabiam que a prevenção seria necessária, entre outros, faziam de suas ações mais eficazes. Dessa forma, desde o primeiro *Rainbow Fest*, um momento de festividades, empolgação e alegria, eles aproveitavam para realizar pesquisas acerca do tema, como Oswaldo ressalta na fala anterior, assim como debates com profissionais informados, como é possível ver na programação do evento e distribuição de métodos de prevenção como a camisinha.

Quando fala sobre o financiamento do "departamento de Aids", referindo-se ao Coas de Juiz de Fora, Oswaldo ressalta a segunda questão que queremos analisar: a valorização da produção de dados científicos, da colaboração com questões acadêmicas que estejam investigando temáticas da população LGBT. A própria entrada de Anderson no MGM é uma demonstração disso na medida em que, ao se colocar como alguém que estudava na educação a homossexualidade, ele passa a ser convidado para falar e participar das atividades, primeiro do *Rainbow Fest*, depois do próprio grupo:

> Eu conheci o MGM em 99, na segunda *Rainbow Fest*, eu vi o cartaz do *Rainbow Fest* e fui. Aconteceu na câmara dos vereadores e eu fui ver uma palestra. Ai depois da palestra, no debate, eu participei do debate e falei que tava fazendo uma pesquisa em educação aqui, trabalhando com homossexualidades e escola, que era uma coisa muito nova no campo da educação, não tinha nada escrito sobre isso e eu percebi que teve um interesse. No final da minha participação, não sei se o Oswaldo ou o Marquinho, me procuraram interessado na pesquisa bababa. No outro ano eu já tava morando aqui e eles me convidaram para fazer uma fala no *Rainbow Fest*. [...] Então eu falei no evento e o MGM foi criado e eu comecei a me interessar pelas atividades do MGM também, as reuniões e tal. (Ferrari, 2024)

Percebe-se nessa fala que Ferrari é recrutado para o grupo a partir do interesse em suas

contribuições acadêmicas. Ele passa a pautar questões relacionadas à educação e homossexualidades nos eventos, assim como realiza uma tese sobre o grupo, com apoio pleno do MGM. Oswaldo ressalta:

> [...] E as pesquisas. Eu gosto muito de destacar isso. Porque era impressionante a quantidade de aluno da graduação, da pós-graduação e até do Ensino Médio que vinha fazer trabalho orientado pelos professores aqui no MGM. A gente tinha que ter um tempo para atender os estudantes, igual eu to te atendendo agora, era todo dia praticamente um grupo de estudantes fazendo pesquisa aqui. Ou era tese ou era trabalho de sala de aula, ou era porque era dia 28 de junho dia do Gay e a escola tava fazendo alguma atividade, ou os próprios alunos propunham... Sempre atendendo. E se você procurar... É uma pena que muitas dessas coisas eram feitas eram no papel, sabe? Não tem nada. Você não vai encontrar na internet. Mas mesmo assim! Anda tem muita coisa que saiu né daqui. E isso eu acho muito relevante, porque isso dá um caráter acadêmico ao trabalho que a gente fazia. O trabalho que a gente fazia era um trabalho instintivo – a gente era gay, a gente sabia o que a gente queria, que que era necessário. Mas era muito instintivo. Então na hora que os alunos, que os estudantes, vem aqui transformam isso num documento acadêmico ai a gente ganha... Né? Ganha história, ganha credibilidade. (Braga, 2024)

Existe um valor que se aplica ao acadêmico em sua fala, quando contrapõe o "[...] trabalho instintivo – a gente era gay, a gente sabia o que a gente queria, que que era necessário" ao que os estudantes faziam de transformar "[...] isso num documento acadêmico [...]". Esse valor de legitimação da produção cientifica se repete quando ele afirma que ter dados, a partir daquela primeira pesquisa no primeiro *Rainbow Fest*, "facilitou" o trabalho de organizar o evento. É ao mesmo tempo algo externo: poder mostrar esses dados para a imprensa, para aqueles de quem pediam financiamento, e algo que se refere à visão do próprio Oswaldo. O ativista enxerga o acadêmico como espaço em parte separado da ação do grupo, mas algo que a autorizaria, "aprovando" de certa forma sua autoridade para agir. Ao mesmo tempo, o próprio MGM procura fazer uma certa produção acadêmica desses dados algo que começa no *Rainbow Fest* e é parte do grupo.

Por fim, a terceira questão é a escolha de Juiz de Fora para local de atuação. Segundo Oswaldo, a escolha dessa cidade, apesar dele mesmo ser de belo Horizonte foi

> [...] por causa do Marquinho, o Marquinho é daqui, de Juiz de Fora. E ele morava com a mãe dele, a família dele toda daqui. E teve um detalhe, uma facilidade: ele tava – nessa época – tava trabalhando no departamento de Aids daqui da prefeitura (Braga, 2024).

Considerando que naquele momento Oswaldo ainda estava dentro do armário e havia a preocupação de ambos de fazer um trabalho que levasse em conta a questão do HIV/Aids, realizar essa atuação em uma cidade em que já havia o Miss Brasil Gay e onde um deles possuía

diversos laços familiares e de trabalho parecia ser uma tarefa menos monumental.

Portanto, é possível pensar que é a partir de incômodos pessoais com o preconceito e o medo de estar fora do armário socialmente, contrastados com a vivência de Oswaldo Braga de uma experiência de ativismo que parecia responder a essas dificuldades que ajudaram a formular o evento do *Rainbow Fest*. Somou-se a isso essas questões elencadas acima (da preocupação com o HIV/Aids, importância atribuída à produção de dados e pesquisas científicas e a escolha por Juiz de Fora) que se juntaram para fazer com que o *Rainbow Fest* se realizasse da forma que ocorreu no seu primeiro ano. Essas questões, que se apresentam como preocupações prévias junto à questão da imagem do movimento gay, vão ser canalizadas em forma de ações no *Rainbow Fest* a partir da inspiração da parada de Londres. É interessante como é possível apontar tantos "objetivos centrais" ou quase centrais nesse evento. Entende-se que todos eles são pontos que partem de um ideal maior. Uma preocupação que Anderson coloca no seguinte trecho:

> Porque o Marquinho e o Oswaldo foram incansáveis [...] em construir em mundo diferente do que eles viveram. Acho isso muito importante. Porque não ganharam dinheiro com isso, muito pelo contrário, ganharam dívida. A gente pode pensar assim: que que move os dois? Acolher uma população que muitas vezes batia neles, muitas vezes falava mal deles... e eles lá, incansáveis. Eu acho que tem a ver com isso, tem a ver com um projeto de sujeito e um projeto de nação diferente do que eles tiveram.

Ao buscar tantas frentes de atuação, com objetivos e motivações diversas, Oswaldo e Marco apostavam em um novo mundo, um projeto de relações diferentes onde pessoas LGBT conseguiriam viver sem preconceito e sem as vulnerabilidades que esse preconceito cria e evoca. Valorizar a cultura produzida por e para pessoas LGBT, os artistas, cantores, transformistas, entre outros, era uma das formas de efetivar essa transformação, colocando-os em evidência e gerando visibilidade, operando naquilo que Oswaldo relata sobre a visão da sociedade sobre o gay, sobre o movimento gay. Não era única, no entanto: as vulnerabilidades pelas quais passavam a população LGBT não se davam apenas na forma como eram vistas. Se davam também através de uma epidemia que fazia cada vez mais vítimas no Brasil, algo sobre o qual eles já tinham bastante conhecimento, em especial devido à atuação de Marco Trajano no Centro de Orientação e Apoio Sorológico (Coas) da prefeitura.

O evento se inspira naquilo testemunhado em Londres, mas vai além disso para contemplar questões observadas em uma realidade nacional e pontuar o que é possível dentro da cidade de Juiz de Fora. Nesse sentido, a inclusão de pessoas diversas que podiam abordar as vulnerabilidades observadas pelo casal em Juiz de Fora e no Brasil é um movimento essencial

do MGM, como foi o acréscimo de Anderson ao conjunto de ativismo.

Esse ideal de um novo projeto de existência LGBT no mundo, no Brasil, em Juiz de Fora, não era algo que apenas um evento realizado por uma semana anualmente seria capaz de resolver e Marco e Oswaldo tinham consciência disso. O *Rainbow Fest* é apenas um primeiro passo que tomam, a partir das ações que consideravam possíveis: partindo da experiência prática em Londres, Braga entende os princípios necessários para organizar o evento, e estando em Juiz de Fora, conta com certos auxílios, inclusive de público na medida em que o Miss Brasil Gay atraía uma grande quantidade de pessoas todos os anos.

Dessa forma, retoma-se a questão que se apresenta no início dessa sessão, quando Ferrari afirma que "[...] normalmente os grupos surgem e depois eles organizam evento". Seguindo a lógica, o MGM faz um movimento inverso em comparação a maioria dos grupos. No início da sessão, afirmamos que outros grupos e ONGS, como o APOLGBT-SP, também surgiram a partir de eventos. No entanto, em acordo com a afirmação de Anderson sobre uma certa excepcionalidade do MGM, o grupo que surge a partir do *Rainbow Fest* não possui o objetivo de organizar o *Rainbow Fest* apenas. Na realidade, nem mesmo o *Rainbow Fest* surge como um fim em si mesmo: ele é a forma que se encontra, a partir de exemplos externos, para atuar em cima de questões diversas que afligiam Oswaldo e Marco Trajano. Mais que isso, como uma forma de "construir um mundo diferente". Eram ambos, *Rainbow Fest* e MGM, projetos que visavam atingir esse ideal.

O *Rainbow Fest* possui em seu âmago objetivos diversos e multifacetados que não se resumem ao evento. Assim, quando o MGM surge, embora vindo do *Rainbow Fest*, ele é uma expansão das ações, uma oportunidade de ir além do evento para melhor elaborar todos esses objetivos.

Em síntese, o Movimento Gay de Minas não foi criado apenas em prol da organização anual do *Rainbow Fest.* Embora a facilitação de captação de recursos para o evento tenha sido parte da razão, como veremos melhor adiante, a ação se expande e abrange muito mais ao longo dos anos, indo além da atuação pontual. Tanto o MGM quanto o *Rainbow Fest* são fruto de um desejo maior, uma ambição maior que se inicia em um e vai se expandindo a partir do outro. Nas palavras de Oswaldo, eles são frutos do "nosso sonho [...] de fazer alguma coisa", são um sonho de casal para o lugar onde estavam e que desejos pessoais, preocupações nacionais e incômodos compartilhados ajudaram a moldar. O primeiro formato é consequência de um primeiro exemplo vivido por eles, o segundo de outras questões práticas que vão se apresentando enquanto eles atuam, como veremos mais adiante.

1.2 A ONG Movimento Gay de Minas

Na seção anterior abordamos as motivações e ideais que cercam a criação do Rainbow Fest. Agora discutiremos a forma como essas motivações se unem a outras necessidades mais práticas e motivam a estruturação da ONG, as influências de outros grupos de militância, a organização em torno da sede em seus diferentes locais. Além disso pensaremos acerca das reuniões do grupo e da centralização das decisões em torno das figuras de Oswaldo Braga e Marco Trajano. Procura-se, com essa seção, analisar o contexto de criação do MGM e as particularidades que permeiam sua identidade enquanto grupo.

O *Rainbow Fest*, como já foi discutido na seção anterior, não era um fim em si mesmo para a atuação de Braga e Trajano. Nesse sentido, sua frequência anual durante apenas uma semana em agosto teria começado a incomodar ambos, que gostariam de expandir seu raio de ação, segundo Anderson:

> Então o Oswaldo e o Marquinho, numa iniciativa pessoal, começaram a pontuar isso, no calçadão, no Miss Brasil Gay. Todo ano. Então era uma coisa, acontecia esse ano, acontecia só no outro ano. E também começou a incomodar eles, e eles também foram incentivados a.. bom não dá para fazer só anual, pontual. Isso é um trabalho que tem que ser feito todo o ano. E as pessoas começaram... foi um momento muito importante nacionalmente, num contexto nacional que era um momento em que os governos pela primeira vez buscou atacar a questão da prevenção e do combate ao HIV na população LGBT. Porque até então o governo não fazia nada, os grupos que se organizaram. Então o governo começou a criar editais pra criar redes com os grupos para os grupos fazerem o trabalho educativo de prevenção. Então era um contexto de criação de grupo, um contexto de financiamento de luta. E ai as pessoas que vinham para o MGM, que vinham participar pro *Rainbow Fest*, o MGM não existia ainda, convidados para o *Rainbow Fest* começaram a incentivar o Oswaldo e o Marquinho. "Vocês tem que montar um grupo, vocês tem que montar um grupo, tem que ser uma ação anual, tem que ser uma ação anual..." então eles resolveram montar. Então tem um cenário nacional propicio, e tem também o cenário local que é essa necessidade de construir aqui em Juiz de Fora algo que ia pra além do Miss Brasil Gay. (Ferrari, 2024)

De acordo com Oswaldo "[...] quando foi 99, o segundo *Rainbow Fest*, nós fizemos umas camisetas escritas *Rainbow Fest* e fomos na Parada do Rio e fomos na Parada de São Paulo [...] a gente já começou a conhecer algumas pessoas do movimento gay que a gente nem conhecia" (Braga, 2024). A partir dessas novas relações que eles procuraram estabelecer, de convites que eles fizeram para esses ativistas, eles vão sendo também influenciados a aumentar as atividades que realizavam. A oportunidade se apresenta a partir desses contatos:

> [...] o pessoal da Parada de São Paulo passou a ter contato com o pessoal do Ministério da Saúde do Programa da Aids de lá. Então quando foi uma determinada época, eu fiz contato com eles e eles me passaram o nome de uma menina que era quem fazia os projetos deles, da Associação da Parada. Fiquei muito amigo, o presidente era o Beto

> de Jesus, fiquei muito amigo deles. E essa menina, fizemos um contato com ela "Ou você não faz um projeto para nós não? Para gente ver se a gente consegue uma grana para fazer o *Rainbow Fest* lá com o Ministério e tal?" "Ah, só se vocês virarem uma ONG. Se vocês não forem ONG não tem jeito." Aí nós criamos rapidinho, juntamos uma galera, montamos uma diretoria e criamos o MGM. E aí ela fez o projeto para nós e aí nós conseguimos dinheiro do Ministério da Saúde para fazer o *Rainbow Fest*. Ai o *Rainbow Fest* ganhou proporção. Porque quem fazia com zero, qualquer mil reais era uma fortuna (risos). E outra coisa que isso nos empoderava. Quando a prefeitura começava a criar caso "Ah não vai poder" "Não preciso do seu dinheiro, não preciso docês, deixa que nós temos aqui nossa captação e a gente faz." E assim foi. (Braga, 2024)

Quando se soma as falas nas entrevistas de Oswaldo e Anderson acerca da criação do MGM, o grupo é consequência de algumas necessidades práticas (busca de mais financiamento para a realização de ações de ativismo), motivações políticas, ideais e sonhos pessoais de Oswaldo Braga e Marco Trajano. Como Anderson (2024) ressalta, foi um momento em que "o governo começou a criar editais pra criar redes com os grupos para os grupos fazerem o trabalho educativo de prevenção", o que acrescentava um incentivo financeiro à ideia de criar o grupo.

O trabalho educativo de prevenção não era apenas a distribuição de camisinhas e panfletos durante cinco dias ao ano, era algo contínuo que apenas grupos formados conseguiriam dar conta de realizar. Essa percepção da necessidade de ter algo que atuasse o ano todo é importante para a formação do MGM naquele momento. Afinal de contas, se a motivação maior era operar uma transformação na cidade, tentar implementar um novo projeto de relações e formas de existir em Juiz de Fora e no Brasil, apenas um evento por ano não seria algo que contemplaria esse objetivo.

Portanto, existe um trajeto que combina a influência de diversas pessoas, incentivo financeiro e um contexto específico que leva o casal a passar de uma ação para a outra. É interessante observar, no entanto, que ao conceder entrevistas à jornais, revistas, entre outros, Marco Trajano e Oswaldo Braga narram a decisão de formar o MGM com apenas uma parte de todos esses pontos trazidos acima, como podemos ver no seguinte trecho da entrevista de Marco Trajano ao canal do Y*outube* da Tribuna de Minas[23]:

> Na verdade, o MGM é uma consequência do *Rainbow Fest*. A gente em 1998 criou o *Rainbow Fest* que era um evento que pretendia acompanhar o Miss Brasil Gay no mês de agosto e trazer uma certa discussão sobre a cidadania gay, que até então não havia muito uma discussão organizada sobre isso. Então criamos o Rainbow Fest que é um festival de seminários, palestras, oficinas [...]. E o MGM surge da necessidade de ampliar esse trabalho que até então era feito só em agosto, para ser de janeiro a dezembro. Então nós criamos o MGM para atender a comunidade LGBT da cidade. (Tribuna de Minas, 2019).

---

[23] Rainbow Fest 2019. Juiz de Fora, *Tribuna de Minas*, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M3_19pHaHnE>. Acesso em 05 set. 2024.

É essa a narrativa sobre o surgimento do grupo que é trazida por eles quando entrevistados no Tribuna de Minas. Não se menciona seus incômodos pessoais, seus desejos, as influências de outros grupos, os aspectos práticos de levantar fundos a partir dos editais disponibilizados naquele momento. É interessante, pois vincula o MGM ao *Rainbow Fest* e este ao Miss Brasil Gay em uma relação quase de causa e efeito: o Miss Brasil Gay existia, cria-se o *Rainbow Fest*, a partir dele o MGM. Motivações e desejos prévios ao evento, como a vontade de poder andar de mão dadas na rua, de poder falar de Marco como seu parceiro e não mais seu amigo, entre outros que foram relatados por Oswaldo não aparecem em entrevistas. O caminho dos eventos, deles terem feito contato com outros grupos, do incentivo destes, além do interesse em captar recursos disponíveis naquele período para ONGs também não são mencionados.

Os objetivos mais amplos do *Rainbow Fes*t são mencionados, sem citar questões pessoais: busca por cidadania gay, no caso do trecho citado. Nesse sentido, o MGM é apresentado quase como uma consequência natural da vontade de expandir o evento. Ao falar com a imprensa existe a preocupação, vista neste trecho, em mostrar uma visão específica, onde os objetivos do grupo são ressaltados, sem passar por questões pessoais e práticas. Nesse sentido, também ao falar do *Rainbow Fest* fala-se principalmente da preocupação em aproveitar o público, trazer uma ideia mais política, entre outros, sem citar aquilo que Oswaldo traz na entrevista do sonho do casal.

Essa narrativa mais resumida pode se dever a uma preocupação em criar uma narrativa coesa, de continuidade no tempo em que o Miss Brasil Gay naturalmente desemboca no *Rainbow Fest* que então gera o MGM, uma progressão "natural", advindo de preocupações políticas de cada contexto. Como analisa Rousso (2014) isto é uma consequência da memória: ela procura, no presente, constituir uma narrativa de continuidade no tempo, que permita interligar passado e presente sem lacunas. Reforçar o subjetivo em tais entrevistas, o aspecto de sonhos e desejos íntimos criaria uma disrupção na narrativa, uma vez que desvincularia parte dos objetivos do direcionamento do Miss Brasil Gay e do movimento político, criando componentes. Além disso, ao falar com a imprensa, Trajano e Braga se apresentam como representantes de uma ONG, de um movimento: ao longo de anos, costumeiramente grupos tem o costume de desenvolver esta memória própria, com coerência e estrutura rígida (Voldamn, 2014). Eles estão trazendo uma narrativa para identificar o MGM, não eles mesmos, e, portanto, não deixam espaço naquilo que contam para que a notícia a ser realizada a partir da entrevista aborde algo que não as ações do grupo.

Além disso, essa versão mais resumida, mais facilmente reproduzida e entendida, que

contém objetivos centrais de ações subsequentes, permite que esse passado que narram justifique o presente da ação que a imprensa noticia junto à sua entrevista. Muitas vezes eles falam sobre a origem do Rainbow Fest e do MGM quando estão sendo entrevistados para falar do evento mais recente que está prestes a ocorrer ou de alguma ação realizada pelo MGM. Ao ressaltar que o Rainbow Fest é criado a partir do desejo de discutir politicamente questões que envolvem a comunidade LGBT, faz-se com que, no jornal, a notícia vincule suas falas às ações atuais, permeando o texto não apenas com o que vai ocorrer no Rainbow Fest daquele ano, mas o porquê de ele ocorrer. É uma ação política proposital, que reflete um cuidado ao interagir com a mídia. É um reconhecimento, por parte dos dois, da mídia como um ator social, como uma forma importante de atuação no seu tempo presente (Pereira; Seffner, 2008) e, portanto, da necessidade de controlar a narrativa acerca do grupo que será utilizada pelo jornal, por revistas e pela mídia em geral é algo essencial.

Criar uma boa relação com a mídia e utilizar de seu espaço para avançar seus objetivos é algo que, segundo Oswaldo Braga, é uma preocupação desde o início do grupo:

> Nós sempre tentamos virar o jogo. Quando se aproximavam da gente vindo atras de escândalo a gente usava para trazer as questões dos nossos direitos, da nossa cidadania. Isso era sempre. Marquinho e eu fizemos muito isso aqui. Eu com ele, ele comigo, um... media training, sabe? Pra gente, era assim, na hora que colocar o microfone na sua boca, aproveita essa chance e fala aquilo que vai fazer sentido e que vai ser ganho para nós. Sabe? Então a gente tava sempre preparado pra isso. O cara perguntava as vezes querendo xuxar, as vezes a mídia querendo focar num lado, sabe e tal e a gente invertia e jogava os nossos direitos, a lei, a nossa luta, sempre. (Braga, 2024)

Enquanto profissional de relações públicas, Braga constrói, com Trajano, estratégias para aproveitar estes espaços que ser um grupo gay (assunto que traz muita curiosidade, especialmente nesse momento em que boa parte de pessoas LGBT se mantém no armário) acabam gerando midiaticamente. Dessa forma, pode-se pensar que essa narrativa coesa e resumida, que ancora o MGM a um passado já presente na cidade é uma forma de passar a mensagem do grupo também através da história que contam, ressaltando a necessidade de cidadania, saúde e política para pessoas LGBT a cada nova vez que falam sobre esse início. É também forma de legitimar o grupo, respaldando-o em uma história maior da cidade de Juiz de Fora (o Miss Brasil Gay), mas ainda ressaltando seus aspectos únicos e importantes (estar realizando movimentações políticas para além da “festança”), criando assim uma memória do grupo dentro da cidade que é de fácil entendimento.

Ao realizar entrevista para esse trabalho, por outro lado, existe o cuidado de se posicionar, como individuo, com suas subjetividades e individualidades. Oswaldo o tempo todo

remete à suas emoções e vontades ao tentar explicar suas estratégias e seus porquês, ao elaborar essa narrativa. É algo mais pessoal, não por isso mais ou menos verdadeiro: apenas uma narrativa na qual Oswaldo Braga, ativista e marido de Marco Trajano aparece como protagonista, e não apenas o presidente do MGM e seu principal representante. É uma consequência do processo de entrevista da história oral, onde se busca a "recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu" (Alberti, 2013, p.31). No processo da entrevista com Oswaldo, algo menos estruturado e direcionado que uma entrevista para o jornal, falamos sobre sua vida pessoal, sobre suas opiniões em diversos temas, seus posicionamentos políticos em questões atuais do movimento LGBT, entre outros. Cria-se, dessa forma, um clima de maior intimidade, somado a perguntas que tratam da experiência dele individualmente. A partir disso, dimensões subjetivas dessas experiências vêm à tona, questões de afetividade, desejos, sonhos, desafetos, entre outros, que não aparecem em entrevistas para jornais.

Aparecem também questões mais práticas, mais detalhadas dessa história do grupo que, quando entrevistando para uma notícia que provavelmente não terá tanto espaço para essa narrativa (uma vez que a notícia tem como objetivo falar sobre um evento e/ou uma ação e não sobre a história do grupo) eles preferem omitir, criando uma narrativa mais redonda e sem tantos detalhes. É dessa forma que, por exemplo, influências de outros grupos, a visita a outros eventos para criar redes e conexões e a busca por financiamentos diversos acabam não figurando nesta história que se vê refletida no jornal. A partir da entrevista temos acesso justamente à essas

> [...] dimensões subjetivas dos integrantes dos movimentos sociais, bem como as oportunidades políticas para as ações coletivas e dimensões estratégicas para a legitimação de diferentes sistemas de valores sociopolíticos dentro de cada grupo. (Almeida, 2018, p.8).

No ano de 2000 a Lei Rosa foi aprovada por unanimidade na Câmara de Juiz de Fora graças a articulação do que viria a ser o MGM e do então Presidente da Câmara, Paulo Rogério. Nesse mesmo ano, o Movimento Gay de Minas se torna uma Organização Não Governamental (ONG). No dia 9 de agosto de 2000, a notícia "Rainbow Fest deve reunir 8 mil pessoas"[24] anuncia o evento:

> Reunir mais de oito mil pessoas de todas as partes do país em discussões sobre o movimento homossexual é a expectativa dos organizadores do Rainbow Fest [...] Na terceira edição do encontro, uma novidade: a participação de organizações não governamentais (ONGs) de todo o país. Para o coordenador do programa municipal

[24] Rainbow Fest deve reunir 8 mil pessoas: Pessoas de todo o país participam do evento. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 8 ago. 2000. Cidade, p. 3.

> de Doenças Sexualmente transmissíveis e Aids (DST/Aids), Marco Trajano, é a oportunidade de trazer experiências destas entidades para enriquecer as discussões, no que é definido como o maior fórum de debates sobre o homossexualismo (sic) do país. (Tribuna de Minas, 2000, p.3)

Uma grande ênfase é dada na quantidade prevista de pessoas, assim como nos convidados externos no decorrer da notícia. É um momento no qual, segundo o foco escolhido pelo jornal, Juiz de Fora se coloca amplificada no mapa, recebendo muitas pessoas e trazendo debates importantes. Lembrando o motivo prático inicial para a formalização do grupo – a captação de recursos por meio de um projeto para o Governo Federal – é importante ressaltar que este *Rainbow Fest* é justamente o primeiro realizado com financiamento federal amplo. É, portanto, um momento em que esses investimentos diversos possibilitam ações como trazer convidados de vários locais do Brasil, diversidade maior de programação, entre outros o que gera um evento de maior porte, com maior poder de atração.

Considerando que este foi o primeiro evento após terem tornaram uma ONG, o convite aos diversos grupos para participarem do evento e realizarem esse "enriquecimento de discussões" do qual Trajano fala na notícia, pode ser compreendido como mais um esforço da parte de Marco e Oswaldo para melhorar conexões e redes de apoio com outros ativistas e grupos. Aqueles que o jornal cita como participantes são o grupo Arco-íris, do Rio de Janeiro e a Associação da Parada do Orgulho Gay de São Paulo, justamente os dois grupos cujas paradas Oswaldo cita terem ido para divulgar o *Rainbow Fest* no ano anterior. Segundo a reportagem, existiria a "[...] proposta de formar uma comissão entre as ONGs para trabalhar a prevenção junto da população homossexual, informando sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids." (Tribuna de Minas, 2000, p.3), reforçando assim, a construção de laços entre os grupos através da realização de ações conjuntas.

É relevante também apontar o seguinte trecho na notícia:

> Para Trajano, um dos destaques do Rainbow Fest é a realização do primeiro seminário sobre homossexualidade e a escola. As palestras são voltadas aos educadores, para que saibam lidar com adolescentes homossexuais. "Melhorando a autoestima dele e ensinando os heterossexuais a aprenderem a conviver naturalmente com a homossexualidade." (tribuna de Minas, 2000, p.3)

O *Rainbow Fest* de 2000 foi aquele em que Anderson Ferrari foi convidado a falar acerca dos temas de sua pesquisa. Considerando que a temática deste seminário coincide com algumas das questões de pesquisa de Anderson, é possível imaginar que foi neste evento que ele falou, passando a organizar o seminário sobre educação nos anos subsequentes. A

importância atribuída à sua fala no ano anterior parece ter sido relevante, pois em 2000 é a discussão sobre homossexualidade e escola que abre o evento, sendo trazido por Trajano em entrevista em duas notícias diferentes que anunciam o *Rainbow Fest*.

É possível entrever, nesse primeiro *Rainbow Fest* após a formação do grupo, a importância dada às diferentes conexões, tanto com grupos de ativismo quanto com outros indivíduos interessados em questões da homossexualidade. Existe uma captação de contatos, pessoas e aliados que possam auxiliar nos objetivos do grupo, moldando o evento a esses rostos e aquilo que eles trazem de novidade. Essas conexões e redes que Oswaldo e Marco constroem são parte responsável também pela formalização do grupo como ONG, como já foi citado previamente.

> Ai quando foi 99, o segundo *Rainbow Fest*, nós fizemos umas camisetas escritas *Rainbow Fest* e fomos na Parada do Rio e fomos na Parada de São Paulo. Na Parada do Rio: maravilha, o Claúdio Nascimento, a gente já começou a conhecer algumas pessoas do movimento gay que a gente nem conhecia. O MGM foi criado com modelo do GGB ou do Arco Iris não. Depois é que a gente viu que existia já um movimento organizado, ai a gente encaixou. Ai quando nós fomos para a Parada de São Paulo, nós dois, eu e o Marquinho, na cara de pau, chegamos lá no lugar onde eles botavam o palco, bem na praça da República, na época podia. Ai chegamos lá e falamos "oh a gente é de Juiz de Fora, nós fazemos evento lá, será que a gente não podia anunciar o evento?" Na cara de pau! E o pessoal da Parada de São Paulo falou "pode!" [risos] Ai nós entramos ali, ficamos mais um pouquinho – lembro que naquele dia nós conhecemos a Marta Suplicy, o marido dela na época que era o Eduardo Suplicy, que eles tavam ali que eles iam falar. [...] E ali nós subimos no palco, falamos e anunciamos o *Rainbow Fest*, convidamos todo mundo e tal. Ai o pessoal da Parada de São Paulo passou a ter contato com o pessoal do Ministério da Saúde do Programa da Aids de lá. Então quando foi uma determinada época, eu fiz contato com eles e eles me passaram o nome de uma menina que era quem fazia os projetos deles, da Associação da Parada. Fiquei muito amigo, o presidente era o Beto de Jesus, fiquei muito amigo deles. E essa menina, fizemos um contato com ela "Ou você não faz um projeto para nós não? Para gente ver se a gente consegue uma grana para fazer o *Rainbow Fest* lá com o Ministério e tal?" "Ah, só se vocês virarem uma ONG. Se vocês não forem ONG não tem jeito." Ai nós criamos rapidinho, juntamos uma galera, montamos uma diretoria e criamos o MGM. E ai ela fez o projeto para nós e ai nós conseguimos dinheiro do Ministério da Saúde para fazer o *Rainbow Fest*. Ai o *Rainbow Fest* ganhou proporção. Porque quem fazia com zero, qualquer mil reais era uma fortuna (risos). E outra coisa que isso nos empoderava. Quando a prefeitura começava a criar caso "Ah não vai poder" "Não preciso do seu dinheiro, não preciso docês, deixa que nós temos aqui nossa captação e a gente faz." E assim foi. (Braga, 2024)

A fala acima citada é onde de Oswaldo explica o percurso pelo meio do qual ele e Marco Trajano simultaneamente ampliaram o *Rainbow Fest* e fundaram a ONG Movimento Gay de Minas. É interessante ressaltar que, a princípio, a motivação é algo prático: captação de recursos. É esse o principal ponto dito explicitamente pelo ativista. No entanto, observando as demais questões trazidas por ele, percebe-se que tal como foi a inspiração para a criação da

Rainbow Fest em outros eventos similares testemunhados, essa ação feita por eles de entrar em contato com outros militantes, descobrir a existência de novos grupos também foi algo relevante para o passo seguinte da institucionalização de sua ação.

No entanto, apesar da importância que ele mesmo atribuiu à essas conexões, Oswaldo Braga ressalta a originalidade do MGM, afirmando que o "MGM foi criado com modelo do GGB ou do Arco Iris não". Para ele o MGM realizaria um "encaixe" posterior ao movimento organizado preexistente, ou seja, já teria se configurado como grupo antes e depois se adaptaria ao que já era a norma. É uma fala que entra em aparente contradição com aquilo que ressaltamos antes: o quanto que diferentes ativistas, grupos e pessoas influenciam e inspiram a criação do MGM, ajudando a moldar sua existência inicial. É importante demarcar que o grupo não nasce em um vácuo, sem nenhuma influência: ele é resultado de diversas inspirações que eles mesmos procuram e citam. O casal dialoga com ativistas, vai até eventos, viaja em busca de formas de incrementar a ação que haviam começado no ano anterior. Nisso, vão conhecendo estratégias – como a criação de uma ONG oficial para captar recursos, vão adquirindo contatos – como o da pessoa responsável por criar o projeto, vão construindo redes que ampliam o MGM, que ajudam a moldar o grupo que começava a se formar.

Então embora exista uma originalidade em diversos aspectos do MGM – tendo um deles sido discutido na seção anterior, sua criação posterior ao evento que organiza – que permite a Oswaldo afirmar que ele não foi criado com o "modelo do GGB ou do Arco Iris não", as influências não deixaram de ser essenciais para sua formação. Algo que o ativista reconhece constantemente em sua fala, onde remete sempre a pessoas, ativistas e grupos que lhe auxiliaram, que lhe foram solícitos, entre outros. Nesse sentido, quando perguntado sobre relações de apadrinhamento que auxiliaram na criação do MGM, Ferrari (2024) responde:

> Sim, teve. Sobretudo com o GGB, o GGB tinha uma ação... porque o GGB foi o primeiro grupo criado em 78[25] (sic), e o GGB se sentia um pouco a madrinha de todos os grupos. E o GGB tinha isso, uma das formas de ação do GGB era ensinar aos outros grupos surgindo como é que se constitui um grupo. Então o Mott veio aqui dar assistência ao Oswaldo e ao Marquinhos, então assistência do GGB eu sei que teve. Não sei se teve de outros grupos... acho que o Arco Iris também... o Claudio Nascimento do Rio organizava, acho que o arco íris fez muito... ajudou muito. O Diversidade do Tony Reis também se não me engano também contribuiu bastante. O arco íris e o GGB eu sei que teve uma influência grande na constituição do MGM. (FERRARI, 2024)

[25] O GGB é o grupo mais antigo de ativismo LGBT ainda em atividade nos dias de hoje, tendo sido criado em 1980. No entanto, como foi abordado na introdução, credita-se o papel de primeiro grupo ao Somos – Grupo de Afirmação Homossexual de São Paulo, esse sim criado em 78.

Luiz Mott figura como convidado em alguns *Rainbow Fest*, incluindo no de 2000, ano em que pela primeira vez o evento teve financiamento federal, ocorreu logo após a formalização do grupo em junho de 2000. Ele é também alguém que aparece de forma constante nas entrevistas, em citações, entre outros, chegando a receber homenagem do MGM como personalidade que fez parte da história do grupo em 2010[26]. O próprio nome do grupo (Movimento Gay de Minas) remete ao GGB (grupo gay da Bahia), visto como padrinho por Anderson, do MGM.

Não entendemos, no entanto, que a afirmação forte de Oswaldo Braga no sentido de negar ter feito o grupo a partir de um modelo de outro grupo seria uma negação de todos esses incentivos, apoios e conexões. Ela pode ser pensada como uma forma de autoafirmação do grupo enquanto independente, uma entidade própria. É uma estratégia que permite que, narrativamente, o MGM se estabeleça em si mesmo, sem correr o risco de ser visto como apenas uma vertente ou derivado de outro grupo. É uma questão que possivelmente se ancora também em outro aspecto desse início do grupo trazido por Anderson em sua entrevista:

> [...] durante muito tempo o MGM não se filiava a ABGLT, mas participava dos congressos nacionais, porque não precisa estar na ABGLT para ir pro congresso da ABGLT. Era uma postura política mesmo, era uma... uma... discordância política da condução que a ABGLT fazia, né? Eu lembro que a discordância era da postura da ABGLT, que era muitas vezes de articulação com políticos que o MGM não concordava, até com a política nacional que, assim, se você não ta dentro da ABGLT você não recebe, tem dificuldade de edital, tem dificuldade de algumas coisas assim. Então durante muito tempo o MGM foi contra... contra não, não quis se filiar. Chegou um momento que não teve jeito, que o MGM se filiou à ABGLT. (Ferrari, 2024)

Essa fala surge em resposta à pergunta feita acerca do motivo pelo qual o MGM não se filiara a ABGLT, que Ferrari escreve em sua tese de doutorado. A partir da justificativa acima, podemos entrever um problema de alinhamento político, com a discordância a respeito de alguns apoios, da postura da associação. Isso ressalta um aspecto de independência que Ferrari traz: “se você não tá dentro da ABGLT você não recebe, tem dificuldade de edital, tem dificuldade de algumas coisas assim” (Ferrari, 2024). O grupo não quer ceder naquilo que acreditava ser a melhor postura, mesmo que isso custasse em alguns momentos editais ou financiamento. Isto não se traduz em uma política de isolamento: ainda participavam dos Congressos e reuniões, estabeleciam essas conexões e, ao mesmo tempo, permaneciam dentro de seus princípios ao não aderir à associação.

---

[26] Disponível em: https://acapa.com.br/movimento-gay-de-minas-homenageia-personalidades-que-fizeram-parte-de-sua-historia/. Acesso em: 9 out. 2024.

Mais que uma negação das influências e inspirações (que Oswaldo nunca tenta omitir), a afirmação categórica feita nos dias de hoje de que o grupo não seria modelo de outro é possivelmente efeito dessa postura inicial do MGM de atuar em conjunto e em rede com outros grupos sem, no entanto, ceder seu poder de ação ou deixar de ter suas próprias posições mesmo quando discordantes. Eventualmente o grupo se junta à ABGLT, como Anderson comenta, mas ele persiste nesse pensamento independente, com sua ação ocorrendo a partir daquilo que é considerado o melhor por seus integrantes, em especial Oswaldo e Marco, mesmo quando isso não se alinha a outras expectativas.

Relacionado à influência de outros grupos na criação do MGM, o seu nome é um aspecto importante a ser considerado quando abordamos esse primeiro momento de sua formação. Similar em composição ao GGB (Grupo Gay da Bahia) ele reflete diretamente apenas uma letra do segmento. Isso é algo que Oswaldo Braga (2024) comenta:

> Na época nós não tínhamos esse debate sobre as letras, sobre a visibilidade das letras com tanta força, haja visto o Grupo Gay da Bahia, que era um grupo gay mas nunca foi um grupo só de gays. O MGM da mesma forma, Movimento Gay de Minas, mas também a gente não tinha nada que impedisse ou pelo contrário, normalmente os grandes problemas aconteciam era com as travestis, ou era com as meninas lésbicas e todo mundo era acolhido aqui. Depois o debate da visibilidade, da inclusão começou a surgir e a nossa sigla foi crescendo. Então se fosse hoje, o Movimento Gay de Minas, o MGM não... muito provavelmente não ia se chamar Movimento Gay de Minas porque muitas das pessoas que participam com a gente não são gays. Homens que fazem sexo com homens. Mas isso nunca foi problema, e inclusive a gente tem um grande percentual de meninas que se dizem gays no sentido de se dizer "eu sou homossexual" e usam gay. Isso é muito comum nos Estados Unidos, é muito comum na Europa esse tipo de utilização, mas também isso não significa que nós devamos dar visibilidade à lésbicas e às travestis, as transexuais, os bissexuais, etc. É. Eu abri esse parênteses porque eu acho importante a gente trazer essa discussão porque nós... quando o Movimento Gay de Minas foi criado nós vivíamos num momento histórico diferente do momento de hoje. (Braga, 2024)

Ao observamos as ações do grupo, não parece haver segregação proposital das demais letras. O texto da Lei Rosa traz por extensos "gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros" como aqueles protegidos por ela. Desde a primeira vez que o MGM aparece no Tribuna de Minas fala-se de ações para o público LGBT, sobre atenção com o público LGBT, sempre demarcadas todas as letras. Além disso, suas ações em especial no que concerne o HIV/Aids estavam também voltados para travestis e mulheres trans, em especial aquelas que trabalhavam com a prostituição.

É importante considerar que o MGM é criado nessa segunda onda (Facchini, 2009) onde, pela primeira vez, começa-se a usar a sigla maior, incluindo outras letras. É algo, portanto, que estava ainda no seu início, e que se consolida cada vez mais durante a segunda onda,

justamente nessa interação com o governo pela necessidade de nomear os segmentos contemplados em editais de forma mais decisiva e específica (Facchini, 2009). Portanto, tal como afirmado por Braga, a escolha do nome não parece se tratar de uma ação de segmentação proposital, mas sim reflexo de um momento de transição entre diferentes formas de nomear o movimento.

Não deixa de ser relevante, no entanto, que o grupo, apesar de diversas de suas ações abarcarem a sigla como um todo, em seu início operou a partir de um segmento de homossexuais masculinos cisgênero maior que os demais. Possível consequência da coordenação de Trajano e Braga, dois homens gays, cisgêneros e brancos, que eram politizados, mas que partiam de um lugar específico para criar sua ação e movimento. Então, embora a ação englobasse outras letras, que eventualmente criaram reuniões dentro do grupo, como a formação das reuniões lésbicas, quem mais frequentou, organizou e se juntou ao todo do grupo no seu princípio eram homens gays cisgêneros.

É uma questão que Ferrari (2024) discute:

> Nunca teve exclusão aberta. Mas a exclusão acontecia pela própria questão do espaço, assim. Quer dizer, era um espaço majoritariamente masculino, né? E era um espaço majoritariamente masculino e era um espaço que nas falas das pessoas... isso não havia do Oswaldo e do Marquinho... nas falas das pessoas as pessoas falavam mal das travestis no sentido de que 'a gente não quer ser isso', porque era um espaço de homossexualidade masculina. Isso, em certa medida, acabava rechaçando, né. [...] Essa era uma acusação também de outros grupos né, não só das travestis, mas das lésbicas também. "O MGM é masculino... Gay masculino.". O Oswaldo e o Marquinho, não de forma direta, mas de forma indireta eles falavam desse lugar. Então acho que isso afastava as mulheres, afastava as travestis, porque era o lugar que o Oswaldo e o Marquinho falavam, então era o recorte deles. (Ferrari, 2024)

Ele aborda aqui principalmente a frequentação das reuniões, parte essencial do grupo. Era nesses espaços que por vezes opiniões transfóbicas contra travestis eram proferidas e onde as discussões muitas vezes acabavam girando em torno de sentimentos, questões e aspectos relevantes em especial à homossexualidade masculina, algo que, para Anderson, acabaria por afastar tanto travestis quanto lésbicas.

Ferrari (2024), no entanto, parece compartilhar o sentimento de Braga de que, nos dias de hoje se "o MGM tivesse essa ação que ele teve naquele período eu acho que teria grupos travestis organizados ali". Isto porque, na época, grande parte das travestis da cidade se encontravam em situações mais precárias, trabalhando na rua, não havendo ainda uma organização da parte delas (Ferrari, 2004). É interessante que a ideia de que o MGM contemplaria melhor esses outros segmentos nos dias de hoje seja compartilhada por ambos por

que ela abre espaço para o entendimento do MGM como espaço acolhedor que, no seu início, estava ainda sujeito à pensamentos do período, mas cuja ética, forma de pensar, permite refletir sobre ele de forma diferente.

Ao mesmo tempo, ainda no que estamos considerando como seu momento inicial de atuação, o público que frequentava o MGM parece ter se diversificado mais a partir da mudança da primeira para a segunda sede. Nesta nova sede que se passam muitas das histórias e questões envolvendo travestis, mulheres trans e outros públicos que não de homossexuais masculinos. Isto é uma possibilidade inclusive a partir da fala de Anderson, que começa a frequentar menos o grupo e seu espaço a partir da mudança de localização: suas observações acerca de quem era o público frequentador do MGM se referem em especial a esse primeiro endereço. O nome do grupo seria, portanto, resultado de um contexto específico, onde não ainda não se dava tanta atenção para a sigla como sujeito político, assim como de um enquadramento inicial do grupo feito por dois homens gays cis, algo que se transforma ao longo do tempo.

Abordando melhor esta questão das sedes do grupo acima colocada, o processo que cerca a primeira sede é noticiado no jornal. No dia 12 de janeiro de 2001, em notícia intitulada "Gays são excluídos de tendas de minorias"[27], a Tribuna de Minas escreve que:

> Até 20 de fevereiro deve chegar a Juiz de Fora a verba de R$ 50 mil para a instalação do Centro de Convivência homossexual, que tem por objetivo favorecer a inserção destas pessoas no mercado de trabalho. O diretor do MGM informa que as fontes são a Unesco e a Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)/Aids. O convênio será assinado no próximo dia 25 e, enquanto isso, está sendo feita a escolha do prédio para a sede. (Tribuna de Minas, 2001, p.4)

Ainda segundo a notícia, esse convênio teria duração de um ano podendo ser prorrogado por mais outro ano. O jornal ressalta a existência de propostas para a autossustentação do Centro:

> Entre as propostas está a cobrança de mensalidades dos associados do MGM, com a oferta de benefícios, como plano de saúde e descontos em estabelecimentos comerciais. Outra vantagem em estudo é a implementação de um cartão de crédito. O centro deve contar ainda com um bar-restaurante. (tribuna de Minas, 2001, p. 4)

A partir das falas de Oswaldo e de Anderson, que apresentaremos mais a frente, é possível perceber que não houve a implementação dessas propostas, com exceção do bar-restaurante que operou em ambas as sedes, mas não foi bem-sucedido em permitir a

[27] Gays são excluídos de tendas de minorias. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 jan. 2001. Cidade, Caderno 2, p.4)

autossustentação do Centro.

No dia 29 de junho de 2001 a Tribuna de Minas anunciou "Movimento gay inaugura hoje Centro de Convivência"[28]. Ele foi inaugurado, portanto, um ano após a criação da ONG a partir do financiamento da Unesco e da Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis DST/Aids:

> Eles namoraram durante sete anos até decidirem morar juntos, já que o casamento entre iguais não encontra respaldo legal. As economias de R$ 41 mil não foram convertidas na compra da casa própria ou de um automóvel, como faz a maioria dos casais, mas sim investidas no Centro de Convivência Homossexual, que o casal Oswaldo Braga e Marco Trajano, líderes do Movimento Gay de Minas (MGM), inaugura hoje, às 20h na Avenida Olegário Maciel. (Tribuna de Minas, 2001, p.4)

Essa primeira sede era alugada, de acordo com Oswaldo. Os ativistas Trajano e Braga investem nela o valor do financiamento e seu próprio dinheiro para realizar reformas dentro do Centro de Convivência, como é ressaltado pelo jornal no texto acima, uma das únicas notícias acerca das ações do MGM em que eles são apresentados como casal. Ferrari (2024) afirma que no primeiro Centro de Convivência "[...] eles fizeram um super projeto arquitetônico... era lindo, lindo, lindo o MGM, muito bem-organizado, com dinheiro público, né. Fizeram um jardim grande ali [...]". Oswaldo (2024) também conta da reforma realizada, concordando com Anderson "Compramos mesa, compramos cadeira, compramos tudo que precisava. Ficou linda a sede." (Braga, 2024).

Na notícia, se ressalta a existência de um bar noturno, cujos recursos seriam reinvestidos nas atividades sociais propostas pelo Centro de Convivência, tal como apontado antes, as outras possibilidades elencadas de formas de autossustentação não são levadas para frente. Entre as atividades propostas estão "grupos de apoio para homossexuais, suas famílias e soropositivos, além de palestras sobre sexualidade e saúde e oficinas de teatro e biodança." (Tribuna de Minas, 2001, p. 4). Essas iniciativas são apontadas como gratuitas. Ao longo da notícia o jornal chama a atenção para o aspecto único desse Centro de Convivência, algo que não existiria em nenhum outro lugar do país, um "fato" afirmado com muita positividade.

No entanto, houve diversos problemas com essa primeira sede do MGM. Havia o espaço, havia o investimento. Mas a localização dela, na rua Olegário Maciel, do bairro São Mateus de Juiz de Fora gerou muito incomodo daqueles que viviam no bairro. Bairro perto do centro, de cunho mais familiar e com pessoas de padrão de vida mais alto, a presença de um

---

[28] Movimento Gay inaugura hoje centro de convivência. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 jun. 2001. Cidade, Caderno 2, p. 4.

grupo gay logo ali na porta incomodou muito os vizinhos, dando início à diversas violências contra o local. Ferrari conta que:

> [...] teve muita agressão, assim. Tinha uma bandeirona, a bandeira foi queimada, a bandeira foi apedrejada, jogavam lata de cerveja, o MGM era pichado. Tinha de tudo de agressão, no MGM ali. A vizinhança reclamava, denunciava, pediram para sair, uma confusão. Aí chegou um momento também que a dona começou a se incomodar. E aí... era aluguel, né, acabou saindo dali e indo para a São Sebastião. (Ferrari, 2024)

Oswaldo expande nessas violências relatadas por Ferrari:

> Nós conseguimos financiamento do Ministério da Saúde para montar um Centro de Convivência. Que foi lá na Olegário Maciel, foi a primeira sede nossa. Aí fizemos a reforma do espaço com esse dinheiro. Compramos mesa, compramos cadeira, compramos tudo que precisava. Ficou linda a sede. Inauguramos... e aí não foi o sucesso que a gente esperava não. Foi muito difícil. As pessoas não iam. Os vizinhos reclamaram. A gente tinha um nível de violência e de agressão a nossa sede muito grande. De gente passar e jogar pedra, quebrar vidraça, gente passar e jogar ovo. Chegar para trabalhar de manhã e tava lá uma macumba na escada. Tocava a campainha era o vizinho falava "Por que vocês vieram para cá? Aqui é um bairro de família". Desse jeito. Não foi fácil. (Braga, 2024)

Existe um tom de decepção e tristeza com esse resultado da primeira tentativa de organizar e fazer funcionar a sede. Ambos, Oswaldo e Anderson, reforçam o aspecto da beleza do local, de sua arrumação. Mas essa violência sofrida não era algo que se pudesse facilmente ultrapassar. Ela é discutida também no jornal, aparecendo pela primeira vez na Tribuna de Minas no dia 23 de outubro de 2001, sob notícia intitulada "MGM sofre 30º ataque desde a sua criação"[29]:

> Desde que abriu as portas, no mês de junho, o Movimento Gay de Minas Gerais (MGM) contabiliza exatos 30 ataques contra sua sede, na Avenida Olegário Maciel. Os casos vão desde ataques verbais, praticados por adolescentes e pessoas que passam pelo local, a janelas quebradas e depredação do patrimônio. No último incidente, domingo à noite, as lâmpadas da rampa de acesso para deficientes foram quebradas e a fiação elétrica danificada. (Tribuna de Minas, 2001, p. 4)

O jornal entrevista Oswaldo, que relata estar insatisfeito com o encaminhamento da questão:

> 'Existe descaso com relação ao problema. Queremos que alguém resolva essa situação', reclama Oswaldo Braga, diretor do MGM. 'A explicação que recebemos é que são atitudes de moleques. Mas, por que só na nossa casa?'. Para ele, os ataques

[29] MGM sofre 30º ataque desde a sua criação. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 23 out. 2001. Geral, p.4.

> são premeditados por pessoas preconceituosas. 'Se fosse um bar em condições precárias, ambiente fechado e luz baixa, não haveria problema. Como mostramos a cara e trabalhamos com luzes acesas e portas abertas, acontecem essas coisas.' (Tribuna de Minas, 2001, p. 4)

Essa percepção que ele relata na entrevista ao jornal em 2001 se assemelha àquela narrado pelo ativista em entrevista para essa pesquisa. Uma diferença, no entanto, se dá em uma percepção mais geral que ele desenvolve com o tempo, a partir da qual ele associa também à localização específica da sede a violência, para além da resistência à visibilidade do grupo. Outros órgãos são mencionados a partir de suas reações à essa violência sofrida pelo MGM:

> Ontem, a Câmara Municipal de Juiz de Fora enviou, por meio de um pedido do vereador Biel, do PT, uma moção de solidariedade ao MGM, repudiando as ações 'preconceituosas e intolerantes' e reafirmando o apoio ao movimento e a todos que procuram 'conquistar respeito e a defesa de seus direitos'. Amanhã, às 11h, a Comissão de Direitos Humanos fará a visita à sede da instituição. (Tribuna de Minas, 2001, p. 4)

Dois dias depois da notícia acima, no dia 25 de outubro de 2001, outra notícia pertinente à essa situação é publicada: "Comissão busca proteção para MGM"[30], onde somos informados de que vereadores da Comissão de Direitos Humanos que visitaram e conversaram com o MGM procuram "traçar planos de ação para coibir estes atentados." (Tribuna de Minas, 2001, p. 3). Nesta notícia é Trajano o entrevistado e ele afirma que:

> [...] os atentados vêm crescendo progressivamente. "Antes, éramos insultados, depois arremessaram pedras e, agora, estão depredando o local." [...] "Esta casa representa um movimento de socialização. Foi projetada para ser clara, iluminada, pois isto significa que devemos sair do escuro, não faz sentido construirmos muros, nós não estamos nos escondendo", disse Trajano. (Tribuna de Minas, 2001, p. 4)

Como ações possíveis elencadas na conversa entre o MGM e os vereadores, propôs-se a realização de evento resultado de uma parceria entre Movimento Gay e Ministério da Justiça, campanha institucional sobre discriminação, entre outros. É ressaltado que "[...] foi observado que qualquer decisão deverá ter como base a educação" (Tribuna de Minas, 2001, p.4), com a possibilidade de realizar ações diretas com o público escolar. Esse tópico é retomado no dia 13 de dezembro de 2001, na notícia "Movimento Gay tem apoio na Câmara"[31] onde é dito que a câmara estende solidariedade ao MGM em vista das depredações sofridas, com a proposta de transformar o assunto em matéria no currículo escolar, especialmente nos estabelecimentos

---

[30] Comissão busca proteção para MGM. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 25 out. 2001. Geral, p.4
[31] Movimento Gay tem apoio na Câmara. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 13 dez. 2001. Geral, p.4.

públicos de ensino do município.

A violência era contra a existência do grupo ali, naquele bairro, mas também é possível refletir que era um reflexo de uma resistência à ideia de Juiz de Fora possuir um grupo em si mesma, como Oswaldo Braga afirma na entrevista dada à Tribuna de Minas. Considerando a Lei Rosa e as formas como muitos habitantes da cidade reagiram negativamente à nova fama que ia se concretizando a partir dela de Juiz de Fora como vanguarda de direitos LGBT (algo que será mais bem discutido no capítulo 2 e 3 no que se refere especificamente à Lei Rosa), essas violências podem ser pensadas como uma resposta de parte dos homofóbicos, dos conservadores da cidade àquilo que o MGM vinha tentando realizar. Oswaldo fala de um sentimento de rejeição por parte da cidade nesse primeiro momento:

> No começo [a relação com a cidade foi] muito conflituosa. Eles achavam que nós não tínhamos o direito de ter uma sede. Que nós colocamos uma bandeira de 7 metros na fachada da nossa casa, uma bandeira do Arco íris, eles acharam aquilo uma afronta. E o povo se manifestava, eu lembro desse vizinho que saiu da casa dele, tocou campainha la do MGM, la na Olegário, querendo saber por que que nós tínhamos ido pra la. (Braga, 2024)

O fato de toda essa agressão, repulsa, indignação como o homem que tocou a campainha, ter se dado em especial com o primeiro centro, diminuindo severamente no segundo é reflexo da localização, mas também de um contraste entre aceitar o novo (o MGM recém-formado) e tolerar o que já está mais consolidado. Ao mesmo tempo que a violência buscava expulsar o grupo de sua sede, ele encontrou alguns aliados considerados inesperados:

> Era engraçado que nossa casa era na Olegário, logo um pouquinho depois tinha uma rua e lá atras, que dava fundo com a nossa casa, tinha um convento. Umas irmãs de caridade. Vai escutando. Ai esse cara que bateu lá e perguntou por que que nós tínhamos ido pra la e tudo, resolveu fazer um abaixo assinado da vizinhança pedindo a gente que saísse dali. Foram nas irmãs de caridade, levaram um passa fora minha filha. As irmãs iradas "mas de jeito nenhum que nós vamos assinar! Eles têm todo direito!" Elas falando, depois ficamos sabendo. Ela que contou pra gente, a irmã, pelo muro (risos) "Do mesmo jeito que eles nós sofremos preconceito nós sofremos também porque as pessoas não entendem que nós temos o voto de castidade, que nós temos clausura" sei la as coisas delas "e a gente sofre muito preconceito. Nós não vamos fazer nada, não vamos assinar e ainda vou contar pra eles" e veio e contou pra gente, sabe? Foi uma das grandes defensoras nossa lá. Foram essas irmãs de caridades. Eram joias, joias mesmo. Procê ver, de quem a gente não espera o tipo de reação. (Braga, 2024)

É possível perceber, portanto, que ao se colocar no cenário da cidade, ao ocupar um espaço nela, o MGM institui já ali um debate, uma discussão que vai além dele. Pessoas contra, pessoas a favor, pessoas homofóbicas, aliados são instigados a comentar, agir, se posicionar. Se

antes mal se falava da homossexualidade pelas ruas de Juiz de Fora, ficando os conservadores numa “paz” silenciosa na medida em que pessoas LGBT temiam se manifestar, o MGM retira essa paz, exige que se comente, se fale e se posicione. E não só o MGM em si, mas especialmente a ocupação desse espaço, a colocação de símbolos claros (como a bandeira). O grupo vai se tornando assim ator no espaço público, pautando a homossexualidade por meio não só de ações propositais, mas pela visibilidade de sua existência.

Anderson nos fala que “[...] chegou um momento também que a dona começou a se incomodar. E aí... era aluguel, né, acabou saindo dali e indo para a São Sebastião. (FERRARI, 2024)”. A situação acaba se tornando insustentável em meio às violências e disputas. Mas ainda havia outra questão que pesava nas dificuldades. Retomando uma das falas de Oswaldo previamente citadas, a sede da Olegário “não foi o sucesso que a gente esperava não. Foi muito difícil. As pessoas não iam.” (Braga, 2024). O ativista não comenta muito mais acerca da sede na Olegário, preferindo retomar aos acontecimentos e funcionamento a partir da mudança para a rua São Sebastião, mais ao centro. Anderson, por outro lado, expande sua fala nesse assunto, pois o tempo que passou no MGM foi em grande parte enquanto sua sede estava na Olegário, tempo que ele pensa com saudades. Segundo ele:

> Teve uma variação muito grande assim, sabe? Acho que no início, Júlia, o grupo era pequeno então tinha uma troca mais... uma relação de amizade mais mesmo né. [...] Mas ao mesmo tempo tinha uma vontade do Marquinho e do Oswaldo de ampliar. Tinha sempre esse incomodo: “tem pouca gente. A reunião tem pouca gente. Tem pouca gente, a gente tem que ampliar mais, tem que convidar mais gente, tem que ampliar!” Isso nunca aconteceu na Olegário Maciel. Quando foi para a São Sebastião, onde é hoje né, isso aconteceu. Foi para aquela região mais periférica né... o público também mudou. Foi um público mais periférico... um público bem mais periférico. E a reunião ficou muito cheia. De fato, muito cheia, né? E essa rede de sociabilidade se fortaleceu por esse lado, mas aquele grupo anterior foi abandonando um pouco o MGM, sabe? Porque... ficou muito cheio e acho que perdeu um pouco... a gente tinha um saudosismo, tinha sempre um saudosismo. “Ah... a reunião quando era menor era mais legal” Aí virou uma coisa... na reunião pequena tinha uma troca maior. O Oswaldo e o Marquinho e em alguns momentos eu ou quem tava dirigindo a reunião, tinha uma preocupação maior em circular a fala. A fala era coletivamente a gente construía um conhecimento assim. Quando ampliou virou um pouco palestra, só o Oswaldo falava e as pessoas só ouviam ai virou um pouco isso, ouvir Oswaldo. Então teve uma mudança. Ou o Marquinho. Que tomaram mais essa dianteira de que “nós somos os coordenadores, né, e nós temos algo para passar”. (FERRARI, 2024)

Na Olegário as reuniões, que ocorriam apenas uma vez por semana com todos os integrantes do MGM, eram menos frequentadas e por isso havia uma maior facilidade em trocas de todos os envolvidos o que, por um lado, fortalecia essas relações entre eles e permitia uma construção de reflexões de forma coletiva acerca dos temas abordados. Essas reuniões se assemelham àquelas realizadas pelo grupo Somos, assim descritas por Green (2018):

> Adotamos métodos que circulavam nos movimentos sociais internacionais que emergiram neste período, especialmente entre grupos feministas, de gays e lésbicas, havia pequenos grupos de conscientização que partiam da experiência individual para refletir sobre a dimensão socialmente compartilhada do preconceito. (Green, 2018, p.71).

Por outro, demonstrado no incômodo dos fundadores, a pouca quantidade de pessoas nas reuniões limitavam o alcance do MGM. Quando Anderson menciona o "abandonar" do grupo ele fala de um movimento através do qual parou primeiro de frequentar as reuniões que ocorriam, continuando a auxiliar por mais um tempo, antes de, de fato, parar de frequentar.

A rua São Sebastião, para onde o grupo foi, fica no coração do centro da cidade, numa área mais frequentada por pessoas mais periféricas e perto de uma região de prostituição, onde travestis que trabalham na prostituição ficam até a madrugada. Por isso, se mudar para lá auxiliou nessa ampliação do alcance. Além disso, o acesso a mais financiamentos permitiu que o grupo fornecesse ainda mais possibilidades para quem o frequentava. Quando perguntado acerca das reuniões realizadas no MGM, Oswaldo apenas comenta das reuniões da São Sebastião, que Anderson descreve como algo que teria virado "um pouco palestra" onde apenas "Oswaldo falava e as pessoas só ouviam" (Ferrari, 2024). Segundo o ativista cofundador do MGM, para escolher o tema da reunião ele selecionava:

> O assunto que tava em pauta. A gente ficava na internet procurando os assuntos que estavam em pauta, os debates que estavam em pauta. Quando chegava no dia da reunião a gente jogava, apresentava o assunto e todo mundo falava, dava palpite, "concordo, não concordo, minha vizinha é assim, não sei o que, não sei oque "e virava aquele chá. As reuniões demoravam cerca de 50 minutos, não podia ser mais que isso porque aí você começa a entender por que que uma aula num colégio dura 50 minutos, porque vai chegando o final a turma já tá inquieta, já ta levantando, já ta aquela falação, aquela coisa, né. Demorava 50 minutos, quando era reunião de adultos ou eu ou o Marquinho fazia reunião. Marquinho não gostava muito não, ele empurrava pra mim. E na reunião dos adolescentes tinha um grupo que era a turma do Ponto de Cultura que eles resolveram eles mesmos se organizar. Então eles faziam powerpoint com os assuntos e cada dia era um adolescente que apresentava e conduzia o debate. Era ótimo! Era ótimo, eles adoravam, ficava bonitinho o trabalho deles... Aí tinha um projetor, tinha um telão e aí eles apresentavam. Era muito engraçadinho. Lotava tanto que gente se sentava no chão para assistir as palestras. As vezes a gente trazia alguns convidados... Fernanda Miller mesmo que era uma Travesti artista na época. Uma vez a reunião foi uma entrevista com ela, sabe? E era assim, toda semana um pouquinho antes da reunião "que que nós vamos falar hoje?" "ah não pode esquecer de falar daquele menino, ah é mesmo" ai pegava uns assuntos "ah conquistamos isso lá no congresso" "tão barrando isso" tá. E eu trazia muita informação de Brasília. Eu tinha muita informação, porque eu tava lá né? Então por exemplo; o deputado Jair Bolsonaro era um cara que toda vez que eu ia em Brasília tinha briga com ele. [...] Qualquer projetinho que a gente conseguia eles vinham bater. O projeto da criminalização da homofobia... meu deus do céu! Ele chamava a gente de tudo quanto é nome, esse Bolsonaro. "Se vocês gostam de ficar dando o cu vocês fazem o que vocês quiserem eu não sou obrigado a aceitar" gritando lá naquelas salas em pleno

Congresso Nacional. Era um horror. Era um horror. (Braga, 2024)

A partir do trecho acima é possível perceber um formato mais voltado para o replicar de informações, discussão de questões selecionadas, palestras de convidados, entre outros. É como se as reuniões se convertessem em uma aula semanal de questões LGBT em pauta nacional, com notícias e eventos trazidos por Oswaldo, naquele momento representante do MGM em Brasília, questões em debate nas redes e convidados. A própria comparação que o ativista faz com aulas a partir do tempo dá a entender que se visava mais o trazer um certo conhecimento que seria adquirido e debatido do que uma construção conjunta, como anteriormente.

É um formato que provavelmente acabou por ser escolhido em vista da quantidade de frequentadores, além também de ser uma boa forma de possibilitar que essas informações e debates chegassem à essas pessoas que talvez não teriam acesso de outras maneiras. É uma transformação importante, no entanto, nas relações que se estabeleciam, por criar uma dinâmica mais desigual entre quem apresenta e coordena o debate e quem observa e participa ocasionalmente. Considerando a centralidade já existente das ações do MGM sob Oswaldo e Marco, essa alteração em uma das ações mais recorrentes do grupo pode ter levado a uma centralização maior.

Refletindo sobre a mudança de localização, as violências e rejeição dos vizinhos operam definitivamente como um dos motivos da mudança, no entanto existe também outro fator a se considerar: o que tornou viável essa mudança? Seria necessário que encontrassem um local que pudessem manter e que aceitasse o grupo, de preferência em uma localização menos hostil. Entre todas as dificuldades previamente apontadas, outra pessoa se alia, de certa forma, à luta do MGM trazendo essa possibilidade. Oswaldo assim conta como adquiriram a atual sede do MGM, na rua São Sebastião:

> O[32]: [...] tinha uma senhora que passava lá depois de um tempo. Toda vez que ela passava lá ela entrava no escritório e falava com a gente: “olha eu tenho um imóvel e eu vou vender procês.” E a gente ria dela, coitadinhos de nós, duros, não tinha dinheiro para nada. “Que isso dona Conceição”. Ela voltava, ela insistia, ela insistia. Ai um dia ela chegou falou assim “eu vou vender procês, vocês vão me pagar isso do jeito que vocês puderem. Eu vou dar dois anos de carência. Dois anos vocês não precisam me pagar nada. No terceiro ano vocês começam a me pagar e tal.” Ai eu e o Marquinho compramos. É essa casa aqui. Ai, por quê? A gente morava num apartamento que a gente pagava aluguel. Tinha a sede do MGM que a gente pagava aluguel. Nós vamos economizar dois aluguéis, lá é dois andares, faz o MGM num andar a gente mora no

[32] As iniciais dos nomes foram utilizadas para sinalizar quem está falando. O sendo Oswaldo Braga e A de Anderson Ferrari, os entrevistados, e J sendo Júlia Nogueira a entrevistadora. Só foram utilizadas em momentos que em uma mesma citação duas ou mais pessoas falam.

> outro e o dinheiro do aluguel a gente paga a prestação da dona Conceição. Claro que não deu certo porque o dinheiro que seria do aluguel entrava em outras despesas e aí... Mas aos trancos e barrancos a gente conseguiu. Foi aí que nós nos mudamos para cá. [...]
> J: Depois que se mudou pra cá diminuiu os vandalismos?
> O: Sim! Sim. Até porque nós estamos em cima de uma Igreja Evangélica, né. Depois nós ficamos sabendo por que que a Dona Conceição insistia tanto pra vender esse imóvel pra nós. É o seguinte: esse imóvel é uma herança, que ficou pra dois irmãos. Um ficou com o primeiro andar, o outro ficou com o segundo e o terceiro. O do segundo e terceiro morreu, a Dona Conceição era a esposa, ficou com ele. Ela passou a ser a dona. A Dona Conceição era brigada com o cunhado, dono do primeiro andar. E o cunhado dono do primeiro andar era homofobiquésimo, detestava gay, detestava. A Dona Conceição, para se vingar e para espezinhar (risos) o cunhado falou "Vou vender para esses meninos do movimento gay". Encasquetou isso até vender. Na hora que ela vendeu, não deu dois meses o cunhado botou uma Igreja Evangélica aqui embaixo (risos) a vingança dele, entenderam? Aí nós tivemos que conviver a vida inteira com os evangélicos (risos). Aqui é uma convivência boa, nunca tivemos problema.

Tal como no episódio das freiras, uma aliada considerada inesperada acaba por ajudar/ dar apoio ao MGM em Juiz de Fora. Embora, pela história contada, pode-se perceber que as questões pessoais não relacionadas ao ativismo realizado no grupo foram as principais motivadoras da decisão de Dona Conceição, ainda assim demonstra da parte da senhora uma espécie de apoio. Ela faz aquilo para irritar o cunhado, mas o fazendo demonstra que não possui como ele os mesmos preconceitos – ao menos não a ponto de perder a oportunidade de incomodá-lo. Graças à essa situação, a sede do MGM passou a ser um local fixo, de propriedade de Marco e Oswaldo. Ao mesmo tempo, a casa deles passou também a ser a sede, em uma situação que os levou a trabalhar pelo MGM 24 horas por dia, com pessoas por vezes batendo em sua porta de noite ou de madrugada, algo relatado tanto por Braga quanto por Ferrari.

Essa dedicação de todo o seu tempo para o grupo, a nova localização mais central e de fácil acesso e a diminuição dos ataques permitiram ao MGM um grande florescimento. Para Oswaldo, isso demonstra uma melhor adequação, ele afirma:

> E aqui é muito mais adequado pro nosso público do que era lá em cima. O nosso público, o público que a gente atendia é gente pobre. Muita gente preta, muita gente da periferia, muita gente que só atravessava aqui o rio e já tava aqui, sabe? Foi muito mais adequado. As travestis que faziam ponto aqui na rua, era muito comum a gente ta dormindo, 2 horas da manhã "Oswaldoooo Oswaldoooo tem camisinha?" Porque elas arrumavam programa e tava sem camisinha e gritava. A gente jogava da janela "Porra pega aqui de dia" mas nunca deixamos de atender. [...] (Braga, 2024)

Anderson concorda com os efeitos dessa mudança, algo que ele percebe nas reuniões. Ele diz que "[...] a reunião ficou muito cheia. De fato, muito cheia, né? E essa rede de sociabilidade se fortaleceu por esse lado [...]" (Ferrari, 2024). O professor complementa:

> Na Olegário era uma reunião só. Só tinha homem, maioria homem. Quando foi para São Sebastião criaram várias reuniões, então tinha reunião que acontecia quinta feira a noite que começou a ter mais mulheres. Mas sempre foi de maioria masculina. Começou a ter grupo de lésbicas, que na época era a Érica... Acho que era a Érica que organizava esse grupo de lésbicas. Acho que hoje é professora de educação física. Acho que foi a Erica que organizou. Começou a ter grupo de adolescentes, também. Eu coordenei um tempo, depois teve um psicólogo, o Toti que coordenava o grupo de adolescentes... depois foram adolescentes falando pra adolescentes, né. E ai ampliou muito a ação, assim. Tinha durante o dia, tinha atendimento psicológico, tudo financiado pelos editais, então tinha uma agenda que as pessoas agendavam para fazer atendimento psicológico. A Tatiane que era psicóloga trabalhou no MGM. O Toti já morreu, a Tati e o Toti que faziam o tratamento, o atendimento psicológico. Tinha essa rede de jornalistas que eram estagiários que o Jorge, que coordenava... O Jorge já morreu também. Mas tem um menino, o Breno, que fez parte... que eu tenho o contato dele, você querendo também. Tinha isso, tinha o ponto de cultura que tinha oficina de Drag, tinha teatro... o MGM ficava lotado! Tinha uma sala de computação financiada pelo edital também que as pessoas... como pegava um público mais pobre, nessa sala as pessoas iam la para acessar, para fazer trabalho de escola, porque ali tinha internet, para paquerar para entrar em rede social, porque na casa não tinha computador... Então era um movimento durante o dia todo no MGM, muito legal (Ferrari, 2024).

Assim, como escrito anteriormente, essa conjunção entre novos financiamentos e um local de melhor acesso para a população LGBT mais vulnerável consegue satisfazer alguns dos incômodos de Oswaldo. Amplia-se o público, ampliam-se as ofertas, amplia-se a variedade de pessoas. As reuniões se diversificam, com outros LGBT que não gays masculinos tomando parte no grupo, adolescentes recebendo uma reunião própria, com temas voltados para eles. As pessoas atuando dentro do MGM se diversificam, algo ocasionado pelos financiamentos, mas também pelas demandas: psicólogos, jornalistas, participantes do teatro, quem precisava utilizar a sala de informática, entre outros. Então, embora a estrutura nova fosse menor que a anterior, Anderson afirma que "[...] na São Sebastião em função dos vários editais o MGM tomou uma dimensão muito maior de ação na cidade que quando era na Olegário, sabe? (FERRARI, 2024)".

Para Oswaldo esse público é motivo de orgulho. Ele conta que, com públicos de 50 a 60 pessoas por reuniões: "durante algum tempo éramos considerados a ONG que mais conseguiu uma mobilização constante da população LGBT em torno da ONG" (Braga, 2024), pois "a média no país das outras ONGs que faziam mais ou menos o mesmo modelo era 6, 7" (Braga, 2024). A nova localização proporcionou isso, aliada a uma estratégia que eles já haviam tentado implementar na primeira sede, mas que se deslancha na segunda: a existência de um bar que funcionava a partir do fim da reunião, com shows, música e bebidas. Oswaldo conta que:

> [...] depois que acabava os 50 minutos a turma... aí tinha DJ, tinha um show de drag, as drag da escolinha ou drags convidadas ali. Não pagava nada, era de graça elas que gostavam. Ai o DJ ficava tocando até as dez e a turma ia beber no bar. Aí ficava. O

> assunto que tinha começado lá na reunião vinha pro bar e ali ficava... era uma delícia. Dez horas blemblemblem tocava o sino, todo mundo ia embora. (Braga, 2024)

Segundo o ativista, as pessoas acabavam indo para a reunião mesmo que não se interessassem tanto pela discussão, pois:

> Se não viesse na nossa reunião, ou ia pro bar do Gil, que era um bar pequeninho na garagem que a turma ficava na rua, na porta. Ou ia pra boate, standup que era barulheira. Ali você não tinha condições de conversar. Então onde que é que a galera vinha, conversava? A gente conseguia passar mensagem política da luta, do movimento LGBT. Era aqui que eles arrumavam um namorado. Era aqui que eles beijavam na boca pela primeira vez. Que não tinha problema nenhum chegar aqui, namorar, sentar numa mesa, ficar lá namorando. Tinha problema nenhum. Então a gente foi durante muito tempo a referência para essa galera. Eu... quando acontece o *Rainbow Fest* e eu ando ali pela praça Antônio Carlos é impressionante a quantidade de gente que me para para agradecer, que hoje reconhece a importância da formação que o MGM deu na vida deles. O tanto que a gente... sabe? Porque a gente abria a nossa casa. Isso aqui era a nossa casa. A gente abria nossa casa pro povo trabalhar, pro povo se divertir, e tal. Era bem legal. (Braga, 2024)

Portanto, ao oferecer um local seguro central para pessoas LGBT, em especial homossexuais masculinos, frequentarem e namorarem o MGM consegue reunir um público cada vez maior que, de alguma forma, acabam ouvindo aquilo que Marco e Oswaldo consideravam importante passar. Eles realizam, com essa ação uma política de identidade, auxiliando os frequentadores a, ao mesmo tempo, viver sua sexualidade no bar e refletir sobre ela nas reuniões, assim como observar e debater as formas como politicamente vinha sendo tratada essa sexualidade. É uma ação multifacetada, orquestrada pessoalmente pelo casal que, como afirma Oswaldo, estava “abrindo sua casa” para essas pessoas.

Para Ferrari (2024) a sociabilidade possibilitada por essas reuniões, pela existência do bar e pelas ações que permitiam a circulação das pessoas pelo MGM ao longo do dia seria aquilo que ele considera de mais importante naquilo que o MGM produziu, fez. Ele afirma:

> Eu acho que isso era o mais importante no MGM, sabe? Que nem eu te falei assim... a reunião era um espaço de sociabilidade importante, e tinha a ver com essa coisa também, que é uma coisa importante da gente pensar a política LGBT. A política LGBT ela não é uma política sisuda. Ela é uma política que mistura festa, né? Então essa coisa de ir pra reunião e depois ir pro bar... era uma continuidade da reunião também. Então a rede de sociabilidade, ela não se fazia só na reunião, ela também se fazia nesse momento de diversão. Porque essa população pobre era uma população que não frequentava o Musik, não frequentava a Blade, que na hora era Blade a boate, porque não tinha dinheiro. No MGM a entrada era gratuita, você consumia... Então muitas vezes eu tava no bar a pessoa chegava no bar e falava assim, “você me dá um copo de água da torneira?” Então ela entrava de graça e depois da reunião tinha um DJ, então as pessoas namoravam, conversavam, então o MGM foi um espaço fundamental para um grupo de pessoas pobres de sociabilidade, de paquera, de diversão, importante, sabe? (Ferrari, 2024)

Ambos, Oswaldo e Anderson, mencionam a continuidade da reunião no bar: a forma como as pessoas continuavam discussões e debates iniciados anteriormente, só que agora num âmbito mais casual. Isso reflete essa capacidade de influência que essas reuniões tinham, gerando debates que provavelmente ficavam mais descontraídos no bar, mas que ainda assim eram absorvidos pelos frequentadores.

Essas políticas, os debates e mesmo as identidades que iam se formando ali dentro eram guiadas e orientadas por essas figuras centrais, que decidiam temas, organizavam as ações, e estabeleciam a palavra final sobre o que o MGM realizaria ou não. Ao abrir as portas de sua casa Oswaldo e Marco tornavam essa ação possível, mas realizavam também enquadramentos que guiavam aquilo que ocorria.

Ainda sobre o bar, Anderson e Oswaldo comentam:

> A: O MGM quando ele surgiu, quando ele estava na Olegário Maciel tinha uma proposta que era a proposta de..... tanto é que a reunião acabava e tinha um bar depois. E a ideia do Oswaldo e do Marquinho era que o bar desse condição de sustentação pro MGM. Então tinha festas que criava uma rede de sociabilidade assim muito legal. (Ferrari, 2024)
> O: A gente achava que o bar do MGM fosse capaz de ajudar nessa sustentabilidade da ONG. Mas não ajudava. Não ajudava, todo final de mês a gente tava sem dinheiro. Comprava cerveja, vendia cerveja, na hora que ia ver quanto que sobrou não sobrava nada, porque pagava o moço que ficava na portaria, o outro que ajudava no balcão e pá não sobrava nada. E a gente ia nessa. Pelo menos a gente fazia. (Braga, 2024)

Percebe-se, então, que apenas pela via do financiamento público o MGM não era capaz de funcionar, encontrando desafios e complicações financeiras. Pelo que é relatado por ambos os entrevistados, o casal ter que recorrer ao seu próprio dinheiro para resolver questões do grupo, de eventos, entre outros, era algo comum. O dinheiro deles como indivíduos e o do MGM começa a se misturar. Em geral, a partir do momento que se mudam para essa nova sede, que se torna simultaneamente casa deles e sede do grupo, existe a quebra da divisão entre trabalho na ONG e a vida privada do casal, uma continuando na outra, inclusive com as pessoas ao redor também passando a ver eles como a ONG 100% do tempo.

Essa questão é possível perceber quando Oswaldo relata, em uma fala anteriormente citada, o seguinte: "[...] era muito comum a gente ta dormindo, 2 horas da manhã 'Oswaldoooo Oswaldoooo tem camisinha?'. A gente jogava da janela 'Porra pega aqui de dia' mas nunca deixamos de atender." (Braga, 2024). O ativista conta com naturalidade essa interrupção, fazendo questão de deixar claro que nunca deixaram de atender esses pedidos: O MGM, descrito por ele como sonho de casal, vai se tornando a casa, a vida do casal. Ele mesmo

menciona que “a gente abria a nossa casa. Isso aqui era a nossa casa. A gente abria nossa casa pro povo trabalhar, pro povo se divertir, e tal.” (Braga, 2024). Anderson, em sua fala, traz uma percepção similar sobre a relação entre MGM e o casal que se forma a partir da mudança:

> Eles trabalhavam o dia inteiro com a questão da homossexualidade, a homossexualidade era a pauta deles. Era a luta deles. Então eram incansáveis. As pessoas batiam de madrugada na casa deles. O MGM quando foi para a São Sebastião piorou ainda mais essa coisa, porque eles moravam em cima do MGM. Quando o MGM era na Olegário eles não moravam no MGM, então eles vão la trabalhavam e iam embora para casa. Quando acabou a Olegário ficou uma coisa misturada, não existia uma separação de vida pessoal com a vida de militância. O Oswaldo e o Marquinho, vida pessoal e vida de militância era uma coisa só 24h por dia. Então as pessoas batiam de madrugada no MGM, porque sabiam que o Oswaldo e o Marquinho tava morando la. “Vocês tem que tirar fulano de tal da cadeia, foi pra cadeia” E eles se arrumavam e iam para polícia 4h da manhã, 2h da manhã. Eles eram incansáveis. Subiam morro para ver problemas de família que bateu em filho que era gay, isso era... e ai isso fez com que as pessoas também buscassem no MGM um acolhimento. (Ferrari, 2024)

A dedicação deles pelo que é descrito como sua “luta” é qualificada por Anderson: incansáveis. Além da situação de camisinhas, contada com tom de bom humor por Oswaldo, pode-se ver diversos outros exemplos, envolvendo deslocamento e mesmo riscos à segurança pessoal deles, como agressões ou prisões. Quando se considera que o grupo e a militância vinham de motivações mais gerais, mas também de desejos próprios do casal para o futuro, de poder se apresentarem e se amarem sem preconceito ou entraves, pode-se perceber que a história dos dois vai se entremeando à do grupo, como mais que uma “história e origem”, mas como a ação contínua deles.

A Parada LGBT que Oswaldo testemunhou em Londres e as formas pelas quais ela inspira o *Rainbow Fest* foram abordadas na seção anterior. No entanto é interessante ressaltar como a parada de Londres é significativa em um nível muito pessoal para Oswaldo, que nos conta que “[...] quando fui para Londres levei o meu armário, então lá que eu fiquei livre dele e quando cheguei aqui ainda tinha muito vestígio de armário ainda [...]”. É uma de suas primeiras experiências vivendo sem um armário, algo que lhe incomodava pois “[...] eu tinha que estar apresentando o Marquinho como meu amigo, meu melhor amigo... ah não. Não fazia sentido. Isso na cabeça da gente não fazia.” (Braga, 2024). Quando ele retorna, inspirado e realiza com Trajano o *Rainbow Fest*, ele retoma esse momento de liberdade e, eventualmente graças à atuação como ativista e ao apoio de Marco ele saí do seu armário:

> [Marco] ele que me tirou do armário né. Me ensinou como era a vida fora do armário. Porque durante muito tempo que, no começo da nossa relação eu continuei no armário. Os primeiros, os dois primeiros *Rainbow Fest* eu não dava entrevista. Eu não podia

> aparecer. E quem dava a entrevista, quem falava as coisas tudo era o Marquinho. E eu ficava na organização dos bastidores. Quando foi em 2000... (pausa) Primeiro parou de fazer sentido, eu super envolvido com o movimento de defesa dos gays e no armário. Não fazia sentido. E a Globo queria uma entrevista comigo. E era Minas, não era Integração[33]. Aí eu fiquei naquela "meu deus, meus filhos vão ver..." que ainda não sabiam, minha mãe... Aí eu contei. Dei a entrevista e contei. Para todo mundo. Ai nooossa. Sai do armário aos 30 anos de idade, pai. Um cara que já tava trabalhando a mais de dez anos na área de comunicação, conhecido, respeitado lá em Belo Horizonte, principalmente. Mas isso ajudou. O fato de já ter uma carreira, de já ser uma pessoa com um conceito na cabeça dos outros, né. É... "esse cara é bom de serviço, esse cara é honesto, esse cara..." na hora de falar "mas ele é gay" aí não fazia sentido na cabeça das pessoas reverterem isso, "ah então ele é péssimo! Ele não vale nada! Ele é a escória!" Não. Isso ajudou, de certa forma, as pessoas continuarem a minha história. Mas eu confesso que foi um baque. Foi um divisor de águas. Porque muitas portas se fecharam também. Já chegava com essa visão "ih lá vem o gay" né? "Oswaldo virou gay" eu escutei isso demais. Ah... nossa entre os amigos de pescaria... Iiiihhh vocês não fazem ideia de como é que foi. Mas tinha o Marquinho, que me ajudava, que me apoiava... E tinha esse nosso sonho, também, de fazer alguma coisa. (Braga, 2024)

Oswaldo saí do armário por causa de todos os incômodos pessoais que eles viviam como casal, mas o incentivo final é o ativismo: é para que ele possa conceder uma entrevista, divulgando a sua atuação, seu evento, seu grupo. Ele acaba sofrendo algumas consequências negativas, mas, segundo o próprio, diversos acolhimentos, em especial de seu marido que ele elenca como principal apoio, juntamente com seu sonho. O sonho e o relacionamento: eles se sobrepõem, atuam juntos, alimentam um ao outro. De um homem que "sabia que era gay desde criança [...] mas achava que dava conta de não ser" (Braga, 2024) e que até os 30 anos de idade teria feito o "tipo 'não sou gay'", que foi casado, com dois filhos, para uma pessoa que organizava, participava, aparecia na mídia (notícias, reportagens, filmagens, fotografias) tudo em prol da causa homossexual, ele mesmo assumido orgulhosamente. São experiências que o transformam, que transformam a existência dos dois.

Considerando, portanto, o peso do Movimento Gay de Minas para os dois, o quão entremeado em suas vidas ele se encontrava, não é surpresa que, ao ser perguntado sobre terem se mantidos como as principais referências do MGM durante todo o seu funcionamento ele responda da seguinte forma:

> [...] nós fundamos o grupo. Fundamos o grupo para fazer o que a gente fazia e o que faz até hoje. Então, o fato de nós estarmos no grupo até hoje eu acho que é super natural que seja assim mesmo. Agora, outras pessoas passaram pelo MGM. Algumas foram embora, outras morreram, outras não quiseram mais mexer com isso, e tal. E a gente foi ficando. Na medida em que o tempo foi passando o nosso propósito em relação ao MGM foi mudando. Aquele propósito inicial foi ganhando outras cores, outro tipo de assistência que a gente dava, outro tipo de relação que a gente mantinha

[33] A TV Integração é o canal globo específico à Juiz de Fora e região. Quando o ativista diz "era Minas, não era integração" está afirmando que seria passado para o estado todo, não apenas para Juiz de Fora e região, o que queria dizer que sua família, que morava em Belo Horizonte, teria muitas chances de ver.

> com o poder público e tudo. Foi aos poucos, foi mudando. E foi ganhando outros objetivos, né? Agora, desistir do MGM, virar pra você e falar "Olha a partir de amanhã o MGM tá com você" isso nós nunca fizemos e eu acho que se um dia acontecer quem entrar vai precisar de uma consultoria (risos) vai precisar... Sabe? Eu vou ter que tá ali do lado durante um tempo mostrando como é que o nosso jeito de fazer a coisa, o nosso know-how. (Braga, 2024)

Existe uma defesa de sua posição como coordenador, presidente, cofundador. Mesmo em um cenário onde ele já não fosse mais um dos agentes centrais, ele não consegue se ver retirando sua atuação de todo, muito menos se afastando da própria liderança do grupo. Porque o grupo não foi apenas uma Organização que eles fundaram, com estruturas burocráticas que permitiriam seu funcionamento contínuo e independente, algo que existe por si só e pela qual diversas pessoas passam. O MGM é, de certa forma, Oswaldo e "Marquinho". Eles são o rosto que se apresenta quando o grupo é pautado, eles são aqueles que sacrificaram sono, dinheiro, entre outros para manter seu funcionamento. São de fato incansáveis nessa permanência, e esse sonho deles acaba por se tornar sinônimo deles.

Não necessariamente era esse o plano inicial, mesmo que a ideia tenha surgido de um sonho de casal, mas foram eles que acabaram por consistentemente insistir na ação, na duração do grupo e, com isso, se tornaram suas figuras centrais. Quando perguntado acerca da memória do MGM, Anderson (2024) afirma:

> Acho que tem uma relação importante da memória do grupo, porque a memória do grupo é a memória de indivíduos. Acho que isso é importante ressaltar. O grupo ele... a memória do grupo ta na memória do Marquinho e do Oswaldo, e ai é super importante isso. Porque o Marquinho e o Oswaldo foram incansáveis. O Oswaldo ainda é incansável. E é incansável em construir em mundo diferente do que eles viveram. Acho isso muito importante. Porque não ganharam dinheiro com isso, muito pelo contrário, ganharam dívida. A gente pode pensar assim: que que move os dois? Acolher uma população que muitas vezes batia neles, muitas vezes falava mal deles... e eles lá, incansáveis. Eu acho que tem a ver com isso, tem a ver com um projeto de sujeito e um projeto de nação diferente do que eles tiveram. Isso para mim é louvável. Então acho que a memória dos dois tinha que ser feita. Porque quando a gente fala "a memória do MGM", a memória do MGM é a memória do Oswaldo e do Marquinho. (Ferrari, 2024)

Como Oswaldo (2024) ressalta, "outras pessoas passaram pelo MGM. Algumas foram embora, outras morreram, outras não quiseram mais mexer com isso, e tal. E a gente foi ficando". O grupo recebeu diversos ativistas, ele foi alimentado e floresceu sob muitas mãos. Até os dias de hoje existem muitas pessoas que auxiliam na organização do *Rainbow Fest*. Mas são Braga e Trajano os nomes que consistentemente se colocam, permanecem, mantém essa linha de continuidade no grupo, mantém as ações do grupo. Mesmo durante os últimos anos, em que o MGM diminuiu muito sua ação, principalmente em consequência da diminuição do

financiamento público ocorrida nos últimos governos, não deixaram de realizar o *Rainbow Fest* em nenhum ano.

Dessa forma, uma característica muito importante do MGM se explicita: a centralização do grupo, de sua organização, sob a liderança de seus fundadores: Marco Trajano e Oswaldo Braga. Toda a discussão acima aborda algumas das razões para isso, em especial o lugar único do grupo enquanto espaço onde a vida dos dois como casal acaba se desenvolvendo. No entanto, existem outras questões a serem consideradas também. Primeiro, uma certa tendência em grupos de militância homossexual de haver essa centralização em uma figura ou um pequeno grupo de pessoas. Ferrari (2024) lembra disso na entrevista:

> O grupo era, que eu falo na minha tese também, o MGM ele tem uma característica, uma característica geral do Brasil que era a centralização em algumas figuras. Então assim o GGB é do Mott, o Corsa era do Lula, né? O Arco Iris do Claudio Nascimento, o Dignidade... o diversidade, eu tinha falado do dignidade? É do Toni Reis. O MGM é do Oswaldo e do Marquinho. Então tinha uma centralidade muito grande no Oswaldo e no Marquinho. (Ferrari, 2024)

Observando a organização de outros grupos e a forma como eles acabavam por se centralizar em algumas figuras chaves, é possível pensar que também por influência dos grupos com os quais tinham contato Marco e Oswaldo assumem essa posição mais central no MGM. Oswaldo inclusive cita, na entrevista, uma visita que receberam de Luiz Mott:

> Uma vez quando nós começamos o MGM o Luiz Mott veio aqui, pra um *Rainbow Fest* e ele numa mesa de bar comentou com a gente, falou "Olha, não existe líder sem liderados. Vocês pra se dizerem líderes do movimento gay, vocês precisam ser reconhecidos como líderes pelos seus liderados." Então, a partir daí – eu lembro muito bem – nós iniciamos um trabalho de legitimação da nossa liderança. Então, vou ser porta voz, se eu vou ser porta voz desse grupo então eu tenho que falar direito. Se eu vou levar essas pessoas, eu tenho que saber como que eu vou levar. A gente sempre teve essa preocupação. E eu acho que nós conseguimos esse papel, de ser reconhecidos como líderes e ser inclusive aceitos. Ah os nossos líderes indicam que a gente deve fazer assim. E muita gente faz e muita gente ainda acredita em nós.

Então esse "cargo" de liderar o grupo, liderar o movimento é algo que decidem propositalmente integrar em sua atuação. Eles se esforçam para isso, se educando, buscando se comunicar corretamente, assumindo a responsabilidade financeira, fazendo entre si o que chamam de "mídia training". É algo que se conecta à questão das reuniões maiores no grupo, que acabavam por ter um teor mais de palestra, aula segundo Anderson: se eles estão buscando atuar dentro desse papel de líderes, de porta-voz, existe por si só um "desequilíbrio". Eles se posicionam em um local de onde falam para e pelos homossexuais e, para esse fim, a

comunicação de suas ideias, das informações adquiridas, entre outros, são feitas em uma espécie de aula. Não parece, portanto, acidental esse formato novo que as reuniões maiores assumem e a centralização que se formula e se mantém também se conecta a isso.

A ideia de entregar o MGM na mão de outra pessoa é absurda para Oswaldo justamente porque, além de seus motivos mais subjetivos de sua própria memória e vida imersas no grupo, ele e Trajano realizam toda uma transformação nas suas formas de agir, pensar se comunicar visando alcançar esse conselho que Mott lhes dá. Eles mantêm-se como chefes do grupo por manterem um esforço contínuo em se atualizar, pesquisar e saber o que é necessário de ser feito, quando, onde e por quê. Quando ele menciona que precisaria aconselhar a pessoa que assumisse após ele, além dessa negação em se retirar por completo do grupo, diz também de uma preocupação em não permitir que alguém assuma sem ter tido esse "treinamento", sem se "legitimar enquanto líder".

Assim, quando Anderson afirma que "Oswaldo e o Marquinho tinham uma dificuldade muito grande de delegar [...]" (Ferrari, 2024), é possível ler essa afirmação como ambos preocupados com o que poderia vir de delegar para a pessoa errada. Segundo Oswaldo (2024), havia também dificuldades em ter pessoas que se dispusessem a participar do grupo por completo, especialmente bem no início. Segundo ele:

> Olha... A princípio era eu e Marquinho. Apesar da gente ter uma diretoria era todo mundo "ou quebra meu galho, entra aqui na diretoria para gente poder montar a ONG, empresta seu nome?" Era quase isso. Quem metia a mão na massa e quem garantia que esse nome emprestado não fosse cair na lama éramos nós, né. (Braga, 2024).

Em citação anterior também, ele menciona que muitos acabaram deixando de ir, perderam o interesse, quiseram atuar em outras questões. São eles que acabam persistindo através das mais de duas décadas de existência. É interessante, pois isso é um problema também por causa do medo de sair do armário, em especial no início de suas ações. Na notícia de 12 de agosto de 1998 intitulada "*Rainbow Fest*: Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes" uma entrevista com Marco Trajano é citada:

> Marco diz que, em geral, Juiz de Fora recebe muito bem o gay, mas o preconceito é velado. 'Algumas pessoas se colocam à disposição para apoiar e contribuir, mas preferem que seu nome não apareça, com medo de associação com o mundo gay', explica. Ele reconhece que o Miss Gay contribuiu muito para a boa aceitação do homossexual na cidade. 'O *Rainbow Fest* só existe por causa do concurso, mas o que queremos é discutir também nossos problemas. (Tribuna de Minas, 1998, p.1)

Nesse trecho, Marco fala sobre alguns comércios que ajudam, mas não querem ser nomeados, mas fala também de voluntários que ajudaram na organização do evento, mas que preferiam permanecer em segredo por causa do medo causado por esse preconceito. Em outros momentos ao longo dos 4 anos pesquisados do jornal a própria Tribuna de Minas realiza entrevistas com outros participantes do MGM que ela não cita pelo nome, afirmando que eles preferiram o anonimato. Dessa forma, é possível pensar que essa centralização se dá não só pela importância que o grupo tem para o casal, mas também falta de outras pessoas que se oferecessem ou que seriam consideradas por eles aptas a ficar nesse local de coordenar, tomar decisões.

Este aspecto de identificação quase total do grupo com Oswaldo e Marco acaba gerando consequências para a forma como o grupo era visto e frequentado segundo Ferrari (2024):

> O Oswaldo e o Marquinho tinham uma dificuldade muito grande de delegar, com o tempo eles foram fazendo isso. Por isso que eu falei que o Michel foi importante. O Michel foi um cara que eles delegaram muita coisa pro Michel. Mas era muito centralizado no Marquinho, aí muitas vezes tinha algum conflito ali. Na minha tese eu falo de um menino, né? Que era o Isac, na reunião era muito interessante a postura do Isac. Porque muitas vezes eu percebia que na reunião era um pouco falar aquilo que o Oswaldo e o Marquinho já tinham falado, ou confirmar o que eles já tinham falado, ou falar para eles buscando o aval deles. O Isac era a voz dissonante. O Isac é um cara muito interessante, era um estudante de filosofia e ele problematizava, ele criava um incomodo. Então muitas vezes o Isac falava coisas que incomodavam, e incomodavam porque tirava do lugar, fazia pensar. E aí no encontro as pessoas batiam no Isac, né? Ele era a voz dissonante, então isso acontecia muito no grupo. Ai com o tempo os dissonantes... o Isac parou de ir, o Isac deixou de ir no grupo. Então como era muito centralizado, tinha hora que quando se não concordava a pessoa começava a deixar de ir, começava a abandonar o grupo. (Ferrari, 2024)

Segundo Anderson, existia uma parte das pessoas LGBT da cidade, mais especificamente de homens gays, que não frequentavam o grupo de propósito. Para isso podem existir diversos motivos, mas o professor ressalta essas possíveis antipatias ou discordâncias com os dois fundadores do grupo como motivos que levariam certas pessoas a não frequentarem: o MGM não era um espaço de muitas opiniões dissidentes. Tal como discutido anteriormente, o grupo ser essencialmente feito a partir das ideias e enquadramentos de Oswaldo e de Marco fazia com que seu espaço refletisse os dois, tanto que é por isso que Anderson considera que havia uma presença menor de mulheres cisgênero, trans e travestis, uma vez que era um grupo regido por dois homens gays cisgênero. Acerca de outros homossexuais na cidade que não frequentavam o grupo, Anderson comenta:

> Eu acho que na cidade tinha um racha, sabe Júlia? Tinha uma racha assim de... o Oswaldo e o Marquinho não são unanimidade, e, portanto, o MGM também não era unanimidade. Tinha muita critica por exemplo às paradas. As pessoas falavam "as paradas é só carnaval". As pessoas malhavam o MGM, já vi muitos amigos gays que não iam no MGM falar mal da Parada, falar mal da postura do Oswaldo e do Marquinho de organizar a Parada. Então a relação do MGM com a cidade não era uma relação de consenso. Cê tinha muitos gays, por conta de vários motivos, sabe? Um ponto é isso, muito centralizado no Marquinho e no Oswaldo. Acho que outro ponto era a questão do recorte de classe, então muitos gays que frequentavam Musik sexta-feira não colocavam um pé no MGM, né? Porque eram brancos, classe média alta, ricos, não estavam interessados na discussão política, interessados só na festa, o MGM. Tinha uma certa implicância ali do que era uma questão muito interessante também que o Oswaldo e o Marquinho sempre politizavam as questões e muitas das vezes os grupos que estão... gays não querem discutir política, eles querem festa. E muitas vezes eu já vi conflitos... por exemplo eu já vi um conflito uma vez no Bar do Gil, uma discussão, em que o Marquinho pegou... Marquinho tava na plateia e aí o Bar do Gil abriu a voz para uma pessoa falar que era candidata e era uma pauta política que era contra gays, tava falando num bar gay e o Marquinho da plateia bateu boca, teve uma... E o grupo dali rechaçou o Marquinho. Rechaçou o Marquinho né... O Marquinho foi quase expulso daquele dia no bar. Então tinha um certo conflito. Não era consenso. Tinha muita gente que não ia no MGM que adorava a política do MGM, mas tinha muita gente que não ia também e era contra o MGM.

Mesmo a questão de classe que Ferrari comenta acima, que faria alguns não quererem frequentar o grupo, diz também dessa política mais centralizada nos dois: ambos eram pessoas que consideravam importante que o grupo acolhesse justamente as populações que estavam em condições mais vulneráveis, algo que Oswaldo perceptivelmente se orgulha de poder ter proporcionado. Aqueles que não iam por isso, por não gostarem da questão política, iam de encontro justamente com o que eles defendiam. Similarmente, aqueles que criticavam por considerar que de alguma forma faltava política, conteúdo político em algumas das ações do grupo (como organizar paradas) discordavam também da visão dos dois, para os quais a valorização da cultura, dos espetáculos, das festas tipicamente LGBT seria essencial. Então parece que o espaço para o dissenso era pouco, assim como para outras lideranças, fazendo com que, por motivos de discordância, alguns não frequentassem nem ações que não diziam tanto daquilo do qual não gostavam no grupo.

No entanto em nenhum momento o grupo é organizado e atua apenas por meio dos dois. Como já foi ressaltado antes, o grupo entra e cria para si diversas redes de ativismo, auxiliando e sendo auxiliado por outros grupos, organizações, participando de assembleias, congressos, operando ações coletivas e trazendo novas pessoas para dentro do MGM. Constantemente Oswaldo e Anderson retomam diversas pessoas que integraram o grupo e que foram essenciais para ele. O que se fala é de uma centralização da liderança, da palavra final, mas o grupo é também formado, acionado por diversas mãos. Ferrari (2024) fala da seguinte forma da sua aproximação do MGM:

> Eu conheci o MGM em 99, na segunda *Rainbow Fest*, eu vi o cartaz do *Rainbow Fest* e fui. Aconteceu na câmara dos vereadores e eu fui ver uma palestra. Ai depois da palestra, no debate, eu participei do debate e falei que tava fazendo uma pesquisa em educação aqui, trabalhando com homossexualidades e escola, que era uma coisa muito nova no campo da educação, não tinha nada escrito sobre isso e eu percebi que teve um... um interesse. No final da minha participação, não sei se o Oswaldo ou o Marquinho, me procuraram interessado na pesquisa bababa. No outro ano eu já tava morando aqui... eu já tava morando aqui e eles me convidaram para fazer uma fala no *Rainbow Fest*. (Ferrari, 2024)
> [...] assim eles me chamavam para falar nesses eventos... Quando o MGM foi construído, foi criado, né? Aí eu comecei a frequentar mais as reuniões. Era ali na Olegário Batista... Olegário Maciel, não era batista não. Eu comecei a frequentar mais as reuniões, as reuniões eram quinta à noite. Comecei a gostar da reunião, porque a reunião era um grupo de gays, maioria homens, a grande maioria homens, tinham pouquíssimas mulheres. E a gente discutia assuntos relacionados à constituição da homossexualidade. E eu comecei a fazer ação no MGM, ação formativa, muitas vezes eu quem coordenava essa reunião, eu quem conduzia a discussão de algum tema dessa reunião. Aí comecei a entrar mais assim, aí começou também eles a me chamarem para ir na escola, a escola começou a acionar o MGM e o MGM começou a me colocar né. Quando o MGM se tornou o espaço onde eu ia fazer minha pesquisa de doutorado aí eu comecei a entrar mesmo né, nas reuniões, participar da diretoria, eu fui da diretoria do MGM, coordenei por algum tempo o grupo de adolescentes gays também do MGM né. (Ferrari, 2024)

É possível perceber nos trechos acima um movimento dos próprios Trajano e Braga em busca de pessoas que agregariam habilidades, conhecimentos e multiplicidade para o grupo. Especificamente no que se refere à Anderson, sua pesquisa, sua fala no Rainbow (que deve ter chamado atenção) e, posteriormente, sua disponibilidade para ajudar com coordenações, falas e idas às escolas fez com que ele fosse abraçado no grupo, chegando a ser parte da diretoria. Existia uma relação de confiança, com ele sendo colocado para fazer a coordenação dos diferentes grupos, para representar o MGM em outros locais.

Existe uma certa delegação de tarefas nessa ação. Algo que depende da confiança dos coordenadores do grupo na capacidade da pessoa de realizar aquela função, mas ainda assim uma delegação. Em trecho anteriormente citado, Anderson fala que "O Michel foi um cara que eles delegaram muita coisa pro Michel" (Ferrari, 2024), algo que possivelmente demonstra que, eventualmente, Marco e Oswaldo encontraram também alguém em quem podiam confiar mais funções administrativas do grupo. Oswaldo afirma que

> Eu gosto de trabalhar em equipe, eu não sou o cara que... mas eu não gosto que nada saia sem que eu revise. E eu não gosto muito de gente melindrosa que não aceita uma mudança no texto, que se ofende quando eu faço uma correção, eu não gosto de gente assim. Eu admito as pessoas corrigirem meu texto, mas também corrijo o dos outros. Em tudo. Então nessa questão de organização de Evento, o *Rainbow Fest* tem 27 anos... então nós já fizemos uma Parada para 127 mil pessoas... Quem? Eu e o Marquinho. (Braga, 2024)

Considerando as diversas pessoas de quem ambos se cercam, existe ali um trabalho efetivo em equipe. Algo que por vezes parte da iniciativa do casal em procurar alguém que eles consideram que possuem potencial, como Anderson, e outras vezes parte da iniciativa da pessoa de se juntar e ajudar naquilo que podia. Ainda assim, "eu não gosto que nada saia sem que eu revise" (Braga, 2024), ou seja, a palavra final, a última revisão parte deles. Seria missão deles garantir o funcionamento correto, garantir que, como afirmou Oswaldo antes, "o nome emprestado não caia na lama" (Braga, 2024). Existe um senso de responsabilidade, uma posição de liderança, como foi anteriormente afirmado. Eles não fazem tudo sozinhos nem desconsideram aquilo que outros podem acrescentar ao grupo: mas são seus principais líderes e não deixam essa função escapar. Mesmo entre eles existe uma divisão de funções de acordo com a aptidão que eles tinham. Oswaldo nos conta que "Marquinho não gostava muito não, ele empurrava pra mim." (Braga, 2024). Por outro lado:

> Vinham umas pessoas ajudar, mas quem fazia, metia a mão era eu e o Marquinho. O Marquinho, menos na área de comunicação e mais nessas articulações políticas, ele era funcionário da prefeitura, tinha uma entrada lá para conseguir um alvará, para conseguir um apoio e tals. Ajudava bem. Além de que, era um cara muito inteligente, falava muito bem. O Marquinho tinha uma facilidade de subir num palanque e as ideias que saiam sem ter parado para pensar antes... Ele era muito bom nisso. Ele faz muita falta. Ele faz muita falta. Eu... nós ficamos casados 30 anos. (Braga, 2024)

Dessa forma, o grupo possuía diversos integrantes que não apenas aproveitavam aquilo que o MGM oferecia de serviços, mas eles mesmo operavam dentro do MGM ações, forneciam cursos e outras atividades:

> Ai à medida que nós começamos a trabalhar outras pessoas foram aparecendo. Como voluntários alguns, e muito estudante fazendo trabalho como você, com a gente, o Anderson foi um, né, que fez o mestrado depois o doutorado tudo em cima da experiência dele do MGM. Ele participava das reuniões, ele gravava as reuniões e transcrevia as reuniões. Era muito bacana o trabalho dele. E ele era um dos voluntários. Depois apareceu a turma que a gente podia remunerar com o dinheiro dos projetos... os estagiários, teve uma época que nós tínhamos 8 estagiários da UFJF trabalhando aqui. Os advogados contratados, psicólogos contratados, essa turma foi engrossando a nossa organização. Mas ali no escritório mexendo com a papelada, com alvará, documento e tal era eu e o Marquinho. Correr atrás de dinheiro, eu e o Marquinho, sabe? (Braga, 2024)
> Depois nós nos tornamos Ponto de Cultura. A gente tinha um grupo de Street Dance que ensaiava aqui, a gente tinha uma Escola de Drag Queens que acontecia aqui, a gente tinha o grupo de inclusão digital, que filmavam, faziam toda a parte de redes sociais da gente e tínhamos um grupo de teatro. (Braga, 2024)

Uma diversidade de mãos se colocava no grupo à medida que o tempo, os editais e o

espaço permitiam. Anderson, que é professor e estudava justamente essa relação entre homossexualidade e educação era quem, com frequência, eles colocavam a cargo de ir às escolas, de organizar seminários sobre o tópico. Psicólogos trabalhavam no grupo para os atendimentos psicossociais e advogados para os jurídicos. Dançarinos faziam oficinas relacionadas ao ponto de cultura. O grupo se cercava daqueles que podiam atender às necessidades por eles percebida de assistência, de atendimento, de ajuda em sanar as vulnerabilidades que cercavam pessoas LGBT naquele momento. Por vezes, essas pessoas recebiam remuneração:

> Quando a gente tinha dinheiro a gente pagava. Por exemplo: os meninos do Ponto de Cultura recebiam 150 reais por mês, todo mundo. Era mais de 30. Dos grupos de Street Dance, do teatro, todo mundo. "É... 150 reais Oswaldo?" Você não imagina o que que esses 150 reais significavam no empoderamento desses meninos lá na família deles. As vezes eram muito pobres, sabe? E com esse 150 dava 50 para mãe, imagina, né? Era muito pouco na época, é muito pouco até hoje, mas tinha um significado enorme de empoderamento desses meninos. Depois que o Ponto de Cultura acabou, porque acabou o financiamento, ai acabou também. Acabou tudo. (Braga, 2024)

Outras vezes, faziam de forma voluntária, por acreditarem naquilo que o MGM oferecia, desejava, praticava. Ao mesmo tempo que os fundadores sabiam como descobrir e trazer para dentro do grupo novos talentos, assim como aproveitar suas habilidades em benefício do grupo, o MGM se coloca também como espaço possível de desenvolvimento pessoal dessas pessoas. Pela sociabilidade possibilitada, pelas reuniões onde a homossexualidade era discutida (e formada) e pela oportunidade de desenvolver habilidades diversas. Ferrari responda da seguinte forma em sua entrevista a questão "Você pensa que essa participação no grupo teve um impacto pessoal relevante para você?":

> Eu percebo que o grupo foi muito importante para mim e eu percebo que foi muito importante para as pessoas de forma geral né. Primeiro porque eu sentia a necessidade disso né. De levar para outros espaços o que eu estava estudando. O MGM me possibilitou isso. Levar pro espaço do MGM, cheguei a fazer várias falas no MGM a partir das minhas discussões... pro espaço do *Rainbow Fest*, eu comecei a organizar o seminário que abria o *Rainbow Fest* que era homossexualidades e as escolas, comecei a levar para as escolas... e muito com o apoio do MGM, o MGM sempre me apoio muito né. Então assim, quando a gente organizava o seminário Homossexualidades e a escola tudo que eu pedia o MGM me dava, então assim "preciso de uma passagem do sul..." sem problema. Então eu tive muito apoio. Então foi um espaço onde eu pude desenvolver muito essa função do saber que é de socializar o saber, levar o saber para além da universidade. Percebi que o MGM era um espaço educativo importante. Muito do público que ia pro MGM não passava pela universidade, a universidade tem uma certa cerimônia, uma certa áurea que impede as pessoas de chegarem nela né. Quando eu falava na universidade eu percebia que era um público dos estudantes, não era o público que tava na rua. O MGM não, o MGM possibilitou falar como público que era mais da rua. Ao mesmo tempo que eu fui falando, eu fui me fortalecendo na minha homossexualidade, até para sair do armário em casa, sair do armário na escola

> mesmo... Fui me fortalecendo no MGM. Pelas histórias de vida. Tinha uma coisa muito legal no MGM que era isso: as pessoas contavam suas histórias de vida e a gente ia se fortalecendo na história do outro, coletivamente. Então o MGM foi um espaço muito importante para minha constituição, de fato. (Ferrari, 2024)

Da mesma forma que as reuniões eram espaço de formação de identidade e formação política naquilo que se refere a questões LGBT, são também espaço de formação de comunicadores dessa identidade, dessa política. Não apenas as reuniões: o *Rainbow Fest* com seus seminários, as outras ações como idas às escolas e outros ambientes educativos. Ações que alcançavam um público amplo e da qual participavam pessoas diversas, interessadas, formadas parcialmente ou inteiramente pelo próprio MGM. Em trecho anteriormente citado, Oswaldo fala que

> [...] na reunião dos adolescentes tinha um grupo que era a turma do Ponto de Cultura que eles resolveram eles mesmos se organizar. Então eles faziam powerpoint com os assuntos e cada dia era um adolescente que apresentava e conduzia o debate. Era ótimo! Era ótimo, eles adoravam, ficava bonitinho o trabalho deles... Ai tinha um projetor, tinha um telão e ai eles apresentavam. Era muito engraçadinho. (Braga, 2024)

Esses adolescentes, que faziam esse movimento de decidir o tópico, preparar a fala e apresentar para outros, algo possibilitado dentro do MGM, estavam também treinando para a comunicação com públicos diversos. Este saber que eles desenvolviam ali dentro, com as oficinas do ponto de cultura, com as reuniões, com tudo do qual podiam participar, eles aprendiam como comunicar eficientemente. Jovens, adolescentes, estudantes, professores passavam pelo grupo e, ao tomar parte dele, se viam nesse movimento duplo citado por Anderson de "Ao mesmo tempo que eu fui falando, eu fui me fortalecendo na minha homossexualidade, até para sair do armário em casa, sair do armário na escola mesmo" (Ferrari, 2024).

Eles falavam, aprendiam e desenvolviam técnicas de compartilhamento e diálogo, se socializavam, tendo o conforto de poder fazer isso em um lugar seguro e nisso se fortaleciam nessa identidade. Considerando os outros tipos de ação, como oficinas de dança, de drag, os estagiários da comunicação, entre outros, esse fortalecimento, essa "capacitação" ocorria potencialmente de forma ampla, com pessoas diversas se tornando, através da atuação no MGM, profissionais que sabiam como lidar com públicos LGBT e, simultaneamente, pessoas LGBT que conseguiam habilmente argumentar e falar das questões que lhe afligiam, como indivíduos e como parte de uma comunidade.

É importante relembrar que Oswaldo afirma que uma de suas inquietações antes da

formação do grupo era que o movimento gay constrói “[...] muito mal a nossa imagem. O conceito que a população em geral tem da gente é muito mal trabalhado. As pessoas têm um conceito ruim da gente” e que por isto eles pensavam em “[...] destruir esse conceito ruim e botar no lugar um conceito positivo[...]” através de “debates, mostrando os valores que nós temos, as coisas que nós produzimos, os artistas que nós temos...” (Braga, 2024).

Eles tentavam alcançar esses objetivos a partir de ações por eles organizadas, e a partir da formação de diversas pessoas. Dentro do grupo os frequentadores se tornam capacitados para debater assuntos LGBT, além de se empoderarem em sua identidade. Nesse sentido, se tornam capazes de, dada a oportunidade, se comunicar e mesmo entrar em confrontos de forma informada e eloquente. Pessoas empoderadas geram visibilidade, boas comunicadoras podem argumentar e participar dos debates que possam surgir. O MGM, assim, também forma pessoas que espalham esses enquadramentos e pensamentos do grupo, que operam em suas respectivas funções e profissões a partir de uma nova ótica, gerada ali dentro.

O Movimento Gay de Minas nasce de um relacionamento romântico entre Marco Trajano e Oswaldo Braga, de seus sonhos e desejos enquanto casal. Floresce a partir de muitos outros relacionamentos, alimentados por laços de amizade, companheirismo, aliança e unidos por um ideal comum. Pessoas, grupos e organizações diversas são constantemente lembradas em suas passagens, ações e inspirações que contribuíram para o MGM, ajudando a criar sua identidade, sua marca enquanto ONG. Eles alimentaram e fortaleceram o grupo, que se manteve atuando mesmo após sua retirada a partir de uma espinha dorsal que o unia, Oswaldo e “Marquinho”, que acreditavam no Movimento Gay de Minas, seu potencial e no sonho que o gerou.

2. As ações do Movimento Gay de Minas

Neste capítulo abordaremos as diversas ações que o Movimento Gay de Minas empreendeu na cidade de Juiz de Fora, em especial no seu início de atividades. Objetiva-se realizar uma análise ampla das múltiplas formas como o MGM atuou, não só na cidade, mas também no país, pensando suas motivações e como elas se relacionavam a questões mais práticas do dia a dia para chegar àquilo que foi de fato feito. Para tanto dividiremos este texto em quatro partes. A primeira abordando a multiplicidade de serviços ofertados pela sede do MGM e o público que dela utilizava, trazendo nessa questão o tripé de combate à violência sofrida por pessoas homossexuais do qual Oswaldo fala em sua entrevista.

A seguir, em uma primeira seção intitulada Lei Rosa, abordaremos a lei aprovada em Juiz de Fora em maio de 2000, sua articulação e a cobertura dada pela mídia para sua tramitação e efeitos. Em uma segunda seção, o *Rainbow Fest* se coloca como tópico principal, não tanto para discutir sua origem – algo já abordado no capítulo anterior – mas sim seu funcionamento, suas temáticas e outras questões relevantes e especificas ao evento. Na terceira seção, o HIV/Aids toma o palco principal, com o foco sendo o que motivou o MGM a agir como um grupo que combatia a Aids, o que foi feito em torno disso no grupo e as articulações nacionais feitas pelo grupo em prol do combate à Aids no Brasil. Por fim, na quarta e última seção, traremos o início de uma discussão acerca da formação de redes de ativismo LGBT no estado de Minas Gerais liderada pelo MGM.

> Bom, discutivelmente o *Rainbow Fest* e as Paradas são nosso grande momento de visibilidade, né? Mas a gente tinha outras ações que se desenvolviam o ano inteiro. O ponto de cultura tinha atividade o ano inteiro. No dia 17 de maio, que é o dia de combate à homofobia, a gente fazia uma atividade na praça – também com apresentação dos meninos e tudo. E as pesquisas. (Braga, 2024)

O trecho da entrevista se trata da resposta de Oswaldo à pergunta “Qual você pensa que foi a ação mais importante do MGM nesses anos de funcionamento?”. O ativista não chega a dar uma resposta clara, embora, na sequência dessa fala acima, ele ressalte a importância dos diversos trabalhos de pesquisa realizados no MGM:

> Eu gosto muito de destacar isso. Porque era impressionante a quantidade de aluno da graduação, da pós graduação e até do Ensino Médio que vinha fazer trabalho orientado pelos professores aqui no MGM. A gente tinha que ter um tempo para atender os estudantes, igual eu to te atendendo agora, era todo dia praticamente um grupo de estudantes fazendo pesquisa aqui. Ou era tese ou era trabalho de sala de aula, ou era porque era dia 28 de junho dia do Gay e a escola tava fazendo alguma atividade, ou os próprios alunos propunham... Sempre atendendo. E se você procurar... É uma pena

> que muitas dessas coisas eram feitas eram no papel, sabe? Não tem nada. Você não vai encontrar na internet. Mas mesmo assim! Anda tem muita coisa que saiu né daqui. E isso eu acho muito relevante, porque isso dá um caráter acadêmico ao trabalho que a gente fazia. O trabalho que a gente fazia era um trabalho instintivo – a gente era gay, a gente sabia o que a gente queria, que que era necessário. Mas era muito instintivo. Então na hora que os alunos, que os estudantes, vem aqui transformam isso num documento acadêmico ai a gente ganha... Né? Ganha história, ganha credibilidade. (Braga, 2024)

Apesar desse destaque dado a questão das pesquisas realizado acima, percebe-se que ele não entra nesse tópico buscando responder à pergunta inicial, mas para ressaltar como que essas atividades de pesquisa diversificadas (de alunos do ensino médio à alunos da pós-graduação) davam credibilidade para o trabalho que eles realizavam, legitimavam a importância do que faziam. Não respondendo diretamente, Oswaldo acaba por responder: tudo aquilo que o MGM fazia naquele momento era importante para ele, considerando seu público e objetivos. Cada ação tinha características próprias, visava algo diferente. Como ele mesmo fala, o *Rainbow Fest* e as paradas que nele ocorriam eram um grande momento de visibilidade do MGM, assim como de pessoas LGBT e sua causa na cidade. Por outro lado, ambos eram ações pontuais que ocorriam uma vez ao ano. Já ao longo do ano diversas outras ações se desenrolavam, incluindo o ponto de cultura cujas oficinas muitas vezes culminavam em uma apresentação no dia de combate à LGBTfobia, 17 de maio.

A atuação do MGM era diversificada, procurando atender necessidades múltiplas de um público diverso. Muitas pessoas passaram pelo MGM, alterando os caminhos que a ação do grupo tomou. Diversas delas como voluntários, contratados, estagiários. Outras tantas como participantes do grupo, frequentando suas reuniões, festividades e palestras. A distinção entre esses dois grupos não era fixa ou sólida. De um, muitos passavam ao outro, e muitos, a grande maioria, estavam em algum nível em ambos. Nesse sentido, procura-se a seguir discutir um pouco como as necessidades de seu público, somado às pessoas que se disponibilizavam para auxiliá-lo moldaram algumas das ações mais recorrentes do MGM.

Para começar, vale mais uma vez ressaltar que houve dois momentos para o grupo no seu início, divididos pelas duas sedes. Na primeira sede, os frequentadores eram menores em número e aquilo que o MGM ofertava como serviços, assistência, entre outros, era mais limitado. Só havia uma reunião, com menos de 10 participantes, segundo Anderson, onde as discussões eram mais uma conversa. Esses primeiros integrantes parecem ter formado laços de amizade e alguns deles participaram da diretoria e de outras funções de coordenação e administração dentro do grupo, como o próprio Anderson. Em um segundo momento, o público frequentador se amplia e se altera. Nas palavras de Anderson:

> Foi um público mais periférico, um público bem mais periférico. E a reunião ficou muito cheia. De fato muito cheia, né? E essa rede de sociabilidade se fortaleceu por esse lado mas aquele grupo anterior foi abandonando um pouco o MGM, sabe? (Ferrari, 2024)

O grupo mais amplo e mais sujeito a vulnerabilidades, motivado, como já foi abordado, pela maior facilidade de chegar à nova sede, surge em um momento em que o MGM consegue mais financiamento. Nesse sentido, muitos serviços começam a ser oferecidos na sede, que passa a funcionar o dia inteiro, dentro da lógica do "tripé das assistências da vítima da homofobia":

> Nós entendíamos que a nossa luta é muito para combater a homofobia em várias vertentes, na área da saúde, diminuindo nossas vulnerabilidades, na área da segurança, garantindo ao pessoal uma assistência né? E na área da cultura abrindo espaço para nossa galera se manifestar e ai assim a gente ia. Esse tripé era garantir a assistência social, garantir a assistência jurídica e garantir a assistência psicológica. Então nós tínhamos aqui uma turma de psicólogos, nós tínhamos uma turma de advogados e nós fazíamos a assistência social: eu, o Marquinho e quem trabalhava aqui. (Braga, 2024)

Este tripé, como foi abordado anteriormente neste trabalho, não era a única nem a maior das motivações do grupo. Existiam objetivos mais amplos, que perpassavam por possibilitar um novo tipo de existência para pessoas LGBT, a partir de novas relações no mundo. Era, no entanto, uma forma de esquematizar as assistências que o grupo prestava em sua sede. Uma assistência social, jurídica e na saúde. Todas as três voltadas para aquilo que eles viam e testemunhavam no dia a dia do trabalho com o público LGBT da cidade, como Oswaldo afirma em outro momento "[...] o trabalho que a gente fazia era um trabalho instintivo – a gente era gay, a gente sabia o que a gente queria, que que era necessário" (Braga, 2024). Além de saber por experiência pessoal, sabiam pela experiência dos que iam ao grupo, nas reuniões e na sede em geral precisando de ajuda e, na medida que iam percebendo o que era necessário, alteravam seu modo de atuar:

> A gente percebeu na época que aqueles tratamentos do psicólogo que dura a vida inteira e que você vai indo no psicólogo, não era o nosso caso. O Toti, que era o nosso chefe da psicologia e a Fernanda Noiola – o Toti faleceu mas a Fernanda ta ai – eles entendiam e entendem ainda que o que nós tínhamos que oferecer para eles aqui em termos de psicologia era um aconselhamento que durava quatro, cinco sessões e depois ficavam tipo um pronto-socorro, na hora que o cara se sentir mal: "ou será que me arruma um horário com o Toti?" "Claro!" ai a gente ia assim. Mas tivemos sim tratamentos aqui de longuíssima duração. Nós temos dois casos de transexuais que conseguiram o laudo necessário através dos nossos psicólogos. Ficaram aqui 3 anos fazendo sessões e depois no final o Toti deu o laudo e com esse laudo fizeram todo o tratamento de adequação... é... identitária né? E era no rio. Era até um caso engraçado

> que eles... um era uma menina para menino e o outro era um menino para menina e eles faziam psicologia aqui e o tratamento era feito pelo SUS e eles iam de van até o rio de Janeiro uma vez por mês ou de tempos em tempos. E la no hospital onde eles fizeram o tratamento de hormonização e tavam se preparando para cirurgias eles faziam tudo la e depois voltavam. Ai eles começaram a namorar E era a menina era menino e o menino era menina! Então... foi um caso muito engraçado. Namoraram muito tempo. Mas agora não tão namorando mais não. Mas enfim, o caminho era esse. (Braga, 2024)

Eles instituem a possibilidade de tratamento psicológico e percebem que o modelo mais "tradicional" não era a necessidade de todos os seus frequentadores. No lugar, portanto, colocam uma ação mais breve, mais pontual, para auxiliar em urgências. Não deixam, no entanto, de prestar o apoio mais longo para os que precisaram: duas pessoas trans conseguiram fazer o acompanhamento psicológico obrigatório por meio do MGM, segundo Oswaldo. As políticas e formas de agir não eram engessadas: só porque algo é o melhor na maior parte do tempo não queria dizer que as exceções precisavam se adaptar àquilo.

A ação múltipla do grupo também se faz presente nessa história: ao mesmo tempo que o grupo proporcionou a transição para essas pessoas, foi também local de namoro, conhecimento, de sociabilidade desses dois que acabaram por se apaixonar. Os vários âmbitos do grupo possibilitavam e mesmo favoreciam isto, a criação de laços diversos afetivos, além do usufruto daquilo que era disponibilizado na sede.

É possível pensar que essa flexibilidade aliada à multiplicidade foi necessária para que o grupo se mantivesse como local de referência. Se ele não fosse capaz de se adaptar ao que seus frequentadores precisavam, seria mais difícil que essa vazão de pessoas previamente citadas se mantivesse. Além disso, se ele apenas fornecesse assistência, aqueles que não estivessem precisando não teriam motivos para ir, o que diminuiria o tráfego de pessoas.

Outro exemplo é a forma como o grupo lida com vítimas de homofobia que ali chegavam. Embora Oswaldo e Trajano tenham sido os articuladores responsáveis pela aprovação da Lei que proibia a discriminação por orientação sexual na cidade, eles pareciam saber o momento de ir pelo caminho dela e o momento de tomar outras decisões:

> [...] muitas e muitas e muitas vezes a pessoa chegava aqui, tinha sido botada para fora de casa pelo pai, ou pelo irmão, ou pela avó, e não tinha para onde ir e a gente não tinha como acolher, nós nunca fomos uma casa de hospedagem, nós não tínhamos como fazer isso. Então era uma loucura a gente ficava correndo atras de quem pudesse [acolher] ou de fazer as pazes, obrigar a família a aceitar a pessoa de volta... Normalmente isso acontecia nos finais de semana, que era quando família de gente pobre, sem dinheiro, fica todo mundo tumultuado dentro de uma casa e ai tudo de ruim que acontece é culpa do gay, é culpa da lésbica, é culpa da trava... E aquela coisa vira uma bola de neve, acaba saindo na porrada e na segunda feira tavam batendo aqui na porta. A menina com a namorada, ou o garoto com um amigo que trouxe, ou a vizinha vinha bater aqui. E ai era um pandepá. (Braga, 2024)

> Quando a gente tinha casos que tinha agressão de vizinho, na rua, em bar, ou que seja, por homofobia, que batia aqui ai a gente tinha uma equipe de advogados que se prontificava e ia la. Até nos casos de família também, mas era muito raro você encontrar um gay ou uma lésbica que se dispusesse a ir dar queixa na delegacia contra um pai ou um irmão. Porque ai é pai, não vou botar meu pai numa dessa, irmão e tal, quando os agressores eram da família era muito raro. As vezes eles chegavam aqui putos "vou levar meu pai na delegacia! Filho da puta! Me bateu" não sei o que não sei o que... quando chegava na hora: "vamos para a delegacia então?" "Ah Oswaldo quero mexer com isso não". Era no dia seguinte a dor já tinha acabado. Isso é uma característica da homofobia. A gente tem... a gente muitas vezes.... O MGM sempre atuou assim em criar mecanismos de defesa para a comunidade LGBT. Por quê? Porque se você tem mecanismos de defesa... Você normalmente sofre violência dentro da sua casa, e dentro da sua casa eu não entro! A polícia não entra. Então as coisas acontecem lá. Então a ideia era fortalecer a identidade, a aceitação, a autoestima desses meninos de forma que quando se anunciasse alguma violência homofóbica dentro de casa eles soubessem como reagir e como fazer valer os seus direitos e tal. Funcionava muito bem. Funcionava muito legal. (Braga, 2024)

Segundo Oswaldo, uma quantidade significativa de pessoas ia até o MGM vitimados por homofobia dentro de casa. Essas pessoas por vezes precisavam de auxílio para conseguir um lugar para ficar, outras vezes para conseguir voltar para casa. Nos dois trechos acima o ativista fala justamente sobre isto, ressaltando a diferença em relação à homofobia sofrida em local público e/ou por pessoas que não eram da família e a violência sofrida por parte de pessoas da família. Embora a violência da família apareça como significativa, poucas vezes era desejo da pessoa que se entrasse na justiça contra seu familiar. E, embora o próprio grupo contasse com assistência jurídica e a lei por ele aprovada, o MGM buscava agir a partir dos interesses e objetivos daqueles de quem cuidava.

Nesse sentido, os demais objetivos do MGM, de fortalecer identidade e aceitação de pessoas LGBT ganham um novo significado: o de possibilitar que menos pessoas sofressem essa violência da família. Na medida que ocorria um acolhimento sem pressão, sem que eles obrigassem que uma denúncia fosse feita permitia que, quantas vezes ocorresse a violência, tantas vezes essas pessoas procurasse o grupo para receber auxílio, aconselhamento, entre outros. Nesse meio tempo, ao frequentar o grupo a autoestima dessa pessoa era fortalecida e ela conseguia criar redes novas de afetividades e mesmo de apoio que, possivelmente, permitiriam que eventualmente ela deixasse a situação de violência, com a convicção de que não há nada de errado com sua sexualidade e/ou gênero.

Isto não tornava o auxílio e atendimento a pessoas que sofriam outras violências, que não na família, menos sólido. Tendo se articulado em torno da lei, o MGM agia para que fosse cumprida, acionando-a e aproveitando a ação dos advogados que contratava e atuavam no grupo, quando era da vontade da vítima.

A ação cultural do MGM era também muito importante. Através de eventos dentro do

Rainbow Fest e da Parada o grupo colocava em evidência artistas LGBT variados, performances de drag, cantores, pinturas, filmes LGBT, entre outros. Com isso o MGM ajudava esses trabalhos a se multiplicarem e apresentavam a cultura produzida por pessoas LGBT à um público mais amplo dentro da cidade. Essa ação também foi ampliada na sede, a partir do ponto de cultura no MGM:

> Eu atuava junto com o pessoal [...] do Ministério da Cultura porque o que que aconteceu... Eu tinha uma participação em Brasília como representação de Minas Gerais do movimento aqui de Minas, o MGM tinha várias representações. Numa dessas criou-se um comitê no Ministério de Cultura para discutir o programa Cultura Viva que estava sendo implantado naquela época. Era Gilberto Gil que era ministro. Era Governo Lula né. Ai eles falaram: vamos ter x pontos de cultura no sudeste, x pontos de cultura no nordeste, foram dividindo. Ai começou assim, "é importante que se dê uma participação para o movimento negro, pontos de cultura voltados para negritude..." ai não ficou geográfico mais, mas passou a ser por tema. Nessa hora falei "olha então nós temos que ter ponto de cultura LGBT também e tal", e por ai a discussão rolou. O primeiro ponto de cultura [LGBT] no Brasil foi o MGM. LGBT. O primeiro Ponto de Cultura LGBT no Brasil foi aqui, depois teve um outro em Campinas, depois tem... já tem vários na medida que o programa cultura viva virou lei, né? E ai isso agora tem ponto de cultura pra todo lado. (Braga, 2024).

O Ponto de Cultura permitiu a captação de novos recursos que levaram o MGM a ter "[...] um grupo de Street Dance que ensaiava aqui, a gente tinha uma Escola de Drag Queens que acontecia aqui, a gente tinha o grupo de inclusão digital, que filmavam, faziam toda a parte de redes sociais da gente e tínhamos um grupo de teatro" (Braga, 2024). Por vezes, graças ao financiamento, era possível pagar um valor para os integrantes:

> Quando a gente tinha dinheiro a gente pagava. Por exemplo: os meninos do Ponto de Cultura recebiam 150 reais por mês, todo mundo. Era mais de 30. Do grupos de Street Dance, do teatro, todo mundo. "É... 150 reais Oswaldo?" Você não imagina o que que esses 150 reais significavam no empoderamento desses meninos lá na família deles. As vezes eram muito pobres, sabe? E com esse 150 dava 50 para mãe, imagina, né? Era muito pouco na época, é muito pouco até hoje, mas tinha um significado enorme de empoderamento desses meninos. (Braga, 2024)

Na fala acima pode-se perceber que esse dinheiro era algo que ajudava financeiramente até um certo ponto, mas que, principalmente, atuava no reconhecimento desses adolescentes de suas habilidades e um fortalecimento de uma identidade homossexual positiva para eles (e para seus familiares). Era uma forma de passar as ideias, as mensagens do MGM para além das reuniões, demonstrando as potencialidades de se aceitar e se colocar abertamente no mundo.

> O grupo de Street Dance bombava nas paradas. Na hora que a parada chegava na praça Antônio Carlos a gente tinha o palco né. Nossa, o grupo de Street dance... Por que o

> que que acontece né? O Ponto de Cultura para nós ele têm uma importância maior. Que que nós fizemos, nós tiramos aquela turminha que morria de vergonha da sua orientação sexual, da sua identidade de gênero que vivia na sombra e colocamos essa turma no palco como gays, lésbicas, travestis e eles tavam ali mostrando para todo mundo. E o grupo de Street Dance participava de festival de Hip-hop, dessas coisas que aconteciam por ai. E eles eram o grupo gay, eles não escondiam isso. Era o Street Dance do MGM. Era muito legal. O teatro a mesma coisa, sabe? E o Gilberto Gil ele entendia que não poderia ficar só na produção cultural em si. Que era importante que nós tivéssemos domínio das ferramentas de divulgação para que essa cultura atingisse todo mundo. Então era obrigado a ter uma área de inclusão digital, onde a gente podia comprar na época as câmeras, os computadores adequados pros programas pros meninos treinar a edição de vídeo, essas coisas... Aquela câmera ali oh! É uma que sobrou do Ponto de Cultura. Na época era o que tinha de mais top de linha. E ela funciona, ela funciona ainda (risos). É bacana. E é o que os meninos usavam. (Pausa) Era uma galerinha. Uma câmera sumiu na Parada, ai ficou só com uma... Os computadores viviam dando problema... era tudo muito precário. Mas, foi um período muito rico de produção do MGM, o Ponto de cultura. (Ferrari, 2024)

Essas atividades do ponto de cultura, portanto, eram como uma extensão dos objetivos das reuniões: momentos em que se reunia essas pessoas para fortalecer e construir juntos essa identidade homossexual, LGBT. Não era um momento de informações sobre debates e notícias LGBT, mas era ainda assim um local em que se pautava a identidade dos participantes, a partir dos enquadramentos fornecidos pelo grupo. Nesse sentido, quando o grupo de dança vai a eventos de Hip-hop como “grupo gay” eles estão gerando visibilidade, mas também estão passando por processos internos de formação de sua identidade. É um movimento de construir uma identidade positiva e específica dentro do MGM, que motive essas pessoas a agirem de determinadas formas fora do grupo. O dinheiro levado para casa auxilia também ao fazer esse enquadramento ser mais bem recebido pelas próprias famílias.

Acerca dos computadores, além de permitir essa ação de divulgação, auxiliavam na inclusão digital de pessoas diversas que frequentavam o MGM, segundo Anderson:

> Tinha uma sala de computação financiada pelo edital também, como pegava um público mais pobre, nessa sala as pessoas iam la para acessar, para fazer trabalho de escola, porque ali tinha internet, para paquerar para entrar em rede social, porque na casa não tinha computador... Então era um movimento durante o dia todo no MGM, muito legal. (Ferrari, 2024)

A multiplicidade de usos e objetivos que cada ação permitia se ressalta também aí: os grupos de dança, teatro, drag ajudavam os frequentadores de forma também financeira, as salas de computação permitiam a expansão da sociabilidade de quem não teria outra forma de usar um computador, além de ajudar em trabalhos de escola e de divulgação das ações do grupo. Essa divulgação também servia como forma de treinar aqueles que dela participavam, que aprendiam a manusear equipamentos diversos, usar programas de computador e fazer essa

divulgação. Tudo isso permeado por ideias sobre o que seria a homossexualidade, a sexualidade em geral e de que forma deve-se agir politicamente no espaço no que se refere à questão LGBT.

Com a criação desses grupos e oficinas, adolescentes começam a ser atraídos para o grupo, participando dessas diversas atividades. Isso gera uma nova necessidade, que Oswaldo fala sobre:

> Reuniões toda semana, quinta feira para os adultos, quarta feira pros jovens. Pros adolescentes, que a gente chamava na época. Por quê? [...] Nós não queríamos problema. De jeito nenhum. E a gente tava vendo que a molecada de 14 e 15 anos tava vindo pra cá e se jogando, arrumando namorado e vivendo a sua homossexualidade numa boa. Aqui no MGM... aqui dentro não acontecia nada que qualquer pai ou qualquer mãe [não] pudesse presenciar. Mas a gente vendia bebida, do bar do MGM. O MGM é aqui em baixo né (risos). Então a gente não queria problema. Ai procuramos o conselho tutelar, o juizado de menores, fizemos uma reunião com eles e falamos: que que vocês aconselham? Como é que nós podemos resolver isso? Apesar de fechar todo dia as dez horas. Todo dia que tinha reunião as dez horas fechava. Era cedo, mas vendia bebida. Ai eles aconselharam a gente a fazer um dia só pros adolescentes sem a venda de bebida alcóolica e o outro dia a gente fazia do jeito que a gente tava acostumado, né? E durante muito tempo funcionou assim. Foi ai que nasceu o GAG – o grupo de adolescentes gays. (Braga, 2024)

É interessante observar não só a adaptação ao público – outra forma possível de evitar problemas seria proibindo a entrada de menores de idade e checando identidades – mas também como o MGM instrumentaliza órgãos da justiça e da lei. Questionam em sua atuação regras morais e preconceitos instituídos na sociedade, mas o fazem de forma que não possa entrar em questão que agem de forma clara e legal. Nesse episódio isso não é diferente: avistando um possível problema, recorrem a uma conversa com os órgãos responsáveis, estabelecendo ao mesmo tempo um plano de ação e uma comunicação, de forma que, no caso de algo der errado, seria possível imaginar que o Conselho Tutelar ou o juizado de menores primeiro tentariam uma abordagem mais amigável, não recorrendo à justiça.

Esse modo de operação diz do momento histórico pelo qual passava o Movimento LGBT. Nesse momento, que para Feitosa (2018) seria a terceira onda do movimento, e para Facchini (2009) seria parte de uma segunda onda, como parte da busca de dar respostas à epidemia de HIV/Aids no Brasil os grupos LGBT passam a interagir mais com o Estado, por meio da institucionalização e captação de recursos, é um movimento "interessado na conquista de direitos, mais pragmático e menos refratário às instituições políticas" (Cruz, 2018, p. 257). Nesse sentido, as entidades LGBT se veem mais próximas de gestores e técnicas governamentais, com os ativistas de tornando aptos ao diálogo com o Estado (Facchini, 2009). É por isso que, em face do possível problema de menores de idade frequentarem o grupo quando ocorre a venda de bebidas alcoólicas, o MGM toma uma ação política, pensada de forma a

estabelecer conexões e salvaguardas.

A partir dessa ação, o MGM afeta um público ainda mais amplo de pessoas, possibilitando a esses adolescentes novos espaços de convívio. Considerando as diversas dificuldades pelas quais adolescentes passam no que se refere à sexualidade, estando na época do despertar das vontades e desejos, ter um ambiente seguro pensado para eles e que era aliado com reuniões periódicas de discussão se coloca como uma forma de construção de autoestima, identidade e relações saudáveis com sua própria sexualidade.

Dessa forma, é possível perceber que, na sua sede, o MGM buscou de forma ativa criar um ambiente seguro para a população LGBT da cidade, especialmente se voltando para os grupos mais vulneráveis. Abraçando essas pessoas, estas muitas vezes se juntavam às ações do grupo, fazendo-lhe coro e se formando ali dentro em identidades mais seguras e se reafirmando como pessoas de direitos. Esse trabalho ocorria a partir da ação de Trajano, Oswaldo e diversos voluntários e profissionais contratados, que se somavam em uma verdadeira rede de apoio. Ao ser perguntado a mesma questão que Oswaldo responde na primeira citação desse capítulo, "Qual você pensa que foi a ação mais importante do MGM nesses anos de funcionamento?" Anderson responde:

> Na verdade eu sou apaixonado pelo MGM (risos), eu acho que todas as ações foram importantes porque eles atendiam à setores distintos, né? Então, por exemplo, a ação cotidiana do MGM, eu percebia ela muito fundamental para esse grupo. Porque quem frequentava o MGM era um grupo de classe pobre. Se você fosse la durante o dia você ia ver meninos e meninas negras, pobres. Então tinha uma ação importante durante o dia que era isso, assim, de ir pra la pra acessar a internet, fazer trabalho ou mesmo acolhimento. Ou mesmo acolhimento, o MGM era um refúgio, assim. Não só tratamento psicológico, né... tinha tratamento jurídico, então alguma questão... Essa rede que o MGM construiu, de apoio, no campo jurídico, psicológico, de sociabilidade, foi uma ação, pra mim, fundamental. Que eu percebi eu era um espaço de refúgio mesmo dentro de uma rede de sofrimento. (Ferrari, 2024)

Ele, portanto, concorda com Oswaldo nessa certa dificuldade de apontar uma única ação como a "melhor". No entanto, a característica do grupo como constituinte de uma rede de apoios, local de ações diversas que, por muitos ângulos diferentes, visavam lidar com questões complexas de vulnerabilidade, violência e preconceito é algo que é ressaltado.

2.1. A Lei Rosa

Esta seção busca abordar a Lei Rosa, apresentando a lei, discutindo o que motivou sua criação, o processo de sua aprovação e a forma como ela se torna presente na cidade de Juiz de Fora, tanto como recurso legal quanto narrativamente. Nesse sentido, primeiro se discute sua

criação, comparando-a com a lei que diretamente lhe inspirou, as modificações pelas quais passou antes de ser votada entre outros. Depois, em um tópico específico, analisa-se como ela interfere no cenário público em termos narrativos, sendo utilizada pela mídia local como forma de alterar a fala sobre Juiz de Fora.

Aprovada por unanimidade pela Câmara Municipal[34] e sancionada pelo então prefeito Tarcísio Delgado, a Lei nº 9.791 de 12 de maio de 2000 afirma no seu primeiro artigo:

> Será punida, no Município de Juiz de Fora, nos termos do art. 1º, incisos II e III, art. 3º, inciso IV e art. 5º, incisos X e XLI, da Constituição Federal e do art. 114 da Lei Orgânica Municipal, toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão homossexual (masculino ou feminino), bissexual ou transgênero (Juiz de Fora, 2000).

A menção específica de pessoas homossexuais masculinas e femininas, assim como bissexuais e transgêneros na lei corresponde ao movimento destacado por Facchini (2018) de um adensamento nas linguagens que dizem das identidades do movimento buscando, no diálogo com o Estado, definir esses sujeitos para que sejam também protegidos nos limites da lei.

Na sua definição do que seriam os atos atentatórios ou discriminatórios se enquadram desde violência física e moral, até a proibição de circulação em ambientes públicos ou privados, além da demissão de pessoas LGBT por serem LGBT, entre outros. Uma questão de especial interesse para o público foi o enquadramento de "proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero" (Juiz de Fora, 2000) como uma ação discriminatória específica, colocando em lei o direito de cidadãos LGBT de demonstrarem e expressarem afeto.

Em entrevista à Tribuna de Minas em 14 de agosto de 2019[35], o cofundador do MGM, Marco Trajano, afirma:

> A Lei 9791, a famosa Lei Rosa, ela tem dois fatores principais que fizeram ela ser famosa inclusive no mundo inteiro, referência no mundo inteiro. Ela é a primeira Lei que falou na questão da afetividade entre pessoas do mesmo sexo, porque até então a gente podia ser classificado... qualquer demonstração de afeto público de pessoas do mesmo sexo poderia ser classificada como atentado ao pudor. E aí com essa lei isso passa a ser permitido, ou seja, você andar de mão dada, abraçar, aquilo que é permitido aos casais heterossexuais passa a ser permitido para nós também. [...] E um segundo ponto, mas não menos importante, é que no seu artigo 14 ela determina a criação de um órgão ligado a estrutura pública que promova políticas públicas LGBT, que hoje é uma realidade no Brasil inteiro que são os centros de referência. Então a Lei 9791

---

[34] Autoria do então presidente da câmara Paulo Rogério dos Santos, que naquele momento era do partido PMDB, tendo migrado para o PCB em anos subsequentes.

[35] *Rainbow Fest* 2019. Juiz de Fora, **Tribuna de Minas**, 14 ago. 2019. Disponível em: https://youtu.be/M3_19pHaHnE?si=JFeoxKLreSXhoBb5. Acesso em 05 fev. 2024.

> serviu de base para todas essas leis que vieram depois por causa desses dois pontos especificamente. (Tribuna de Minas, 2019, n.p.)

Nesse trecho de entrevista, gravada 19 anos após a aprovação da Lei nº 9.791, percebe-se a visão de Marco Trajano da Lei como pioneira em seus aspectos inovadores. Os dois aspectos ressaltados, o Centro de Referência e, em especial, a questão do afeto, aparecem muitas vezes nas discussões das notícias acerca da Lei nº 9.791 em 2000, além de várias outras questões que são postas em cena pela aprovação da Lei.

Em entrevista, Oswaldo fala sobre a forma como chegaram na ideia da lei:

> Em 99 foi feito um Congresso Internacional LGBT da ILGA International Lesbian Gay Association e foi no Rio [SIC]. E o Claúdio Nascimento soube que a gente existia e nos convidou pra participar. Quando chegou lá nesse congresso, eles distribuíram um xerox duma minuta duma lei municipal, uma lei que pudesse proteger os gays e que pudesse ser aprovada a nível municipal. Que que essa lei propunha? Uma mudança orgânica no código de postura da cidade, na lei orgânica da cidade onde ficasse definido que qualquer discriminação contra homossexuais poderia ser punida com caçamento do alvará, multa, um monte de coisa. E, em um determinado ponto dessa minuta falava o que que eles entendiam ser "discriminação contra os homossexuais" (Braga, 2024)

É interessante salientar o movimento de discussão e compartilhamento entre ativistas de leis contra a discriminação de pessoas LGBT. Quando o MGM começa a articular a lei Rosa em Juiz de Fora, já haviam ocorridos movimentos em busca de uma legislação nacional que concedesse proteção contra discriminação às pessoas LGBT. O grupo Triângulo Rosa e o Grupo Gay da Bahia (GGB), apoiados por outros grupos, operaram na Assembleia Nacional Constituinte (ANC), tentando incluir a defesa contra a discriminação por orientação sexual na Constituição Federal de 1988, não tendo sucesso. Depois dessa tentativa, em 2006 tentou-se incluir essa criminalização da discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero na Lei nº 7.716/89, algo que chegou a ser aprovado pela Câmara, mas foi arquivado no Senado Federal em 2015. Não tendo obtido sucesso no âmbito nacional, ocorre um movimento amplo da parte de ativistas e grupos em torno de aprovar leis a nível municipal e estadual, por vezes realizando emendas às constituições estaduais para esse fim. Nesse sentido, a obtenção da minuta da lei do Rio de Janeiro e sua utilização como inspiração é a colocação do MGM dentro dessas articulações nacionais que ocorriam naquele momento.

Uma questão que se apresenta com essa fala de Oswaldo é que a ILGA – *Internacional Lesbian and Gay Association* não realizou congressos no rio em 1999[36]. No Rio de Janeiro,

[36] Informações consultadas no site oficial da ILGA. Disponível em: https://ilga.org/news/ilga-1978-2007-a-chronology/

Brasil, um Congresso Internacional da ILGA global ocorreu em junho de 1995 e um Congresso da ILGA regional da América Latina e Caribenha ocorre em novembro de 2000. O Arco Íris, grupo de Claúdio Nascimento, figurou nas organizações de ambos os eventos.

No entanto, é improvável que tenha sido em algum deles que Braga e Trajano tenham adquirido a minuta da lei, uma vez que em 1995 ainda não havia ocorrido nenhum *Rainbow Fest*, não estando, portanto, o casal dentro de uma rede de ativismo. Além disso, a lei da cidade do Rio de Janeiro que Oswaldo descreve acima como "mudança orgânica no código de postura da cidade, na Lei orgânica da cidade onde ficasse definido que qualquer discriminação contra homossexuais poderia ser punida com suspensão do alvará [...]" (Braga, 2024) é de 1996, ano seguinte a esse evento. Em relação ao congresso de 2000, em novembro desse ano a Lei Rosa já estava aprovada e ativa na cidade de Juiz de Fora.

Supõe-se que Oswaldo se confundiu em relação ao momento, possivelmente por ter participado também do congresso da ILGA de 2000, a convite de Claúdio Nascimento (um de seus organizadores). Ele pode ter obtido a minuta da lei na ocasião em que foi na parada LGBT do Rio de Janeiro em 1999, em que, nas suas palavras, entrou em contato com Claúdio Nascimento:

> Ai quando foi 99, o segundo *Rainbow Fest*, nós fizemos umas camisetas escritas *Rainbow Fest* e fomos na Parada do Rio e fomos na Parada de São Paulo. Na Parada do Rio: maravilha, o Claúdio Nascimento, a gente já começou a conhecer algumas pessoas do movimento gay que a gente nem conhecia. (Braga, 2000)

Essas viagens deram oportunidade para que eles buscassem maior financiamento para o *Rainbow Fest*, eventualmente ocasionando a fundação do MGM. Considerando os tempos coincidentes, é possível que nessa ocasião, ou ocasião próxima após esse primeiro contato, Claúdio Nascimento tenha conversado com Trajano e Braga sobre a lei que já existia no Rio de Janeiro. Não é possível, no entanto, afirmar com certeza.

A inspiração na lei carioca, por outro lado, é algo que se repete na entrevista com Anderson, que fala que "A Lei Rosa, foi chamada de Lei Rosa né, [...] porque o presidente da câmara dos vereadores acolheu a lei, teve um apoio. Já existia uma Lei do Arco Íris do Rio então a minuta... pegaram a lei do Rio e escreveram, e passou né" (Ferrari, 2024). Considerando a recorrência dessa inspiração, a conexão entre os dois grupos – o Arco Iris é um dos grupos que Anderson atribui como padrinho do MGM e Oswaldo diversas vezes fala de amizade, diálogo e apoio de Claúdio Nascimento – e o fato da lei do Rio de Janeiro ter vindo antes é possível atribuir a ela um papel de inspiração, de base para a construção da Lei Rosa em Juiz

de Fora. Algo que parece concordar com essa relação entre as leis é que, no *Rainbow Fest* de 2000, o primeiro após a aprovação da Lei Rosa, dentro da programação foi previsto um seminário intitulado "O Disque Defesa Homossexual (DDH) e a lei do Rio de Janeiro" que seria realizado por Claúdio Nascimento Presidente do Grupo Arco-íris (Tribuna de Minas, 2000, p.1), é possível pensar que o objetivo deste seminário seria justamente discutir a aplicação da lei que serviu de base para a Lei Rosa, observando seu funcionamento no Rio de Janeiro e a ação que o grupo por ela responsável – o Arco Íris – dava a ela.

As duas leis possuem similaridades em sua composição, mas existem diferenças marcantes que valem a pena ser destacadas, por dizerem da articulação que envolveu a Lei Rosa e o encaminhamento de sua discussão. Primeiramente, a Lei nº 2.475 de 12 de setembro de 1996 do Rio de Janeiro[37] inicia, no artigo um, estabelecendo o seu escopo:

> Os estabelecimentos comerciais, industriais e repartições públicas municipais que discriminarem pessoas em virtude de sua orientação sexual, na forma do § 1º do art. 5º da Lei Orgânica do Município, sofrerão as sanções previstas nesta Lei. (Rio de Janeiro, 1996)

A lei se refere, portanto, à "estabelecimentos comerciais, industriais e repartições públicas" que pratiquem discriminação por orientação sexual, não a indivíduos. A Lei Rosa, por outro lado, como já vimos no início dessa sessão, estabelece, também em seu primeiro artigo, que serão punidas "toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão homossexual (masculino ou feminino), bissexual ou transgênero." (Juiz de Fora, 2000). Subtende-se, nesse artigo, que incluiu também atos de indivíduos, não sendo apenas locais públicos e privados, além de haver descrito que as possíveis vítimas seriam homossexuais (masculinos e femininos), bissexuais e transgêneros, algo que explicita o público protegido pela lei. Em nenhum local da lei do Rio de Janeiro existe a descrição de quem seriam as possíveis vítimas.

Esse entendimento se confirma no texto da lei, na medida em que apenas estabelecimentos privados possuem punições previstas na lei do rio de Janeiro, algo presente no artigo segundo (possivelmente a punição para repartições públicas se encontrava no artigo três, que foi vetado). E, na descrição do que se entende por discriminação, inclui-se majoritariamente violências relacionadas à permanência, compra, venda e usufruto de serviços. Apenas o constrangimento, poderia ser aplicado à indivíduos, no entanto, como já foi afirmado,

[37] Ela foi alterada em 2011, mas para fins desse trabalho, falaremos de sua versão original.

não existe modo de punição previsto para uma discriminação praticada por um indivíduo.

A Lei Rosa, em seu terceiro artigo, define quem são aqueles "passíveis de punição":

> [...] o cidadão, inclusive os detentores de função pública, civil ou militar, e toda e qualquer organização social ou empresa, sejam elas detentoras de personalidade física ou jurídica, com ou sem fins lucrativos, de caráter privado ou público, instaladas no município, que intentaram contra o que dispõe essa Lei. (Juiz de Fora, 2000).

Inclui-se, portanto, pessoas individuais, independentemente de seu cargo e posição, organizações sociais e empresas no escopo da lei. Existem também procedimentos previstos para todos esses grupos, incluindo funcionários públicos que cometam a infração no exercício de sua função.

Uma segunda distinção entre as leis e que se relaciona profundamente com a primeira é que a lei da cidade do Rio de Janeiro é menor e menos descritiva do que a de Juiz de Fora. Enquanto a lei carioca conta com 5 artigos, dos quais o terceiro e o quarto se encontram vetados (o terceiro integralmente o quarto apenas parcialmente), a Lei Rosa possuí 12 artigos, nenhum deles vetados. Todas as partes da lei, desde a descrição do que conta como ato discriminatório (que na Lei Rosa possuí 9 possibilidades versus 4 na lei do Rio de Janeiro) até as possíveis punições e especialmente os caminhos para denúncia são muito mais descritos e especificados na lei juiz-forana. Como consequência disso, quando vai abordar as denúncias de infração a lei carioca coloca da seguinte forma:

> Parágrafo Único - Da regulamentação de que trata este artigo constarão obrigatoriamente:
> I - mecanismos de denúncias;
> II - formas de apuração das denúncias;
> III - garantias para ampla defesa dos infratores.(Rio de Janeiro, 2000)

Enquanto na Lei Rosa os artigos 5º, 6º, 7º, 8º, 9º e 10º, todos possuidores de incisos e parágrafos diversos, se dedicam a explicitar os processos de denúncia, investigação, tempo para recurso, entre outros. Os órgãos responsáveis dentro da prefeitura por encaminhar todo o processo já se encontram nomeados, assim como os documentos a serem apresentados. É, portanto, uma lei que já estabelece toda a regulamentação necessária para que entre em exercício assim que aprovada.

É interessante observar que, a respeito da denúncia, na Lei Rosa ela pode ser apresentada "[...] pessoalmente ou por carta, telegrama, telex, via internet ou fax ao órgão municipal competente e/ ou Organizações Não-Governamentais que lutam pela cidadania e

Direitos Humanos" (Juiz de Fora, 2000), havendo assim múltiplas possibilidades que tentam assegurar esse direito. Ao incluir ONGs como um dos órgãos possíveis de intermediar denúncias, o MGM se insere na efetivação da lei. Isso é algo que o grupo logo que possível publiciza: em notícia publicada no Tribuna de Minas após a aprovação da lei, no dia 27 de maio de 2000[38], é escrito que denúncias de violação da lei poderiam ser encaminhadas ao Movimento Gay de Minas, pois o grupo teria "meios de garantir o anonimato do denunciante" (Tribuna de Minas, 2000, p.1). Dessa forma, quando Oswaldo conta sobre o grupo de advogados que o MGM possuía de prontidão para atuar em casos de homofobia, é possível pensar que foram trazidos para o grupo em função da lei, como forma de ajudar o MGM a fazer valer a lei na cidade, além de garantir que a ONG fosse de fato um caminho viável para que aqueles que sofressem discriminação recorrerem.

A respeito daquilo que é descrito como práticas discriminatórias em cada lei, na carioca é determinado como "impor às pessoas de qualquer orientação sexual situações tais como" (Rio de Janeiro, 1996):

> I - constrangimento;
> II - proibição de ingresso ou permanência;
> III - atendimento selecionado;
> IV - preterimento quando da ocupação e/ou imposição de pagamento de mais de uma unidade, nos casos de hotéis, motéis e similares.

Não há violência verbal ou física nem descrição mais específica do que seria o constrangimento. A proteção da lei seria aplicada a "qualquer orientação sexual" que sofresses de alguma dessas situações. Na lei juiz forana, que conta com 9 possibilidade de "atos atentatórios e discriminatórios", prevê-se que estes seriam cometidos contra os "[...] direitos individuais e coletivos dos cidadãos homossexuais, bissexuais e transgêneros" (Juiz de Fora, 2000). Compartilha com a lei do rio de Janeiro a proibição de ingresso e permanência – descrita como "[...] proibir o cidadão homossexual, bissexual ou transgênero de ingressar ou permanecer em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado" (Juiz de Fora, 2000), o atendimento selecionado – escrito como "[...] praticar atendimento selecionado que não esteja devidamente determinado em Lei" (Juiz de Fora, 2000) e também o último, acerca de hotéis e motéis: "[...] preterir, sobretaxar ou impedir a hospedagem em hotéis, motéis, pensões ou similares" (Juiz de Fora, 2000).

Entre os "atos atentatórios e discriminatórios" que não se encontram na lei carioca,

---

[38]Gays querem criar centro de defesa. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 27 maio 2000. Caderno B, p. 1.

existe a previsão de "[...] ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica", emprego de agressão física (separada da anterior), demissão em função da orientação sexual, proibir admissão e acesso profissional e "[...]preterir, sobretaxar ou impedir locação, aquisição, arrendamento ou empréstimo de bens móveis ou imóveis" (Juiz de Fora, 2000).

Percebe-se, nessa comparação, que também no que se refere aos atos descritos como discriminatórios a preocupação da lei do Rio de Janeiro se focaliza mais no acesso a serviços em empresas, enquanto a de Juiz de Fora traz esta preocupação (provavelmente tendo partido da lei do Rio de Janeiro para isto) adicionando a ela questões de empregabilidade, violência direta e aluguéis/posse de móveis/imóveis.

Existe ainda uma forma de discriminação que está elencada na Lei Rosa e não na lei do Rio de Janeiro, que foi citada anteriormente como um dos motivos para que aquela tenha sido considerada uma lei pioneira:

> IX - proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos. (Juiz de Fora, 2000)

Retomando o que Trajano (Tribuna de Minas, 2019) fala:

> [...] a primeira Lei que falou na questão da afetividade entre pessoas do mesmo sexo, porque até então a gente podia ser classificado... qualquer demonstração de afeto público de pessoas do mesmo sexo poderia ser classificada como atentado ao pudor. E aí com essa lei isso passa a ser permitido, ou seja, você andar de mão dada, abraçar, aquilo que é permitido aos casais heterossexuais passa a ser permitido para nós também. (Tribuna de Minas, 2019)

A motivação para colocar esse trecho na lei é justamente que não se possa mais classificar como atentado ao pudor demonstrações de afeto de casais homossexuais, assim como garantir esse direito sem o risco de agressões. É algo que retoma, novamente, o incomodo sobre o qual fala Oswaldo Braga, que o motivou a procurar formas de ativismo: "O Marquinho, um cara inteligente, bonito, legal, trabalhador... tudo que... os conceitos que pode ter num homem. Eu também. Mas eu tinha que estar apresentando o Marquinho como meu amigo, meu melhor amigo... ah não." (Braga, 2024). Eles se incomodavam em ter de esconder sua relação. A princípio essa fala se dirige para a questão do armário, com familiares e amigos, mas também se relaciona ao poder ser abertamente um casal na rua, existir como alguém que se ama sem medo, de forma que "aquilo que é permitido aos casais heterossexuais" possa ser "permitido

para nós também" (Tribuna de Minas, 2019).

Oswaldo fala desse aspecto da lei com a voz embargada ao contar sobre as paradas do orgulho que organizavam: "Era muito gostoso escutar meu marido na hora que ele subia no trio elétrico e falava, ele arrasava. A gente, por causa da Lei Rosa, a gente se beijava na abertura da parada e do *Rainbow Fest*... então tem milhares de fotos da gente se beijando." (Braga, 2024). É, portanto, algo que, além de constituir uma inovação que criou muita publicidade para a lei, era muito pessoal aos dois, um ponto que dizia da experiência pessoal deles com a cidade, com o ativismo.

A ideia das afetividades gerou grande reação, tanto da mídia quanto da cidade. Foi algo que colocou o MGM no mapa, antes mesmo dele ser oficializado, desencadeando apoio e raiva. Trouxe uma atenção para Juiz de Fora que foi acolhida por alguns, como a mídia sobre a qual trataremos logo adiante, e por outros rechaçadas, como é possível perceber na violência à primeira sede do grupo.

> 21 de maio de 2000 nós passamos a ter a Lei Rosa. Ai a gente deu publicidade a isso, tal. Foi maravilhoso. Ai depois de aprovado, depois que demos publicidade é que começaram as reações. Teve muita reação. A OAB, Grupo de Conservadores de Igreja, todo mundo ia pra mídia na época o Bejani era deputado, o Bejani comprou a briga defendendo os conservadores... Depois quando ele foi prefeito foi um grande aliado nosso. Inclusive ajudou a gente nas paradas, no que a gente precisava. Mas naquela época ele se colocou contra então toda vez que ia fazer matéria sobre a Lei Rosa era Bejani e o Marquinho. Marquinho defendendo, Bejani defendendo. Ou então outros atacando, desses ai dessa turma de conservadores. E nós tivemos que lutar, viu? Nós tivemos que lutar. Graças a deus nós tínhamos o Paulo Rogério que era o presidente da Câmara e ele ajudou muito. Mas a opinião pública foi muito... achou que nós estávamos avacalhando com a cidade deles. "Juiz de Fora não pode admitir isso. Que isso, dois homens se beijando? Que absurdo. Daqui a pouco vai ta todo mundo trepando em cima de mesa de restaurante." Desse jeito. (Braga, 2024).

Por outro lado, se incentivou a violência e a organização de certos grupos contra a lei, como é possível perceber na fala acima citada, também gerou um debate imenso. Trajano passa a ser convidado a falar, se posicionar, trazer à tona não só o que a lei era, mas todo o seu enquadramento sobre movimento LGBT. Repentinamente Juiz de Fora estava falando sobre questões políticas relevantes para o público LGBT, colocando os argumentos na mesa. O MGM inaugura esse debate público, com a Lei Rosa, com o *Rainbow Fest*, com sua sede, com sua atuação. Cada novo passo é cercado de atenção e eles não negam essa mídia: a aproveitam para seus fins. Em meio a todo esse conflito acerca da lei, a cidade e o grupo são alçados para dentro do mosaico político LGBT brasileiro. Um novo espaço de disputas se abre.

Embora o congresso da ILGA provavelmente não ter sido o local de divulgação da lei, ainda assim é reconhecido que naquele momento o Movimento LGBT brasileiro se

movimentava para aprovar leis contra discriminação em diversas cidades e estados (Feitosa, 2018). Portanto, Juiz de Fora entra nesse grupo crescente de municípios e, por meio da legislação diferenciada (e especialmente a partir da polêmica que isso gerou), conseguiu assumir para si um papel de vanguarda narrativamente falando.

É interessante pensar as modificações que foram feitas no texto de inspiração (o da lei do Rio de Janeiro) mencionadas acima, especialmente a partir da seguinte fala de Oswaldo:

> Nós pegamos essa minuta e levamos no Paulo Rogério, que era amigo nosso, do Marquinho. Era amigo do Marquinho. E que tinha no gabinete dele um cara que era gay que era super antenado, Zé Augusto. E o Zé Augusto levou um lero no Paulo Rogério e nós fomos lá. E apresentamos pra ele. Saiu na imprensa e tudo. Demos pra ele essa minuta. Completamos lá, mudamos as coisas que a gente achava [...] Preenchemos umas lacunas e entregamos isso pra ele. O Paulo Rogério, passa um tempo, chama a gente lá, ele e o Zé Augusto, e vira e fala "Olha, essa lei ta muito ruim. Nós temos que melhorá-la. Vamos aproveitar que nós vamos entrar nessa onda, nessa discussão e vamos fazer uma lei melhor." Aí o Zé Augusto, Marquinho e eu sentamos "Ah isso aqui, ah isso tá tão mal escrito" muda aqui, muda ali. E desenhamos a Lei Rosa. Quando chegamos lá no Paulo Rogério: "Oh essa aqui é a lei, que nós queremos." Ele ainda virou e falou assim "Mas eu acho que tá faltando alguma coisa. O que é que incomoda vocês na nossa cidade? O que que vocês não podem fazer e que incomoda vocês e que a gente de repente pode consertar?" O Marquinho virou e falou assim "A gente não pode namorar, por exemplo né." Aí ele falou " então vamos por isso ai" "Ah que isso, vai dar uma confusão danada, não sei o que" aí o Paulo Rogério ainda virou e falou assim: "A gente põe. Se passar, maravilha. Se não passar, a discussão vai ficar em torno desse ponto ai gente tira ele e passa o resto." Era como se fosse um boi de piranha, né? "Então vamos lá". Aí o Paulo Rogério era o Presidente da Câmara. Aí ele articulou com os vereadores daquele jeito que eu contei procês. "Oh tô mandando uma lei pra proteger as minorias e papapapa" Aí os caras assinaram e a lei foi aprovada, o prefeito era o Tarcísio Delgado, na época e na hora que saiu da Câmara e chegou no Tarcísio, o Tarcísio sancionou. 21 de maio de 2000 nós passamos a ter a Lei Rosa. Aí a gente deu publicidade a isso, tal. Foi maravilhoso. (Braga, 2024)

Logo a princípio já existe menção a algumas modificações na lei "[...] completamos lá, mudamos coisas [...]", possivelmente um momento inicial de preencher um pouco mais a lei que, como foi afirmado anteriormente, é menos descritiva que a Lei Rosa. Após a primeira conferência com Paulo Rogério, à época presidente da Câmara dos vereadores, ele pede ainda mais alterações, que são feitas pelos dois junto com o assessor dele. É nesse momento que se pode imaginar que a maior parte das mudanças foram realizadas, com acréscimos dos procedimentos de denúncia, investigação, multa, recurso, especificação dos sujeitos que seriam as vítimas daquela violência sofrida, especificação de outras formas de discriminação além daquelas trazidas na outra lei, entre outras movimentações.

São mudanças que ocorrem graças à intervenção de alguém já conhecido do meio político, que se encontrava em seu segundo mandato e já havia estado em outros cargos políticos, como a presidência do sindicato dos professores. Paulo Rogério consegue, com sucesso,

articular a Lei Rosa na Câmara, negociando a aprovação com os vereadores sem falar seu real conteúdo, segundo Oswaldo. O auxílio dele nas alterações da lei, assim como de "Zé Augusto" ajudou a tornar a lei o que ela é hoje. É interessante a proposta dele de colocar algo na lei como o direito à afetividade, na premissa de que se passar seria bom e se não pelo menos o resto sim: diz de um jogo político, uma forma de negociar e garantir que algo dali floresceria. Isso permitiu também que este tópico, de poder ser abertamente um casal, tão caro à Oswaldo e Marco, fosse abordado em lei, criando respaldo legal para que pudessem existir em público de forma livre.

De forma semelhante ao modo como o MGM trazia para seu meio pessoas com habilidades, profissões e aptidões diversas para somar às suas ações, ele também estendia suas redes com amizades políticas ou, no mínimo, relações cordiais que permitiam sua ação no político. A Lei Rosa é uma demonstração disso, assim como diversos outros eventos realizados pelo grupo.

Em relação ao outro aspecto considerado pioneiro da Lei Rosa, também ausente na lei do Rio de Janeiro, a previsão da criação do Centro de Referência, este é o trecho que o contempla na lei:

> Art. 14 - O Município criará o Centro de Referência para a Defesa e Valorização da Autoestima e Capacitação Profissional do Cidadão Homossexual, bissexual e transgênero, de forma a permitir a sua inserção com dignidade e respeito no ambiente social e o combate às ações de natureza homofóbicas. (Juiz de Fora, 2000)

Como Trajano cita em sua entrevista à Tribuna de Minas (2019), diversos centros de referência foram criados pelo Brasil entre 2000 e o ano atual. Em Juiz de Fora, no entanto, ele ainda não é uma realidade apesar da sua previsão em lei. Oswaldo, em entrevista, conta que já houve tentativas de "resolver" a questão com alternativas diversas, mas sem sucesso:

> Não tem ainda. Não têm ainda. Esse centro de Referência virou uma novela. Por quê? Quando foi na época do Custódio[39], prefeito, ele fez conosco uma parceria de nós funcionarmos como o Centro de Referência e cumprirmos a Lei Rosa. Então ele fez uma parceria conosco, essa parceria era horrorosa. A única coisa que a prefeitura nos dava era o Marquinho. O Marquinho era funcionário da prefeitura então ela emprestou o Marquinho pra gente. O Marquinho não precisava ir na prefeitura, ele trabalhava aqui, mas recebia o salário dele. Era o convênio que nós tínhamos para o Centro de Referência. E ai anunciou-se "Agora a prefeitura tem o Centro de Referência previsto na Lei Rosa que foi terceirizado com esse convenio com o MGM". Uma galera, grande, do movimento não gostou disso. Que era uma galera que já estava querendo criar uma espécie de oposição ao MGM, que era hegemônico. Era a gente, só tinha a gente. E tinha uma turma que começou a não gostar disso. E ai eles começaram a denunciar

[39] Custódio foi prefeito em Juiz de Fora por dois mandatos, o primeiro de 1993 a 1997 e o segundo de 2009 a 2013, período no qual o acordo com o MGM foi realizado.

> que a prefeitura não tava cumprindo a Lei Rosa e ai ele falava "Tô sim, eu tenho um convenio la com o MGM" Ai o povo "Ahh então o MGM ta levando por fora alguma coisa" e começou essa conversa fiada. Até que o MGM interrompeu suas atividades externas. Paramos de ter projeto financiado, então paramos nossas atividades. Marquinho volta para a prefeitura, continua a vida dele lá e a Universidade Federal resolve montar um Centro de Referência. Ai a Lei Rosa passa a ser cumprida com o Centro de Referência da Universidade Federal. Ai esse Centro de Referência também parece que não tá atuando. Mas se montou na Secretária do Biel de Direitos Humanos um outro... um outro Centro de Referência que nunca fui lá. E não sei como funciona, mas parece que agora também não tá funcionando. Então na Conferência[40], agora, LGBT de Juiz de Fora nós ficamos sabendo que não tem Centro de Referência. Ou seja: a Lei Rosa não está sendo cumprida. E quando eu falei "mas tem que ter dinheiro. A prefeitura tem que colocar no orçamento dela um dinheiro para montar esse Centro de Referência ou pra dar sustentabilidade a esse Centro de Referência" ai o pessoal me informou que tem dinheiro no Orçamento para isso. Então... ta na hora da gente pressionar a prefeitura para montagem desse Centro de Referência. Sim, o Centro de Referência é importante. É onde os gays têm que recorrer, sabe? É... Tem dinheiro para isso no Governo Federal que pode ser apresentado projeto e o dinheiro vem pra cá. Igual as casas de abrigo, tem dinheiro lá para a Secretaria de Direitos Humanos pra isso. Se Juiz de Fora quiser montar uma casa de desabrigados LGBT, essa turma que é botado pra fora de casa, essa turma que tai vivendo em vulnerabilidade social na rua, o caralho que seja, quem precisar ter uma casa de apoio. Isso sempre foi nosso sonho, nunca conseguimos fazer, e acho que tá na hora, que tem recurso federal pra isso, sabe? (Braga, 2024)

A solução do MGM suprir o lugar do Centro de Referência diz de um reconhecimento das formas como o grupo atuava em prol da cidadania LGBT da cidade. No entanto também demonstra a dificuldade de efetivação de ações políticas financiadas apenas pela cidade, a partir de iniciativa da própria cidade. Acaba ficando por conta dos movimentos organizados, em especial do MGM no que se refere a questões LGBT nesse período, fazer acontecer as políticas de assistência, defesa e conscientização. Nesse sentido, o MGM se coloca inclusive como o defensor da lei, através do recolhimento de denúncias e de outras ações.

Uma notícia já previamente citada chamada "Gays querem criar centro de defesa"[41] , que foi publicada dia 27 de maio começa com o seguinte parágrafo:

> Representantes do Movimento Gay de Minas parabenizaram ontem o prefeito Tarcísio Delgado por ter sancionado a lei 9.791, que combate a discriminação por orientação sexual e projetou Juiz de Fora na imprensa nacional. Eles aproveitaram o encontro, no gabinete, para entregar uma proposta de ação para o Centro de Referência para a Defesa e a Valorização da Autoestima e a Capacitação Profissional do Cidadão Homossexual, Bissexual e Transgênero, previsto no texto da legislação. (Tribuna de Minas, 2000, p. 1).

Assim, desde o momento que ela é aprovada, o grupo já se movimenta para torná-la

---

[40] A partir de 2020, quando começa a prefeitura de Margarida Salomão (PT) foi instaurado uma Conferência LGBT para tratar de assuntos de cidadania LGBT em Juiz de Fora.

[41] Gays querem criar centro de defesa. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 27 maio 2000. Caderno B, p. 1.

uma realidade na cidade. Eles anunciam que auxiliarão no colhimento de denúncias, propõem um Centro de Referência para a prefeitura. O grupo, segundo a notícia, faz um compromisso de "distribuir três mil cartilhas para comerciantes e população para explicara lei de forma simples e como as pessoas podem apresentar reclamações." (Tribuna de Minas, 2000, p.1) com a ideia é auxiliar a comunidade gay "a aprender a usar a lei para garantir direitos civis como o de manifestar afetividades em público." (Tribuna de Minas, 2000, p.1). Nessa mesma notícia, já se informa quais pautas o Centro de Referência deveria abordar, segundo a visão do grupo, com um dos objetivos imediatos sendo "discutir com educadores como a homossexualidade deve ser tratada nas escolas" (Tribuna de Minas, 2000, p.1) algo que é retomado depois na mesma notícia:

> [...] o movimento pretende agora agir nos estabelecimentos de ensino. 'O tema ainda é tabu nas escolas. Os profissionais não estão capacitados para lidar com a possível homossexualidade de seus alunos, acarretando sérios danos na formação de caráter e na autoestima desses jovens.' Entre os dias 17 e 19 de agosto, antecedendo o tradicional Miss Gay, o movimento realiza a terceira edição do *Rainbow Fest*, com palestras sobre as temáticas da minoria (Tribuna de Minas, 2000, p.1).

É possível perceber o MGM aproveitando o momento da notícia para trazer atenção para aquilo que estavam operando naquele momento – apesar da notícia ser sobre a Lei Rosa falam sobre o *Rainbow Fest* ainda em maio – movimento sobre o qual Oswaldo havia falado previamente. Além disso, esta ação demonstra um esforço por parte do MGM de colocar em movimento o Centro de Referência, não apenas entregando um projeto dele para a prefeitura, mas trazendo a imprensa para a discussão, já anunciando algumas pautas consideradas por eles essenciais.

Embora a Lei Rosa tenha sido publicada há 25 anos, a luta por um Centro de Referência LGBT se mantém na cidade. A lei e articulação contínua por parte do MGM em torno dela garantiram um veículo legal pelo qual demandar sua existência. As diversas soluções temporárias, em especial no que se refere ao MGM ter ocupado por um tempo esse papel como centro, demonstram a cobrança pelo cumprimento na lei como algo constante na cidade.

2.2.1 A Lei Rosa e a repercussão no jornal Tribuna de Minas

A primeira aparição do que viria a ser a Lei nº 9.791 na Tribuna de Minas, dentre os meses analisados se dá em 27 de março de 2000, quando ela é proposta na Câmara Municipal.

A notícia, intitulada "Projeto de lei busca evitar discriminação e violência"[42] introduz o tema:

> Tão difícil quanto encontrar registros oficiais sobre casos de discriminação é constatar que o preconceito existe veladamente e agride. De uma ironia ouvida na rua a ameaças de morte, minorias, como a dos homossexuais, bissexuais e transexuais, contabilizam exemplos de desrespeito a que são frequentemente expostos e, na maioria dos casos, permanecem camuflados pelo medo (Tribuna de Minas, 2000, p.1).

Essa apresentação, que ressalta o público a quem a Lei se dedica a proteger, dá o tom para o que é dito acerca da proposta de lei, apresentada como algo positivo e necessário. Destaca-se que é também polêmica, tratando de um assunto que seria "tabu", mas essa característica assume uma conotação boa na medida em que seria "o começo das discussões sobre o assunto" (Tribuna de Minas, 2000, p.1). Como objetivos derivados desse debate há "o incentivo ao respeito humano e a redução da resistência aos homossexuais".

Em um tópico da notícia intitulado "Ausência de estatísticas indica silêncio de vítimas", a Tribuna escreve:

> Acreditando que esta é uma forma de reduzir a discriminação aos homossexuais, o integrante do Instituto Raimbow Fest (*sic*), movimento gay de Juiz de Fora Marco Trajano contabiliza três anos de esforços na redução das práticas discriminatórias, que culminaram na criação do projeto (Tribuna de Minas, 2000, p.1).

O trecho reconhece o *Rainbow Fest* como uma ação antidiscriminatória, ressaltando também a participação do ativista Marco Trajano e de um coletivo referido apenas como "Instituto *Rainbow Fest*" e "movimento gay de Juiz de Fora". Assim, é estabelecido um vínculo claro entre o evento que se iniciou em 1998, os ativistas organizados em torno dele e a Lei nº 9.791 enquanto parte de um único movimento em prol de uma luta antidiscriminatória na visão do jornal.

No resto da notícia há o reforço da existência do preconceito de forma velada e não notificada na cidade. Isso se manifesta na fala de Marco Trajano: "Sei de muita discriminação a homossexuais, como agressões, roubos e ameaças de morte. Aqui em Juiz de Fora o preconceito também existe, mas não é notificado." (Tribuna de Minas, 2000, p.1) e na declaração atribuída à Sônia Parma, entrevistada na condição de delegada de crimes contra a honra:

---

[42] Projeto de lei busca evitar discriminação e violência. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 26 mar. 2000. p.1.

> Ela avalia que a ausência de estatísticas aponta para a existência de práticas discriminatórias silenciosas, como qualifica. A delegada destaca a ausência de um local específico para recorrer nestes casos e diz que a agressão verbal é uma das violências mais frequentes aos homossexuais. O projeto, para ela, 'é um passo para chegar ao respeito pela orientação sexual.' (Tribuna de Minas, 2000, p.1)

Como é possível observar no trecho em questão, o argumento sobre a discriminação velada vem conjugado a uma defesa da necessidade da Lei Rosa enquanto um "passo" na direção de uma cidadania homossexual mais reconhecida. Diante do que foi exposto acerca da notícia do dia 26 de março de 2000, a única encontrada antes da aprovação da Lei, existe um posicionamento da Tribuna em favor de sua proposição, tomando a forma de uma abordagem positiva. Não são apresentados argumentos contrários, apenas a menção a sua natureza "polêmica" por tratar de "tabus". Além disso, é fortemente relacionada no texto às ações de Marco Trajano e ao "movimento gay de Juiz de Fora" que seriam o grupo organizador do *Rainbow Fest*.

Aprovada de forma unânime na Câmara Municipal em 12 de maio de 2000, a Lei nº 9.791 é mencionada na Tribuna de Minas no dia seguinte, mas não como notícia. É na sessão "Atos do Governo", onde a Prefeitura de Juiz de Fora publica as ações do executivo, que ela aparece, na ocasião em que o prefeito Tarcísio Delgado referendou sua existência. Não há nenhuma cobertura na data em si ou no dia que foi publicada nos Atos do Governo sobre como ocorreu a votação, se ocorreram repercussões ou comemorações.

A primeira notícia que faz referência à Lei Rosa pós-aprovação ocorre no dia 24 de maio de 2000 e é intitulada "Proteção aos gays é elogiada por sexóloga"[43]. Nela somos apresentados à opinião de Marta Suplicy sobre o tema: "Acho que os municípios prestam um grande serviço à comunidade aprovando leis que reconhecem os direitos dos homossexuais" (Tribuna de Minas, 2000, p. 5.). Com o destaque dado a profissão de sexóloga de Marta Suplicy, a Tribuna a estabelece como autoridade em assuntos de sexualidade. Ao destacar sua reação positiva, a ideia da Lei nº 9.791 como importante e necessária é reforçada. Na mesma notícia o jornal comenta o ponto destacado por Marco Trajano na entrevista previamente citada:

> Está em vigor há dez dias – e sua tramitação foi publicada pela Tribuna em 26 de março – uma lei contra discriminação por opção sexual, considerada uma das mais modernas do país. A legislação municipal garante até mesmo o direito de homossexuais, bissexuais e transexuais trocar beijos e abraços em público sem serem importunados (Tribuna de Minas, 2000, p. 5).

---

[43] Proteção aos gays é elogiada por sexóloga. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 24 maio 2000. Geral/Internacional, p. 5.

Assim, ecoa a visão da sexóloga e da notícia anterior, quando se refere à Lei Rosa como "uma das mais modernas do país" em razão da ênfase no direito ao afeto que ela dispõe. É importante ressaltar que Marta Suplicy em 1995, quando Deputada Federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) apresentou um projeto de lei que permitiria a União Civil entre pessoas do mesmo sexo. Foi um projeto de lei muito polêmico, que trouxe diversos debates e discussões e acabou não sendo aprovado. A própria Suplicy foi tema da segunda notícia mais antiga encontrada no Tribuna de Minas, intitulada "PT muda de cor para eleger Marta Suplicy"[44], foi publicada no dia 11 de janeiro de 1998 e aborda sua candidatura ao governo do estado de São Paulo.

Nessa notícia, fazem dela a seguinte descrição: "Unhas pintadas, maquiagem retocada, impecável dentro de um blazer rosa, a deputada, defensora dos direitos da mulher e dos homossexuais, admite sua pouca experiência na política." (Tribuna de Minas, 1998, p.5). Essa associação à luta pelos direitos de pessoas homossexuais retorna em outra notícia publicada no mesmo mês, dia 25 de janeiro de 1998[45], intitulada "Estímulo à violência e erotização: Polêmica no debate sobre controle da TV" que versa sobre uma lei que a então deputada propõe, que regulamentaria as televisões, nela faz-se a seguinte afirmação:

> A polêmica que se criou talvez tenha ganho força através da controvérsia que o espírito da ideia tem com outros projetos da deputada, como o que tenta regulamentar o casamento gay e o aborto em casos de estupro e risco de vida para a gestante - ambos moderninhos demais para um congresso de ruralistas. (Tribuna de Minas, 1998, p.2)

Embora no próprio corpo da notícia afirme-se que uma das justificativas de Suplicy para a proposta de lei ser para evitar a "disseminação de preconceitos", algo que facilmente se conectaria à causa homossexual, existe a criação de uma suposta contradição no texto da notícia, onde esses posicionamentos "moderninhos demais" não se vinculariam à proposta de uma lei que regulamentasse a televisão. Essa contradição artificial criada pelo jornal ajuda a criar o tom negativo dado à proposta da então deputada, algo que é acrescido a partir da fala de dois professores da Universidade federal de Juiz de Fora, um de psicologia e o outro de Comunicação Social, que são convidados a falar, ambos discordando dos pressupostos da lei. É interessante que seu posicionamento a respeito de direitos LGBT, especificamente acerca do

---

[44] PT muda de cor para eleger Marta Suplicy. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 11 jan. 1998. Geral/Internacional, p.5

[45] Estímulo à violência e erotização: polêmica no debate sobre controle da TV. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 25 jan. 1998. Geral/Internacional, p.2.

casamento entre pessoas do mesmo gênero seja trazido à tona aqui: por um lado, parece ser algo que nunca deixa de ser mencionado quando ela aparece nas notícias, por outro, esse posicionamento é trazido como um aspecto de certa forma negativo (moderninho demais) e, simultaneamente, como algo que revelaria uma hipocrisia da deputada, usado para descreditar a validez da lei que propõe.

A deputada aparece uma terceira vez em 1998, dessa vez em 3 de maio de 1998, na notícia "Homossexuais lutam contra preconceito e pela união civil: O estigma do preconceito ainda ronda o homossexual"[46] onde discute-se mais amplamente o projeto de lei de Marta Suplicy sobre União Civil entre pessoas do mesmo sexo. Nesta notícia, que ocupa uma página inteira acompanhando a ilustração de um casal gay, outra notícia sobre um livro acerca de homossexualidade e uma reportagem feita a partir da entrevista de um casal gay anônimo, pela primeira vez não existe um certo teor dramático associado à Suplicy (como havia em "moderninhas demais" ou na escolha por ressaltar suas roupas, maquiagem e unhas nas outras notícias). A lei sobre União Civil é reportada em conjunto com uma entrevista à Luiz Mott, que traz uma retrospectiva do movimento homossexual até ali, elencando conquistas entre outros, uma abordagem similar à feita acerca da Lei Rosa, onde Suplicy é apenas descrita como sexóloga, sem descrições de roupas, jeitos de vestir ou qualificações tais como a de "moderninha demais".

Na altura em que Marta Suplicy é citada pelo Tribuna de Minas para comentar a Lei Rosa já existe, portanto, uma certa construção de quem seria essa política e uma constante associação dela com pautas LGBT, mesmo em notícias não relacionadas ao tema. Parte-se de um pressuposto que a associação será feita pelo próprio leitor. Nesse sentido, é uma ação do jornal de fazer relação entre o que ocorria em Juiz de Fora e aquilo que ocorria em um plano nacional naquele momento em termos de busca por legislações e direitos para pessoas LGBT. É colocar esse rótulo que se aplicava à cidade como algo mais legitimo, na medida que alguém constantemente trazida como "autoridade" do assunto é citada vinculada à essa visão de Juiz de Fora (mesmo que isto seja feito a partir de uma pergunta tendenciosa do jornal).

Na mesma notícia em que entrevistam Suplicy sobre a Lei Rosa, somos informados de sua aprovação por unanimidade na seção "Aceitação na cidade é constatada em pesquisa", que se inicia com o trecho: "Aprovada por unanimidade no último dia 12, a lei vem sendo bem aceita na cidade, segundo seu autor, o presidente da Câmara dos Vereadores de Juiz de Fora, Paulo Rogério dos Santos." (Tribuna de Minas, 2000, p.5). No entanto, os resultados mais

[46] Homossexuais lutam contra preconceito e pela união civil: O estigma do preconceito ainda ronda o homossexual. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 3 maio 1998. Caderno 2, p.1.

específicos da pesquisa citada no título em questão não são informados.

Ao mesmo tempo, a determinação da lei pela "criação de um órgão ligado ao poder executivo onde os homossexuais vítimas de preconceito possam fazer denúncias e receber orientação" (Tribuna de Minas, 2000, p.5) é acentuada. Esse mesmo aspecto, que também foi destacado por Marco Trajano em entrevista realizada em 2019, como foi abordado anteriormente, não se tornou realidade até os dias atuais, sendo uma demanda muito pautada não só pelo MGM, mas também por outros grupos LGBT atuantes em Juiz de Fora nos dias de hoje.

A partir do que foi exposto, é possível perceber a construção de uma narrativa acerca da lei que ressalta seu pioneirismo a partir desses dois aspectos principais: o Centro de Referência previsto e o direito ao afeto.

Essa notícia é também a primeira no ano de 2000 a apresentar explicitamente a cidade de Juiz de Fora como um local de referência para pessoas LGBT no trecho "Marta Suplicy, candidata do PT à Prefeitura de São Paulo, ao comentar o rótulo de 'Orgulho Gay do Brasil', dado a Juiz de Fora." (Tribuna de Minas, 2000, p. 5). A partir dele é possível perceber que a pergunta feita para Marta Suplicy trazia como pressuposto a existência do rótulo, sendo a sexóloga apenas incitada a comentá-lo. Considerando que a resposta traz a Lei Rosa, cria-se na notícia uma relação estabelecida entre a visão de Juiz de Fora como nada menos que "Orgulho Gay do Brasil" e a promulgação da Lei nº 9.791.

Essa perspectiva também está presente na entrevista realizada pela Tribuna de Minas com o vereador Paulo Rogério dos Santos quando este afirma:

> Na cidade em que um dos maiores atrativos turísticos é o concurso Miss Brasil Gay, é um absurdo, por exemplo, que os homossexuais sejam sobretaxados em hotéis.' [...] Tudo o que é permitido aos heterossexuais será também permitido aos homossexuais.', resumiu Santos, heterossexual assumido. "Estamos fazendo leis para todas as minorias; tenho orgulho de ter proposto essa, porque muita gente achou que não teria coragem". (Tribuna de Minas, 2000, p.5).

Assim como na primeira notícia acerca da Lei Rosa, é estabelecida a existência de um preconceito a ser combatido na cidade. Isso se confirma não apenas na sobretaxa em hotéis citada, mas na afirmação sobre a coragem necessária para propor a lei, algo que somado a descrição de que o vereador é "heterossexual assumido" permite considerar que havia a preocupação com a possibilidade que o Paulo Rogério pudesse ter sua orientação sexual confundida e que isso seria algo negativo. Em um movimento similar ao da notícia de março, a

Lei nº 9.791 é apresentada como uma resposta à essa homofobia, uma resposta agora aprovada no formato legal.

Em síntese, ambas as entrevistas, a de Paulo Rogério e a de Marta Suplicy, na qual Juiz de Fora recebe o título de "Orgulho Gay do Brasil", o jornal Tribuna de Minas parece sugerir que, diante da aprovação da Lei Rosa, a cidade pode ser considerada não apenas um lugar de turismo, com eventos culturais para pessoas LGBT, mas um lugar de vanguarda no que se refere à defesa dos direitos dessa população, embora seja ainda um local em que existe preconceito.

Pode-se pensar em como esse ponto de inflexão no discurso sobre Juiz de Fora, que parece começar a se delinear nessas notícias, é um acontecimento. Entende-se acontecimento a partir de uma perspectiva de Foucault, onde ele é "uma relação de forças que se inverte" (Foucault, 2000, p.273), uma mudança naquilo que antes se tinha como certo, a partir do qual se cria uma nova continuidade, uma nova narrativa. A partir dessa "ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nosso consentimento, nossas práticas" (Foucault, 2015, p.339) ocorre uma alteração na narrativa do jornal sobre a identidade da cidade, sobre o local que ela ocupa e as relações que existiriam dentro dela.

Principalmente ao compararmos com a primeira notícia que coloca Juiz de Fora como local potencialmente amigável a pessoas LGBT, em 12 de agosto de 1998[47], intitulada "*Rainbow Fest*: Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes":

> Marco diz que, em geral, Juiz de Fora recebe muito bem o gay, mas o preconceito é velado. 'Algumas pessoas se colocam à disposição para apoiar e contribuir, mas preferem que seu nome não apareça, com medo de associação com o mundo gay', explica. Ele reconhece que o Miss Gay contribuiu muito para a boa aceitação do homossexual na cidade. 'O *Rainbow Fest* só existe por causa do concurso, mas o que queremos é discutir também nossos problemas. (Tribuna de Minas, 1998, p.1)

Aqui há um foco maior na questão do "preconceito velado", a natureza amigável ou tolerante da cidade ocorreria durante um evento específico. Na notícia do dia 26, por outro lado, não se trata de apenas "receber bem", mas de ser o "Orgulho Gay do Brasil", ter uma lei inovadora que versa sobre os direitos desse público. Assim, percebe-se essa ruptura, alteração da narrativa: de uma cidade vista como vagamente receptiva em momentos específicos do ano, passa-se a ser uma cidade vanguardista do ponto de vista dos direitos.

---

[47] *Rainbow Fest*: Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 ago. 1998. Caderno 2, p. 1.

Essa visão aparece ainda mais consolidada na notícia de 19 de agosto de 2000, nomeada "Para juiz-forano exposição da cidade com festa gay traz benefícios: No levantamento feito pelo Departamento de Telemarketing só uma pequena parcela encara positivamente"[48]. Nessa enquete, realizada com assinantes da Tribuna de Minas, a pergunta utilizada foi "Você acha que Juiz de Fora ganha em ser a vitrine gay do país?". Aqui, assim como ocorre com Marta Suplicy, a ideia da cidade enquanto "vitrine gay" é apresentada como fato. O texto que acompanha os resultados afirma que:

> Há 24 anos sendo palco da maior festa gay do país – o Miss Brasil Gay -, Juiz de Fora assume agora a postura de cidade vanguarda no combate com o rigor da Justiça o preconceito contra homossexuais. A aprovação da Lei 9791, do vereador Paulo Rogério, e o crescimento do Movimento Gay de Minas (MGM) também colocam a cidade entre as primeiras a sancionar uma norma deste tipo. A atenção direcionada aos homossexuais rende frutos ao comércio, mas aguça o conservadorismo de uma parte da sociedade. (Tribuna de Minas, 2000, p.2)

Dialogando com a notícia de 1998, onde Marco Trajano reconhece a contribuição do Miss Brasil Gay para a recepção de gays na cidade, nessa notícia há a colocação do Miss Brasil Gay como parte desse movimento. No entanto, é explicita a relação feita com a lei e o "crescimento do Movimento Gay de Minas (MGM)". Passando também por um lucro do comércio com esse tópico, há uma defesa da visão de Juiz de Fora como vanguarda LGBT, que contrasta com os resultados apresentados na enquete (com 52,5% dos entrevistados respondendo que a cidade não ganha com esse título).

A notícia seguinte a respeito da Lei nº 9.791 na Tribuna de Minas é última do mês de maio. Intitulada "Gays querem criar centro de defesa"[49] foi publicada dia 27 e começa com o seguinte parágrafo:

> Representantes do Movimento Gay de Minas parabenizaram ontem o prefeito Tarcísio Delgado por ter sancionado a lei 9.791, que combate a discriminação por orientação sexual e projetou Juiz de Fora na imprensa nacional. Eles aproveitaram o encontro, no gabinete, para entregar uma proposta de ação para o Centro de Referência para a Defesa e a Valorização da Autoestima e a Capacitação Profissional do Cidadão Homossexual, Bissexual e Transgênero, previsto no texto da legislação. (Tribuna de Minas, 2000, p. 1).

---

[48] Para juiz-forano exposição da cidade com festa gay traz benefícios: no levantamento feito pelo Departamento de Telemarketing só uma pequena parcela encara positivamente. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 19 ago. 2000. p. 2.

[49] Gays querem criar centro de defesa. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 27 maio 2000. Caderno B, p. 1.

A ação do movimento de tentar garantir o cumprimento da lei, como já foi afirmado previamente, é evidenciada a partir do compromisso do grupo de, segundo Marco Trajano, "distribuir três mil cartilhas para comerciantes e população para explicara lei de forma simples e como as pessoas podem apresentar reclamações." (Tribuna de Minas, 2000, p.1). No final da notícia somos informados que:

> [...] o movimento pretende agora agir nos estabelecimentos de ensino. 'O tema ainda é tabu nas escolas. Os profissionais não estão capacitados para lidar com a possível homossexualidade de seus alunos, acarretando sérios danos na formação de caráter e na autoestima desses jovens.' Entre os dias 17 e 19 de agosto, antecedendo o tradicional Miss Gay, o movimento realiza a terceira edição do *Rainbow Fest*, com palestras sobre as temáticas da minoria (Tribuna de Minas, 2000, p.1).

Esse trecho parece reforçar o papel do Movimento Gay de Minas e do *Rainbow Fest* como elementos importantes relacionados à efetivação da Lei Rosa. Há, ao mesmo tempo, ênfase no agradecimento ao prefeito Tarcísio e seus esforços para assegurar a aprovação: "Tarcísio Delgado revelou que apoiou o vereador Paulo Rogério (PMDB), autor do projeto, desde o início da redação, quando foi procurado para discutir o tema." (Tribuna de Minas, 2000, p. 1).

Isso está refletido também na chamada da notícia da capa do jornal: "Gays elogiam lei e querem criar centro de defesa". Essa chamada apresenta os "gays" como aqueles que recebem algo e agradecem, mas a notícia em si traz a todo momento o Movimento Gay de Minas como ator e executor da lei. O parágrafo final, visto acima, que informa acerca dos próximos passos do grupo e anuncia o tema do *Rainbow Fest* daquele ano parece reiterar essa visão e a divergência entre a manchete e o que de fato ocorre no texto.

O elogio ao prefeito Tarcísio Delgado volta a aparecer em notícia do dia 24 de agosto de 2001 intitulada "Tolerância às minorias destaca JF"[50]. Nela, fala-se da participação do prefeito na conferência preparatória do II Fórum de Autoridades Locais Pela Inclusão Social em Porto Alegre, aonde "Juiz de Fora foi lembrada no evento pela capacidade de tolerância e não discriminação das minorias, como a dos homossexuais, notadamente pela aprovação, no ano passado, da lei 9.791" (Tribuna de Minas, 2000, p. 5). Nessa notícia não há nenhuma menção ao Movimento Gay de Minas e o foco é dado às ações do prefeito no evento. Ao mesmo tempo, se reafirma Juiz de Fora nessa posição de tolerante e defensora dos direitos de pessoas LGBT a partir e por causa da aprovação da Lei nº 9.791.

No mesmo dia da notícia acerca do Centro de Referência citada acima, temos no jornal

---

[50] Tolerância às minorias destaca JF. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 24 ago. 2001. Geral/Internacional, p. 5

uma enquete[51] realizada pela Tribuna entre seus assinantes. Com o título de "Juizforanos não acreditam que instituições estejam preparadas para respeitar lei: A maioria dos entrevistados aponta o preconceito como o maior problema para que o dispositivo legal funcione", a pergunta feita foi "Você acha que a polícia, a prefeitura e a sociedade estão preparadas para respeitar a lei que combate à discriminação aos homossexuais?". O resultado: 85% dos entrevistados responderam que não.

Essa é a primeira notícia a apresentar um aspecto negativo acerca da Lei nº 9.791, ainda que não a desaprove. Dentre as respostas mais extensas selecionadas pelo jornal vê-se pelo menos duas que consideram a Lei Rosa como um possível ponto de virada para o preconceito, como é o caso da entrevistada Fátima Zacaron, que afirma:

> Por enquanto ainda não. Eu acho que cada um faz da vida o que achar melhor, não sou contra os homossexuais, mas nem todo mundo é assim. Acho que a partir da lei as coisas podem mudar. (Tribuna de Minas, 2000, p. 2).

Mais tarde, no mês de agosto, a Lei Rosa volta a ser tema em "Cantor lírico performático é atração em festa gay: Música de câmera e MPB se mesclam no repertório de Mário Krauss"[52]. O evento em questão é apresentado como uma festa para comemorar a "conquista dos homossexuais mineiros" da lei contra discriminação. A legislação também é citada em outras notícias acerca do *Rainbow Fest* daquele ano, mas a próxima notícia que interessa a essa pesquisa foi publicada em 23 de agosto de 2000 com o título "O movimento gay brasileiro ainda é muito frágil"[53]. Trata-se da transcrição de parte de uma entrevista realizada com Luiz Mott, ativista e criador do Grupo Gay da Bahia. Ela abarca alguns temas que variam desde a Lei nº 9.791 até as estatísticas referentes ao assassinato de homossexuais no Brasil. Diante da pergunta "Como o movimento gay nacional viu a sanção da lei 9.791 em Juiz de Fora?" (Tribuna de Minas, 2000, p.1), a resposta foi:

> Redundante. Nenhum artigo do Código Penal Brasileiro proíbe a manifestação pública de carinho entre pessoas do mesmo sexo. Considero a lei importante para levantar a discussão. Em Salvador e em São Paulo, onde há leis municipais que também proíbem e multam a discriminação por orientação sexual, mesmo que não citem textualmente a liberdade do carinho público, se qualquer policial ou pessoa questionar quando dois

---

[51] Juizforanos não acreditam que instituições estejam preparadas para respeitar lei: A maioria dos entrevistados aponta o preconceito como o maior problema para que o dispositivo legal funcione. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 27 maio 2000. p. 2.

[52] Cantor lírico performático é atração em festa gay: Música de câmera e MPB se mesclam no repertório de Mário Krauss. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 4 ago. 2000. Caderno 2, p. 4.

[53] ENTREVISTA: Luiz Mott: 'O movimento gay brasileiro ainda é muito frágil'. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 23 ago. 2000. Cidade, Caderno B, p. 1.

> homens ou duas mulheres manifestarem tal carinho, cabe à polícia e à Justiça defender estes amantes, e não condená-los (Tribuna de Minas, 2000, p.1).

É interessante pensar que a questão da afetividade foi incluída por ser algo importante para Oswaldo e Marco e, mais importante, como uma estratégia de "boi de piranha" segundo Oswaldo, onde, caso houvesse problemas para a ocorrer a aprovação da lei, retirariam esse trecho para passar o resto. Em nenhum momento isso é mencionado na mídia, retomando a questão dos enquadramentos que o grupo realiza ao narrar e explicar suas ações para a imprensa, algo que discutimos no capítulo anterior acerca do que é ou não falado por eles sobre o início do grupo. A inspiração em uma lei carioca também parece não ter sido citada, com o foco sendo mais uma vez uma continuidade de ações entre Miss Brasil Gay, *Rainbow Fest* e Lei Rosa, ocorrendo a preferência por simplificar a contagem do que ocorreu de forma prática, em prol de melhor falar sobre motivações e pautas políticas. Ser ou não redundante, em uma lei contra a discriminação, existir um texto específico que autorize demonstrações de afeto não é algo que o MGM discute: ele aproveita a novidade desse trecho e a atenção que invoca para pautar midiaticamente aquilo que considera importante (como a efetivação do Centro de Referência ou a questão da educação em relação com a homossexualidade).

A perspectiva de Luiz Mott difere do padrão de comentários que podem ser observados sobre a Lei Rosa até aquele momento e que continuaria sendo reproduzido em 2001, como foi possível perceber por notícias anteriores. Embora o ativista atribua certa importância para a Lei nº 9.791 em sua habilidade de "despertar discussões", o que prevalece é a visão de que a especificação do direito ao afeto como algo "redundante". Principalmente porque o comentário "elogioso" é imediatamente seguido por exemplos de outras leis que, segundo ele, são efetivas ainda que não tenham essa especificidade.

Nesse caso, assim como na enquete citada acima, há uma certa negatividade a respeito da Lei Rosa que se manifesta no jornal por meio de pessoas externas a ele e aos envolvidos em sua aprovação. Apesar do elogio também presente na fala do ativista, a Tribuna destaca sua fala sobre a suposta "redundância", colocando-a aparte do texto em letra maior, para chamar a atenção do leitor. Portanto, há uma ênfase nessa visão mais "negativa", como ocorre também na manchete acerca da enquete, algo que se justifica nessa última na medida em que o resultado foi de fato majoritariamente negativo.

Curiosamente, no entanto, em outra enquete realizada em 19 de agosto do mesmo ano, apesar da obtenção de resultado também negativo, o título busca transmitir o oposto. Sob o

título “Para juiz-forano exposição da cidade com festa gay traz benefícios”[54], é apresentada uma pesquisa com a pergunta: “Você acha que Juiz de Fora ganha em ser a vitrine gay do país?”. Cerca de 52,5% dos entrevistados responderam que “não”. A explicação para o título contraditório estaria no fato de que dos 15 entrevistados pessoalmente, 14 teriam respondido sim. Entre os que responderam não, a maioria foi consultada por telefone. No entanto, na notícia acima, também entre os entrevistados pessoalmente havia aqueles que possuíam respostas positivas acerca da Lei Rosa e, ainda assim, a Tribuna de Minas manteve o enquadramento no aspecto negativo.

É possível que a alteração na forma como o jornal escolhe dar ênfase ou não a visão negativa apresentada na notícia se deva a um investimento que o jornal parece fazer na Lei nº 9.791 enquanto algo que simbolicamente alça Juiz de Fora a uma “vitrine gay do país”. Presente mais uma vez na própria questão elaborada pelo jornal, o rótulo é visto como fato, não sendo aberto a questionamento. Mesmo notícias que teriam a capacidade de contrariar tal visão, como é o caso dessa enquete, parecem ser enquadradas de forma que, ao menos em um primeiro momento, não contrariem a apresentação da cidade como um lugar onde os direitos de pessoas LGBT são valorizados e defendidos.

Por outro lado, embora a Lei nº 9.791 seja sempre apontada como a razão para isso, sua efetividade e a redundância ou não de seu texto – que, de qualquer maneira, apresenta um diferencial – são desconsiderados na medida em que o destaque é dado ao aspecto simbólico dessa medida. O argumento principal e o enquadramento realizado pelo jornal tendem a favorecer a aprovação e as propostas apresentadas pela Lei Rosa como aspectos que por si mesmos já alteram a percepção sobre a cidade de Juiz de Fora.

A Lei Rosa, portanto, vinda de articulações e redes entre o MGM e outros grupos e o MGM e políticos locais, além de se estabelecer como dispositivo político relevante para a cidade, estabelecer novos debates no ambiente público e permitir a demanda por um Centro de Referência municipal, é também um ponto de virada na narrativa juizforana. É um acontecimento a partir do qual Juiz de Fora não é apenas um local onde um evento voltado para o público homossexual ocorre, mas uma cidade que luta contra o próprio preconceito, com políticas inovadoras e de vanguarda. Esse novo enquadramento da cidade é visto primeiro na imprensa local e, nos dias de hoje, é constantemente trazido para discussões e debates em prol de novos direitos, eventos e financiamentos de questões LGBT. Esses usos dessa narrativa que

---

[54] Para juiz-forano exposição da cidade com festa gay traz benefícios: no levantamento feito pelo Departamento de Telemarketing só uma pequena parcela encara positivamente. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 19 ago. 2000. p. 2.

começa a se construir em 2000 se colocam como grande potencial de pesquisa, especialmente se vinculados com uma busca por entender qual o legado que o MGM deixa depois de 25 anos de atuação.

2.2 *Rainbow Fest*

Abordamos no capítulo anterior a inspiração e motivação para o início do *Rainbow Fest*, especialmente sua conexão com a criação do Movimento Gay de Minas. Nesta seção abordaremos o *Rainbow Fest* enquanto ação do grupo, sua forma de organização, decisões acerca de seu tema, quem participava dele, suas prioridades, entre outros.

Oswaldo afirma que "o *Rainbow Fest* e as Paradas são nosso grande momento de visibilidade" (Braga, 2024). O evento idealizado por ele e Marco Trajano é multifacetado, mas geralmente envolve espetáculos públicos de pessoas LGBT, cantores, bandas, drags, entre outras. Esses concertos ocorrem na maioria das vezes na Praça Antônio Carlos, também conhecida como PAC ou no Parque Halfeld, ambos locais no centro da cidade, perto de avenidas movimentadas. O *Rainbow Fest* é um evento acompanhado de muitas decorações, com a aderência de comerciantes. Não é raro ver bandeiras LGBT, decorações arco-íris e outros ao andar pelas lojas do centro durante o mês de agosto (quando o Rainbow e o Miss Brasil Gay ocorrem). É um momento em que o jornal notícia mais questões LGBT, realiza reportagens especiais sobre temáticas do grupo e a cidade fica com uma grande quantidade de turistas LGBT de outros lugares do Brasil.

Por isso é um momento de muita visibilidade: é um momento em que pautas LGBT são colocadas nos cartazes do evento, pessoas e corpos LGBT tomam a cidade e a própria se enfeita nas cores da bandeira do orgulho. A grande maioria dos eventos proporcionados dentro do *Rainbow Fest* são ou de graça ou próximo disso, com sessões de filmes produzidos por LGBT e com temas LGBT, palestras, simpósios, discussões, debates e os próprios concertos, feitos em praça pública.

Cada *Rainbow Fest* possuí um slogan de campanha, que é estampado nos cartazes e tematiza os principais debates a serem realizados no evento daquele ano. Acerca da escolha do slogan para cada ano, Oswaldo afirma:

> Também igual a gente fazia nas reuniões. É o que ta rolando. Esse ano nosso evento... (levanta par buscar panfleto) ele traz como tema (a distância) o voto, a eleição (retornou e entrega os panfletos). "Vote consciente, vote em quem apoia a causa LGBTQIA+". A menina que me ajudou a criar essa programação visual esse ano, ela tinha colocado aqui uma frase da cabeça dela de "O amor é livre" uma coisa assim,

> sabe? E eu falei com ela falei "Olha, não. Nós não podemos fugir da questão que tá em pauta. Nós vamos fazer um evento em agosto e em outubro nós vamos votar." Então tá aqui, isso foi adotado por quase todas as Paradas do Brasil esse ano, uma enxurrada nas campanhas e eu fiz questão de colocar "quem apoia a causa" porque muitas vezes não é gay, não é lésbica, não é travesti, é gente mesmo que apoia. Tem muita gente bacana que apoia ne. Então é escolhido assim. É o assunto que tá em pauta, é aquilo que a gente acha que merece discutir. (Braga, 2024)

Existe uma preocupação política naquilo que é escolhido, uma preocupação também de articulação com outras partes do movimento nacional para somar em prol de um objetivo. No ano da entrevista, 2024, era com as eleições municipais que ocorriam. Essas duas preocupações, de algo político e de articulação com o movimento mais amplo no Brasil aparece em outros slogans dos quais Oswaldo se lembra:

> Olha dos Slogans, teve... Esse da Marcinha que chamou muita atenção (aponta para um cartaz na parede). Que nós seguimos o slogan da Parada de São Paulo "Contra o machismo, racismo e homofobia" e escolhemos uma mulher, preta, lésbica, que era vítima dos 3, né? Foi um Slogan bem legal que eu acho que cumpriu bem o papel dele. (Braga, 2024)

Oswaldo nos conta que geralmente faz a escolha de uma ou mais figura para serem homenageadas no *Rainbow Fest*, que no caso acima foi "Marcinha". À essas pessoas são concedidos os títulos de rei da parada ou rainha da parada. Segundo o ativista existiria uma preocupação em cada ano representar uma parte da sigla, além de fazer essa relação com quais são as pautas do momento, o que é preocupante naquele ano, o que precisa de atenção.

Associado ao *Rainbow Fest*, desde 2003 o MGM organiza também a Parada LGBT em Juiz de Fora. Não ocorre todos os anos, dependendo de financiamento, alvarás, entre outros, mas é uma grande fonte de orgulho para Oswaldo, com algumas das paradas sendo lembradas por ele devido ao tamanho do público mobilizado. Ao ser perguntado sobre qual dos *Rainbow Fests* foi para ele o mais marcante ele respondeu:

> Agora em termos de evento em si, aí é a Parada dos 120 mil que indiscutivelmente foi uma das coisas mais emocionantes que você possa imaginar, você olhar para Rio Branco e ver ela lotada, você olhar para a Independência e ver ela lotada... Na hora que nós chegamos com o primeiro trio elétrico na Praça Antônio Carlos, que ainda faltava chegar quatro trio elétricos e uma multidão a Praça estava lotada, já estava lotada! Já tinha um DJ no palco tocando... Na hora que foi chegando nós fechamos a Rio Branco, fechamos a Independência, fechamos a Getúlio. (Braga, 2024)

Rio Branco, Getúlio Vargas e Independência (atualmente Itamar Franco) são três das maiores avenidas da cidade. Localizadas no centro, são essenciais para qualquer rota que se faça dentro de Juiz de Fora: fechar as três significa, de certa forma, parar a cidade, ou ao menos

o seu trânsito. A Parada ter gerado esse feito denota a quantidade esmagadora de pessoas presentes. É um resultado importante para o MGM, em especial quando se considera que, quando da realização da primeira parada, foi pensado que não seria algo com tanto público, segundo conta Oswaldo:

> A primeira parada nós saímos do parque Halfeld e viemos. E a prefeitura achou que nós não íamos ocupar todas as pistas, então fechou só o cantinho da do parque Halfeld pra gente. A do meio, dos ônibus estava funcionando, e a outra estava funcionando. Claro que não deu, a parada extrapolou. E daqui a pouco tava a parada misturada com o ônibus, tava aquela confusão... Quando nós viramos na... (risos) na independência, na Itamar Franco, nós fechamos a pista de lá e o povo da pista que estava subindo em direção ao São Mateus ali, ficou estacionado dentro... o ônibus cheio de gente dentro do ônibus, o povo com aquela cara de tédio e nós passando na pista "Eeeeee! Eeeee!" e os caras P da vida da gente ta atrasando a vida deles (risos). No ano seguinte a prefeitura falou "não, ou interdita todas a pistas ou então não vai dar." (Braga, 2024)

Tanto nas paradas quanto nas primeiras edições do *Rainbow Fest*, a quantidade de público foi uma surpresa. Em notícia publicada em 12 de agosto de 1999, intitulada "*Rainbow Fest* discute a homossexualidade"[55], o jornal Tribuna de Minas afirma que "[...] o festival conseguiu reunir em sua primeira edição, no ano passado, cerca de 1500 pessoas num show em praça pública, superando as expectativas" (Tribuna de Minas, 1999, p.1). Nesta mesma notícia já se faz o anúncio do *Rainbow Fest* daquele ano, datado para ocorrer de 16 a 21 de agosto, ou seja, após 4 dias.

É interessante apontar que esses dados de comparecimento estão logo no primeiro parágrafo da notícia que também afirma que "Temas ligados à homossexualidade, como união civil entre pessoas do mesmo sexo, violência contra homossexuais, mercado de trabalho e Aids foram discutidos de forma séria e consequente." (Tribuna de Minas, p.1, 1999). No ano anterior, 1998, a primeira notícia no jornal a falar do *Rainbow Fest* é feita numa quarta-feira, sendo que o evento já vinha ocorrendo desde segunda. Esta notícia em 1999, feita com antecedência em relação ao Rainbow daquele ano, ter começado com um parágrafo apontando o sucesso que "superou as expectativas" do ano anterior parece quase justificar o porquê do Tribuna de Minas estar, em 1999, divulgando do evento, noticiando sua programação com antecedência. O trecho que finaliza o parágrafo afirmando que os temas teriam sido discutidos de forma "séria e consequente" se aliam a isso, confirmando que o jornal teria, de certa forma, aprovado o evento e, portanto, dado a ele o privilégio de ser melhor noticiado.

Devido à essa característica da visibilidade, somada à quantidade de público que passa

---

[55] Rainbow Fest discute a homossexualidade. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 ago. 1999, p.1.

pelo *Rainbow Fest* e começa a ser atraído por ele, o MGM aproveita-se desse momento para lançar ações conjuntas com outros grupos, realizar abaixo-assinados, entre outros, a partir das pautas em voga no momento. Um exemplo disso ocorre no *Rainbow Fest* de 2000, como é possível observar na notícia publicada em 18 de agosto de 2000 intitulada "Gays iniciam luta por união civil"[56]:

> Tem início hoje, em Juiz de Fora, um movimento para pressionar o Congresso Nacional a votar o Projeto de Parceria Civil (PPC) e a alterar o artigo 5º da Constituição Federal, incluindo os homossexuais nas minorias protegidas contra discriminação. A luta ganha reforço no III *Rainbow Fest*, realizado até amanhã no Espaço Cultural Bernardo Mascarenhas. Os gays esperam conseguir um milhão de assinaturas favoráveis aos projetos. Os candidatos à Prefeitura de Juiz de Fora participam às 20h de debate, tendo os direitos dos homossexuais como mote. (Tribuna de Minas, 2000, p.1)

O *Rainbow Fest,* portanto*,* é visto como momento de pautar e agir politicamente. A realização de um debate com os candidatos à prefeitura da cidade como parte do evento evoca a fala anteriormente citada de Oswaldo (2024): "Nós não podemos fugir da questão que tá em pauta. Nós vamos fazer um evento em agosto e em outubro nós vamos votar." Ele afirma isso em referência ao evento de 2024, mas é possível perceber que existe essa continuidade dessa forma de pensar, que se liga aos primeiros *Rainbow Fest* realizados. Nesse sentido, parte do que era pauta naquele momento era também o PPC, era a alteração da constituição para incluir orientação sexual. O *Rainbow Fest* encabeça as pautas e lutas políticas que Oswaldo e Marco percebem serem o foco do momento, dialogando com o movimento nacional e muitas vezes trazendo esse movimento para dentro do Rainbow a partir do convite de seus representantes, das demais ONGs, entre outros. Isto é uma preocupação desde o primeiro *Rainbow Fest*:

> Ao final do encontro, todas as conclusões e propostas tiradas dos debates devem compor um documento a ser apresentado na semana que vem em Belo Horizonte, num seminário sobre cidadania e direitos humanos da Assembleia Legislativa. A ideia é transformar em lei a proibição de discriminação por questões de opção sexual (sic). A ideia já foi aplicada em vários estados e cidades do país e tem chance de valer também em Minas Gerais, através da mudança da constituição estadual. (Tribuna de Minas, 1998, p. 1).

Então, embora seja também importante o foco cultural do evento, sendo inclusive a parte que mais atraí público (as 1500 pessoas teriam ido justamente no show ocorrido na Praça Antônio Carlos), existe, especialmente em seu início, a conjugação do evento com a ação

---

[56] Gays iniciam em JF pressão por união civil: carta inclui mudança em artigo da Constituição. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 17 ago. 2000. Cidade, Caderno B, p. 1.

política. A visibilidade gerada por ele é aproveitada para trazer pautas diversas do momento para a mídia, para os debates e discussões, criando a conversa, o diálogo a disputa na cidade. Os prefeitos são incitados a comentar e até a escolha de não participar do evento se torna uma forma de se posicionar: o candidato Bejani é o único a não participar do debate proposto pelo *Rainbow Fest*, sendo descrito a partir disso como o "autor das únicas críticas à lei 9.791, que protege homossexuais de discriminação em estabelecimentos comerciais" (Tribuna de Minas, 2000, p.1).

Á essas ações, somava-se a busca para combater o HIV/Aids:

> [...] ai na Parada a gente distribuía 5 mil preservativos. A mensagem de Aids sempre teve presente por isso. Era a nossa forma de atuar na saúde. Se você considerar que a gente também fazia um trabalho com psicólogos aqui, a questão da saúde mental também de certa forma tava abordada pela gente. Apesar de que ela tava muito mais ligada à garantia dos direitos humanos, uma assistência psicológica, do que propriamente a um controle de saúde mental. Não era. Hoje em dia eu acho que se o MGM fosse fazer um trabalho a Saúde Mental deveria entrar com mais peso. Porque ela ta nos vulnerabilizando demais. (Braga, 2024)

Nessa fala Braga retoma o tripé sob o qual a assistência do MGM funcionava, possuindo uma vertente focada na saúde. Era, assim, no *Rainbow Fest* que o MGM tinha a oportunidade de extrapolar sua mensagem e serviços para um público que não estava ali no dia a dia da sede, não participava de suas atividades. As camisinhas, normalmente distribuídas também na rua São Sebastião onde funcionava o MGM eram entregues aos montes para aqueles que estavam ali para o evento, panfletos de prevenção, essas pessoas, LGBT ou não podiam testemunhar artes LGBT como as elaboradas nas oficinas do Ponto de Cultura, e a partir de seminários, palestras, entre outros, falava-se de pautas políticas, representadas no slogan do evento, algo que não seria fácil de ignorar, estando em todos os cartazes.

A ação na sede era essencial para o cumprimento dos objetivos que Marco e Oswaldo tinham, mas o *Rainbow Fest* era esse momento de expor, demonstrar, chegar em muitas pessoas ao mesmo tempo, até mesmo de atrair novos "recrutas" para o grupo (como foi com Anderson).

Um último tópico acerca do *Rainbow Fest* se relaciona a ele frente o Miss Brasil Gay. Como já foi discutido antes, o momento para realização do *Rainbow Fest* foi escolhido também pelo aproveitamento de público proporcionado pelo concurso. No entanto, dois eventos voltados para as mesmas pessoas tão próximos causou um pouco de tensão segundo Oswaldo:

> Rivalidade? No começo as pessoas tentaram fazer sim. Tentaram colocar coisa com "ah, o pessoal do MGM tá querendo roubar o Miss gay e tals". Nós sempre fizemos com muito cuidado. Primeira coisa que a gente fazia, quando o material ficava pronto,

> era ir lá no Chiquinho, no Miss Gay, e falar "Olha Chiquinho queremos te convidar pro coquetel de abertura" aqui nós sempre tivemos esse cuidado, de respeitar eles. O *Rainbow Fest* nasceu com tanto respeito ao Miss Gay que nós não fazíamos nada na Sexta-feira noite, porque tinha um ensaio do Miss Gay que era um evento, não fazíamos nada no Sábado à noite, porque tinha o Miss gay, sabe? Tudo que... "ah no domingo tem uma feijoada" então na hora da feijoada não vamos fazer nada. A gente encaixou o *Rainbow Fest* assim, para não atrapalhar e pra não ter esse tipo de rivalidade. Mas sempre tinha um venenoso que... que avacalhava, sabe? Teve demais. (Braga, 2024)

Kelmer (2016), que realizou entrevistas com Trajano e Braga, traz um relato similar dos dois. Em sua tese, ela escreve que chegou a haver alguns envolvidos no Miss Brasil Gay que brigaram com o casal em vista da realização do *Rainbow Fest*, entendendo isto como um ataque ao "Chiquinho" (realizador do Miss Brasil Gay). Para resolver a situação, eles teriam ido até ele e o homenageado em um dos *Rainbow Fest*s subsequentes. Nesse sentido, o convite ao coquetel de abertura da qual Oswaldo fala, assim como o evitar de realizar eventos que coincidissem horário e dia ganha uma nova dimensão: não era apenas para evitar conflitos, mas também para evitar que conflitos anteriores retornassem.

Mesmo falando que não haveria nenhuma rivalidade, no entanto, existe uma leve comparação em especial no que se refere à cobertura do evento, embora seja falado com um tom de humor:

> A grande atração era o Miss Gay, que já vinha desde 77. O povo chamava o *Rainbow Fest* de Miss Gay. Quando falavam assim "ih já tá chegando o Miss Gay tá chegando" o povo não tava querendo dizer propriamente o Miss gay, eles tavam se referindo ao *Rainbow Fest*, mas falava Miss Gay. Ai o Miss Gay acontecia no sábado à noite. O jornal do domingo já tava rodado. Então o jornal que ia noticiar a candidata que ganhou saia na segunda. Mas a Parada acontecia no sábado de dia, então quem que ia pra primeira página no jornal de domingo – que era o mais lido – era a Parada, era o *Rainbow Fest*. Então a gente roubava a cena do Miss gay. Mas chegava na segunda feira o Miss gay "oooh". (Braga, 2024)

Por uma questão técnica, Oswaldo nos conta que no dia do Miss Brasil Gay era o *Rainbow Fest* que saia nas capas dos jornais, um certo "roubar de cena" contado com bom humor. Já na segunda o concurso retornava ao protagonismo. É interessante essa afirmação, no entanto, no sentido de um movimento observado na pesquisa feita para essa dissertação. Percebeu-se, e isso será mais bem discutido no capítulo 3, que a partir de um certo ponto, as notícias que antes traziam o Miss Brasil Gay como o grande evento e o *Rainbow Fest* como um adendo, invertem essa relação, passando a noticiar o *Rainbow Fest* e aquilo que dele fazia parte como questão principal, trazendo as notícias acerca do Miss Brasil Gay inseridas no meio. As exceções se davam justamente nas notícias que abordavam a transformista vencedora do

concurso, que aí sim eram página principal e tema único.

Ao mesmo tempo que os dois eventos iam se somando na mente das pessoas, sendo percebidos como um mesmo movimento, órgãos como a mídia possivelmente percebiam no *Rainbow Fest* um poder amplificador de público e vendas, uma vez que suas temáticas e aquilo que ocorria nele era diversificado, ocasionando diversas notícias diferentes e, por vezes, possibilitando entrevistas com figuras conhecidas de outros lugares do Brasil que aqui vinham a convite do evento.

De qualquer forma, o *Rainbow Fest* surge acoplado ao Miss Brasil Gay, aproveitando seu público e seu momento e, com o passar dos anos, se torna seu próprio evento, se fortificando e tomando seu espaço na cidade. Atualmente, ambos os eventos são parte do calendário oficial da cidade. Suas temáticas e eventos, desde seu início, servem para pautar discussões e debates diversos, colocando-os em evidência.

2.3 HIV/AIDS

Muitos fatores já foram elencados e discutidos acerca da inspiração do início do *Rainbow Fest* e do MGM, assim como a forma como estes acabaram moldando a ação do grupo com o passar dos anos. Nesta seção abordaremos a ação voltada para prevenção e combate ao HIV/Aids, algo já previamente citado, mas que merece seu próprio espaço enquanto um dos grandes motivadores para a ação de Oswaldo e Marco.

O primeiro caso de HIV/Aids ao Brasil ocorre em 1980, só tendo sido classificado com a doença dois anos mais tarde. Em 1982, quando é identificado que a transmissão desse caso se deu pela transfusão sanguínea, adota-se temporariamente o termo "Doença dos 5 H – Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos (usuários de heroína) e *Hookers* (profissionais do sexo em inglês)" (Brasil, 2007). Nos jornais, o termo "peste gay" começa a se proliferar em referência à doença, assim como "câncer gay". Em 1984 São Paulo é o primeiro estado a criar um programa para combate de Aids, algo que só vai ocorrer em nível nacional em 1986. Mesmo com programas sendo realizados no país, investigações médicas em diversas instituições cientificas o número de mortos aumenta todo ano. Na altura de 1999, coquetéis antiaids já conseguem diminuir 50% das mortes pela doença e 80% das mortes por doenças oportunistas, aquelas que se aproveitam do sistema imune fragilizado pelo HIV. Os casos ainda aumentam e mais programas e incentivos são realizados para tratamento, investigação e prevenção desta doença (Brasil, 2007).

Em Juiz de Fora, podemos ver através de notícia publicada no dia 21 de fevereiro de

1998 nomeada “Estatísticas sobre Aids colocam JF em 2º lugar no Estado”[57] que a cidade se encontrava entre as cidades com maiores números de casos. Na notícia, o epidemiologista que analisa a questão da HIV/Aids no município afirma que esses dados se deveriam ao fato de que Juiz de Fora tinha um bom sistema de detecção, enquanto em outros lugares existiria a subnotificação (Tribuna de Minas, 1998, p.1). Diversos grupos atuavam já nesse momento na cidade, alguns fazendo o acolhimento de vítimas da doença que não possuíam local para ficar, outros ajudando no acompanhamento médico, entre outros.

É nesse contexto que Oswaldo e Marco iniciam sua atuação, depois de quase 20 anos de uma doença fortemente estigmatizada e que atingia muito a comunidade LGBT e que, apesar de estar sendo combatida, ainda fazia muitas vítimas. Nesse sentido, a epidemia de HIV/Aids é uma das primeiras coisas que ocorrem à Anderson quando este explica o surgimento do grupo:

> O grupo surge... Assim eu acho a história do MGM uma história muito bonita porque ele surge de um incomodo. Porque o Marquinho e o Oswaldo eram namorados, eles vinham para o Miss Brasil Gay e o Miss Brasil Gay era um período festivo, é um período festivo as pessoas tão querendo festa, close, montação, né? A eleição da Miss brasil Gay né. E a cidade lotava. E o Marquinho e o Oswaldo começaram a ficar incomodados porque, pô, “tá morrendo uma porção de gente, a aids tá matando geral e a gente tá aqui numa festa? A gente tá aqui festejando?” Então eles começaram a se incomodar, tem uma porção de questão que a gente tem que discutir, a gente tem que falar de saúde, a gente tem que falar de política, a gente não tem representatividade, tem ninguém, a gente tem que falar do social né.. A gente tá aqui no calçadão mas amanhã se a gente descer o calçadão de mão dada a gente apanha! Então tem que falar dessas questões. Então o Oswaldo e o Marquinho, numa iniciativa pessoal, começaram a pontuar isso, no calçadão, no Miss Brasil Gay. Todo ano. Então era uma coisa, acontecia esse ano, acontecia só no outro ano. (Ferrari, 2024)

Para o professor, muito das pautas que o grupo movimentava em seu início surgiam de uma necessidade gerada pela tentativa de combater o HIV/Aids:

> Então tem um cenário nacional propicio, e tem também o cenário local que é essa necessidade de construir aqui em Juiz de Fora algo que ia pra além do Miss Brasil Gay. Então eles construíram a partir daí, essa história surge daí. As pautas naquele momento eram muito ligadas à HIV/Aids. HIV/Aids matava mesmo então tinha que discutir essas questões. Bom... prevenir o HIV/Aids não é só no campo da saúde né? A aids não é só o campo da saúde. Então a pauta do MGM era também a pauta política, de ter representatividade, de ter ações educativas, e até de desconstrução negativa da homossexualidade e uma construção positiva da homossexualidade que afetasse as formas de relacionamento e consequentemente prevenção e combate ao HIV. Então essas foram as pautas assim. Que eram pautas... não era só do MGM, eram pautas do movimento LGBT de forma geral né. Existiam na época já a ABGLT, que é a Associação Brasileira de Gays Lésbicas e Transexuais, então a ABGLT também... ela pautava isso nacionalmente. Então o MGM seguiu muito o diálogo com a pauta nacional. (Ferrari, 2024)

---

[57] Estatísticas sobre Aids colocam JF em 2º lugar no Estado. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 21 fev. 1998, p.1.

Como observamos previamente ao discutir a história do movimento LGBT, pode-se perceber este movimento do qual Anderson fala: nesse momento, também chamado por Facchini de segunda onda do movimento, os grupos e ativistas LGBT se voltam para o combate à epidemia de HIV/Aids. É uma das grandes pautas nacionais de mobilização – assim como uma das grandes formas de financiamento. Para Feitosa (2018) o momento de 1984 a 1992 seria "[...] caracterizado pelo esfriamento de um ativismo pautado pela temática homossexual e pela redemocratização brasileira" onde se gestariam "as primeiras experiências de participação social LGBT que culminarão nas primeiras políticas governamentais voltadas para o combate à epidemia de Aids (Feitosa, 2018, p. 439)". Nesse sentido, para o autor seria graças a mobilização e atuação do movimento LGBT que o combate ao HIV/Aids se estruturaria no Brasil.

No capítulo anterior foi discutido como o grupo acaba sendo criado também como forma de melhor captar recursos advindos do Ministério da Saúde, algo que possibilitou a criação de duas sedes diferentes, a instituição de diversos serviços e a ampliação do *Rainbow Fest*. Portanto o financeiro nesse momento é importante. Ao somar isto ao fato de que, naquele momento o HIV/Aids é ainda uma das grandes vulnerabilidades que afetam homossexuais, além de um dos grandes estigmas, a coordenação do grupo em torno dessa pauta, inserindo-a em todas as suas ações, é algo que se integra ao seu ideal de possibilitar uma nova forma de relação entre pessoas LGBT e sociedade.

Oswaldo explica que, observando essa vulnerabilidade do grupo do qual fazia parte, eles fazem essa opção por agir:

> [o motivo de pautar HIV/Aids] Era a vulnerabilidade. Nós tínhamos dados, nós tínhamos números. A nossa turma tava morrendo. E... onde que nós podíamos atuar? No preservativo, na prevenção, que nós não éramos médicos, nem enfermeiros, nem nada. O que a gente podia fazer era na prevenção. (Braga, 2024)

A ação do grupo em torno do HIV/Aids o levou a participar da Comissão Nacional de Aids, como representante de Minas Gerais. Oswaldo foi quem representou o MGM por 5 anos nessa posição, participando de campanhas e decisões, algo que possibilitou inclusive que ele pudesse interagir e articular no Ministério da Cultura de forma a fazer do MGM um Ponto de Cultura uma vez que esse programa foi lançado pelo Ministério de Cultura. Sobre como veio a participar na Comissão, ele fala:

> É porque tinha uns fóruns que reunia todo o movimento e ai elegia, era votação. Era

> uma briga... Nós fazíamos um fórum sudeste, então tinha os metidos do Rio de Janeiro e os metidos de São Paulo que achavam que... porque eles sempre foram pioneiros. Começava as coisas de Aids em São Paulo e o Governo Federal copiava. Na luta contra Aids São Paulo é campeão. Agora eles lançaram a máquina de dispensar Prep, que é o comprimido de prevenção. É uma máquina que tá no metrô, você chega lá, você apresenta um QRcode que vem na receita e ai sai lá o remedinho. Bacana demais. Daqui a pouco o Governo Federal vai tá lá, copiando, pode ter certeza. Então era uma luta para ter essas representações. E Minas Gerais sempre ficava de fora. Aí a gente fez uma parceria com o Espirito Santo e aí a gente conseguiu engrossar o caldo e eleger. Eu fui um dos primeiros a ser eleito para representar Minas Gerais na Comissão Nacional de Aids. (Braga, 2024)

As relações do MGM em suas atuações se expandiam para além de outros grupos de ativismo LGBT. Suas redes incluíam ativistas e órgãos que lidavam com atendimento e auxílio de pessoas afetadas pela HIV/Aids, e, a partir dessa expansão, outras foram ocorrendo, com a inserção de Oswaldo e do MGM nos Ministérios em Brasília, por exemplo. Na cidade de Juiz de Fora, o MGM acabou construindo relações fortes com o grupo CASA que acolhia e cuidava de pessoas infectadas pelo HIV/Aids:

> O grupo CASA, ajudamos eles em tudo que a gente podia e eles também. Eles abrigavam, né, as pessoas doentes de Aids lá e davam toda assistência, tratamento, lutavam com muita dificuldade. O grupo da UFMG, da UFJF também. Tivemos algumas interações com eles. Pelo fato deu participar da Comissão Nacional de Aids eu acabava sendo um meio ponte com o Ministério. Eu todo mês, dois em dois meses eu tinha que ir pra Brasília para as reuniões e tudo. Eu representava Minas Gerais na Comissão Nacional de Aids. Depois que eu saí da Aids eu fui para trabalhar no Ministério da Saúde, fiquei lá dois anos no setor de Aids. No departamento de Aids. (Braga, 2024)

A ação do grupo na Comissão Nacional e a aliança com o grupo CASA em Juiz de Fora dizem também da forma como o MGM lidava com a questão do HIV/Aids. O foco em pessoas LGBT não era estrito, onde só se apoiava pessoas desse grupo: o MGM atuava naquilo que se referia à epidemia de HIV/Aids em geral, abordando e se envolvendo nas diversas pautas que marcavam os afetados por ela. Um exemplo disso é possível ser visto na notícia do dia 14 de junho de 2001 intitulada "Grupo recolhe 960 assinaturas no calçadão"[58], onde o MGM se junta ao Fórum Mineiro de ONGs e Aids para agir na Rua Halfeld, uma das ruas mais movimentadas do centro de Juiz de Fora, para recolher assinaturas pelo "direito de o Brasil produzir sete dos 12 remédios que compõem o coquetel antiaids" (Tribuna de Minas, 2001, p. 2).

Essa movimentação do MGM para além de prestar assistência para pessoas LGBT afetadas pelo HIV/Aids e trabalhar na prevenção com esse público é importante se ser ressaltada

[58] Grupo recolhe 960 assinaturas no calçadão. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 14 jun. 2001, p.2.

pois demonstra que o MGM era também uma ONG focada no HIV/AIDS. O foco na epidemia não era uma porcentagem de uma ação maior: era um dos objetivos centrais da ONG, que se especializava em um público específico, mas se conectava e fazia redes com outras ONGs.

Ao mesmo tempo que a pauta do HIV/Aids em geral era parte essencial da ação do grupo, ele era um grupo focado no ativismo de questões LGBT. Nesse sentido, o MGM entra nessa comissão nacional e, posteriormente, no Ministério de Saúde com pautas próprias que se vinculavam às necessidades especificas de sua comunidade. A partir de sua experiência na atuação do grupo com a prevenção, Braga e Trajano desenvolvem formas de melhor comunicar e de facilitar o acesso à mecanismos de prevenção para pessoas LGBT:

> Nós recebemos camisinha adoidado. O Ministério parava um caminhão aqui na porta e descia caixas. Todo mundo preferia pegar camisinha aqui, das travestis, dos gays, do que ir no posto de saúde, muitas vezes se expor, muitas vezes tinha que chegar lá e pedir. Numa época na nossa vida de Aids tinha cotas. Se você é profissional do sexo você pode pegar x caminhas por mês, se você não é, se você é gay... Tinha cotas porque era limitado. Depois é que o Brasil começou a importar camisinha de todo jeito e o MGM – ai ó metidez – foi pioneiro nisso. Teve uma vez que eu participava de uma Comissão Nacional de Aids que para você pegar preservativo tinha um verdadeiro protocolo, sabe? Uma vez na Comissão eu falei "olha não faz sentido isso. Nós tamo querendo que o povo use camisinha, na hora que eu chego para pegar a camisinha você cria barreiras? Você quer saber nome telefone, identidade? Não, não pode!" Aí contei a experiência da gente aqui no MGM que eram os aquários que a gente tinha. Uns aquários daquele ali, aquele ali é remanescente. A gente enchia de camisinha, outro a gente enchia de lubrificante, a gente tinha dois tamanhos, não podia falar que era tamanho pequeno e tamanho grande, porque fazia uma ligação direta com o tamanho do pinto. Então era camisinha menor e maior! (risos) Porque na verdade quando... Eu tinha que fazer isso aqui! Quando você desenrolava as camisinhas, a menor e a maior, elas eram do mesmo tamanho. Só que uma era mais estreita e a outra era mais larga. Então a camisinha não era pelo tamanho do pinto (risos). Isso era uma coisa que a gente descobriu... Mas eu contei para eles, "as pessoas pegam quantas eles querem." Aí a gente começou a observar. No primeiro dia esvaziava o aquário. No segundo dia já ficava um tiquinho. Chegou num ponto que todo mundo tinha camisinha na carteira, tinha camisinha na mesa de cabeceira, tinha camisinha no porta luva do carro, tinha camisinha para todo lado. Aí ele pegava ali no aquário o que ele ia precisar. E quando ele pegava 50 e virava "vou levar pro meu primo" "Arrasa! Pode levar!" Várias travestis chegavam aqui e pegavam a caixinha. Cheia. Porque ela ia distribuir no ponto, ela ia distribuir... E era o que a gente queria. (Braga, 2024)

Existia, portanto, um foco pragmático na ação em relação ao HIV/Aids quando se tratava da prevenção. Queria-se que as pessoas LGBT usassem mais a camisinha: portanto ela estava em livre acesso para quem chegasse. Somado a isto vinha outro aspecto: alcançar aqueles que não iam ao MGM, muito menos aos postos de saúde. Era necessário levar à essas pessoas tanto o método de prevenção quanto também as informações de transmissão, cuidados entre outros. Nesse sentido, o MGM se colocava em uma posição favorável de ação:

> [nós conseguimos] Mostrar para eles que a camisinha tinha que chegar em lugares que eram moralmente incomodo para os governos. Ir pro cinema de pegação para distribuir camisinhas? Enfermeira do SUS não deve fazer isso. Quem é que vai fazer isso? Quem? A Sociedade Civil organizada. O Movimento Gay. Então distribuir camisinha no parque de pegação, onde a gente sabe que os gays vão para lá e ficam fazendo sexo atrás da moita... o Ministério não... Primeiro que ele teria que admitir que aquela contravenção acontecia. E segundo que ele não ia fazer isso e não ia lá. Então abastecia a gente de preservativo, dava pra gente uma grana pra gente produzir material, a gente produzia material com a linguagem que a gente achava que devia. Se tinha que falar peru a gente falava peru. Se tinha que falar buceta a gente falava buceta. Não ficava fazendo hora, sabe? Desvirtuando. Era a linguagem que a nossa turma sabia, entende? Fizemos muito material com... você diria que era pornográfico, mas era o que a gente queria fazer chegar, entendeu? Nas ilustrações, nas orientações. Fizemos muito isso e o Ministério não criava caso. Não criava caso. E sabia que nós estaríamos fazendo esse serviço nos lugares difíceis. (Braga, 2024)

A partir da atuação prática e da argumentação na Comissão e outros espaços o MGM ganhava acesso aos recursos necessários, como a quantidade imensa de camisinhas, material e dinheiro para produzir panfletos, livretos entre outros que permitiriam auxiliar na propagação de informação. Aproveitando-se do fato de que não eram diretamente relacionados ao governo, não eram órgão estatal, podiam realizar essa ação a partir de seus próprios parâmetros e com o vocabulário que melhor cabia à situação, sem preocupação com fiscalização da moral ou censuras que poderiam incorrer em material oficial do Ministério da Saúde. Essa adequação do vocabulário se tornava ainda mais necessária ao se tratar de mulheres trans e travestis:

> No caso das trans [...] o tipo de tratamento, o tipo de comportamento sexual que elas têm torna-as vulneráveis independente da sua identidade sexual. Porque se ela é... se ela usa o pinto dela para fazer sexo ou não ela ta sujeita a se infectar com o HIV. Então a nomenclatura que o Ministério adotava, que era a nomenclatura usada nos países de língua inglesa também, era homens que fazem sexo com homens. As travestis não gostavam disso. “Não sou homem”, né? Mas, faz sexo com homem. Então aí nós... quando eu trabalhei no Ministério tinha que ser “HSH” Homem que faz sexo com homem, travestis e transexuais. Tinha que destacar elas nessa história. O que eu concordo porque as demandas, o tipo de comportamento social, o tipo de preconceito, o tipo de coisa que causa essa vulnerabilidade nelas muitas vezes é diferente um pouco das nossas. É... e aí então era... a discussão passava um pouco sobre isso. (Braga, 2024)

Essa capacidade de lidar de forma pragmática com essas questões a partir da valorização da vida possibilitava essa aproximação do grupo e do público-alvo das campanhas. Situações como aquela em que algumas travestis que trabalhavam com prostituição acabavam batendo de madrugada na casa de Oswaldo e Marco ganham outra luz a partir do entendimento da forma como eles lidavam com as campanhas de prevenção ao HIV/Aids: a partir de um olhar humano, que buscava a resolução dessa vulnerabilidade.

Facchini (2009), ao abordar a institucionalização dessas entidades e a forma como isto aproxima os ativistas do Governo, afirma que a linguagem ativista incorre de uma aproximação

com a linguagem política do Estado. Este movimento levaria a um afastamento da "base", com seu vocabulário não mais coincidindo com o da comunidade LGBT em geral. É possível apontar que, pelo menos no que se refere às campanhas e ações voltadas para o HIV/Aids que fazia, o MGM parece ter sido uma exceção nessa movimentação geral, buscando na realidade adequar ações governamentais ao vocabulário, atitudes e costumes do que seria sua "base" para melhor chegar nela. Talvez por isso sua média de participantes estivesse tão acima da média geral dos grupos naquele momento, algo que foi afirmado por Oswaldo. Em parte, talvez seja possível atribuir esse sucesso de comunicação à profissão de Braga nas relações públicas: o ativista opera a partir da importância de ser entendido, mais do que de utilizar certos vocabulários específicos.

2.4 A criação de redes de militância

Nesta última sessão procura-se ressaltar as formas pelas quais o MGM buscou efetivar uma rede de militância LGBT ao seu redor. Em especial, iremos focar as relações que a ONG estabeleceu com diversos grupos criados em Minas Gerais após ele, muitos inclusive inspirados e apadrinhados pelo MGM. Embora uma investigação maior sobre o assunto seja algo necessário para um entendimento mais amplo do escopo dessa influência e impacto, é interessante ressaltar que houve movimentos neste sentido, nessa primeira pesquisa.

As movimentações de Oswaldo e Marco em torno de criar relações com outros ativistas e grupos começam antes mesmo do Movimento Gay de Minas ser criado, um pouco antes do segundo *Rainbow Fest*:

> Ai quando foi 99, o segundo *Rainbow Fest*, nós fizemos umas camisetas escritas *Rainbow Fest* e fomos na Parada do Rio e fomos na Parada de São Paulo. Na Parada do Rio: maravilha, o Claúdio Nascimento, a gente já começou a conhecer algumas pessoas do movimento gay que a gente nem conhecia. [...]. Ai quando nós fomos para a Parada de São Paulo, nós dois, eu e o Marquinho, na cara de pau, chegamos lá no lugar onde - eles botavam o palco bem na praça da República na época podia. Ai chegamos lá e falamos "oh a gente é de Juiz de Fora, nós fazemos evento lá, será que a gente não podia anunciar o evento?" Na cara de pau! E o pessoal da Parada de São Paulo falou "pode!" [risos] Ai nós entramos ali, ficamos mais um pouquinho – lembro que naquele dia nós conhecemos a Martha Suplicy, o marido dela na época que era o Eduardo Suplicy, que eles tavam ali que eles iam falar. [...] E ali nós subimos no palco, falamos e anunciamos o *Rainbow Fest*, convidamos todo mundo e tal. Ai o pessoal da Parada de São Paulo passou a ter contato com o pessoal do Ministério da Saúde do Programa da Aids de lá. Então quando foi uma determinada época, eu fiz contato com eles e eles me passaram o nome de uma menina que era quem fazia os projetos deles, da Associação da Parada. Fiquei muito amigo, o presidente era o Beto de Jesus, fiquei muito amigo deles. E essa menina, fizemos um contato com ela "Ou você não faz um projeto para nós não? Para gente ver se a gente consegue uma grana para fazer o *Rainbow Fest* lá com o Ministério e tal?" "Ah, só se vocês virarem uma ONG. Se vocês não forem ONG não tem jeito." (Braga, 2024)

Desde os primeiros momentos do MGM é através dessas amizades e da busca por conhecer novas pessoas – e serem conhecidos também por elas – que o grupo vai se desenvolvendo. A partir desses contatos também a ONG conseguia se manter em dia com a pauta nacional, podendo conciliar temas com outras paradas e levantar discussões em Juiz de Fora que estavam sendo introduzidas em outros locais. A participação em eventos diversos voltados para grupos e militantes era também parte disso, o que levou eventualmente o MGM a se filiar à ABGLT:

> A gente fazia parte da ABGLT, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis. E trans agora. Toda vez que tinha reunião da ABGLT a gente ia, participava, a gente trazia muita informação dos outros grupos. Na época da confecção do material de combate a homofobia nas escolas, posteriormente maldosamente apelidado de Kit gay, eu fui coordenador de várias das reuniões. Porque para construir esse material teve reunião em praticamente todos os estados. Eram regiões. Então região norte juntava a turma da secretaria de educação, grupos sociais, secretaria de saúde, e tal, juntava que que nós vamos fazer, qual material... Partiu duma necessidade apontada pelos professores de não estarem capacitados para lidar com a homossexualidade em sala de aula. Então, a partir disso a ABGLT propôs pro Ministério da Educação a criação de um material a ser fornecido aos professores, onde eles receberiam informações e teriam algumas ferramentas para fazer atividades em sala de aula quando necessário. Daí, esse material foi apelidado pelos conservadores de Kit Gay dizendo que nós estaríamos criando um material para transformar os filhos deles em gays e lésbicas. E travestis. Foi horroroso. A Dilma acabou tendo que ceder esse material apodreceu lá nos porões. Chegou a ser feito, já tava pronto. Caixas e caixas de livro impresso. Caixas e caixas. Foi um horror. (Braga, 2024)

Essa rede de ativismos também acabou por se expandir no próprio estado de Minas. Segundo Anderson:

> Teve um momento que o grupo, que o MGM, que eles queriam construir uma rede de grupos de Minas. Então chegou a organizar no MGM, iniciativa do Oswaldo e do Marquinhos, a mesma coisa que o GGB fez com o MGM o MGM tentou fazer com as cidades mineiras. [...] E ai ajudou na criação de grupos gays de Barbacena, de Cataguases, o MGM ajudou bastante assim. Iam la nas cidades... então o MGM tinha essa proposta, do MGM daqui de Juiz de Fora criar uma rede, assim, mineira de grupos, né? Que acabou depois não indo para frente, mas teve uma iniciativa e chegou a criar grupos em outros cidades. (Ferrari, 2024)

Embora Anderson afirma que a rede de ativismo não foi criada, segundo Oswaldo teria sido realizado uma conexão entre esses grupos a partir de uma lista de e-mail e de reuniões periódicas dos representantes dos grupos. Possivelmente havia planos para colaborações maiores que não foram para frente, o que teria motivado a fala de Ferrari ou na altura em que

ele já não participava mais tanto do grupo essas conexões se fortaleceram. De qualquer forma, Oswaldo conta que:

> Uma época a gente percebeu que a gente tava com uma rede de grupos. Tinha um cara que era vendedor, gay, que sempre vinha nas reuniões do MGM. Ele não morava aqui em Juiz de Fora. Ele, toda vez que ele, ele era vendedor ele ficava viajando, toda vez que ele vinha em Juiz de Fora, ele vinha nas reuniões. Numa dessas reuniões, a gente contando essa história da Lei rosa como é que foi e tal, ele pegou a Lei Rosa, tirou um monte de cópia e toda cidade que ele ia ele chegava lá, procurava os gays da cidade e começou a espalhar essa minuta por aí. Além disso a gente começou a convidar pra participar dos debates do *Rainbow Fest* gays de outras cidades do interior, de perto e tudo. Então a gente começou a perceber que já tinha uma... o Sander querendo criar um Movimento Gay de Alfenas, o outro la querendo criar o Movimento Gay de Barbacena, o outro querendo criar o movimento de Cataguases, aí a gente começou a perceber que tinha o MGA, O MGB, O MGC e ai criamos a rede MG, que era nada mais nada menos que um grupo de e-mails, não tinha whatsapp na época, a gente montava o grupo de e-mails e trocava as informações por ali. E aí criamos uma rede MG. Foram vários, São João del Rei, Montes Claros, Alfenas, é... Uberlândia, é... Belo Horizonte já tinha. Belo Horizonte é anterior ao nosso, Juiz de Fora, e aí começaram, ai eles começaram se organizar e montar seus grupos e a gente trazia essa turma aqui na época do *Rainbow Fest*, fazia um encontrão, dizia as coisas que a gente tava fazendo e eles contavam as coisas que eles tavam fazendo, uns se inspiravam nas ações dos outros, foi muito legal. Muito legal, muitos desses grupos ainda existem, ainda atuam, ainda organizam paradas, eventos nas suas cidade. (Braga, 2024)

Segundo Oswaldo um dos resultados dessas comunicações e trocas entre os grupos mineiros foi a aprovação da lei antidiscriminação à nível estadual:

> A Lei estadual foi [resultado da colaboração entre os grupos] O Danilo, que era do clube Rainbow, que fazia esse jornal, Danilo é esse (aponta foto) era amigo do Rodrigo... Rodrigo o que? Leonardo Mattos! Amigo do Leonardo Mattos que era deputado e o Leonardo conseguiu essa audiência com o Aécio... Na verdade essa época aqui [da foto], a Lei Estadual já estava aprovada, foi do deputado João Batista, autor da Lei estadual, só que ela não foi regulamentada. Ficava aquela lei lá e ninguém sabia como por a lei em prática. Essa visita aqui foi pra gente cobrar a regulamentação. Na semana seguinte saiu. Ele criou um grupo de trabalho, o Aécio, pra fazer a regulamentação, saiu a regulamentação, e a lei estadual passou a valer. Mas foi dessa época, 2005 que essa rede começou a se expandir, a gente conversava mais. (Braga, 2024)

O MGM, assim como diversos dos grupos de ativismo LGBT brasileiros não existiu isoladamente: toda sua atuação foi sempre parte de um coletivo maior. Havia, em alguns momentos, desavenças. Em outros, auxílio. No entanto, sempre predominava algo de relacional em suas ações, eventos e pautas. Da mesma forma que dentro de Juiz de Fora o grupo pautou

diversas discussões e passou a movimentar a cidade, ele se aliou com outros grupos fundados também em outras cidades do interior mineiro que buscaram realizar o mesmo movimento.

Inspirado e inspirador, o Movimento Gay de Minas é e foi parte desse mosaico do Movimento LGBT brasileiro, parte importante de sua história. Esteve presente em marcos importantes do movimento que ocorreram desde 2000, como a disputa em torno do chamado "Kit Gay", as reuniões nacionais LGBT, entre outras. Essas relações, o próprio MGM e os demais grupos do estado de Minas, ainda carecem de mais estudos que levantem e analisem mais questões de sua formação e atuação, mas é importante que possamos apontar a existência dessas conexões.

Podemos perceber, a partir deste capítulo, que a atuação do Movimento Gay de Minas foi diversificada, abarcando áreas e temáticas diferentes tendo em comum sua relação com pautas LGBT visando um projeto novo de existência para pessoas LGBT no Brasil. Desde seu início possui uma atuação focada no público com o qual estava em contato direto, com constantes adaptações ao longo do caminho a partir daquilo que era necessário do grupo, desde os atendimentos psicológicos até sua atuação em Comissões Nacionais. Além disso, a partir das diversas relações e conexões estabelecidas com outros órgãos, grupos, ONGs e indivíduos, o MGM foi capaz de se expandir, aumentar sua capilaridade e melhor atuar tanto em Juiz de Fora quanto em um cenário nacional.

3. Juiz de Fora e o Movimento Gay de Minas

O objetivo deste capítulo é discutir a relação entre a cidade de Juiz de Fora e a ONG Movimento Gay de Minas, com foco nos seus primeiros anos de atuação. Neste sentido, procura-se entender a recepção do grupo pela cidade, a forma como este se relaciona com suas instituições públicas e governamentais, assim como outros órgãos e sujeitos de Juiz de Fora. Neste sentido falaremos das relações com sujeitos diversos também LGBT que estavam fora do MGM, abordaremos os conflitos com grupos conservadores da cidade, pensaremos as articulações e negociações dentro do campo da política institucionalizada da cidade e, por fim, em um tópico a parte traremos a relação entre Movimento Gay de Minas e a mídia local.

Dando prosseguimento à ideia da diversidade de relações que o MGM buscava efetivar, no campo político isso não era diferente:

> A ação que o MGM fazia no campo político, também acho super fundamental. O MGM sempre procurou apoio em vereadores e prefeitos, sempre tentando articular a pauta do MGM com uma pauta de política municipal. Nem sempre isso foi fácil, nem sempre conquistou. A Lei Rosa, foi chamada de Lei Rosa né, o Oswaldo pode explicar melhor isso, porque o presidente da câmara dos vereadores acolheu a lei, teve um apoio. Já existia uma Lei do Arco Íris do Rio então a minuta... pegaram a lei do Rio e escreveram, e passou né. Ele fez um acordo, o presidente, o Rogério, ele fez um acordo com os líderes para passar a lei e a lei foi super importante, a lei colocou Juiz de Fora no cenário nacional e a lei foi uma construção do MGM. O MGM sempre buscou a articulação política assim. Na época do Bejani também, teve um governo Bejani teve um apoio de levar trios pro rio, então sempre teve essa busca assim que é importante, né? (Ferrari, 2024)

A Lei Rosa é um bom exemplo, na medida em que a amizade de Trajano com Paulo Rogério permitiu a eles acessarem o então presidente da Câmara. Ele ajudou na escrita da lei, aconselhando e indicando pontos a serem mudados, e posteriormente também na articulação de sua aprovação, garantindo unanimidade na Câmara em um caminho rápido entre proposta e execução.

O MGM buscava atuar em colaboração com diversos órgãos públicos da cidade, visando facilitar suas próprias ações. Neste sentido podemos retomar a questão que levou a criação do grupo de adolescentes (GAG): menores de idade haviam começado a frequentar o grupo. Antevendo um possível problema, uma vez que se servia álcool no bar após as reuniões, o MGM realiza reunião com Conselho Tutelar e Juizado de menores:

> Nós não queríamos problema. De jeito nenhum. E a gente tava vendo que a molecada de 14 e 15 anos tava vindo pra cá e se jogando, arrumando namorado e vivendo a sua homossexualidade numa boa. Aqui no MGM... aqui dentro não acontecia nada que

> qualquer pai ou qualquer mãe [não] pudesse presenciar. Mas a gente vendia bebida, do bar do MGM. O MGM é aqui em baixo né (risos). Então a gente não queria problema. Aí procuramos o conselho tutelar, o juizado de menores, fizemos uma reunião com eles e falamos: que que vocês aconselham? Como é que nós podemos resolver isso? Apesar de fechar todo dia as dez horas. Todo dia que tinha reunião as dez horas fechava. Era cedo, mas vendia bebida. Aí eles aconselharam a gente a fazer um dia só pros adolescentes sem a venda de bebida alcóolica e o outro dia a gente fazia do jeito que a gente tava acostumado, né? E durante muito tempo funcionou assim. Foi ai que nasceu o GAG – o grupo de adolescentes gays. (Braga, 2024)

Eles logo realizam novas conexões, contatos, garantindo a seguridade de suas ações e decisões. Esse modo de operação do MGM permitiu, ao que parece, que ele conseguisse atuar sem grandes problemas com os órgãos oficiais da cidade. Ao mesmo tempo que conexões eram estabelecidas de forma amigável, eles se resguardavam e garantiam por muitos meios que aquilo que faziam não poderia ser contestado ou impedido. Nesse sentido, o financiamento que captavam do âmbito federal ajudava também:

> A prefeitura não tinha como fugir daquilo que a gente fazia. No começo, se ela tinha a intenção de frear a gente de qualquer atitude ela não pode porque a gente tinha dinheiro, a gente tinha projeto aprovado pelo Ministério, o dinheiro chegava para nós, entendeu? Então a gente não dependia da prefeitura para nada, em termos de recurso financeiro, para fazer o que a gente fazia. E a prefeitura de certa forma foi... não teve como brecar. Aos poucos ela foi se tornando uma parceira e ajudando. Todo ano ajuda. Todo ano a prefeitura ajuda de uma forma ou de outra. Atualmente eu tenho sentido que a prefeitura tem exigido de nós uma correção maior do que ela exige de outros grupos que fazem atividades *outdoor* igual a gente faz. Nós temos que ter projeto arquitetônico, nós temos que ter um seguro, nós temos que ter um monte de exigências que nos torna mais profissionais, mas que não é exigido de todo mundo. Não acho ruim. Não acho ruim, eu acho que é um reconhecimento de que o nosso evento é um evento profissional e que traz divisas para a cidade. Então você vai na praça Antônio Carlos para um show que acontece lá, vai chegar lá e ver uma praça Antônio Carlos. Na hora que você vai num *Rainbow Fest*, você vai chegar lá você vai ver um *Rainbow Fest*. Decoração, um tipo de movimentação, um palco maravilhoso, artistas maravilhosos, a gente tem essa preocupação de ter um cuidado com a qualidade. Mas a prefeitura sempre nos ajuda, qualquer prefeito. Nunca tiveram coragem de falar "não vamos ajudar" porque acho que é obvio o movimento que a gente provoca na cidade e o dinheiro. Hoje se você for em qualquer hotel você não consegue mais vaga. Nós tamos a um mês do evento. Já não tem mais vaga. (Braga, 2024)

Não existindo a possibilidade de "brecar" facilmente o MGM, parece que a grande maioria dos prefeitos acabaram por auxiliar o grupo, mesmo que por vezes com muito pouco. Essa independência somada às boas relações permitia que os diversos políticos que assumiam essa aposição percebessem as vantagens das ações do grupo para a cidade. Vantagens de turismo, vantagens de serviços disponibilizados. Nesse sentido, até um prefeito que, quando candidato, se opôs às ações do grupo, acabou por se tornar alguém que também auxiliava em suas ações:

> Ai a gente deu publicidade a isso, tal. Foi maravilhoso e a cidade começou... Aí depois

> de aprovado, depois que demos publicidade é que começaram as reações. Teve muita reação. A OAB, Grupo de Conservadores de Igreja, todo mundo ia pra mídia na época o Bejani era deputado, o Bejani comprou a briga defendendo os conservadores... Depois quando ele foi prefeito foi um grande aliado nosso. Inclusive ajudou a gente nas paradas, no que a gente precisava. Mas naquela época ele se colocou contra então toda vez que ia fazer matéria sobre a Lei Rosa era Bejani e o Marquinho.(Braga, 2024)

Isto foi observado também em notícias acerca da Lei Rosa e do *Rainbow Fest* do ano de 2000, onde Bejani é citado algumas vezes se opondo à lei. Apesar disso, como o próprio Oswaldo destaca na fala acima, uma vez na prefeitura, Bejani acaba por apoiar ações do MGM. Anderson mesmo cita que "teve um governo Bejani teve um apoio de levar trios pro Rio" (Ferrari, 2024). Seu filho Bejani Junior, atualmente vereador de Juiz de Fora, teria, segundo Oswaldo Braga, indicado o nome dele para "[...] receber uma comenda lá dos caras de mais 60 que fizeram alguma coisa bacana para a cidade e eu recebi, muito honrado, muito bacana." (Braga, 2024).

Cultivar essas boas relações não era, no entanto, questão de se abster. O MGM em quase todas as eleições indica candidatos de sua preferência, com Trajano tendo saído candidato a vereador mais de uma vez. Oswaldo coloca isso como um problema da comunidade LGBT, que não conseguiria transformar engajamento em voto:

> Nós não conseguimos eleger. Nós não conseguimos eleger. Nós colocamos 120 mil pessoas na rua mas não conseguimos 2500 votos para fazer um vereador, que seja gay, que seja lésbica, que seja trans. Nós temos uma vereadora bi hoje na câmara mas que não foi eleita porque é bi, ela foi eleita por outros... méritos que ela tem. Mas comprou a briga, tá nos ajudando muito depois de ta la dentro. Marquinho foi o candidato mais bem votado até hoje da turma gay da cidade, mas não se elegeu, depois dele veio o Michel Bruce, também teve uma votação bacana, não se elegeu, depois o Rodolfo Carlos, aí já teve uma votação pequena, Manoelzinho do PT que foi candidato umas 10 vezes, sempre um voto muito pequeno. Nunca conseguimos eleger. Diferente dos evangélicos, nós não conseguimos transformar o apoio em voto. Os evangélicos conseguem muito fácil. "Vou vota no pastor fulano porque ele é de deus" todo mundo vota. Nós não. Nós não. E nós temos uma exigência do nosso público muito maior. Se você é lésbica, linda, é candidata, tudo bem. Mas se você, por um acaso, eu vou dar um exemplo aqui do que aconteceu conosco, não te dei a pulseirinha para você subir no Trio Elétrico aí eu não voto mais em você e ainda vou fazer propaganda contra. Que que eu tô dizendo? Por motivos bobos a nossa comunidade deixa de apoiar um candidato. Por motivos bobos. Por uma invejazinha, por um despeitozinho, Ou por alguma coisa lá do passado "Ah não vou votar no Oswaldo não porque o Oswaldo um dia me chamou de feia". Tipo isso, sabe? E aí desse jeito nós nunca vamos eleger ninguém. Nós nunca vamos eleger ninguém se ficar nessas frescuras. Agora vamos ver, na próxima eleição, quem vêm aí de candidato, vamos ver como é que nós vamos resolver isso. (Braga, 2024)

É interessante pensar que mesmo com a movimentação anual expressiva que o MGM gerava na cidade até hoje ele não conseguiu eleger candidatos próprios. As questões elencadas por Oswaldo – como a personalização dos indivíduos, onde se alguém não gosta pessoalmente

de outra já não vota – podem se colocar como possíveis explicações. Outras possibilidades também existem, como a divisão do voto a partir do partido dos candidatos, outras pautas políticas estarem tomando precedência sobre a questão LGBT, entre outros.

Essa tentativa de ganhar a arena eleitoral é também característica desse momento, para Rodrigo Cruz (2018) que afirma que após a redemocratização teríamos um movimento "[...] interessado na conquista de direitos, mais pragmático e menos refratário às instituições políticas" algo que ocasionaria diversas tentativas de eleger candidatos de dentro do movimento, assim como a criação de setoriais em diversos partidos focados em questões LGBT. Essa canalização para o eleitoral se reflete no fato de que, mesmo não conseguindo eleger candidatos próprios, o MGM já endorsou outros políticos, prefeitos e vereadores:

> Ativamente, subi em palanque muitas vezes para apoiar prefeito que nos apoiava e muitas vezes para apoiar candidatos que nos apoiavam. A gente nunca correu da raia de participação política. Porque a gente tem lado. A gente tem lado. E não é um lado... é o lado de quem apoia a causa LGBT. É esse que é o nosso lado. (Braga, 2024)

Quando perguntado se o apoio a certos candidatos causou algum atrito no grupo, Oswaldo responde:

> Nunca porque o foco era na causa LGBT. Não era de esquerda ou direita, não era conservador ou vanguarda, era... nós tínhamos um foco muito bem definido, sabe? Nunca tivemos esse tipo de problema. As pessoas que... se bolsonarista frequentasse aqui – na época não existia isso – ele não tinha com que discordar porque nossa, o nosso foco era na nossa causa, não era com outras coisas, sabe? (Braga, 2024)

Ele enfatiza duplamente, nas duas falas, que a questão política primordial nas campanhas das quais o MGM participou era a LGBT. As pautas LGBT e o apoio às políticas LGBT. É um posicionamento que localiza o grupo dentro de um espectro político amplo a respeito dos candidatos que apoiou ao longo dos anos, mas que ao mesmo tempo sinaliza essa homogeneidade das decisões políticas do MGM. Possivelmente devido a isto que, mesmo apoiando e atuando a favor de certos candidatos e não outros, o MGM não encontrou muitos problemas dentro da política institucional na cidade. Havia uma clareza nas suas ações e motivações, o que, somado ao ganho que se tinha ao colaborar com os eventos organizados pelo MGM, favorecia a decisão pela colaboração mais do que disputa.

É importante pensar, no entanto, que embora pudesse não haver muitos conflitos no grupo acerca dessa questão – e de outras visto que o grupo era bastante centralizado no pensamento e decisões finais de Oswaldo e Marco – havia ainda assim uma certa "oposição"

de outros LGBT da cidade, em especial de outros homens gays que discordavam da atuação do MGM. Anderson comenta esta questão nos seguintes termos:

> Eu acho que na cidade tinha um racha, sabe Júlia? Tinha uma racha assim de... o Oswaldo e o Marquinho não são unanimidade, e, portanto, o MGM também não era unanimidade. Tinha muita critica por exemplo às paradas. As pessoas falavam "as paradas é só carnaval". As pessoas malhavam o MGM, já vi muitos amigos gays que não iam no MGM falar mal da Parada, falar mal da postura do Oswaldo e do Marquinho de organizar a Parada. Então a relação do MGM com a cidade não era uma relação de consenso. Cê tinha muitos gays... por conta de vários motivos, sabe? Um ponto é isso, muito centralizado no Marquinho e no Oswaldo. Acho que outro ponto era a questão do recorte de classe, então muitos gays que frequentavam Musik sexta-feira não colocavam um pé no MGM, né? Porque eram brancos, classe média alta, ricos, não estavam interessados na discussão política, interessados só na festa, o MGM tinha uma certa implicância ali, do que era uma questão muito interessante também que o Oswaldo e o Marquinho sempre politizavam as questões e muitas das vezes os grupos que estão... gays não querem discutir política, eles querem festa. E muitas vezes eu já vi conflitos, por exemplo eu já vi um conflito uma vez no Bar do Gil, uma discussão, em que o Marquinho pegou... Marquinho tava na plateia e ai o Bar do Gil abriu a voz para uma pessoa falar que era candidata e era uma pauta política que era contra gays, tava falando num bar gay e o Marquinho da plateia bateu boca, teve uma... E o grupo dali rechaçou o Marquinho... Rechaçou o Marquinho né... O Marquinho foi quase expulso daquele dia no bar. Então tinha um certo conflito. Não era consenso. Tinha muita gente que não ia no MGM que adorava a política do MGM, mas tinha muita gente que não ia também e era contra o MGM. (Ferrari, 2024)

Entre os diversos motivos elencados por Anderson, um deles é a questão da politização das pautas LGBT que o MGM realizava. O episódio contado por ele ocorrido no Bar do Gil é emblemático justamente de como a instauração do MGM na cidade levanta um debate, um debate que é incomodo para os conservadores e homofóbicos, mas também para partes da população LGBT que preferiam não ter que "comprar essa briga". Muitas vezes pessoas com maior privilégio social, derivado de questões financeiras e/ou raciais, para quem a discriminação homofóbica não era tão problemática no dia a dia, ou pessoas que, apesar de LGBT, acreditavam que o melhor seria permanecer no armário, por medo de retaliação.

A discussão no bar demonstra este lado daqueles que se opunham ao MGM: aqueles que eram parte do grupo atingido pela homofobia, mas que não desejavam agir sobre isso. Em sua tese Kelmer (2016) entrevista algumas pessoas envolvidas na organização do Miss Brasil Gay que dizem não gostar do MGM justamente por essas discussões que o grupo trouxe para a cidade, pelo esforço do grupo em prol de poder exercer a afetividade livremente:

> Durante a entrevista, eles reafirmam várias vezes que é o clima de liberdade excessiva contemporânea que gerou a homofobia. Diferentemente da direção do MGM, que entende que a exposição pública dos homossexuais, incluindo o beijo público que ocorre durante as paradas gays, é um ato político, e uma forma de expressar a liberdade homossexual, estes entrevistados vêem tal exposição pública como uma

> afronta à sociedade. (Kelmer, 2016, p.163).

Citando diretamente uma das falas trazidas por ela na tese:

> Pode sim, ter dois homens casados, duas mulheres casadas, mas não é por isso que vai ficar fazendo sexo na rua, beijando e abraçando só pra me mostrar. Eu acho desnecessário. [...] Eu não tenho que sair na rua de estandarte 'eu sou gay, eu sou homossexual, eu sou travesti, eu sou isso, eu sou aquilo'. Eu não tenho que sair. Ninguém precisa saber. Embora todo mundo saiba, todo mundo conhece, todo mundo tem esse direito, todo mundo saiba, não há necessidade de estandarte. Eu não vejo porquê. (Kelmer, 2016, p.163)

A visão demonstrada por esses entrevistados se opõe diretamente à militância do MGM, que busca através da visibilidade abrir caminho para as diferentes formas de afeto poderem existir em público. Existe até mesmo um ecoar da retórica conservadora de que estariam tentando permitir "fazer sexo na rua" através da Lei Rosa. Essas falas ressaltam que o MGM não representava um monolito em termos de política LGBT na cidade: eles eram um grupo que se organizava especialmente a partir do pensamento e ideias de duas pessoas, que acabaram encontrando muitas outras que concordavam com eles e tendo um grupo de frequentadores assíduo. A dissidência existe justamente porque pessoas LGBT são um grupo diverso, com muitas classes, idades, raças e ideais. Quando Anderson fala de um racha na cidade, ele traz essa divisão, esse conflito entre uma forma de conviver com a homofobia e outra forma de ir ao encontro dela. Dois caminhos distintos, ambos buscando uma vida possível para pessoas LGBT.

A Lei Rosa foi também alvo de críticas de alguns dos entrevistados por Kelmer (2016), vista como o motivo para essa "nova forma de comportamento dos gays" onde estes acreditariam que "podem tudo porque estão protegidos" (Kelmer, 2016, p. 163-164). Nas palavras do entrevistado trazidas pela pesquisadora: "Os próprios gays, eles mesmos se dividem, eles não se impõem. Eles não se adaptam aos ambientes por acharem que têm direito. Então em qualquer ambiente pode ser feito qualquer coisa." (Kelmer, 2016, p. 164).

Parte dessa resistência à ação do MGM pode possivelmente ter origem na reação conservadora e homofóbica à sua criação e ações, em especial a Lei Rosa. No capítulo 1 falamos sobre os diversos vandalismos sofridos pela primeira sede do MGM. Além dessas violências, diversos grupos conservadores locais se fizeram conhecidos, aparecendo nos jornais e fazendo declarações violentas contra homossexuais. É possível entender como alguém que é homossexual poderia fazer uma associação negativa com o grupo e aquilo que buscavam fazer na cidade, não tendo feito parte das articulações do MGM ou da Lei e não crendo

completamente em sua eficácia ou importância. Havia também aqueles que politicamente, por seus próprios motivos e razões, se opunham a esse tipo de pauta LGBT. Mas é possível considerar que alguns dos casos daqueles que ficavam contra o MGM no "racha" da cidade seriam devido ao medo da escalada repentina de violência que se sucedeu às suas ações mais notórias.

Sobre essa organização mais conservadora que ocorre a partir da Lei Rosa, Oswaldo comenta, ao ser perguntado de momentos de confronto direto entre o MGM e grupos conservadores:

> Logo depois da Lei Rosa. Esse cara, o advogado que fala na imprensa, ele representava um grupo de maçons ou de... não era a OAB, a OAB nunca ficou contra a gente não. Mas eram advogados conservadores e ele foi pra mídia pedir a revogação da Lei Rosa, sabe? Agora, os evangélicos, também, sempre foram um problema para nós, de porrada, as vezes, porque eles iam para a parada com o folhetim deles na cara de pau dizendo que a gente era do pecado que a gente ia morrer que a gente era do demônio e distribuindo o folheto na nossa parada. Muitas vezes nós saímos na porrada, de bater na mão deles, os folhetos jogados no chão e... Marquinho então que perdia a paciência fácil botava esse povo pra correr. Evangélicos são atrevidos, atrevidos. Eles iam na NOSSA parada pra fazer propaganda contra nós. Iam pra porta do Miss Gay, pra porta do Miss Gay ficar distribuindo folheto dizendo que a gente era do demônio, que coisa. Ai na hora que a gente chegava a gente rodava a baiana mesmo. Se você considerar que eram pessoas representam um grupo... Tivemos problemas sim. Com eles tivemos sempre. (Braga, 2024)

O advogado citado por Oswaldo Braga aparece na Tribuna de Minas, em notícia publicada no dia 23 de setembro de 2000, intitulada "Advogado contesta 'Lei rosa': ação que pede revogação da lei que pune a discriminação sexual em Juiz de Fora já está na Justiça"[59]. Identificado por nome e sobrenome, Geraldo Martins Teixeira pede a revogação do texto alegando ser inconstitucional, pois segundo ele "a lei fere a Constituição Federal por prever punições a quem cometer atos discriminatórios contra homossexuais, e penalidades somente podem ser determinadas pela União." (Tribuna de Minas, 2000, p.3). A Tribuna de Minas ressalta, além disso, que no texto da ação movida pelo advogado "constam alegações do que ele chama de 'aspecto moral'":

> Em um dos trechos do processo, o Geraldo exemplifica o que seria 'ofensivo à dignidade moral de Juiz de Fora'. 'Se um pai que passa com seu filho ver dois homens se beijando e trocando carinhos, o que vai dizer ao filho?' Ao mesmo tempo que declara não ser contra os homossexuais, Geraldo afirma que a opção é estranha à sociedade. 'Um homem beijar outro homem é anormal.' (Tribuna de Minas, 2000, p.3)

[59] Advogado contesta "Lei Rosa": ação que pede revogação da lei que pune a discriminação sexual em Juiz de Fora já está na Justiça. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p.3. 23 set. 2000.

Já no mês seguinte outra notícia é publicada sobre esse caso, já com decisão judicial. Publicada em 4 de outubro de 2000, ela se intitula "Juiz rejeita anulação da Lei 9.791, que proíbe discriminação sexual"[60]. Nela é afirmado o indeferimento do pedido de anulação da lei por considerar a ação ilegal, em um parágrafo que começa com a seguinte frase: "Derrota para os inimigos da Lei 9.791" (tribuna de Minas, 2000, p.4). O jornal parece, em ambas as notícias, se posicionar em favor da lei, apontando contradições na fala do advogado e "comemorando", de certa forma, esse indeferimento. O advogado, segundo o jornal, teria pensado que os motivos dados pelo juiz para indeferir o caso são mentirosos, para ele "[...] a promotoria tinha interesses pessoais no caso e foi contra a ação que deveria defender. 'É a segunda vez que ela opina contra. É uma decisão errada que foi acolhida pelo juiz'" (Tribuna de Minas, 2000, p.4).

A partir desta segunda notícia, somos informados que Geraldo Teixeira pretendia ainda apelar ao Tribunal de Justiça. Na primeira notícia, Paulo Rogério, autor da lei, é trazido para comentar o caso. Ele afirma que seria impossível que o advogado ganhasse porque a lei passou pelo departamento jurídico da Câmara dos Vereadores e da Prefeitura. Nessa segunda notícia, é Oswaldo Braga que é entrevistado. Ele repete essa afirmação, acrescentando ainda um comentário final: "Se apelar vai perder de novo. Esse senhor tem que parar com essa bobagem. Ele só está querendo aparecer" (Tribuna de Minas, 2000, p.4).

É possível perceber que Oswaldo não foge ao confronto direto. Se colocando sempre a frente dessas questões Trajano e Braga se mantém como as referências na cidade de tudo que se relacionasse ao grupo. Não é qualquer conjunto de pessoas na cidade que são constantemente chamados à mídia para abordar e discutir questões LGBT, como veremos em breve. Não é qualquer pessoa que recebe a permissão para realizar eventos como o *Rainbow Fest* ou que possuem força política na cidade o suficiente para conseguir, mesmo em contextos crescentemente conservadores, continuar agindo e atuando e aprovando medidas e realizando ações. O MGM se torna referência na cidade em múltiplas formas e em diversos âmbitos. Um exemplo disso é um episódio que Anderson cita em sua tese e novamente na entrevista:

> Então nesse episódio da polícia, a polícia tava com dificuldade de lidar com a pegação que tava acontecendo ao redor do Museu. Bom, a polícia... e é muito interessante porque a polícia não só tava com dificuldade, mas a polícia não queria trabalhar com a repressão. A polícia não queria trabalhar com a ideia de "vou la e vou bater, vou la e vou prender". Né, porque é um espaço público e não pode ter esse tipo de coisa. A polícia queria fazer um trabalho educativo. E a polícia viu que... bom nós polícia não temos condições de fazer um trabalho educativo, quem é que contata para fazer trabalho educativo? O MGM. Então recorreu ao MGM. (Ferrari, 2024)

---

[60] Juiz rejeita anulação da Lei 9.791, que proíbe discriminação sexual. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p.4. 4 out. 2000.

Nesse episódio podemos ver que a polícia vai até o grupo, entendendo-o como um espaço potencialmente educativo e de autoridade para com os demais homossexuais da cidade, que possibilitaria realizar uma ação que pudesse evitar a ação violenta. Similarmente, o MGM é chamado e convidado a todo tempo para ir às escolas, falar sobre homossexualidade e outras temáticas paralelas a essa. É um papel a eles atribuídos de autoridade sobre a homossexualidade, sobre a pauta LGBT e sobre as pessoas LGBT da cidade. Anderson comenta:

> [...] é porque tem a ver com uma categoria, que eu acho que é uma categoria importante né? Que eu comecei a ver isso a partir da escola, que eu fiquei me perguntando assim, por que que a escola vai no MGM? Por que que a escola pede pro MGM ir na escola fazer um trabalho que é dela? Por vários motivos né, um motivo a falta de formação, o outro motivo é essa categoria experiencia, que dá essa ideia de autoridade. Quem é que ta autorizado a falar de gays? Quem é o gay. Por que que você gay ta autorizado a falar de gay? Porque você é gay, você vive. Então a experiencia, a categoria experiencia ela se associa à categoria autoridade e é isso, o MGM virou... quem é que tem que falar de homossexualidade? O MGM. Quem fala de homossexualidade é o MGM. Quem trabalha com questões de homossexualidade é o MGM[...] Então o MGM virou essa referência em função da categoria experiência. Eles têm a experiencia, eles sabem fazer. (Ferrari, 2024)

Para ele, portanto, é o resultado de uma associação que essas entidades, como a polícia, as escolas e as mídias, fazem entre autoridade e experiência: o MGM estaria autorizado a comentar todo tipo de assunto relacionado à homossexualidade por ser um grupo de homens gays. Em parte, é algo que faz sentido e que possivelmente estava dentro da lógica do chamar o MGM, no entanto existia também na cidade outro grupo de homossexuais que se colocavam no espaço público, os organizadores do Miss Brasil Gay, e estes não eram tão convocados a assumir esses papéis, ao menos não na imprensa. É possível que isso se relacione à categoria de experiência em outro sentido: pela ONG ter a experiência de atuar junto com pessoas LGBT e de operar as pautas LGBT. Dessa forma, quanto mais eles agiam em torno dessas questões, mais eram convidados para comentá-las e participar delas.

No entanto, existe também algo de intencional nessa construção de imagem enquanto autoridade que não pode ser negligenciada. Os esforços no sentido de construir uma imagem pública especifica para o Movimento Gay de Minas, sobre o qual Oswaldo Braga fala não é apenas para colocar as pautas na mídia: é também para efetivar a posição deles como liderança da comunidade LGBT local:

> Então, a partir daí eu lembro muito bem nós iniciamos um trabalho de legitimação da nossa liderança. Então, vou ser porta voz, se eu vou ser porta voz desse grupo então

> eu tenho que falar direito. Se eu vou levar essas pessoas, eu tenho que saber como que eu vou levar. A gente sempre teve essa preocupação. E eu acho que nós conseguimos esse papel, de ser reconhecidos como líderes e ser inclusive aceitos. "Ah os nossos líderes indicam que a gente deve fazer assim." E muita gente faz e muita gente ainda acredita em nós. (Braga, 2024)

O ativista fala de um esforço ativo de se constituir como esse porta-voz a partir do momento que passam a atuar no MGM, por entenderem que eles se colocam como referência do movimento local e dos LGBT locais, uma vez que são aqueles aparecendo na mídia. Existe um senso de responsabilidade, somado a um esforço por aceitação. Sobre a relação com a mídia Oswaldo ressalta:

> Quando se aproximavam da gente vindo atras de escândalo a gente usava para trazer as questões dos nossos direitos, da nossa cidadania. Isso era sempre. Marquinho e eu fizemos muito isso aqui. Eu com ele, ele comigo, um *mídia training*, sabe? Pra gente, era assim, na hora que colocar o microfone na sua boca, aproveita essa chance e fala aquilo que vai fazer sentido e que vai ser ganho para nós. Sabe? Então a gente tava sempre preparado pra isso. O cara perguntava as vezes querendo xuxar, as vezes a mídia querendo focar num lado, sabe e tal e a gente invertia e jogava os nossos direitos, a lei, a nossa luta, sempre. (Braga, 2024)

Portanto, é uma ação proposital do MGM enquanto grupo, de Marco Trajano e Oswaldo Braga como representantes se posicionarem como essas figuras de referência, a serem reconhecidos não apenas pelas ações efetivadas em si, mas também a partir de uma construção narrativa que eles elaboram e mantém sempre que aparecem em algum lugar. Eles se "treinam", como o ativista cita acima, para que possam aproveitar todas as oportunidades do melhor jeito, afirmando e falando aquilo que já combinaram previamente.

Não é uma ação em torno de promoção do pessoal, individual de Marco e Oswaldo, mas de colocar o grupo, o MGM e o Oswaldo Braga e Marco Trajano do MGM, como líderes desse movimento. É algo que fazem a partir daquilo que acreditam, dos seus ideais e projetos para o futuro. Poderia se pensar que uma das ações mais efetivas do MGM em prol de seus objetivos foi a de criar a si mesmos como líderes do movimento e, a partir disso, conquistar novos espaços nos quais pudessem falar e ser ouvidos, agir e atuar. Eles se projetam não apenas pelo que fazem, mas pela construção narrativa e os enquadramentos que propõem habilidosamente nos espaços que vão ocupando. Fazem isto na Comissão Nacional, nas reuniões com outros grupos e, como falaremos a seguir, na mídia.

Ao se projetarem desta forma, se apresentarem como autoridades e serem reconhecidos como tal, eles também interferiram na narrativa que a própria cidade fazia de sua identidade. Foi um movimento mútuo que acabou por encontrar respaldo um no outro, em especial no jornal

Tribuna de Minas. Como coloca Oswaldo a partir da pergunta a seguir:

> J: Nesse sentido, você mesmo falou que tem muito essa cidade de Juiz de Fora como vanguarda de direitos humanos, de direitos LGBT, até hoje saí notícia que chama Juiz de Fora assim né. Você acha que essas ações, que a existência do MGM contribuiu para essa ideia?
> O: Com certeza. Com certeza. Não só a existência do MGM, mas a visibilidade que nós demos pro MGM. Porque o MGM passava a ser a referência do movimento em Minas. Então o movimento Gay de Minas Gerais não tava em Belo Horizonte, tava em Juiz de Fora. Povo não entendia direito "uai porque que ceis não tão em Belo Horizonte?" Porque a gente nasceu aqui em Juiz de Fora. Essa visibilidade, ela incomodava. Ela incomodava muita gente aqui. Se fosse para perguntar, eles vinham e falavam "não Oswaldo fica quieto." Sabe? "Preferível não" Sabe? É igual minha mãe, igual minha mãe, né. Minha mãe (risos) uma vez falou assim "Tudo bem ser gay, mas tinha que ser o chefe?" (risos coletivos). Ai ai (risos). (Braga, 2024)

Deve-se considerar que uma das questões de Oswaldo era justamente que "o movimento gay... nós construímos muito mal a nossa imagem. [...] Nós temos que destruir esse conceito ruim e botar no lugar um conceito positivo." (Braga, 2024) Dessa forma, essa projeção de imagem do MGM, esse esforço da parte dos dois para conseguirem manter o grupo visível, acabava tendo como consequência também a visibilidade sob Juiz de Fora. Isto causava alguns incômodos, tanto de conservadores quanto de outros homossexuais, como Oswaldo afirma acima e como Kelmer (2016) denota em sua tese, mas também se torna uma oportunidade de uma nova forma de pensar e falar sobre a cidade.

> Porque eu tinha muita visibilidade, nós não tínhamos jeito de evitar essa visibilidade. Na época da Lei Rosa o povo queria entrevistar outros casais gays, outros gays que se propusessem a falar sobre o assunto. Ninguém falava, tinha que ser eu, ou o Marquinho ou nós dois. Quem que saia na rua para beijar para eles filmarem? Eu e o Marquinho. "Ah nós queríamos fazer um filme, mas precisava de um casal beijando" Quem vai beijar? Eu e o Marquinho. Porque o resto não queria dar entrevista, não queria se mostrar de jeito nenhum. (Braga, 2024)

Esta fala denota ainda uma questão: a projeção do MGM possuía objetivos definidos. A da figura dos dois nem tanto. Em parte, a ascensão de ambos enquanto indivíduos como autoridade se dá também por serem os únicos a se proporem a dar entrevistas, a aparecer, a mostrar sua relação em prol do objetivo de mudar a imagem do movimento gay, de pessoas LGBT em geral. Então, simultaneamente eles se projetavam por serem aqueles que estavam encabeçando o grupo (uma posição que, como já foi abordado no capítulo 1, eles não estavam dispostos a ceder), mas também se consolidam individualmente como autoridades nas homossexualidades por serem as pessoas dispostas, na cidade naquele momento em que pautas LGBT proliferavam na mídia, a se colocar em frente às câmeras e entrevistadores.

Nesse sentido, em um movimento conjunto, havia a projeção do Movimento Gay de Minas, de Oswaldo e Marco e da cidade de Juiz de Fora, todos os três em âmbito local, regional e nacional, algo que significativamente interfere nas relações e narrativas da cidade.

3.1. A mídia e o MGM

No caminho da discussão que fazíamos anteriormente, esse tópico busca analisar a relação entre a mídia e o MGM, posicionada a parte neste capítulo por ser considerada uma relação estratégica para o grupo e particularmente significativa para sua relação com a cidade. Neste sentido, falaremos de como o Oswaldo e o MGM pensavam a relação com a mídia e então faremos uma análise da cobertura que a mídia faz do MGM, especificamente de seu início.

> O MGM fazia ação e o Oswaldo tinha uma questão muito legal, que o Oswaldo ia pra mídia. Então o Oswaldo fazia questão de levar as questões de novidade: conseguia um edital, vai ter um Ponto de Cultura: pauta na mídia. Ai a televisão ia, jornal, ai falava do que que era. Conseguiu tal coisa... então o MGM tava sempre fazendo ações, assim. Denunciando... Então a homossexualidade, ela virou uma pauta da cidade. De incomodo, as pessoas se incomodavam, aquilo que eu falei o MGM não era consenso, mesmo porque o MGM colocava o dedo na ferida, né? o Oswaldo e o Marquinho viraram referências para a cidade. Todo mundo conhece o Oswaldo e o Marquinho, todo mundo sabia: o MGM é o Oswaldo e o Marquinho. E as pessoas se sentiam acolhidas também. Tem uma qualidade do Oswaldo e do Marquinho que é pra mim a principal, eles eram... porque o Marquinho não ta mais entre nós, o Oswaldo continua, eles eram incansáveis. Incansáveis! (Ferrari, 2024)

Oswaldo Braga, antes de começar seu ativismo ao lado de Marco Trajano, já vinha de uma longa carreira na comunicação e relações públicas. Ele mesmo atribuiu à essa carreira o seu incomodo com a imagem que existia até do movimento gay, aquela que ele se propõe a tentar mudar. Nesse sentido, reconhece desde o início a importância de ser pauta na mídia, e de saber aproveitar esse papel. Como Anderson afirma, a cada novidade, a cada nova ação o próprio MGM ia atrás dos jornais e procurava formas de que aquilo fosse pautado na imprensa. Similarmente, em momentos de controvérsia, não se esquivavam de falar em meio a polêmicas. Como Oswaldo mesmo conta, na ocasião em que Bejani se posiciona contra a Lei Rosa ele e Marco aparecem constantemente na mídia, ambos arguindo seus pontos.

> [A relação com a imprensa era] muito boa, porque a gente era manchete. A gente era um assunto que as pessoas adoravam. Ou pela fofoca, ou pelo escândalo, ou pela bizarrice, ou pela seriedade. Nós sempre tentamos virar o jogo. Quando se aproximavam da gente vindo atras de escândalo a gente usava para trazer as questões dos nossos direitos, da nossa cidadania. Isso era sempre. Marquinho e eu fizemos muito isso aqui. Eu com ele, ele comigo, um mídia training, sabe? Pra gente, era assim, na hora que colocar o microfone na sua boca, aproveita essa chance e fala aquilo que

> vai fazer sentido e que vai ser ganho para nós. Sabe? Então agente tava sempre preparado pra isso. O cara perguntava as vezes querendo xuxar, as vezes a mídia querendo focar num lado, sabe e tal e a gente invertia e jogava os nossos direitos, a lei, a nossa luta, sempre. (Braga, 2024)

A fala de Oswaldo aqui ressalta justamente que era mais do que uma relação amistosa, ou de procurar para relatar novidades: havia uma estratégia coordenada entre os dois para aproveitar as oportunidades. É algo que é possível perceber nas ocasiões que ressaltamos previamente, sobre a narrativa do começo do grupo ou da criação da Lei Rosa: existe sempre uma fala fechada, uma narrativa bem coesa quando um dos dois é entrevistado pelo jornal, que se repete ao longo dos anos sem muitas transformações. Essa estratégia rende frutos, especialmente somada a esses tópicos que por si só chamam a atenção da mídia por serem diferentes, por vezes polêmicos, e, portanto, serem algo que atraí público, nas palavras de Oswaldo, eles eram "manchete",

> A relação com a mídia sempre foi boa. Sempre foi boa. Quando nós, quando eu saí do armário e eu dei a primeira entrevista, foi 2000, eu trabalhava na polícia civil em Belo Horizonte, assessor de imprensa. Então todos os jornais, televisões, rádio, me ligavam todo dia para saber o que que tava rolando nas cadeias, quem foi preso, quadrilha desbaratada, era eu que passava essas informações. Então eu conhecia muito os jornalistas. O primeiro *Rainbow Fest* eu sabia direitinho para quem que eu ia mandar. [...] E os caras adoravam, o jornalista falou "olha o pessoal do movimento gay, bora lá tão lutando..." e conseguia espaço. A gente soube aproveitar isso bastante, pela minha formação técnica mesmo, como jornalista e tudo. Isso ajudou demais. E a gente tem sim uma presença muito grande de pessoas LGBT na mídia. E com certeza esse pessoal sempre nos ajudou, sabe? (Braga, 2024)

Para além do conhecimento de mídia ajudar na hora de falar com a imprensa, os contatos também favoreciam o movimento de entrar na mídia. Possuindo tantas entradas, em especial em Belo Horizonte onde trabalhava, Oswaldo conseguia dar destaque para as ações do grupo. Auxiliando nisso, havia também uma equipe dedicada dentro do MGM de estagiários voltadas para esse trabalho com a mídia:

> E ai durante um tempo teve um grupo de estagiários, bastante gente mesmo, né. Tinha uma sala que eles ficavam, eles eram responsáveis por produzir cartilha, produzir panfleto, toda comunicação gráfica do MGM que não acontecia só via televisão, acontecia via cartaz, via tudo né. Esse grupo que era responsável por fazer isso. (Ferrari, 2024)

Em muitas frentes e de muitas formas, havia um investimento do MGM na questão midiática, naquilo que era visto e escrito sobre o grupo. Quando pensamos na imprensa como algo produzido propositalmente, a partir das circunstâncias históricas especificas onde se

encontra (Pereira; Seffner, 2008), percebe-se que o MGM interage com a imprensa entendendo-a como o ator social que é, com a capacidade de delimitar e enquadrar narrativas e espaços de atuação. E, nesse sentido, leva a disputa de narrativa, seus próprios enquadramentos para toda interação que realiza com a mídia, buscando nela um aliado mesmo quando percebia que esta procurava uma polêmica.

3.1.1 As temáticas trabalhadas pelo Tribuna de Minas

A observação decorrente da análise de expressões utilizadas, da identificação de padrões nas seleções acerca dos acontecimentos noticiados e a crescente frequência com a qual o Movimento Gay de Minas passou a ser acionado como figura de autoridade no que se refere a questões LGBT demonstram que foi estabelecida uma relação entre o grupo e a cidade e que a "visão" da imprensa pode produzir impactos na cidade. Nessa relação atravessada por momentos de enfrentamentos e disputas ocorre o processo de formulação de saberes, formas de nomear e produzir verdades (Favacho, 2010), motivo pelo qual se escolheu trabalhar com a Tribuna de Minas.

Com isso em mente, foram definidas 13 categorias a partir das quais as notícias foram fotografadas, armazenadas e organizadas. Para isso levou-se em conta o conteúdo das notícias, não apenas os títulos. São elas: Movimento Gay de Minas (MGM), Lei Rosa/ Lei nº 9.791, *Rainbow Fest*, Miss Brasil Gay, LGBT como público consumidor, cotidiano de pessoas LGBT, violência contra pessoas LGBT, HIV/Aids, políticas LGBT, Juiz de Fora e LGBT, Educação Sexual e, por fim, famosos e mídia em relação à LGBT.

Enquanto tema central da pesquisa, as referências ao Movimento Gay de Minas, à Lei Rosa e o *Rainbow Fest* foram os principais objetos de análise nas páginas do Tribuna de Minas. O objetivo era verificar de que maneira os eventos e datas importantes para o MGM foram retratadas pela imprensa, assim como os enquadramentos sobre o grupo e a narrativa que construída acerca dele. As demais categorias foram adicionadas na medida em que foram detectadas variações significativas na abordagem de temas referentes ao espectro da orientação sexual e identidade de gênero e na frequência com as quais eles apareciam.

Procurou-se também fazer o registro de notícias que, apesar de serem centradas em questões acerca das homossexualidades de forma mais geral, traziam no corpo do texto entrevistas ou declarações de membros do Movimento Gay de Minas, normalmente um de seus fundadores, Marco Trajano e Oswaldo Braga. A partir disso o objetivo tornou-se entender de que forma o MGM era acionado pela imprensa, em quais momentos e com quais motivações,

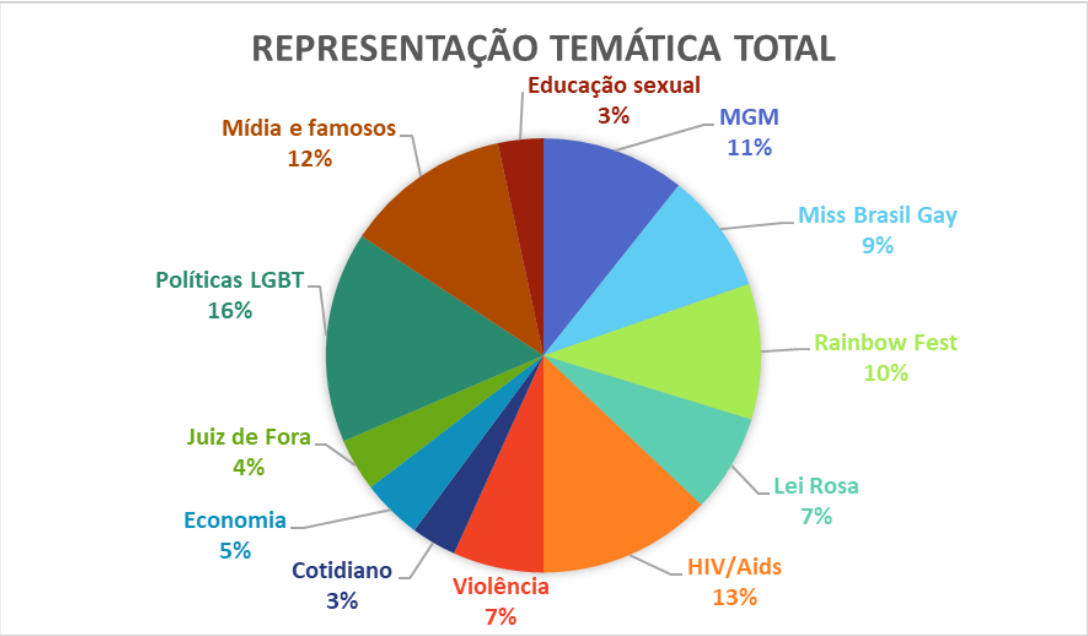
especialmente quando o tema abordado escapava aos eventos organizados pelo grupo.

Também foi considerado relevante observar a forma como o ativismo local, especialmente na figura de membros do grupo, era retratado no corpo do texto e como isso foi se transformando. A princípio, integrantes do MGM eram mencionados como "ativistas". Posteriormente, o Movimento Gay de Minas passa a ser identificado de forma mais institucional. A mudança foi observada a partir da contabilização de todas as referências feitas ao MGM durante o período estudado para tentar compreender em que momento ela passa a ocorrer.

A escolha por registrar também as notícias acerca de questões LGBT de forma mais geral, nas quais a população de homossexuais masculinos era predominante, se justifica pela tentativa de compreender como e quando elas eram apresentadas no jornal. Ao longo da pesquisa, foi observado um crescimento quantitativo expressivo nas semanas em que ocorriam a *Rainbow Fest* e o Miss Brasil Gay. Entender a frequência dessas aparições e a forma como elas se estruturavam em termos de texto e terminologia se apresentou como uma possibilidade de comparação e compreensão das formas como o próprio MGM era retratado pelo jornal.

No total, foram encontradas 136 notícias entre 1998 e 2001. Cada uma delas podia pertencer a mais de uma categoria, com a classificação tendo o objetivo de definir a frequência do tratamento desses assuntos no jornal e facilitar a visualização da transformação das narrativas ao longo do tempo. Nesse sentido, o Gráfico 1 reflete a análise do número total de notícias e a predominância de cada uma das temáticas identificadas:

Gráfico 1



Fonte: produzido pela autora

A categoria “famosos e mídia em relação à LGBT” reúne um Total de 22 (12%) notícias/propagandas/resenhas acerca de filmes, livros e até peças de teatro/comédia que de alguma forma foram relacionados pelo jornal a questões LGBT, seja pelo teor da história, pelo autor, entre outros. Notícias sobre pessoas famosas, incluindo especulações sobre sua sexualidade ou seus comentários sobre interpretar papéis de pessoas LGBT foram inclusas nessa categoria.

É interessante observar que essa categoria reduz drasticamente entre os anos de 1998 e 1999, quando representa 26% e 27% do Total de notícias, respectivamente, e torna-se apenas 8% em 2000 e 3% em 2001. Isso pode ser explicado pelo surgimento de novas categorias a partir de 2000 (como as que reúnem notícias sobre o MGM e a Lei Rosa, que ainda não existiam na época). É o movimento inverso da categoria referente a *Rainbow Fest*, que domina mais espaço a cada ano, como será demonstrado a seguir.

Nas categorias MGM, Miss Brasil Gay, *Rainbow Fest* e Lei Rosa foram incluídas notícias que citassem explicitamente cada um desses termos (e correspondentes). Em MGM, a partir de 2000 foram contabilizadas 19 notícias (11%) que variavam desde relatos acerca de ações do grupo até convites para que membros do grupo dissertassem acerca de questões LGBT em pauta. Considerando que a temática surge somente no ano 2000, o fato de que ela corresponde a uma parcela tão significativa das temáticas encontradas no jornal demonstra o quão frequente se tornou a presença do MGM na Tribuna.

Já a categoria da Lei Rosa soma 13 notícias (7%). Estas começam na primeira metade de 2000, quando ela entra em tramitação e é aprovada e, portanto, acompanham o caminho da legislação. O tema segue presente em notícias até o mês de dezembro e volta a aparecer em agosto de 2001 vinculado a *Rainbow Fest*. Trata-se de uma quantidade significativa de notícias considerando que, tal como em MGM, os registros se iniciam no ano 2000 e, ainda assim, eles superam outras categorias presentes desde 1998 e se aproxima bastante da quantidade de notícias do Miss Brasil Gay.

Em Miss Brasil Gay foram alocadas 16 notícias (9%), todas elas relacionadas ao evento em si e, salvo uma única exceção, todas publicadas em agosto de seus respectivos anos. A notícia que diferente desse padrão data do mês de julho e refere-se a uma propaganda antecipada do evento que ocorreria no ano de 2001. Como tal, muitas das notícias são notícias de capa, com imagens das transformistas concorrentes ou vitoriosas, focando o glamour, a festa e a competição.

Nos primeiros anos, as menções ao *Rainbow Fest* estão presentes em notícias sobre o

Miss Brasil Gay. Posteriormente, a relação se inverte, com informações sobre o Miss Brasil Gay aparecendo em meio de notícias sobre a *Rainbow Fest*, como é possível ver na notícia "*Rainbow Fest* deve reunir 8 mil pessoas: Pessoas de todo o país participam do evento"[61]. No trecho "A programação antecede a festa do Miss Brasil Gay, que será realizada no dia 19 de agosto" (Tribuna de Minas, 2000, p. 3), o que constitui o primeiro caso em que essa inversão ocorre.

A categoria *Rainbow Fest* Totalizou 18 notícias (10%), a maioria delas publicada em agosto, assim como no caso do Miss Brasil Gay, e apenas 4 delas distribuídas entre os meses de maio, julho e novembro. A princípio, a maioria delas tinha o objetivo de apresentar o evento, mas eventualmente passaram a realizar discussões mais diversificadas e se vincularem a outras temáticas, muitas vezes realizando entrevistas com ativistas LGBT de outros estados que vinham prestigiar o evento ou conferindo um espaço maior para as principais pautas atreladas a cada edição.

Essa adesão pode ser explicada pela grande adesão do público e pela visibilidade que o *Rainbow Fest* concedia a questões como cidadania, saúde e direitos humanos (Tribuna de Minas, 2001, p. 1)[62]. Na mesma notícia citada acima acerca do público esperado para o evento, a Tribuna de Minas refere-se ao *Rainbow Fest* daquele ano como sendo "o maior fórum de debates sobre o homossexualismo no país." (Tribuna de Minas, 2000, p.3). O superlativo enfatiza como a importância que a Tribuna de Minas atribui ao evento, algo que se reflete, portanto, nas notícias que elabora sobre ele.

Como comentado anteriormente, no início do período observado as notícias sobre o *Rainbow Fest* se restringem a menções sobre a programação, sempre em meio às notícias de capa inteira sobre o Miss Brasil Gay. Quando chegamos em 2000, o evento já começa a se consagrar tanto pelo recorde de audiência quanto por seus organizadores terem, com sucesso, conseguido a aprovação da Lei Rosa no início daquele ano e garantido a institucionalização do Movimento Gay de Minas por meio a adesão ao formato de ONG. Nesse momento a relação se inverte e, embora o Miss Brasil Gay nunca deixe de ter matérias de capa (em especial os anúncios das ganhadoras), ele "perde" espaço para as notícias do *Rainbow Fest* que passam a ser maiores, mais detalhadas e a conter entrevistas e fotografias. É um uma mudança que deve ser reforçada porque o padrão se repete com outras categorias a partir desse mesmo período, o

---

[61] *Rainbow Fest* deve reunir 8 mil pessoas: Pessoas de todo o país participam do evento. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 8 ago. 2000. Cidade, p. 3.

[62] IV *Rainbow Fest* Abaixo o Preconceito: Maior fórum brasileiro sobre sexualidade debate cidadania e respeito à diversidade. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 15 ago. 2001. Cidade, Caderno B, p. 1.

que reforça o argumento de que a Lei Rosa e a institucionalização do MGM alteram os padrões de reportagem do jornal.

A categoria de "LGBT como público consumidor" agrupa um Total de 8 notícias (4%) que anunciam ou discutem os eventos de agosto a partir de uma ótica que focaliza a movimentação da economia juizforana a partir do público LGBT, em especial o público gay. Embora não sejam um conjunto dos mais expressivos, suas notícias são interessantes tanto por operarem como uma forma de atribuir características positivas aos eventos que apelam para uma parte importante da cidade (o comércio) quanto por serem algumas das únicas categorias de notícia em que há um tom inequívoco de apoio à esses eventos por parte de pessoas externas tanto ao jornal quanto ao movimento LGBT.

Um exemplo é a notícia de 14 de agosto de 1998 presente na seção "Miss Gay": "Transformistas mudam as rotinas nos salões: concorrentes costumam se produzir sozinhos, mas os espectadores da festa adotam os cabelereiros para ficarem impecáveis"[63]. Nela, o Miss Gay aparece como um evento que gera grande agitação nos salões de beleza da cidade:

> A procura pelos salões já começa desde a quinta-feira, pois as unhas e a depilação podem ser feitas na véspera sem oferecer riscos de estrago. O auge mesmo é o sábado, dia naturalmente cheio nos salões que, com o Miss Gay, ganha um ânimo novo." (Tribuna de Minas, 1998, p. 1).

A referência a agendas lotadas nos salões de beleza é um dos recursos pelos quais é possível observar que o Tribuna de Minas valoriza o fato de que esse momento é especialmente lucrativo e movimenta a economia local: "Uma boa montagem de transformismo custa cerca de R$ 300, pois geralmente são usados produtos importados." (Tribuna de Minas, 1998, p. 1).

Algumas notícias incluídas na mesma categoria não se referem aos eventos da cidade, mas abordam a relação entre o mercado e o consumo do público gay, como é o caso da notícia[64] "Consumidor gay já rende bons negócios: Esteticistas, lojas de roupa e empresários abocanham boa parte de seus lucros com este nicho", do dia 19 de agosto de 2000, presente na seção de Economia do jornal. Apesar de citar no corpo de seu texto o Miss Brasil Gay, o foco da notícia é o fato de que "pelo menos 40% da receita mensal de esteticistas são gerados pela clientela gay" (Tribuna de Minas, 2000, p.7). O argumento principal se resume no seguinte trecho:

---

[63] Transformistas mudam as rotinas nos salões: concorrentes costumam se produzir sozinhos, mas os espectadores da festa adotam os cabelereiros para ficarem impecáveis. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 14 ago. 1998. Caderno Dois, p. 1

[64] Consumidor gay já rende bons negócios: Esteticistas, lojas de roupa e empresários abocanham boa parte de seus lucros com este nicho. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 19 ago. 2000. Economia, p. 7.

> Em geral independentes e sem compromissos financeiros com familiares, os gays despontam com forte potencial de consumo no comércio de produtos e serviços. Para alguns empresários, já representam boas oportunidades de negócios durante o ano inteiro. (Tribuna de Minas, 2000, p.7)

Portanto, mesmo que o Miss Brasil Gay seja mencionado na notícia, ela se direciona ao público gay juiz-forano em geral, para além dos turistas que vêm à cidade para o evento e movimentam a economia em um momento específico do ano. Assim, nessas duas formas de se relacionar aos eventos de agosto, esta categoria se apresenta como parte importante dos tipos de notícias relacionadas a pessoas LGBT dentro da Tribuna de Minas.

Cabe acrescentar que essas notícias aparecem em quase todos os anos, com exceção de 1999, e quase sempre em agosto. As únicas exceções são duas notícias em 2001 que tratam do mesmo tema: os resultados de uma pesquisa realizada pela faculdade de turismo da UFJF durante o *Rainbow Fest*. As notícias intituladas "Turismo gay trouxe R$ 2 milhões para JF: Pesquisa da UFJF pretende orientar investimentos para o setor"[65] e "O poder do mundo cor de rosa: pesquisa da UFJF revela o crescente potencial do turismo gay que, somente nos últimos três dias do *Rainbow Fest* deste ano, trouxe à economia local mais de R$ 2 milhões"[66] foram redigidas por Beatriz Inhudes (2001) e publicadas nos dias 22 de novembro de 2001 e 28 de novembro de 2001, respectivamente. Elas ocupam páginas inteiras, apresentam os dados da pesquisa e debatem a necessidade de mais financiamento e da implementação de um "turismo homossexual receptivo" e o preconceito que acaba fazendo a inciativa privada ficar mais de fora da ação sobre o evento.

São notícias que falam do início ao seu fim da *Rainbow Fest*, de seus benefícios para cidade, sem mencionar em momento algum o Miss Brasil Gay. Demonstram, assim como a própria pesquisa que mobilizou 50 alunos de acordo com a notícia, o papel de importância que a *Rainbow Fest*a vinha tomando na cidade.

A categoria denominada "Cotidiano de pessoas LGBT" diz de notícias que surgem desligadas de um contexto externo particular, mas que de alguma forma abordam justamente esse cotidiano, com assuntos que vão desde o sair do armário, transição médica, locais de "pegação", entre outros. Foram encontradas 6 notícias (3%). Destas 3 são de 2000 e 2 de 2001, com apenas uma publicada em 1998. Esta tem um perfil diferente das demais por ser uma

---

[65] Turismo gay trouxe R$ 2 milhões para JF: Pesquisa da UFJF pretende orientar investimentos para o setor. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 22 de nov. 2001.

[66] O poder do mundo cor de rosa: pesquisa da UFJF revela o crescente potencial do turismo gay que, somente nos últimos três dias do *Rainbow Fest* deste ano, trouxe à economia local mais de R$ 2 milhões. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 28 de nov. 2001.

notícia sobre o Parque Halfeld, que fica em uma região central da cidade e que teria se tornado "o maior ponto de encontro de gays".

Intitulada "Parque Halfeld tem um lado marginal"[67], tem o objetivo de ressaltar que, por falta de cuidado, o parque estaria com diversas áreas mal iluminadas que estariam "criando áreas de risco para os pedestres e incentivando cenas que só acontecem às escondidas", entre as quais a matéria inclui furtos, consumo e tráfico de drogas, prostituição junto com a questão de ser ponto de encontro gay. Foi entendida como uma notícia que diz do cotidiano de pessoas LGBT na medida em que diz de pessoas LGBT existindo em seu cotidiano, apesar do tom reprovador do jornal e da clara intenção da notícia de fazer uma denúncia.

As demais notícias encontradas nessa categoria, todas publicadas em agosto e, portanto, após a publicação da Lei Rosa e criação do MGM, são mais leves e descontraídas. Muitas vezes assumindo um tom didático, parecem tentar apresentar a realidade de pessoas LGBT ao público do jornal. Um exemplo é a do dia 20 de agosto de 2000, que é a capa da seção extra de domingo com o título "Saindo do Armário: na hora de ser revelada, a opção sexual ainda esbarra em problemas familiares"[68]. A reportagem que acompanha essa capa, "Quando não dá mais para segurar: contar aos pais é mais difícil para os homossexuais."[69] (Simões, 2000) escrita por Gisele Simões, uma das únicas com autoria declarada, diz da vivência de algumas pessoas apresentadas como homossexuais e suas famílias. Há uma defesa por parte da notícia para que famílias aceitem seus filhos e filhas pois "quando a família aceita o homossexual como ele é e não como gostaria que fosse, em geral, ele devolve o respeito com um carinho extremado." (Simões, 2000, p. 4).

Não há menção alguma ao MGM ou qualquer ativismo, nem ao *Rainbow Fest* e Miss Brasil Gay que haviam acabado de ocorrer. Esse é o padrão que se repete entre as notícias classificadas como do cotidiano: não estarem ligadas de forma textual aos eventos ocorrendo, mesmo estando próximas a eles, mas falarem ainda assim de aspectos e questões envolvendo pessoas LGBT. Elas são escritas de uma forma que apresentam essas pessoas e aspectos de sua vida cotidiana ao público leitor.

Na categoria "violência contra pessoas LGBT" se encontram 12 notícias (7%) que são focadas na violência praticada contra pessoas LGBT. Nesse sentido, tanto notícias de casos

---

[67] Parque Halfeld tem um lado marginal. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 28 de jun. 1998.
[68] 'Saindo do Armário': na hora de ser revelada, a opção sexual ainda esbarra em problemas familiares. na hora de ser revelada, a opção sexual ainda esbarra em problemas familiares. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 20 ago. 2000. Caderno 2, p. 3-4.
[69] Simões, Gisele. Quando não dá mais para segurar: contar aos pais é mais difícil para os homossexuais. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p. 4. 20 ago. 2000.

específicos, quanto notícias acerca de ações para combater essa violência e acerca de dados da violência foram incluídas. No entendimento de violência se abarcou tanto agressões físicas, verbais e simbólicas. Nesse sentido, duas das notícias encontradas discutem casos nacionais, duas são notícias que buscam fazer uma discussão acerca do preconceito e violência enfrentados pela comunidade LGBT e as demais tratam de casos acontecidos na cidade.

Apenas duas notícias são publicadas em 1998 e nenhuma em 1999. É a partir de 2000 que o tema aparece mais com as notícias divididas ao longo dos meses, 5 em 2000 e 5 em 2001. Em ambos os anos existe um assunto/tópico que acaba retomado diversas vezes. Em 2000 é o levantamento do GGB sobre a violência contra pessoas LGBT daquele ano que acaba pautado diversas vezes, sendo capa e manchete por duas vezes ressaltando os dados desse relatório referentes à Juiz de Fora e reaparecendo nas demais notícias.

Em 2001 a pauta recorrente são os ataques sofridos pelo MGM em sua sede, que teriam Totalizado mais de 30 em outubro daquele ano, 4 meses depois de sua inauguração. Nesse sentido, todas as 5 notícias fazem referência direta e discutem a situação, tanto a partir de reportagem direta sobre novos desenvolvimentos, seja a partir de pesquisas de opinião sobre os acontecidos.

Uma característica percebida nas notícias que reportam casos de violência sofrida por pessoas LGBT individuais são descrições muito detalhadas do crime. Por exemplo, no dia 28 de maio de 2000, sob a manchete "Gays elogiam lei e querem criar centro de defesa"[70] o jornal reporta sobre a visita do MGM ao prefeito Tarcísio que havia sancionado a Lei Rosa alguns dias antes, ocasião que o grupo aproveitou para entregar proposta de ação para o Centro de Referência para a Defesa e a Valorização da Autoestima e a Capacitação do Cidadão Homossexual, Bissexual e Transgênero que era previsto na legislação. Nessa mesma notícia citam entrevista com Trajano onde o ativista menciona o assassinato de um homem gay ocorrido em abril desse mesmo ano, cujo assassino havia sido identificado e preso de forma rápida, para exemplificar a importância da Lei Rosa e da militância gay na cidade. O jornal contextualiza a seguir quem eram o assassinado e o assassino, quando ocorreu e o fato de que havia sido com requintes de crueldade. Continua a partir disso descrevendo com detalhes o que foi feito, incluindo a medida do pedaço de madeira utilizado para machucar a vítima.

As notícias classificadas na categoria "Políticas LGBT" são aquelas que discutem políticas institucionais que dizem respeito a pessoas LGBT, tanto as que já foram conquistadas quanto discussões ou manifestações que as tenham como objetivo. Nessa categoria, se inserem

---

[70] Gays querem criar centro de defesa. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 27 maio 2000. Caderno B, p. 1.

também todas as notícias que falaram sobre a Lei Rosa, por ser uma política governamental. Ao todo, 38 notícias (16%) sobre o tema foram registradas colocando-o como o maior entre todas as categorias, posto que ocupa quase todos os anos, e, quando não o primeiro lugar sempre segundo como é o caso de 2001 (onde o MGM é maior) e 1999 (onde Mídia e famosos é maior).

As notícias dessa categoria não se acumulavam muito, espalhando-se pelos diversos meses do ano, e incluindo notícias do mundo todo e do Brasil todo. A grande maioria até 2000 se referem a lutas políticas que se encontravam encaminhadas no movimento LGBT nacional, como a questão do direito à herança de parceiros do mesmo sexo, a luta pela União Civil, entre outros, de forma que mesmo ao noticiar acontecimentos no exterior, geralmente o tema se enquadrava em algo que ocorria no Brasil naquele momento.

Um exemplo é a notícia do dia 4 de março de 2000, "Prefeito de São Francisco vai 'casar' homossexuais"[71], que versa sobre como "apesar de os californianos terem aprovado terça-feira o projeto de lei que limita à união entre um homem e uma mulher, o prefeito de São Francisco, Willie Brown, anunciou ontem que celebrará uma cerimônia em massa de casais gays no fim de março." (Tribuna de Minas, 2000, p. 5).

A partir de 2000 apesar da diversidade de notícias e de meses se manter, a Lei Rosa se torna o tema majoritário. Do total de notícias dessa categoria (28) um terço corresponde a reportagens sobre a Lei Rosa. Seguindo a tendência mencionada acima, notícias sobre outras leis similares começam a aparecer. Temas anteriores se mantém, mas agora o MGM passa a ser acionado para a grande maioria das reportagens, concedendo entrevistas em que explicam, comentam ou mesmo dizem de seus desejos pessoais a respeito de alguma nova política sendo proposta/votada nacionalmente ou em outro estado/cidade. Quando não são requisitados para comentar acerca do tema na maioria das vezes é por ser uma ação deles onde seu comentário é parte da constituição da notícia, não uma consulta.

Nesse sentido, percebe-se com frequência cada vez maior o MGM e seus fundadores, Marcos Trajano e Oswaldo Braga, se tornando figuras de autoridade para o jornal. São acionados cada vez mais, e por vezes para tratar de assuntos que vão além do escopo direto das atividades do Movimento Gay de Minas. Isso se torna evidente em trechos como o que segue abaixo, retirado da notícia do dia 2 de agosto de 2001, "Medo de Traição é maior motivo para teste de Aids"[72]:

---

[71] Prefeito de São Francisco vai 'casar' homossexuais. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 4 mar. 2000. Geral/Internacional, p. 5.

[72] Moreira, Fabiano. Medo de traição é maior motivo para teste de Aids: desconfiança de parceiros em relações estáveis é responsável por 70% dos exames feitos em juiz de fora no ano passado. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 2 ago. 2001. Saúde, Caderno 1, p. 3.

> O bare back (traseiro desprotegido) é um movimento gay que prega a não utilização de preservativos, baseado no sucesso do tratamento com o coquetel. Um dos coordenadores do Movimento Gay de Minas (MGM), Marco Trajano, explica que esta tendência surgiu a partir de pessoas descrentes do poder aniquilador do HIV (Tribuna de Minas, 2001, p.3).

Marco Trajano é, na notícia, visto como autoridade acerca de questões homossexuais. Isso é curioso porque a parte da matéria em questão em que ele é entrevistado versa sobre práticas de relações sexuais desprotegidas entre os homossexuais estadunidenses, algo que não necessariamente está relacionado ao contexto local onde o ativista atua. Essa autoridade parece ser justificada na notícia justamente por sua participação no Movimento Gay de Minas.

Isso se aproxima do que foi discutido acima acerca da relação entre a *Rainbow Fest* e o Miss Brasil Gay nas notícias: as ações do MGM começam a ganhar cada vez mais espaço no jornal, com reportagens mais completas. Na categoria da violência isso ocorre também, na medida em que o Movimento Gay de Minas é citado, entrevistado e por vezes é quem está pautando o assunto da notícia em quase todas produzidas a partir de 2000.

A categoria HIV/Aids foi um caso diferente das demais. No período demarcado foram coletadas todas as notícias que falassem do fenômeno da HIV/Aids, o que Totalizou 118 notícias, mas apenas 23 delas foram selecionadas. Isso se deu porque a grande maioria delas não abordava pessoas LGBT diretamente. Muitas refletiam preocupações com o número crescente de mulheres heterossexuais monogâmicas sendo contaminadas, grávidas e usuários de drogas, além de diversas serem reportagens gerais sobre a ação de algumas ONGs da cidade e grupos da UFJF voltados para HIV/Aids que não o MGM.

Embora interessantes para pensar a epidemia da doença em Juiz de Fora naquele momento, a quantidade imensa de notícias comparada às demais fazia com que houvesse uma distorção nos dados. Uma vez que o foco é pensar como a Tribuna tratava as temáticas LGBT, considerando em especial a forma como o MGM interferiu e foi colocado nisso, foi feita a seleção dentre essas notícias daquelas que se relacionavam de alguma forma a pessoas LGBT. Nesse sentido, apenas as reportagens que mencionassem pessoas LGBT, tanto indivíduos quanto categorias de identidade foram consideradas.

Outra questão que se colocou nesse momento diz respeito à Marco Trajano, cofundador do MGM. Ele era, no período trabalhado, coordenador administrativo do Centro de Orientação e Apoio Sorológico (Coas) da Prefeitura de Juiz de Fora, o que quer dizer que ele trabalhava com HIV/Aids no município. A partir do ano 2000 ele começa a aparecer em notícias relacionadas à programas, compra de materiais, entre outras ações do combate à doença

enquanto representante da prefeitura. Notícias das temáticas previamente citadas, como a Aids em mulheres grávidas começam a contar com entrevista com ele, seja para explicar alguma nova campanha ou fazer comentário sobre os dados expostos, entre outros. Nessas notícias, muitas vezes não se trabalha nada relacionado a pessoas LGBT. No entanto, devido à presença de Trajano e considerando que um dos grandes focos do MGM era a ação sobre o HIV/Aids, não necessariamente focalizando apenas pessoas LGBT, mas os efeitos da epidemia em geral (como foi trabalhado no capítulo 2), elas foram mantidas e estão contabilizadas como parte das 23 notícias encontradas.

Entende-se que Trajano é uma figura central para o MGM, como afirmado previamente, e, portanto, suas ações, mesmo quando não diretamente relacionadas ao MGM são relevantes para pesquisa. Além disso, supõe-se que não é coincidência o momento em que este começa a aparecer nessas notícias. Como já foi escrito, o MGM e seus fundadores começam a ser muito acionados a partir do ano de 2000, especialmente no momento posterior à aprovação da Lei Rosa e da institucionalização do grupo como ONG. Similarmente, é a partir de setembro de 2000 que Trajano começa a aparecer nessas entrevistas, mesmo já sendo funcionário nesse setor há anos a essa altura. É importante mencionar que outros funcionários do Coas já apareciam com frequência nessas notícias e continuam a aparecer, de forma que ele provavelmente não estava substituindo alguém - ele é uma adição.

Nesse sentido, acreditamos em duas possibilidades, que não se excluem mutuamente: a primeira se adiciona à ideia de que cada vez mais Marco Trajano e Oswaldo Braga são vistos como figuras de autoridade aptas a serem acionadas pelo jornal. Considerando que o MGM possui também o foco e grande parte de seu financiamento nas ações de combate à HIV/Aids e seu trabalho no Coas, essa autoridade atribuída acaba se expandindo também para assuntos da HIV/Aids. Somado à facilidade de se trabalhar com alguém cujo contato já foi feito e a quem o público do jornal conseguiria reconhecer com mais facilidade, como era o caso de Trajano, isso poderia ter levado a Tribuna de Minas a tentar trazê-lo cada vez mais.

Uma segunda diz respeito a ele e ao MGM. Em entrevista, Oswaldo Braga afirmou que, enquanto MGM, eles passaram a tentar aproveitar todas as oportunidades de aparecer na mídia. Buscavam sempre falar de forma informada e correta de forma a utilizar esses espaços concedidos para tentar alcançar seus objetivos enquanto grupo (Braga, 2024). Nesse sentido, é possível que fosse parte de uma estratégia mais geral que Marco Trajano aceitasse conceder e aparecesse em mais entrevistas, vendo essas oportunidades como forma de se colocar na discussão pública de temas tangenciais aos trabalhados no MGM. Assim, a contar de sua primeira aparição em uma notícia, Trajano aparece em 11 das 13 notícias entre setembro de

2000 e outubro de 2001 (última notícia de HIV/Aids da categoria).

Mesmo com a redução de números, a categoria HIV/Aids se coloca como uma das maiores, representando 13% e ficando em segundo lugar geral. Sua quantidade cresce e diminui de um ano para o outro, mas se mantém estavelmente como uma das maiores em todos os anos. As notícias abarcam desde preço de tratamento, disponibilidade de kits de diagnóstico na cidade, dados epidemiológicos, até questões do preconceito que portadores do HIV sofrem. Algumas das notícias refletem ações do MGM, como um abaixo-assinado organizado pela quebra da patente da medicação contra HIV/Aids ou a manifestação contrária a portaria que impedia homens gays de doar sangue. É assim uma categoria que permitiu o entendimento de como estava o quadro de HIV/Aids em Juiz de Fora antes do MGM ser fundado, como também perceber a capilaridade do grupo dentro do jornal.

A categoria "Juiz de Fora 'vanguardista de direitos LGBT'" é uma categoria onde foram colocadas todas as notícias onde a cidade é referida enquanto um local de vanguarda, um local especialmente ativo nas políticas de auxílio e defesa de pessoas LGBT, em especial homossexuais. Foram inclusas também notícias que tratem da cidade enquanto local onde pessoas LGBT são mais toleradas ou aceitas que em outros lugares, seja isso uma afirmação feita pela notícia ou uma ideia comentada dentro dela. Boa parte das notícias que se encaixam nessa segunda definição muitas vezes partem da primeira ideia (de um local de vanguarda), mas existem algumas exceções.

Um Total de 7 notícias (4%) dentro dessa temática foram encontradas, com 3 delas sendo enquetes/entrevistas realizadas pela Tribuna de Minas com pessoas da cidade, em parte seus assinantes e em parte na rua. Curiosamente, essas enquetes partem da premissa de que Juiz de Fora é um local "avançado", "de vanguarda" ou, como se coloca na enquete publicada no dia 20 de agosto de 2001, "capital do orgulho gay"[73] (Tribuna de Minas, 2001, p.5).

A primeira notícia que menciona tal percepção da cidade aparece junto ao registro do primeiro *Rainbow Fest*, no dia 12 de agosto de 1998[74]:

> Marco diz que, em geral, Juiz de Fora recebe muito bem o gay, mas o preconceito é velado. 'Algumas pessoas se colocam à disposição para apoiar e contribuir mas preferem que seu nome não apareça, com medo de associação com o mundo gay', explica (Tribuna de Minas, 1998, p.1).

---

[73] O Que você acha de Juiz de Fora ter se tornado a capital do orgulho gay. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 19 ago. 2001. p. 5.

[74] *Rainbow Fest*: Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 ago. 1998. Caderno 2, p. 1.

Como é possível perceber, o foco aqui está mais no fato de existir um preconceito, ainda que "velado" que na percepção de Juiz de Fora como "amigável", embora ela seja mencionada. Depois voltamos a ter notícias com essa temática apenas em maio de 2000, imediatamente após a aprovação de Lei nº 9.791. Com 6 das 7 notícias sendo posteriores à Lei Rosa, sendo sempre acompanhadas de informações da lei, de ações do MGM ou junto com questões da *Rainbow Fest*, essa categoria, embora com poucas notícias, permite perceber um indício da interferência do MGM na narrativa que a Tribuna de Minas apresenta sobre a cidade de Juiz de Fora.

Simultaneamente ao crescimento da presença do MGM e de suas ações no jornal, a Tribuna de Minas começa a atribuir à própria cidade uma característica de ação em prol dos direitos LGBT e, por consequência disso, cada vez mais a cidade é vista como um lugar que seria tolerante e amigável por si só, com essas duas questões se vinculando intimamente. Para ilustrar essa ideia são realizadas enquetes, entrevistas, relatos, entre outros.

Um exemplo é a notícia do dia 20 de agosto de 2000 "Drag Queens movimentam sábado no calçadão: abismados com a receptividade dos juizforanos, os gays desfilaram bom humor e simpatia, retribuindo o carinho do povo que os aplaudia".[75] Nela, é possível ver diversas citações diretas e indiretas de entrevistas de diferentes pessoas falando sobre a boa receptividade da cidade aos gays de forma geral, assim como ao Miss Brasil Gay e à *Rainbow Fest*. Essa recepção positiva é associada à movimentação política, como no trecho seguinte trecho: "Segundo Trajano, edição 2000 do *Rainbow Fest* superou todas as expectativas e mostrou que a sociedade de Juiz de Fora está cada vez mais engajada à causa gay." (Tribuna de Minas, 2000, p.7).

Essa narrativa acerca de Juiz de Fora é uma que se vê nos dias de hoje. Está nas reportagens especiais feitas em agosto na época dos eventos, aparece em argumentações políticas na Câmara, nas falas de ativistas em notas de repúdio. Juiz de Fora é constantemente colocada no papel de cidade ativista, vanguardista, tolerante, mais segura para LGBT. E é nessas notícias do Tribuna que podemos ver o molde da narrativa utilizada nos dias de hoje tomando forma, sempre muito associado à Lei Rosa, a *Rainbow Fest* e, por vezes, o Miss Brasil Gay.

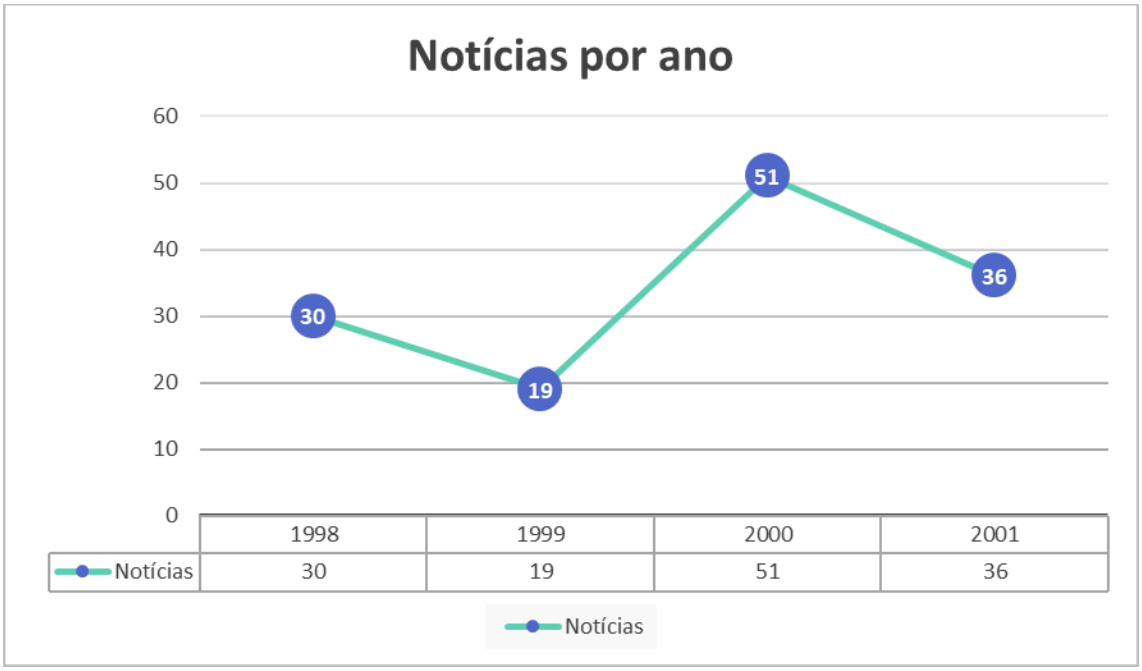
3.1.2 O movimento das notícias

[75] 'Drag Queens' movimentam sábado no Calçadão: Abismados com a receptividade dos juizforanos, os gays desfilaram bom humor e simpatia, retribuindo o carinho do povo que os aplaudia. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 20 ago. 2000. Geral/Internacional, p. 7.

Como foi abordado na seção anterior, grande parte das temáticas observadas passam por uma mudança a partir de 2000, em especial a partir da Lei Rosa e da institucionalização do MGM. Há uma alteração das formas narrativas que a Tribuna de Minas utilizava no falar de questões LGBT. Desde a percepção de Juiz de Fora como defensora LGBT, até a colocação do Movimento Gay de Minas enquanto autoridade e ator político importante na cidade, a Tribuna de Minas teve seu discurso modificado por esses dois eventos do ano de 2000. Acionando cada vez mais o MGM em suas notícias, dando evidência ao *Rainbow Fest* e os tópicos diversos nele discutidos (com uma página inteira lhe sendo dedicada em 2001), e trazendo mais de uma vez Juiz de Fora na posição de "Capital do Orgulho Gay"[76], o jornal assume uma posição.

Para além das temáticas observadas, é uma mudança que pode ser vista também no quadro geral das notícias e o formato que assumem no jornal. No gráfico 2 pode-se ver a quantidade Total de notícias ao ano:

Gráfico 2



Fonte: Elaborado pela autora

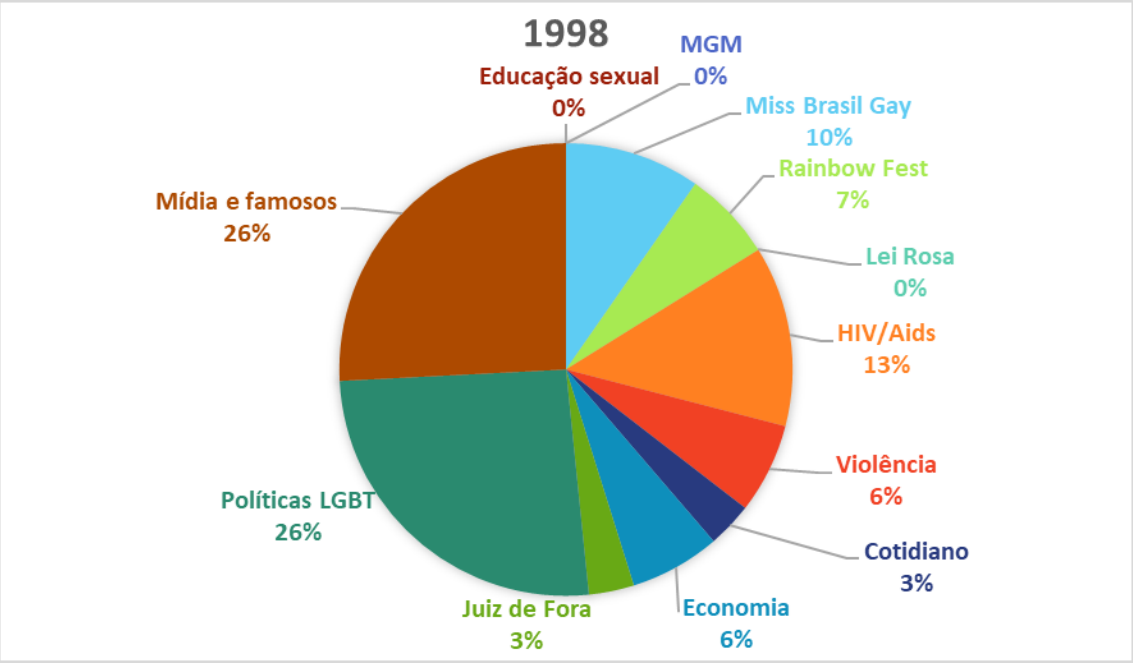
No ano 2000, quando temos diversos acontecimentos marcantes, a quantidade de notícias dispara significativamente acima dos demais. Esse crescimento não se mantém em 2001, com o número de notícias se aproximando novamente do de 1998. É interessante, no

[76] O Que você acha de Juiz de Fora ter se tornado a capital do orgulho gay. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 19 ago. 2001. p. 5.

entanto, esse aumento de notícias. Boa parte das notícias excedentes a serem contabilizadas em 2000 se referem à Lei Rosa, o MGM e à *Rainbow Fest* daquele ano que recebe uma cobertura muito maior (8 notícias, quando nos anos anteriores havia tido apenas 2). Dessa forma, deve-se considerar o poder que as ações do MGM exercem sobre o jornal, fazendo-o reservar a questões LGBT em geral muito mais espaço naquele momento do que anteriormente.

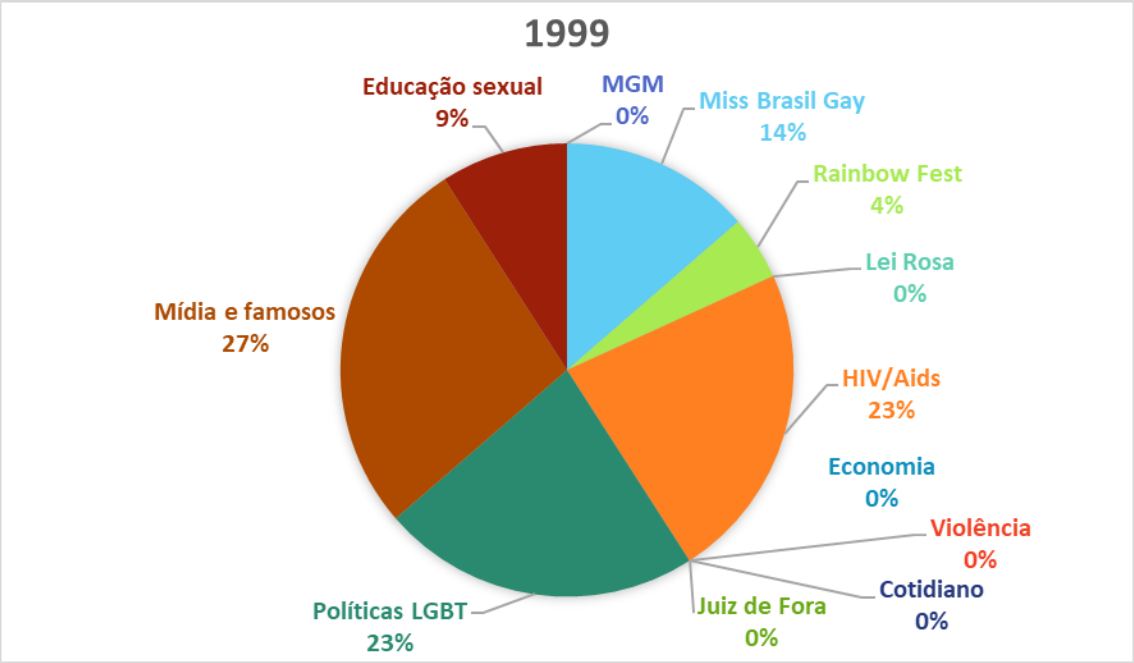
Para melhor ilustrar esse movimento, foram elaborados os Gráficos 3, 4 e 5 a seguir. Eles se assemelham ao Gráfico 1, representando respectivamente a representação temática de 1998, 1999 e 2000.

Gráfico 3



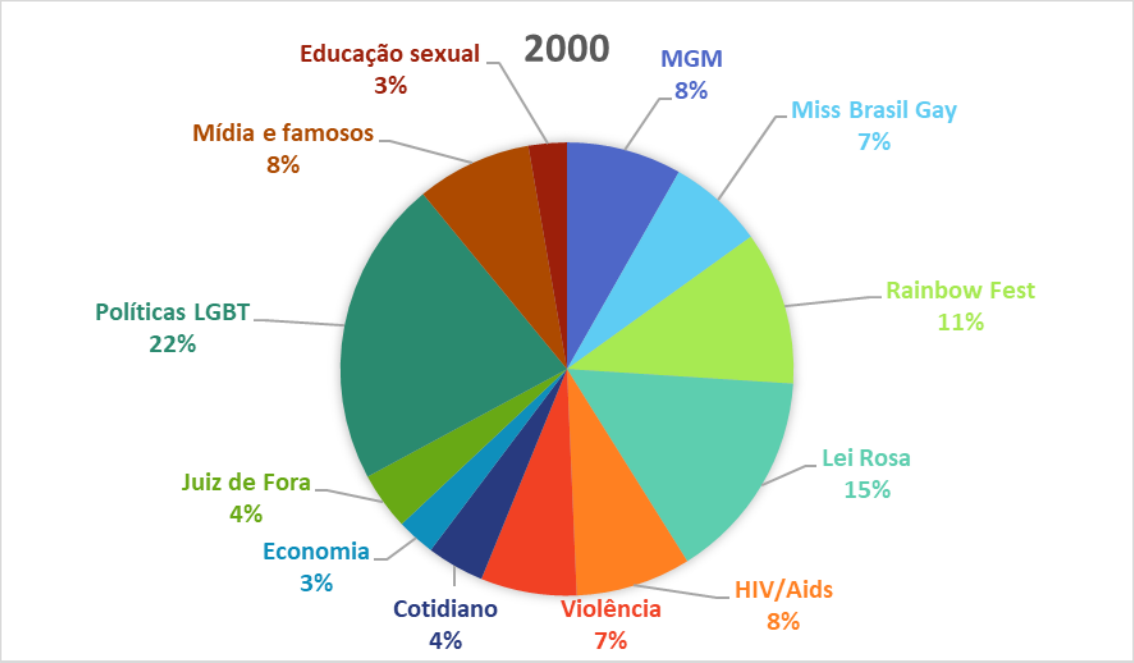
Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 4



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 5



Fonte: Elaborado pela autora

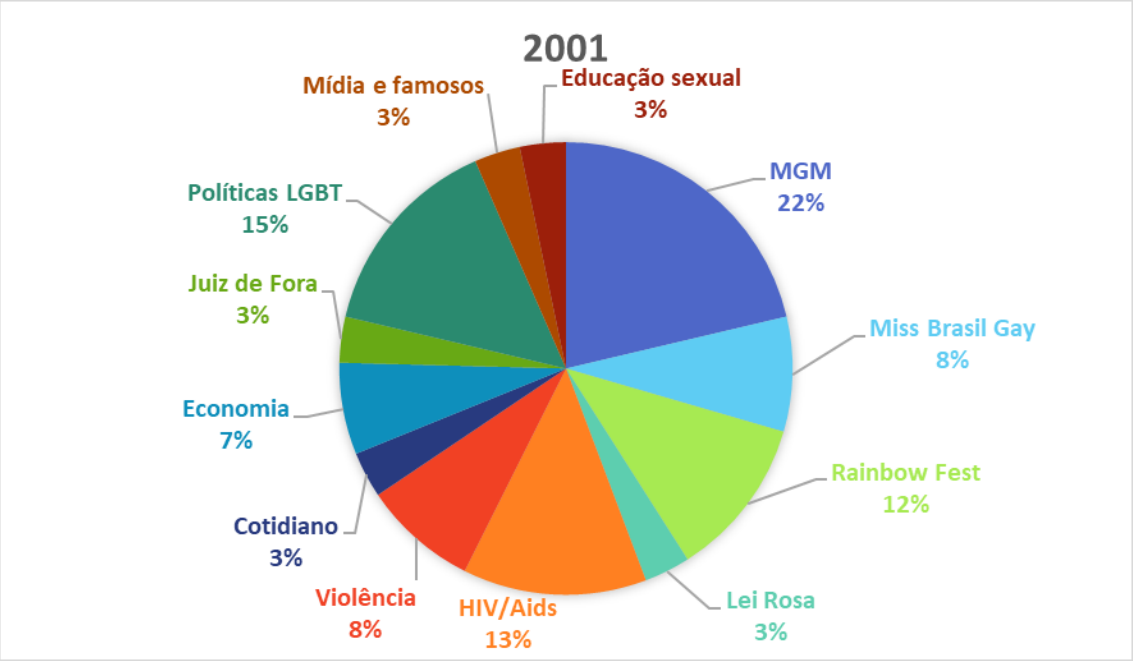
É possível perceber que em 1998 e 1999, apesar das temáticas diversas se apresentarem, existe um predomínio de duas ou três por vez. Em 2000, quando ocorre um aumento considerável de notícias, ocorre também uma diversificação maior: embora algumas temáticas tenham uma porcentagem maior, existe uma divisão menos desigual. Comparando com 1998 por exemplo, onde apenas duas temáticas dominam mais da metade do gráfico, a diversidade

de notícias aumenta.

Isso sinaliza para uma ampliação do que é tratado no jornal, para além do aumento do espaço em si. É também o início de um movimento percebido nas notícias e já sinalizado na seção anterior. Se trata das notícias deixarem de ser apenas notas, menções, pequenos parágrafos mais focados no factual, para se tornarem matérias maiores, contando com entrevistas, dados oficiais e por vezes imagens e ilustrações. Esse movimento ocorre com as notícias da *Rainbow Fest* em especial, mas percebe-se ele ocorrendo em especial em 2001.

Nesse sentido, embora o aumento numérico não se mantenha, percebe-se um aumento qualitativo. No gráfico 6 a seguir pode-se ver a representação temática de 2001:

Gráfico 6



Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se que a diversidade de 2000 se mantém, com múltiplas temáticas possuindo porcentagem relevante, mesmo com a diminuição numérica. Isso se dá porque, com as notícias das diferentes temáticas se tornando maiores e mais elaboradas, elas começam a abarcar mais categorias de uma vez só. Este é um fenômeno que ocorre muito pouco em 1998 e 1999, com apenas duas ou três notícias servindo a mais de uma categoria. Em 2000 começa a acontecer mais e em 2001 se torna predominante.

Com as notícias apresentando entrevistas diversificadas, imagens, dados, ilustrações e ocupando mais espaço, inevitavelmente elas acabam por cobrir mais temas, tornando-as ainda mais relevantes. O MGM é grande fator nesse movimento, não apenas por suas ações se

colocarem como o momento de virada, mas também por ser muitas vezes as entrevistas com seus diretores que permitem essa ampliação.

Muitas das fotos selecionadas e utilizadas mostram retratam os diretores, tanto juntos como individualmente, em um movimento que Oswaldo menciona na entrevista. Segundo ele, naquele momento existiam poucas pessoas LGBT fora do armário em Juiz de Fora e menos ainda dispostas a aparecer no jornal. Como estavam se projetando como lideranças do grupo, eles passam a se esforçar para aceitar aparecer nas notícias e matérias, algo que já foi mencionado previamente. E isso ocorre inclusive quando são acionados não como parte do MGM, mas como casal gay.

É o caso da notícia "Lei votada hoje é esperança para gays de JF: Aprovação do Projeto de Parceria Civil garantiria aos homossexuais o reconhecimento de união para fins de divisão de bens, herança e pensão" de 9 de maio de 2001[77]. Nela foram entrevistados dois casais homossexuais, um deles permaneceu anônimo e o outro foram Oswaldo Braga e Marco Trajano, cuja foto cozinhando em sua cozinha acompanha a matéria. Na sua fala, Oswaldo destaca sua opinião política acerca da votação, enquanto o outro casal relata questões mais do cotidiano. Mesmo apresentando-os a princípio apenas como um casal entrevistado, quando vão citar a fala de Oswaldo a Tribuna de Minas faz a seguinte descrição: "Coordenador do Movimento Gay de Minas, Oswaldo Braga, teme o não comparecimento dos parlamentares. 'É a tática dos evangélicos'." (Tribuna de Minas, 2001, p.1).

É possível perceber a partir dos pontos trazidos nas duas seções acima que o jornal Tribuna de Minas estabelece uma relação com o Movimento Gay de Minas desde o surgimento do grupo. Há a construção de uma narrativa e uma visão sobre o MGM e seus ativistas como autoridades passíveis de serem acionadas para discutir e abordar temas de sexualidade, HIV/Aids, direitos LGBT, entre outros tópicos tangenciais.

O jornal não se restringe apenas ao MGM, no entanto, e começa a abarcar a cidade de Juiz de Fora, reforçando o que seria seu papel e enquadrando diversos momentos, eventos e falas de pessoas de forma a incentivar a narrativa que de que a cidade pode ser considerada a "capital do orgulho gay". Não faz isso sozinho, já que outras entidades e indivíduos corroboram essa perspectiva, mas enquanto ator social o Tribuna de Minas toma uma posição, criando e apoiando enquadramentos que alimentam e são alimentados por essa narrativa.

Nestas duas subseções anteriores, 3.1.1 e 3.1.2 buscou-se demonstrar os resultados de

---

[77] Lei votada hoje é esperança para gays de JF: Aprovação do Projeto de Parceria Civil garantiria aos homossexuais o reconhecimento de união para fins de divisão de bens, herança e pensão. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 9 mai. 2001. Cidade, Caderno B, p.1

uma análise das temáticas elencadas e observadas no Tribuna de Minas durante o período escolhido. Nesse sentido, cabe ressaltar que Andrea Kelmer (2016), cuja tese de doutorado foi mencionada previamente nesta dissertação, realiza também uma investigação com o mesmo jornal em um período que vai da década de 70 ao final da de 90, com o seu foco residindo em notícias sobre o Miss Brasil Gay. Suas percepções acerca do movimento do jornal e das notícias se alinha com aquelas que observamos no nosso recorte, que compartilha com ela dois anos (1998 e 1999) e acrescenta outros dois (2000 e 2001). Nesse sentido, ela faz duas observações que cabem ser mencionadas:

> Foi curioso notar que nas matérias dos jornais selecionados para esta tese anteriores à existência do concurso, havia um combate à presença pública dos homossexuais e travestis. Porém, no decorrer dos anos do Miss Brasil Gay, as matérias, aparentemente, se tornam receptivas, elogiosas e defensoras do concurso. [...] Compreendemos que matérias que exaltam o concurso, não representam o fim do preconceito na mídia impressa, ela apenas deixa de legitimá-lo. (Kelmer, 2016, p.139)
> A partir de 1998, palavras como: 'política', 'homofobia', 'direitos sociais', 'respeito aos homossexuais', passam a compor os informes dos jornais sobre o concurso, em detrimento daquelas encontradas anteriormente, como: 'eliminação', 'vergonha', 'bichas'. Ainda que alguns admitam que o preconceito não foi superado, e que o MGM não consegue ultrapassar este desafio, é inegável a mudança na proposta dos eventos que ocorrem paralelos ao Miss Brasil gay em Juiz de Fora a partir dessa década. (Kelmer, 2016, p.144)

Na primeira citação ela se refere às notícias antes e depois da popularização do concurso Miss Brasil Gay, algo que ocorre a partir da década de 70 e no decorrer da de 80. EM alinhamento com seus apontamentos, as notícias do jornal de antes do *Rainbow Fest* e durante não se posicionavam de forma homofóbica e apenas uma notícia dentro dos 4 anos observados trazia uma "denúncia" acerca da ocupação de espaços públicos por homossexuais, mas esta focava mais na questão da prostituição, tanto de mulheres quanto homens no local.

Quando somamos esta questão à da segunda citação e aquilo que foi analisado nas subseções anteriores, podemos pensar em um movimento mais amplo da mídia juizforana, que se reflete, até certo ponto também na atitude das instituições da cidade, onde vemos de início muita rejeição a qualquer assunto ligado a pessoas LGBT. A partir do Miss Brasil Gay, certos espaços, certas narrativas e "permissões" são autorizadas, o evento ganha notoriedade e apoio do comércio e de políticos locais, assim como da mídia. Nesse primeiro momento, no entanto, ainda ocorre a partir de um viés festivo e demarcado temporalmente: no mês de agosto, no final de semana do Miss Brasil Gay. A partir do *Rainbow Fest*, da insistência de Oswaldo e Marco, do MGM, de pautar politicamente o preconceito, a cidadania, direitos LGBT, entre outros, novos espaços vão sendo conquistados. A cidade não se torna de um ano para o outro um

“paraíso” para pessoas LGBT: mas a pauta LGBT se torna parte da cidade, assim como novos espaços de sociabilidade, direitos, assistência. E, no jornal, vemos a transformação de um veículo refratário a pessoas LGBT e sua existência no espaço público a um certo tipo de aliado da pauta LGBT, em especial da forma como esta poderia ser utilizada para objetivos comerciais, de turismo.

Além do Miss Brasil Gay e do *Rainbow Fest*, existe também um contexto nacional a ser considerado ao falar dessas mudanças do jornal. A partir da redemocratização alguns grupos de ativismo do movimento homossexual brasileiro (MHB) se uniram para alterar o código de ética dos jornalistas para proibir práticas de perseguição ou discriminação contra homossexuais. Essa articulação foi a que resultou na criação do grupo Triângulo Rosa (Câmara, 2018). Foi um movimento de sucesso, o que possivelmente também interferiu no movimento observado por Kelmer (2016) em sua tese, coincidindo com a ascensão do Miss Brasil Gay na cidade.

Conclusões

Em junho de 2000 o Movimento Gay de Minas se torna uma Organização não Governamental (ONG). Marco Trajano e Oswaldo Braga, seus fundadores, já haviam encabeçado naquele mesmo ano a mobilização pela aprovação da Lei nº 9.791 de 12 de maio de 2000, nomeada "Lei Rosa", que proibia a discriminação de pessoas LGBT por sua orientação sexual e identidade de gênero. A lei se tornou famosa nacionalmente na época de sua aprovação por prever em seu texto o direito de casais LGBT de demonstrarem afeto em locais públicos.

O MGM surge, em parte, a partir da organização de um evento chamado *Rainbow Fest*, criado como acompanhante do Miss Brasil Gay, concurso de transformismo que ocorria na cidade de Juiz de Fora. O *Rainbow Fest* buscava trazer pautas relacionadas à saúde, política e cidadania LGBT para a semana anterior ao concurso, a partir de palestras, seminários e debates, além de também promover a valorização da produção cultural LGBT a partir de mostra de filmes, artes entre outras. Sua primeira edição foi em 1998, passando a ocorrer anualmente em agosto.

Existia na fundação do grupo, nas suas ações, questões práticas organizadas em modelos como o tripé de atuação, mas também coexiste um objetivo de afetar a cidade, forçar nela o reconhecimento de seus cidadãos, visando tanto a diminuição de ações homofóbicas quanto o empoderamento de suas vítimas, permitindo que consigam ainda assim se organizar e existir, mesmo em meio ao conservadorismo e homofobia locais. São esses os princípios que parecem organizar o ideário do grupo.

A história do grupo por vezes é contada em uma continuidade que começa com o Miss Brasil Gay, desemboca no Rainbow Fest e então gera o MGM. É inegável a influência que o concurso têm no molde que gera o MGM, especialmente considerando o local onde ele acaba se estabelecendo enquanto grupo – a cidade de Juiz de Fora – mas o grupo não é apenas uma "consequência natural" da existência do Miss Brasil Gay. Um dos seus grandes motivos de ser deriva das pessoas Oswaldo Braga e Marco Trajano e, mais especialmente, da relação amorosa entre os dois. Sendo um sonho de casal entre eles, o MGM é organizado, fundado e passa a funcionar a partir deles, em sua casa e se entremeando em diversas partes de sua vida.

> Acho que tem uma relação importante da memória do grupo, porque a memória do grupo é a memória de indivíduos. Acho que isso é importante ressaltar. A memória do grupo ta na memória do Marquinho e do Oswaldo, e ai é super importante isso. Porque o Marquinho e o Oswaldo foram incansáveis. O Oswaldo ainda é incansável. E é incansável em construir em mundo diferente do que eles viveram. Acho isso muito importante. Porque não ganharam dinheiro com isso, muito pelo contrário, ganharam dívida. A gente pode pensar assim: que que move os dois? Acolher uma população

> que muitas vezes batia neles, muitas vezes falava mal deles. E eles lá, incansáveis. Eu acho que tem a ver com isso, tem a ver com um projeto de sujeito e um projeto de nação diferente do que eles tiveram. Isso para mim é louvável. Então acho que a memória dos dois tinha que ser feita. Porque quando a gente fala "a memória do MGM", a memória do MGM é a memória do Oswaldo e do Marquinho. (Ferrari, 2024)

Por diversas vezes em entrevista Oswaldo afirma o grupo e o evento *Rainbow Fest* como um sonho de casal realizado pelos dois através desses anos de atuação. Parte deles a iniciativa de criar ambos e são eles que encabeçam sua organização, estruturação, chegando até mesmo a comprar com seu próprio dinheiro o que viria a ser a sede permanente do grupo, onde passam a morar também. Para além desse aspecto deles como fundadores, existia também quando o grupo surge ainda muito medo vinculado a ação de se assumir gay, se assumir LGBT. Esse medo fazia com que fossem os dois permanecessem à frente do grupo mesmo ao ter voluntários e outros participantes:

> Nós éramos protagonistas dessa história porque ninguém topava. O armário era tão forte que quando nós fizemos nossa primeira parada, os comentários "ich vai ser um fracasso, ninguém vai". Porque quem era gay, e quem era lésbica na nossa cidade evitava comentar isso, evitava se expor como gay ou lésbica né. As travestis não. As travestis estão o tempo todo na visibilidade, né. Mas a turma achava que ia ser um fracasso. Que as pessoas não iam ter coragem de colocar sua cara. Nós estamos falando de uma cidade mineira, cercada de montanha, escondidinha aqui, e que tem uma influência muito grande do Rio de Janeiro que não deixa de ser conservador também [...] (Braga, 2024)

Nesse sentido, encabeçando pautas que eles mesmo elencaram como essenciais para atuar em prol desse "projeto de sujeito, projeto de nação" que eles possuíam para o futuro, para o Brasil e para Juiz de Fora, são eles que comandam o grupo de forma quase permanente. Isto não se traduz em um grupo só de duas pessoas: muitas mãos elaboram e auxiliam na construção do MGM, diversas pessoas acrescentam pautas, ações e contribuem em sua relevância e atuação. São pessoas que são lembradas a todo momento por Oswaldo Braga (2024), e que foram parte da organização, mas também foram aqueles que passaram pelo grupo usufruindo de seus serviços, cujas histórias e compartilhamentos também ajudaram a moldar as ações do MGM.

O grupo, desde antes de seu nascimento, interage com outros ativistas, outros grupos e associações, buscando realizar ações e trazer pautas nacionais para seu ativismo, assim como nacionalizar as suas próprias percepções. Nesse sentido, a atuação do grupo na questão do HIV/Aids se coloca como um de seus grandes palcos de ação, com o MGM chegando a fazer parte da Comissão Nacional voltada para o controle da epidemia, levando seus métodos e articulando ações. O movimento inverso também ocorria, com o MGM trazendo para Juiz de Fora ações, pautas e debates a partir de suas redes de contato com outros grupos de ativismo e

suas participações nos ministérios nacionais.

É nessa movimentação que o casal aprova a Lei Rosa, baseada em outras leis que o movimento levava para municípios e estados naquele momento. Ao articular a Lei Rosa aspectos diferentes são acrescentados a ela, em um movimento que acaba por atrair mais atenção para o grupo que nasce logo a seguir, assim como para a cidade de Juiz de Fora.

> Acho que o MGM mudou a história de Juiz de Fora. Mudou a história de Juiz de Fora assim. O Miss Brasil já tinha mudado no campo da festividade, o MGM colocou Juiz de Fora num cenário nacional. O MGM era um grupo respeitado nacionalmente, né? Era um grupo que era um grupo de ponta, um grupo que participava das questões. E mudou a cidade, porque o MGM, quando ele se constituiu, é aquilo que eu falei né, no início era pontual, era anual, então a cidade só discutia homossexualidade na semana do Miss Brasil Gay. Quando o MGM surgiu, o MGM colocou a pauta da homossexualidade durante todo o ano. (Ferrari, 2024)

No início do século XXI Juiz de Fora é colocada dentro de um cenário nacional mais amplo de organização do movimento LGBT brasileiro. As demandas nacionais que corriam pelo movimento encontravam respaldo na cidade, se tornando muitas vezes políticas públicas, legislação, eventos, abaixo-assinados, entre outros. Além disso, questões como a inclusão da permissão de demonstração de afeto entre pessoas LGBT em locais públicos, a previsão da criação de um Centro de Referência LGBT, a amplitude crescente do *Rainbow Fest*, entre outras pautas que são ainda parte de um contexto maior, mas que em Juiz de Fora recebem um estilo próprio, um ponto particular, uma formatação diferente, fazem com que Juiz de Fora se torne pauta nacional, seja evidenciada e, na mídia local, comece a ser chamada por apelidos como Vitrine Gay do Brasil ou Capital do Orgulho Gay.

As ações que possibilitaram que a cidade se movimentasse nesse sentido e passasse a ser entendida dessa forma partiram da ONG Movimento Gay de Minas. Se o Miss Brasil Gay já inicia um novo tipo de sociabilidade na cidade, novos espaços para a população homossexual local e regional, o MGM, como coloca Ferrari (2024) na citação acima, “muda a história de Juiz de Fora”. Muda a história porque cria novas relações na cidade, força a existência de debates e discussões públicas, traz para esse polo regional no interior de Minas Gerais o ativismo político que se organizava por todo o Brasil se tornando nesse processo referência para outros locais próximos e conquistando espaços diversos em âmbitos nacionais (como o Ministério da Saúde). A partir de suas atividades e pautas, outros atores da cidade, como o Tribuna de Minas começam a criar novos sentidos para Juiz de Fora, algo que se reflete nos dias de hoje.

Quando pensamos no fazer da história como um ofício que se vincula ao discurso, à

construção de narrativas, podemos pensar que produzir a verdade histórica é realizar uma produção discursiva, dando um sentido ao passado e disputando espaço com outras representações desse objeto (Pereira, Seffner, 2008). Essa operação de produzir relatos históricos é algo que se realiza no presente e atua na nossa própria realidade, constituindo-a (Jenkins, 2017). Nesse sentido, partindo de Foucault (1972), pensa-se na história a partir da introdução do acontecimento na narrativa, entendendo esse acontecimento como aquilo que existe de agudo e diferente, quebrando antigas regularidades e gerando novas. É "uma relação de forças que se inverte" (Foucault, 1971, p.273), um evento, uma disputa, uma mudança naquilo que se tinha como certo antes. Nesse sentido, o Movimento Gay de Minas, sua formação (entendendo sua formação como o processo que se inicia com o primeiro Rainbow Fest em 1998) e a Lei Rosa se colocam para nós como acontecimentos, como esses momentos a partir dos quais uma nova continuidade se estabelece dentro da cidade de Juiz de Fora.

O MGM e eventos como o *Rainbow Fest* e o Miss Brasil Gay não eliminam da cidade o conservadorismo, a homofobia, nem a transformam em um "paraíso" para pessoas LGBT, embora por vezes a Tribuna de Minas pareça afirmar que sim. O ativista e fundador do Movimento Gay de Minas afirma que ainda existe muito trabalho a ser realizado na cidade – e no Brasil em geral:

> Eu acho que nós ainda temos muita homofobia, ainda temos muita gente precisando desse tipo de assistência. Acho que não é... você pode considerar que a gente teve avanços, a própria... é... é porque eu tenho muito medo de analisar esses avanços com nossos avanços individuais. Você vê muita família que tem o filho gay que a família aceita e tal. É um caso. Se você pensar na homofobia como um fenômeno social, ela diminuiu? Eu acho que não, sabe? Eu acho que nós temos muita luta ainda. Ainda tem muita gente vítima de homofobia, ainda tem muita menina que não namora com outra menina porque tem medo, sabe? E quando revela apanha. A homofobia se manifesta através da violência. O preconceito homofóbico ele se manifesta através da violência. É diferente por exemplo do preconceito que sofre um cadeirante. O preconceito contra ele se manifesta através de uma menos-valia. Duma subcidadania. Dum sentimento de compaixão, essas coisas incomodam muito eles. Mas a porrada é diferente. Contra nós ela se manifesta através da violência, isso é um horror. Isso é um horror. Então, você vira e fala assim "esse tripé, nós teríamos que repensar esse tripé?" (pausa) Talvez para torná-lo um quadriplé, um quintuplé, entendeu? Porque tirar a necessidade da assistência jurídica, da assistência psicológica, da assistência social nós não vamos conseguir. Assistência social não é que precise ser pobre para receber não, entendeu? Muita gente, muito menino rico, classe média é colocado para fora de casa e vai precisar de uma assistência social para se recolocar. Psicológica nem se fala, jurídica nem se fala, né? Mas se fosse para mudar eu acho que nós temos que acrescentar outros direitos que não estão sendo cumpridos, que precisam de um tipo de assistência. (Braga, 2024)

No entanto, é inegável que existe um impacto essencial como resultado das ações do grupo na cidade. Um impacto daquele momento, em que eles exercem o tripé citado acima por

Oswaldo, de assistência jurídica, psicológica, social que impacta a vida de diversas pessoas na cidade, e também um impacto sobre a identidade da cidade, é a esse impacto que atribuímos o conceito de acontecimento, entendendo tanto a formação do grupo quanto a Lei Rosa em especial como acontecimentos que alteram essa continuidade prévia da cidade. É relevante pensar nessa identidade, porque ela cria caminhos de ação: um local que se coloca como "vanguarda de direitos LGBT", mesmo que exista certo exagero no título, possui mais tendência a permitir a proliferação de ações voltadas para esse público. Não é por nada que uma pesquisa realizada por Dutra e Maia (2010) com jovens LGBT durante o Rainbow Fest chegou à conclusão de que:

> [...] a cidade é considerada mais tolerante com relação às práticas homoafetivas. Isto se deve em parte pelos eventos que acontecem no município, como a semana da Rainbow, e também a dispositivos legais como a Lei 9.791, conhecida como "Lei Rosa" e, além disso, a forte atuação da ONG Movimento Gay de Minas Gerais com sede na cidade. (Dutra; Maia, 2010, s/p).

Simultaneamente, a cidade de Juiz de Fora se mantém como local de muito conservadorismo, que faz frente ações às ações do grupo organizado. Um dos campos em que essa disputa ocorre se trata justamente dessa identidade construída na cidade e pela cidade, onde atores como o MGM, grupos conservadores, historiadores e a mídia se colocam, tentando pesar a balança para lados diferentes.

Juiz de Fora não se esquiva de contar sua própria história. Diversas produções historiográficas sobre o local já foram produzidas, muitas financiadas por órgãos vinculados à prefeitura, outras realizadas no âmbito de universidades. Essa história e o patrimônio cultural da cidade dão "destaque à época de seu desenvolvimento econômico e industrial, privilegiando os bens que estão relacionados a essa memória" (Almeida, 2019, p. 21) e, portanto, escreve-se sobre seu complexo industrial, que lhe rendeu o apelido de "Manchester Mineira", sobre sua produção de café, sobre as imigrações italianas e alemãs para a cidade. Ao falar de Juiz de Fora, pessoas vinculadas à órgãos públicos da cidade mencionam essa história do município, citam alguns de seus lugares de memória como o Museu Mariano Procópio, o Museu Ferroviário, entre outros.

No entanto, quando se fala sobre turismo em Juiz de Fora, quando datas como o dia 28 de junho e 17 de maio[78] se aproximam, quando pautas políticas LGBT se colocam em voga no debate nacional, outra parte da identidade que a cidade faz de si mesma emerge nas narrativas

[78] Dia internacional do Orgulho LGBT e Dia nacional da luta contra a LGBTfobia respectivamente.

dos jornais, dos serviços públicos e privados: a ideia de Juiz de Fora como pioneira dos direitos LGBT, casa do Miss Brasil Gay e criadora da Lei Rosa. Essa narrativa se amplifica próximo a agosto, mês em que o Miss Brasil Gay e o *Rainbow Fest* ocorrem, dois eventos – por vezes entendidos como um só devido à sua proximidade – criados por pessoas LGBT e voltados para esse público. Para tal afirmação são articuladas na narrativa diversas ações, eventos, ganhos e conquistas LGBT realizados graças ao Movimento Gay de Minas e sua atuação na cidade desde 2000.

A cidade é ao mesmo tempo descrita a partir desses dois passados, mas não nos mesmos locais: sua identidade LGBT por vezes se coloca dentro do armário, saindo mais quando está associada à ganhos financeiros proporcionados por estes eventos, em âmbitos de discussão do turismo local. Parte dessa relutância em construir sua história incluindo também a forma como a atuação por mais de 20 anos de um grupo de ativismo alterou suas relações se deve à atuação constante de grupos conservadores na cidade, que lutam contra quaisquer ações que se volte para a comunidade LGBT e, em especial, contra associações entre Juiz de Fora e pessoas LGBT. Essa disputa entre essas duas narrativas é parte de um legado do Movimento Gay de Minas para a cidade: a inserção de questões e pautas LGBT no debate público de Juiz de Fora, o que tem como consequência diversos avanços dentro da cidade, mas também reações fortes no sentido contrário.

Essa ausência no que se refere à historiografia também se coloca como resultado de seleções do fazer histórico que elenca objetos a partir de objetivos do presente. As temáticas LGBT na história são uma inserção recente (Green, 2012) e ainda estão sujeitas a diversas distorções causadas por ausências de fontes, concentração de pesquisas em certas regiões (nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo) e por vezes preconceito. Green (2012) comenta essa relativa ausência de tais temáticas na história:

> [...] a disciplina de história se manteve durante muito tempo longe dessas pesquisas, dividida entre os praticantes tradicionais de métodos e ideologias conservadores e os neomarxistas, ortodoxos ou não, que se preocuparam em entender as estruturas econômicas e as formas de exploração. As relações de classe explicavam tudo. Homossexualidade era "coisa de viados", e não um assunto para historiadores sérios. (Green, 2012, p 66)

Nesse sentido, esse trabalho se insere na historiografia crescente sobre o movimento LGBT brasileiro, buscando complexificar e ampliar sua história, entendendo como o MGM surge, atua e participa do debate público da cidade, e sendo parte de um cenário nacional. É parte de uma onda de novos trabalhos que vêm procurando pesquisar grupos e ativismos LGBT

em cidades do interior e que estão fora desse eixo Rio de Janeiro – São Paulo (Veras; Pedro, 2014). Este trabalho é também possibilitado pela importância que o próprio MGM, na figura de Oswaldo Braga, atribui à produções acadêmicas acerca de questões LGBT, e do entendimento de Braga da necessidade da construção de uma memória e história sobre o MGM, o que fizeram com que o ativista colaborasse com a pesquisa, aprofundando a análise na medida em que inseriu sua subjetividade e aspectos diversos da história do MGM e da sua relação com a cidade que não teriam sido entendidos sem a entrevista que concedeu.

> Pelo depoimento que eu recebo das pessoas que frequentavam o MGM e que ainda têm uma memória do MGM, o jeito que nós botamos o MGM na cabeça dessas pessoas é o jeito que eu quero que seja lembrado. Um grupo que ajudou na cidadania dessas pessoas. Um grupo que nunca fechou a porta pra ninguém. Um grupo que se sacrificou muitas vezes pra poder fazer o que a gente se propõe a fazer. E quando eu vejo a gratidão das pessoas, querendo chegar, me abraçar, me beijar, tirar um retrato comigo, e que eles falam "nossa Oswaldo você não imagina como o MGM me ajudou e tal", é isso. É esse o jeito. Eu abro a boca pra chorar, eu me emociono com esse tipo de coisa, porque eu lembro desses meninos chegando aqui, completamente inseguros, hoje são homens realizados né. Esse é o jeito que eu gostaria que o MGM fosse lembrado. Como parte da história dessa cidade. Porque o que nós fizemos aqui, em Juiz de Fora marca a história dessa cidade. Esse negócio de contar a história de Juiz de Fora e esquecer do movimento LGBT é covardia. [...] Que que acontece? Nós somos parte da história dessa cidade. O que foi feito aqui, não foi feito em Matias Barbosa, não foi feito em Cataguases, não foi... O que foi feito aqui foi feito aqui. Não pode ser desconsiderado. Não é uma coisa pequena que possa ser esquecida, sabe? Então na hora de contar a história de Juiz de Fora tem que contar – precisa nem botar nome de Oswaldo e Marquinho não – tem que botar que o Movimento Gay teve uma projeção na cidade que faz, que acontece, que ajuda, que colabora, que gera emprego, que gera riqueza, isso tem que ta na história de Juiz de Fora. Não pode ser esquecido. E as pessoas se envergonham disso, os escritores, as pessoas que documentam a nossa história se envergonham disso. Assim como se envergonham de colocar na vida do Santos Dummont, na vida de qualquer gay que fez coisas bacanas nesse mundo. (Braga, 2024)

Como já foi previamente ressaltado, o MGM atua conjuntamente com outros grupos do movimento nacional. Mas, tal como aponta Oswaldo (2024) na citação acima, "[...] o que foi feito aqui [em Juiz de Fora] não foi feito em Matias Barbosa, não foi feito em Cataguases [...]". As suas ações, as relações que estabeleceu, as pautas que movimentou, entre outros modificaram a história de Juiz de Fora, alteraram as narrativas da cidade sobre si, criou um campo de disputas com a comunidade LGBT em seu centro. Essa pesquisa não procurou esgotar o tema das relações de movimento LGBT, cidade de Juiz de Fora e relações e disputas na cidade, mas procurou adicionar novas camadas a esse entendimento. Além disso, objetivou-se entender esse início e formação do Movimento Gay de Minas, a partir das motivações do grupo, seus ideais e sua construção na cidade.

Ainda existem relações na cidade a serem exploradas acerca da comunidade LGBT,

dos movimentos que ainda se constroem no município, sobre o legado que o MGM deixa para o município, sobre as relações deste com outros grupos em Minas Gerais que foram por ele inspirados, entre outros. Este trabalho não objetivou esgotar o tema, mas sim iniciar uma discussão, um debate, tendo como foco o Movimento Gay de Minas.

Fontes e Referências bibliográficas

Fontes

Aids cresce entre homossexuais: Ministério da saúde vai lançar campanha direcionada para o público gay em agosto. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 29 jun. 2001. Geral/Internacional, p. 5.

Advogado contesta "Lei Rosa": ação que pede revogação da lei que pune a discriminação sexual em Juiz de Fora já está na Justiça. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p.3. 23 set. 2000.

Braga, Oswaldo. Entrevista. [Entrevista concedida a] Júlia de Castro Martins Ferreira Nogueira. 14 de jul. de 2024.

Cantor lírico performático é atração em festa gay: Música de câmera e MPB se mesclam no repertório de Mário Krauss. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 4 ago. 2000. Caderno 2, p. 4.

Comissão busca proteção para MGM. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 25 out. 2001. Geral, p.4

Conselheiro Tutelar aciona Ministério Público após fala de Drag Queen em vídeo institucional da UFJF. *G1 Zona da Mata*, [s/p], 16 de out. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/conselheiro-tutelar-aciona-ministerio-publico-apos-fala-de-drag-queen-em-video-institucional-da-ufjf.ghtml. Acesso em 27 de mar. 2024.

Consumidor gay já rende bons negócios: Esteticistas, lojas de roupa e empresários abocanham boa parte de seus lucros com este nicho. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 19 ago. 2000. Economia, p. 7.

'Drag Queens' movimentam sábado no Calçadão: Abismados com a receptividade dos juizforanos, os gays desfilaram bom humor e simpatia, retribuindo o carinho do povo que os aplaudia. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 20 ago. 2000. Geral/Internacional, p. 7.

ENTREVISTA: Luiz Mott: 'O movimento gay brasileiro ainda é muito frágil'. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 23 ago. 2000. Cidade, Caderno B, p. 1.

Estatísticas sobre Aids colocam JF em 2º lugar no Estado. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 21 fev. 1998, p.1.

Estímulo à violência e erotização: polêmica no debate sobre controle da TV. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 25 jan. 1998. Geral/Internacional, p.2.

Evento promove debate sobre sexualidade. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 15 ago. 2000. Cidade, Caderno B, p. 1.

Ferrari, Anderson. Entrevista. [Entrevista concedida a] Júlia de Castro Martins Ferreira Nogueira. 16 de abril 2024.

Gays iniciam em JF pressão por união civil: carta inclui mudança em artigo da Constituição. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 17 ago. 2000. Cidade, Caderno B, p. 1.

Gays querem criar centro de defesa. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 27 maio 2000. Caderno B, p. 1.

Gays são excluídos de tendas de minorias. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 jan. 2001. Cidade, Caderno 2, p.4)

Grupo recolhe 960 assinaturas no calçadão. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 14 jun. 2001, p.2.

Homossexuais lutam contra preconceito e pela união civil: O estigma do preconceito ainda ronda o homossexual. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 3 maio 1998. Caderno 2, p.1.

IV *Rainbow Fest* Abaixo o Preconceito: Maior fórum brasileiro sobre sexualidade debate cidadania e respeito à diversidade. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 15 ago. 2001. Cidade, Caderno B, p. 1.

JF tem dois mortos por ódio sexual: Levantamento extra-oficial do Grupo Gay da Bahia (GGB) revela que, a cada dois dias, um homossexual é assassinado no Brasil. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 2 jul. 2000. Cidade, Caderno B, p. 1.

JUIZ DE FORA. *Lei nº 9.791 de 12 de maio de 2000***.** Dispõe sobre a ação do município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. Juiz de Fora: Câmara Municipal, [2000]. Disponível em: https://c-mara-municipal-da-juiz-defora.jusbrasil.com.br/legislacao/327968/lei-9791-00. Acesso em: 13 fev. 2024.

Juiz rejeita anulação da Lei 9.791, que proíbe discriminação sexual. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p.4. 4 out. 2000.

Juizforanos não acreditam que instituições estejam preparadas para respeitar lei: A maioria dos entrevistados aponta o preconceito como o maior problema para que o dispositivo legal funcione. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 27 maio 2000. p. 2.

Lei votada hoje é esperança para gays de JF: Aprovação do Projeto de Parceria Civil garantiria aos homossexuais o reconhecimento de união para fins de divisão de bens, herança e pensão. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 9 mai. 2001. Cidade, Caderno B, p.1

MGM sofre 30º ataque desde a sua criação. Tribuna de Minas. Juiz de Fora, 23 out. 2001. Geral, p.4.

MOREIRA, Fabiano. Medo de traição é maior motivo para teste de Aids: desconfiança de parceiros em relações estáveis é responsável por 70% dos exames feitos em juiz de fora no ano passado. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 2 ago. 2001. Saúde, Caderno 1, p. 3.

Movimento Gay inaugura hoje centro de convivência. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 28 jun. 2001. Cidade, Caderno A, p. 4.

Movimento Gay tem apoio na Câmara. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 13 dez. 2001. Geral, p.4.

O poder do mundo cor de rosa: pesquisa da UFJF revela o crescente potencial do turismo gay que, somente nos últimos três dias do *Rainbow Fest* deste ano, trouxe à economia local mais de R$ 2 milhões. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 28 de nov. 2001.

O Que você acha de Juiz de Fora ter se tornado a capital do orgulho gay. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 19 ago. 2001. p. 5.

Para juiz-forano exposição da cidade com festa gay traz benefícios: no levantamento feito pelo Departamento de Telemarketing só uma pequena parcela encara positivamente. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 19 ago. 2000. p. 2.

Prefeito de São Francisco vai 'casar' homossexuais. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 4 mar. 2000. Geral/Internacional, p. 5.

Projeto de lei busca evitar discriminação e violência. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 26 mar. 2000. p.1.

Proteção aos gays é elogiada por sexóloga. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 24 maio 2000. Geral/Internacional, p. 5.

PT muda de cor para eleger Marta Suplicy. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 11 jan. 1998. Geral/Internacional, p.5

Rainbow Fest 2019. Juiz de Fora, *Tribuna de Minas*, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M3_19pHaHnE>. Acesso em 05 set. 2024.

Rainbow Fest deve reunir 8 mil pessoas: Pessoas de todo o país participam do evento. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 8 ago. 2000. Cidade, p. 3.

Rainbow Fest discute a homossexualidade. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 12 ago. 1999, p.1.

Rainbow Fest: Gays promovem debates, exposição e mostra de filmes. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 12 ago. 1998. Caderno 2, p. 1.

Rio de Janeiro. *Lei nº 2475 de 12 de setembro de 1996*. Determina sanções às práticas discriminatórias na forma que menciona e dá outras providências. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, [1996]. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/270318/lei-2475-96. Acesso em 15 nov. 2024.

'Saindo do Armário': na hora de ser revelada, a opção sexual ainda esbarra em problemas familiares. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 20 ago. 2000. Caderno 2, p. 3-4.

Simões, Gisele. Quando não dá mais para segurar: contar aos pais é mais difícil para os homossexuais. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, p. 4. 20 ago. 2000.

Tolerância às minorias destaca JF. *Tribuna de Minas***.** Juiz de Fora, 24 ago. 2001. Geral/Internacional, p. 5.

Transformistas mudam as rotinas nos salões: concorrentes costumam se produzir sozinhos, mas os espectadores da festa adotam os cabelereiros para ficarem impecáveis. *Tribuna de*

Minas. Juiz de Fora, 14 ago. 1998. Caderno Dois, p. 1.

Turismo gay trouxe R$ 2 milhões para JF: Pesquisa da UFJF pretende orientar investimentos para o setor. *Tribuna de Minas*. Juiz de Fora, 22 de nov. 2001.

Referências bibliográficas

Almeida, Karina Avelar de. *Memória e esquecimento nos espaços públicos de Juiz de Fora*: A questão da Ditadura Militar. Orientador: Fernando Perlatto. 2019. 33 p. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

Barros, Andrea Kelmer De. *A Organização Homossexual Em Juiz De Fora: Estudo Sobre A Trajetória Do Concurso Miss Brasil Gay Em Juiz De Fora Desde 1977 Até A Formação Do MGM Em 2000'*. 2016. 231 p. Doutorado Em Política Social Instituição De Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Do Gragoatá (Bcg) – Uff.

Barros, Nicélio. Etnia e proto-industrialização: história e historiografia da participação dos imigrantes alemães no desenvolvimento econômico de Juiz de Fora-1856/1887. *Revista Ágora*, 2008, 7.

Brasil, Ministério da saúde. *O vírus da Aids, 20 anos depois*: A epidemia da Aids através do tempo. Brasília, 3 dez. 2007. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html. Acesso em 1 jan. 2025.

Câmara, Cristina. Pecado, doença e direitos: a atualidade da agenda política do grupo triângulo rosa. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 193-210.

Colaço, R. C. Mitos, categorias e cristais: Revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. *SciELO Preprints*, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4540. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4540. Acesso em: 9 dez. 2022.

Cruz, Rodrigo. Do protesto de rua à política institucional: a causa homossexual nas eleições de 1982. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 255-278.

De Faria, Marcos Moutta. A experiência do movimento Convergência Socialista. *Cadernos AEL*, 2005.

Dutra, Raphaela G.; MAIA, Carlos E. S. JUVENTUDE LGBT E A CIDADE DE JUIZ DE FORA. *I Colóquio do Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação*, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: https://www.ufjf.br/nugea/files/2013/03/Raphaela-Dutra.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

Facchini, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 3, n. 04, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300. Acesso em: 5 dez. 2022.

Facchini, Regina; França, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 54-81, 2009.

Facchini, Regina. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBT. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 311-331.

Feitosa, Cleyton. A participação social nos 40 anos de Movimento LGBT brasileiro In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

Fernandes, Marisa. Ações lésbicas. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 91-120.

Ferrari, Anderson. *Quem sou eu? Que lugar ocupo: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual*. 2005. 218 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252929>. Acesso em: 22 ago. 2021.

Ferreira, Luan Pedretti de Castro. *Memórias da escravidão em Juiz de Fora*: sociabilidades, políticas de rememoração, apagamentos e silenciamentos. Orientador: Hebe Maria Mattos. 2018. 43 p. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

Foucault, Michel. *Michel Foucault - Ditos e Escritos II:* Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução: Elisa Monteiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

Foucault, Michel. *Michel Foucault - Ditos e Escritos IV*: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

François, Etienne. A fecundidade da história oral. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

Fry. Peter; MacRae, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Green, James. Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências pioneiras do grupo Somos de São Paulo. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 63-78.

Green, James. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. *Revista*

Gênero, Niterói, v. 12, ed. 2, p. 65-76, 2012. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31151. Acesso em: 22 ago. 2021.

Green, James; et al. Apresentação: 40 anos do Movimento LGBT brasileiro. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 9-14.

Huyssen, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídias*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Jenkins, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2017.

Junqueira, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política, V. 18, N. 43, 2018. p. 449-502.*

Leite, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, Metodologia E Possibilidades: Os Jornais Como Fonte E Objeto De Pesquisa Histórica. *Escritas: Revista Do Curso De História De Araguaína*, V. 7, N. 1, P. 03-17, 2015. Disponível Em: Https://Sistemas.Uft.Edu.Br/Periodicos/Index.Php/Escritas/Article/View/1629. Acesso em: 23 ago. 2021.

Machado, Cláudio Heleno. Tráfico interno de escravos na região de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX. *Anais do III Congresso Brasileiro de História Econômica e 4ª Conferência Internacional de História de Empresas*. ABPHE - Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica <https://ideas.repec.org/p/abp/he1999/033.html>. 1999.

MacRae, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura.* Campinas: EDUFBA, 2018a.

MacRae, Edward. Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da "Abertura". In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018b, p. 39-62.

Mott, Luiz. O Imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018, p. 18.

Pereira, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7961. Acesso em: 28 jan. 2021.

Pollak, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p.3-15, 1989.

Pollak. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*: CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-210, 1992.

Portelli, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

Rodrigues, Rita de Cássia Colaço. GAAG Duque de Caxias: a emergência de um ativismo homossexual em terras fluminenses. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p.177-192.

Rousso, Henry. A memória não é mais o que era. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

Soares, Marcos José Veroneze. Descendentes de nativos da Zona da Mata Mineira - lembranças, trajetórias e memórias. *Anais XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza*, ANPUH, 2009.

Tzvetan, Todorov. *Los abusos de la memoria***.** Barcelona: Editorial Paidós, 2000.

Veras, Elias Ferreira; Pedro, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

Vieira, Lucas Schuab. A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e Método. *Biblioteca On-line de ciências da comunicação*, [*s. l.*], 2013. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-lucas-2013-imprensa-fonte-pesquisa.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

Voldman, Danièle. Definições e Usos. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.